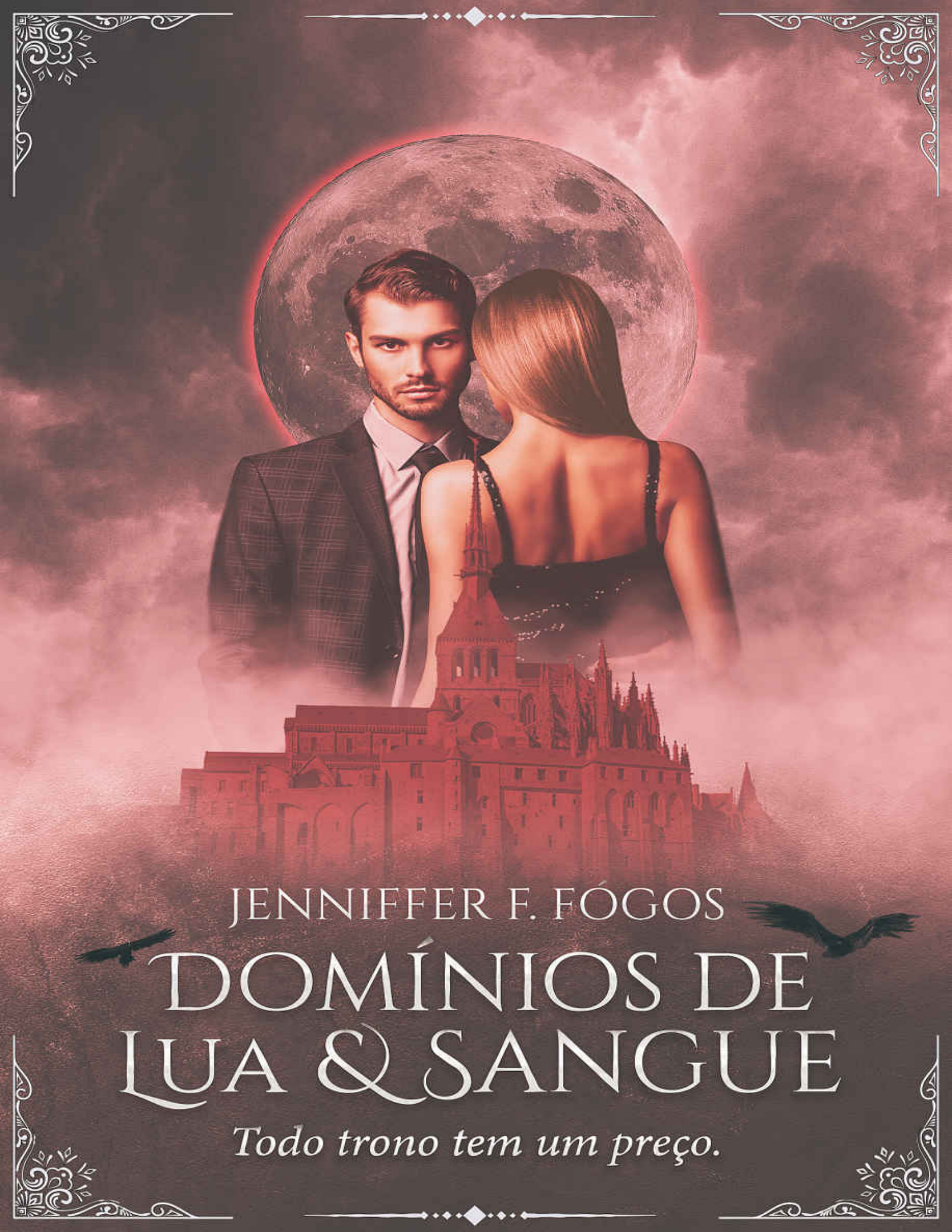


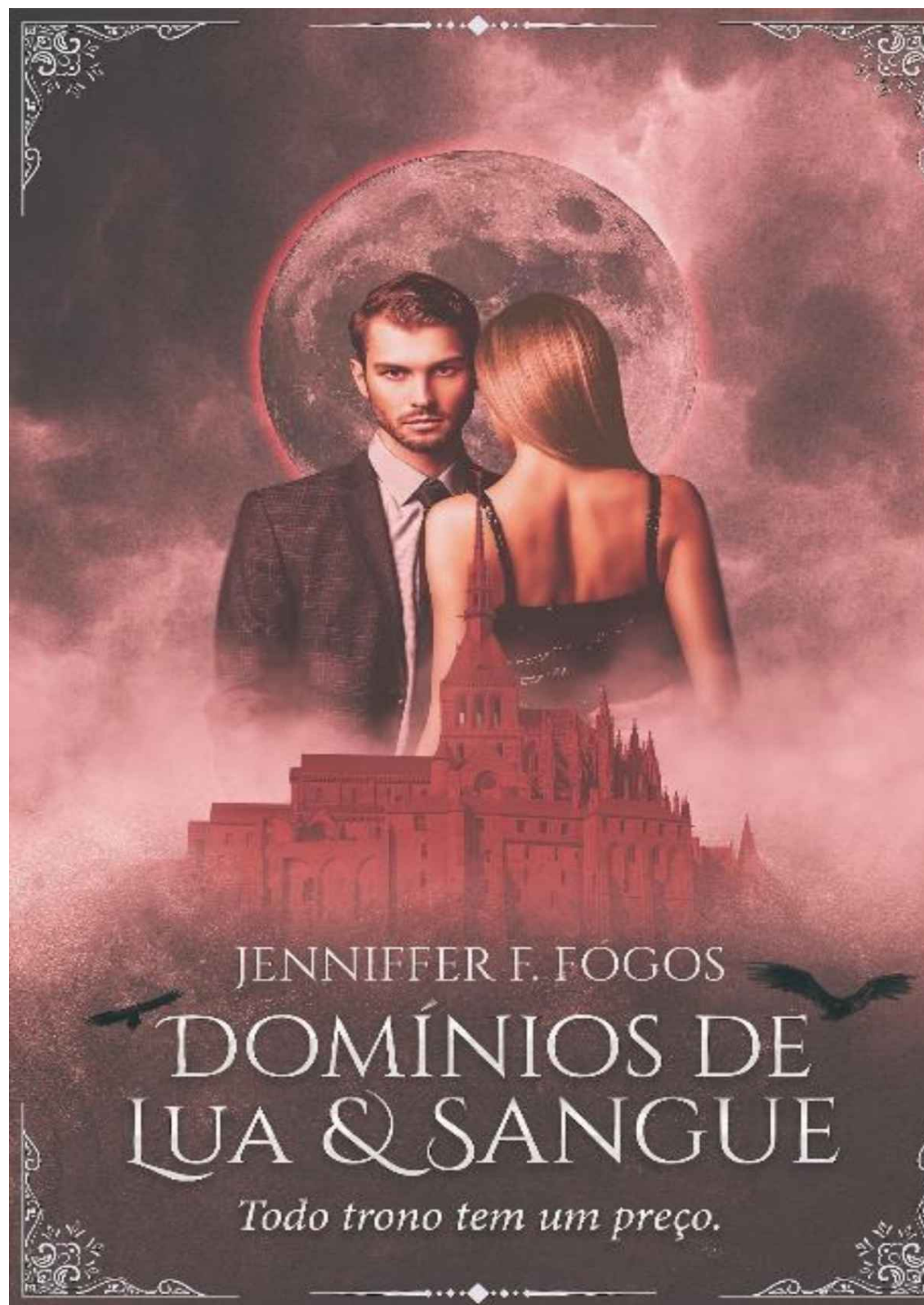


JENNIFER F. FÓGOS

DOMÍNIOS DE LUA & SANGUE

Todo trono tem um preço.





JENNIFFER F. FÓGOS
DOMÍNIOS DE
LUA & SANGUE

Copyright © 2021 de Jenniffer F. Fógos

Capa: Brina Boylee
Revisão: Narjara Pedroso
Diagramação: Euzinha

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos/mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Este é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Primeira edição, 2021

DEDICATÓRIA

“Livros são sonhos que seguramos com as mãos”

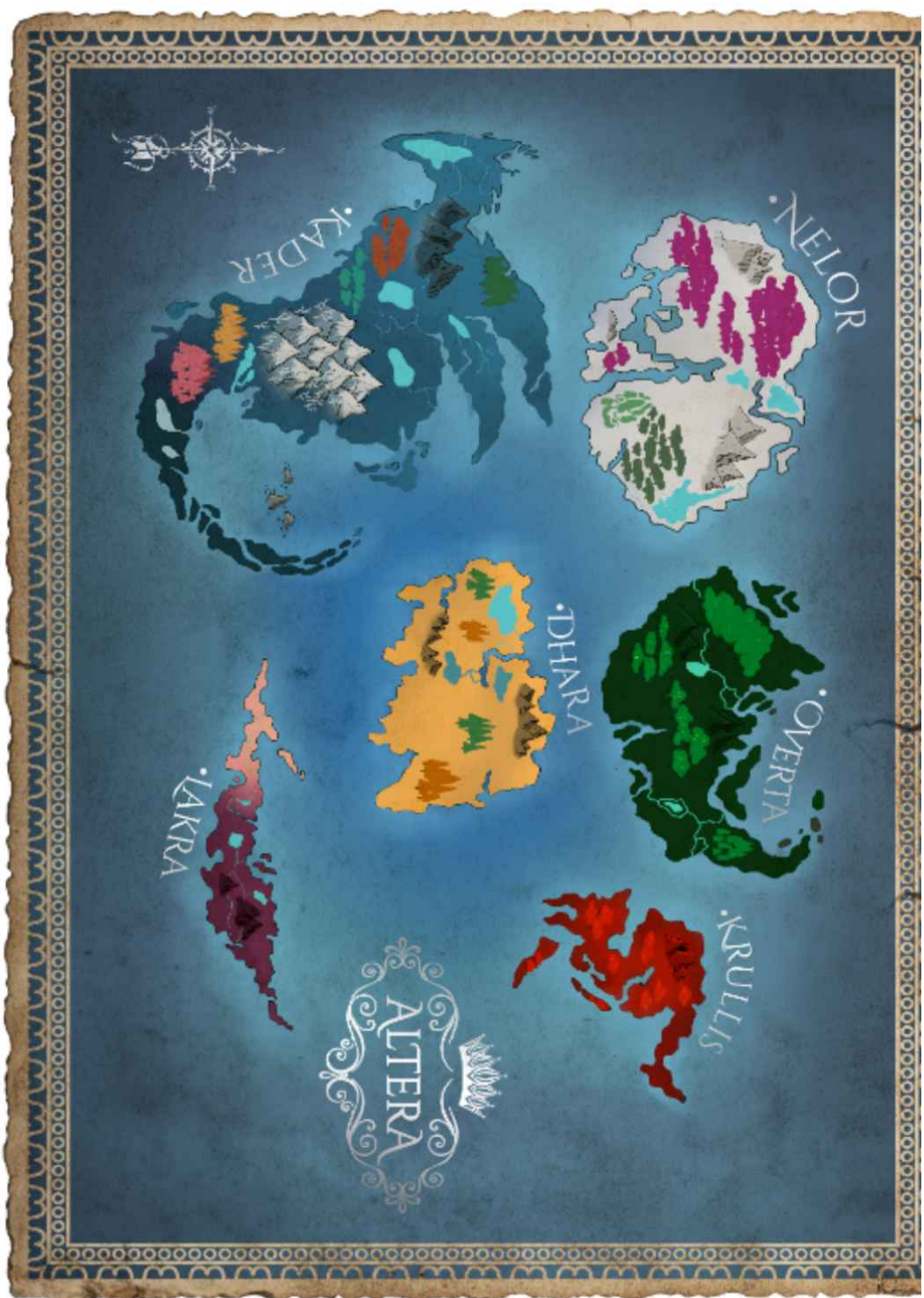
- Neil Gaiman –

Você, caro leitor, está prestes a conhecer um mundo para onde só a imaginação poderia te levar. Nas próximas horas você estará na companhia de várias vozes da minha cabeça, espero que elas sejam gentis. Se este for o primeiro capítulo em que a sua história se cruza com a minha, seja muito bem-vindo.

Que a fantasia esteja sempre conosco!

Com amor,

Jenniffer F. Fógos



CAPÍTULO I

DÓMINA

Contornei as estantes do último andar e minhas mãos correram para as prateleiras que eu conhecia tão bem, mas há muito tempo não via. Passei meus dedos pelas bordas de cada uma delas, tateando no escuro, contando sua posição mentalmente, até parar no lugar correto. Corri as pontas dos dedos pelas lombadas de couro dos livros, tentando identificar as marcas que eu mesma fiz, décadas atrás. O cheiro abafado e sufocante irritava o meu nariz, enquanto eu procurava apressadamente, atenta à atividade habitual da biblioteca.

Se houvesse uma resposta para aquele maldito, encontrá-la-ia aqui, na parte mais cavernosa da biblioteca Colossos, o lugar onde passei boa parte da minha juventude, aninhada entre pergaminhos centenários e livros antigos de feitiços.

— Olha quem temos aqui — uma voz fria sussurrou atrás de mim.

Senti seu cheiro antes de me virar e ficar cara a cara com aqueles olhos, cor de âmbar ferinos, que eu detestava tanto. Desprezo preencheu o meu olhar em sua direção.

— Não sei o que te deu a impressão de que poderia me dirigir a palavra, mas, por favor, não o faça novamente — ameacei, acalmando o tom cortante da minha voz.

Ele riu generosamente, com intimidade, e um arrepio percorreu minha pele quando uma gargalhada profunda escapou de seus lábios.

— Ora, era tão divertido quando nós éramos amigos, você não sente a minha falta? — Sebastian diminuiu a distância entre nós, aproximando-se até que eu recuasse um passo, tocando minhas costas contra as prateleiras de carvalho escuro.

Seu sorriso fez meu sangue ferver. Era exatamente o mesmo que ele exibiu quando o confinamos para o interrogar. Mas ele era um maldito

feiticeiro e nenhuma de nossas algemas poderia restringi-lo por muito tempo. Eu desfrutei de cada segundo que tinha, prolongando sua agonia, sabendo que não teria outra oportunidade tão cedo. Sua traição ainda ecoava nos meus pesadelos mais profundos, como uma voz gelada se infiltrando nas profundezas da minha alma.

— Nem um pouquinho? — insistiu quando não obtive resposta e recebeu apenas um olhar entediado, que o desafiava a me tocar para que eu pudesse acabar com ele ali mesmo.

— Eu não tenho muito tempo, então sugiro que você saia do meu caminho — aconselhei ardente e dando um passo em frente, o devolvendo com facilidade à sua posição inicial.

— Eu sei o que você procura, meu bem. Eu posso te ajudar. Se você pedir com jeitinho, é claro. Você sabe como eu sou bom em encontrar coisas que nunca deveriam ver a luz do dia.

— Eu preferia arrancar meus dois olhos e tomar banho de ácido, a aceitar qualquer coisa vinda de você, mas obrigada — respondi acesa pela ousadia, tentando me manter longe da sua jugular.

Hoje não era um bom dia para embates, muito menos com Sebastian, que tinha o dom de me deixar perturbada em níveis estratosféricos.

— Houve um tempo em que você aceitava de bom grado. Inclusive, pediria — cantarolou baixinho.

Ignorei a corrida acelerada do meu coração com a memória inesperada que inundou minha mente.

— Algumas vezes — seu hálito quente alcançou meu pescoço, sem me tocar de fato, e eu precisei de toda a força de vontade para não avançar nele —, até implorava — concluiu, com uma voz baixa e sedutora, como se estivesse revelando um segredo.

— Todo mundo erra. Não é um erro do qual eu me orgulho. Inclusive, é o tipo de memória que apagaria de bom grado. Agora, se você não se incomoda, eu gostaria de terminar o que vim fazer, de preferência, sem derramar seu sangue pelo chão. Ele parece ter sido limpo recentemente, não quero aborrecer suas funcionárias — minha cabeça virou de lado, um olhar assassino de uma calma perpétua agora perfurando diretamente a sua atenção.

Ele engoliu em seco, mas não perdeu a coragem nem a compostura.

— Sua oferta é tentadora, mas eu não acho que você tenha entendido, meu bem. Eu estou aqui para te servir, me use como achar melhor — o apelidinho do cretino, proferido pela segunda vez, foi o suficiente para eu repensar minhas decisões até aquele momento.

— Se você pede com tanto jeitinho, então, tudo bem — aceitei e um sorriso de satisfação cruel se desenhcou nos meus lábios.

Minhas adagas gêmeas cortaram o ar ao nosso redor, estripando-o de forma rápida, mas não silenciosa. Cada corte na sua carne, um tom da mais bela melodia sendo tocada para deleite dos meus ouvidos. Seu grito horrorizado foi o auge do meu dia e quando ele segurou os intestinos que caíam para fora do seu abdômen, em agonia, eu o chutei com força, arremessando-o para o outro lado da parede, onde ele escorreu pelo chão como se fosse água suja.

— Sua vadia. Você me paga! — foram suas últimas palavras, antes de se engasgar com seu próprio sangue e perder a consciência.

Infelizmente, isso não o mataria, mas o manteria calado pelo tempo que eu precisava.



— Dómina! — esbravejou Dante quando entrei em casa. — O que há de errado com você, mulher? — questionou, olhando o sangue vivo grudado em minha roupa e manchando as minhas mãos.

— Você quer uma lista ou um tutorial?

— Não seja displicente! Que sangue é esse? — o tom diligente revelava uma leve apreensão.

— Não é meu e isso é tudo que você precisa saber — completei, lhe dando as costas para que desabotoasse meu vestido. O que ele fez, me julgando com um movimento negativo de cabeça.

— Eu, ao menos, quero saber: que besteira você fez agora? — Suas mãos correram por minhas costas, retirando as alças do vestido dos

meus ombros e permitindo que caísse, ajudando a tirar quando não desceu além da cintura.

Chutei meus sapatos para um canto do corredor antes de responder com as mãos na cintura e uma postura pretensiosa:

— Você sempre quer saber de tudo, um valente fofoqueiro, é isso o que você é. Eu tive um percalço na biblioteca.

— Você deve ser a única pessoa que eu conheço capaz de voltar banhada em sangue de uma incursão a uma biblioteca.

— Acontece nas melhores famílias — declarei, jogando minha roupa no lixo e incinerando-o, enquanto me dirigia para o banheiro, seguida de perto por um Dante mais curioso que preocupado.

— Você encontrou o que queria?

— Claro!

— E onde está?

— Aqui — aponte para minha cabeça, triunfante.

Me olhei no espelho antes de abrir o chuveiro e as madeixas loiras estavam respingadas de sangue seco.

Matar e ferir pessoas tinha esse inconveniente, a sujeira e os banhos intermináveis. Mas tinha valido a pena. Sebastian era um cretino filho da puta, que eu falhei em identificar no passado. Um feiticeiro cruel com um séquito de imbecis que seguiam todos os seus passos. Uma criatura perigosa que eu era obrigada a suportar. Não fosse sua magia, eu já o teria mandado para o quinto dos infernos com um bilhete só de ida. A minha sede de sangue e violência era difícil de controlar quando o encontrava. Embora tenha se passado tanto tempo, o ódio ainda aquecia minha pele sempre que pensava nele. Era patético pensar que um dia me iludi tanto a ponto de achar que o amava.

Fingindo uma humanidade que não tinha, ele me conquistou nas minhas primeiras décadas de recém-criada e eu fiquei deslumbrada pelo seu senso de lealdade e dedicação à minha raça. Muito do que sei sobre ser uma vampira, foi ele quem me ensinou. Antes de mais nada, me ensinou sobre controle, uma lição que carrego até hoje.

Bruxas e feiticeiros não tinham propriamente uma queda especial por vampiros. Antes, pelo contrário, eles nos tratavam como se fossemos demônios, vazios de expressão, de sentimentos e ocos de boas

intenções. Então posso confessar que sua atenção acariciava o mais profundo anel do meu ego. E quando ele me levou para a Enigma e me apresentou à Vale, eu me senti apreciada, importante, valorizada, enaltecida. Dentre todas as criaturas que passaram em sua vida, ele havia escolhido a mim para introduzir à organização que geria e governava a existência de seres mágicos espalhados por todo planeta.

A Enigma não era um segredo para nenhuma criatura, fosse você nascido, transformado ou criado, a Enigma era presença constante em toda a sua vida. Era por suas regras e leis que coexistíamos em harmonia. Mas a Vale, a Ordem de Elite da Alta Sociedade Mágica, esse, sim, era um segredo bem guardado e cultuado ao longo de milênios.

Eu já tive um lugar em sua sede, acesso exclusivo e irrestrito a todas as bases de pesquisa, parte integrante das equipes que escreviam nossa história para os que viessem depois de nós. Parte da ordem especial que estudava o funcionamento da ilha de Altera, onde vivia a realeza, onde tudo acontecia antes de nos ser impingido sem questionamentos ou explicações.

Toda criatura mágica ambicionava um lugar em Altera, e a forma mais rápida de consegui-lo era passando pela Vale. Nossos treinamentos e recursos eram precisos e ilimitados, fazendo de nós os favoritos à vitória de qualquer uma das Arenas espalhadas pelo mundo inteiro.

Por causa de Sebastian, eu não podia competir por um lugar em Altera. Meu desejo mais visceral. Aquela criatura repulsiva me fez quebrar as leis da Vale quando o assassinei pela primeira vez. E o pior de tudo? Ele nem sequer morreu de verdade, mas, ainda assim, fui punida. Eu não sabia que ele era alterado por magia e não podia ser morto daquela forma. Se soubesse, teria me esforçado mais.

— Você vai acabar arrancando seus cabelos pela raiz se continuar esfregando com essa violência — a voz de Dante me tirou do torpor das minhas memórias e percebi que, de fato, estava quase separando meu couro cabeludo da cabeça com a pressão das unhas sulcando meu crânio.

— Acredito que você já esteja limpa o suficiente. — Aceitei a toalha estendida à minha frente, os olhos de Dante percorreram meu corpo nu, como se estivesse confirmando centímetro por centímetro que era verdade o que declarou.

Saí do banho e enrolei a toalha no cabelo, ele me alcançou o roupão que vesti, seguindo para o corredor com ele ao meu encalço.

Quando entrei no meu quarto, me deixei cair sobre a cama, encarando o teto e forçando o meu cérebro a dar comandos específicos à minha consciência, para que não se permitisse ser tomada por esses pensamentos intrusivos novamente.

Sebastian era carta fora do baralho e embora fosse extremamente difícil odiar alguém que fez parte da construção de toda a sua essência, alguém que você amou durante tanto tempo, a minha cólera era soberana. E por mais que a minha memória insistisse em me lembrar que houve um tempo diferente, hoje, ressentimento e rancor são a base do nosso relacionamento.

Era obrigada a lidar com ele nos eventos e reuniões da Enigma, todo o resto eram embates de brutalidade e hostilização que eu fazia questão de protagonizar sempre que tinha oportunidade.

Nossos encontros sempre me deixavam trêmula e a ânsia de acabar com a sua vida sempre crescia em níveis monumentais quando me dava conta de que, mesmo depois de todos esses anos, ele ainda acreditava que um dia eu iria esquecer o que ele fez e voltar.

Era um ultraje que ele se desse ao luxo de cultivar tais delírios. O único jeito dele me ter por perto era quando me aproximava para cortar sua garganta, ou qualquer outra parte de seu corpo. Ver sua carne aberta e jorrando sangue sempre aquecia meu coração e me fazia pensar que tudo estava certo no mundo.

Todas as vezes que presenciava sua vida se separando do corpo, ainda que por breves instantes, sentia uma euforia eletrizante.

Um dia iria recuperar tudo que ele me tirou e quando descobrisse como aniquilar aquele verme de vez, os meus olhos seriam a última imagem a repousar em sua mente.

— Me deixe adivinhar — Dante interrompeu meus pensamentos. — Você encontrou seu namoradinho, por isso está assim, dispersa e aérea. Está com saudades dos tempos áureos com o sacana, ou é impressão minha?

Rosnei em resposta, com as presas expostas, ameaçando nem me dignar a responder à provocação com palavras, apenas me levantando da cama num movimento rápido que não permitiu que seu olhar me

acompanhasse até eu estar apenas a alguns centímetros do seu rosto, partilhando o mesmo ar que a sua boca.

Suas mãos levantaram em sinal de rendição e desculpas, então não precisei lembrá-lo que esse tipo de gracinha podia levar alguém à morte.

— Você está muito suscetível hoje, se vai se comportar como uma princesa mimada revoltadinha, eu vou embora.

Apontei a porta para que saísse antes sequer de piscar.

— Mulher perversa e desumana! — Me acusou, desviando de mim, e se deitando em minha cama, se aconchegando em minhas almofadas esticado de lado. Exibindo um belo par de braços fortes e musculosos. Sua roupa totalmente preta fazia com que seus olhos de um azul quase cintilante parecessem duas estrelas no meio da escuridão.

— Que culpa eu tenho do seu histórico amoroso ser digno de vergonha, me explica?

O salto do meu sapato voou como um dardo na direção do seu rosto, ele foi rápido o suficiente para pará-lo antes que rasgasse sua carne.

O pedaço de madeira que arranquei do sapato foi arrumado cuidadosamente na minha mesinha de cabeceira e Dante se sentou com um semblante sério e concentrado.

— Me leva com você? — seus braços rodearam seus joelhos, aguardando a resposta, e mais uma vez podia jurar que seus olhos tinham luz própria.

— Claro, você não quer também que eu me deite no chão e permita que você passe por cima?

— Ah, que drama, qual é? Você prometeu que me levaria na abertura do Sephtisson, eu só estou cobrando o que é meu por direito. Você sempre diz que cumpre o que promete, vai arregar? — a pertinência desse abusado não conhecia limites.

— Eu disse que te levaria numa abertura do Sephtisson, não especifiquei em qual!

— Você tem medo de que eu te veja toda rendida pelo seu namoradinho. Tem toda essa marra de “quero a cabeça dele num espeto”,

mas eu aposto que fica toda acesa na presença dele. Se de longe ele já te deixa toda alvoroçada...

O ar escapou de seus lábios de forma sufocante, a minha mão, que esmagava sua garganta e pressionava sua cabeça na madeira da cabeceira, foi segurada por ele numa tentativa de afrouxar o aperto assassino que eu mantinha em seu pescoço.

— Não esqueça que eu posso te machucar, não me faça ter vontade de o fazer, você sabe perfeitamente do que eu sou capaz — alertei sentada sobre suas pernas, sem permitir que uma única lufada de ar entrasse em seu corpo.

Quando seus olhos começaram a ficar inchados e irrigados de sangue se acumulando nas extremidades, eu o soltei e permiti que respirasse.

— Você pode ser mais velho, mas eu sou mais rápida. Não esqueça disso quando estiver com ideias suicidas.

— Você sempre faz isso. Me atacar não vai mudar a verdade que está estampada na sua cara. Um dia desses realmente vai conseguir me matar sufocado e aí, eu quero ver como vai continuar vivendo sem a melhor pessoa da sua vida ao seu lado — declarou segurando minha cintura, comigo ainda montada sobre suas pernas e respirando pausadamente, como se doesse o simples ato de inspirar. Ele perdia a amizade, mas nunca uma oportunidade de fazer uma piadinha sem graça alguma.

— Talvez eu descubra que a sua ausência seja uma libertação, alguns fardos carregamos por tanto tempo que acabamos nos acostumando ao seu peso — cedi, respondendo num tom amigável, me livrando do contato de suas mãos e me arrependendo de tê-lo atacado impulsivamente.

Ele não se defendeu, como sempre, ele nunca levantou a mão para mim. Senti o impulso de me desculpar, mas calei minha vontade, porque sabia que o meu arrependimento não tinha nada a ver com o ataque e, sim, com a sua submissão.

Dante era o meu melhor amigo, há mais anos do que tinha o hábito de contar, em qualquer ângulo da minha vida para onde quer que eu olhasse, ou procurasse memória, ele iria lá estar.

— Vista-se — disse apenas, numa oferta de paz.

— Você vai me levar? — Seus olhos aumentaram de tamanho, junto do sorriso que ocupou sua boca. A clara expressão de quem sempre conseguia o queria de mim, de um jeito ou de outro.

— Se você não ficar pronto a tempo, não. Então anda logo, inferno.

O beijo estalado que cobriu rapidamente a minha bochecha me fez sorrir de leve.

— Você não pode morder ninguém na cerimônia! — avisei e ele riu alto.

— Não fui eu que fui expulso da Ordem por ser uma perturbada incapaz de cumprir as regras básicas de convivência, Domi — atirou por cima do ombro, olhando levemente para trás, ainda de costas.

— É realmente uma vergonha que uma organização daquela estirpe tenha regras tão restritivas — reclamei com um suspiro falso de cansaço.

— Restritivas? Não matar os coleguinhas é o mínimo que se espera até na selva, mulher!

— Pois eu acho patético e despropositado.

— É claro que você acha!

O riso se espalhou pelo corredor enquanto ele se retirava do meu quarto.

la ser bom ter ao meu lado alguém em quem eu podia confiar, pelo menos por uma vez, naquele ninho de cobras peçonhentas.

Não admitiria em voz alta, mas Dante era a única pessoa a quem confiaria a minha vida.

CAPÍTULO 2

KASSIUS

Os dois se viraram para mim quando abri a porta.

— Kassius! — Killian exclamou. — Graças aos céus! Por favor, converse com ela! — Kianna, nossa irmã, olhou para mim com um sorrisinho atrevido e revirou os olhos. — Ela quer ... — Killian começou a explicar, mas foi interrompido por Kianna, curiosa.

— Quando você chegou aqui? — sua expressão entediada gritava que não era justo que eu pudesse perambular por aí e ela não, mas não disse nada sobre o assunto.

— Acabei de fazer uma ronda pelas Arenas maiores antes de vir — respondi, me exibindo com cautela e olhando entre ela e Killian, que renegou minhas palavras com um aceno negativo de cabeça e jogou os braços para os céus, em sinal de desistência.

Tínhamos combinado de manter Kianna longe das Arenas e eu não estava ajudando em nada em refrear o interesse da linda coisinha loira com sede de sangue à minha frente. Conseguia ouvir os mecanismos da mente de Killian provavelmente avaliando meus passos antes de me atacar pelo leve desacato.

— Você viu os gladiadores? — Kianna perguntou, se apoiando nas cordas grossas do ringue onde se encontrava e tendo toda a sua atenção clinicamente voltada aos meus movimentos conforme entrei na plataforma, onde antes ela lutava com Killian, que agora estava sentado no chão julgando minha conduta com o olhar mordaz num silêncio hostil.

— Nenhum seria páreo para você, Kianna, se é isso que quer saber. Pelo menos, nenhum que eu tenha visto. Uma horda de

homens e mulheres treinados puramente para infligir dor e medo, mas não para suportá-los. Mentos tão fracas para corpos tão espetacularmente preparados. Você ficaria entediada, irmãzinha. Então sossegue, não vi nada que pudesse suscitar seu interesse. Além do desfile de corpos seminus, é claro.

O seu sorriso pervertido e a piscadinha esperta não me iludiram quanto à sua aceitação do que eu havia dito. Kianna sempre fazia o que queria. Ela iria até cada uma das Arenas mais próximas conferir por si mesma, quer Killian aprovasse ou não. E caso tivesse algum problema, o que muito provavelmente aconteceria tendo em conta sua habilidade de causar confusões, ele seria o primeiro a correr em seu socorro.

Kianna era sua irmã preferida. Ele nunca assumiria, mas ela era a menina dos seus olhos, ainda que de menina não tivesse nada. Nossa irmã, a primeira mulher depois de três filhos homens, criada com todos os mimos e mordomias, era uma temerária. Perigosa e imprudente em igual medida. Killian fazia tudo por ela e embora ela fosse a dona e proprietária do próprio destino, ele sempre estava por perto, de olho em qualquer perigo em que seu comportamento leviano a pudesse colocar.

Ela saiu do ringue com um salto preciso e aterrissou diretamente em frente a Kion, que saía da biblioteca naquele instante, nos encontrando na sala de treinamento.

Em nossa casa, todos os cômodos inferiores tinham uma porta para o ringue. Todos partilhávamos — além do sangue e a magia da nossa criação — o gosto por violência e brutalidade, que na maioria das vezes só podíamos dar vazão quando estávamos juntos.

— Oi! E Tchau! — Kianna cumprimentou e dispensou Kion com um sorriso, passando por ele e deixando o recinto super apressada para fazer merda, com certeza.

Killian já se levantava para me dar um esculacho por provocar os impulsos de Kianna quando Kion reclamou da caçula. Ele vinha acompanhando nossa irmã mais nova em sua mais

recente empreitada e, talvez, ela fosse a que mais arrumava problemas. Ele parecia exausto quando falou:

— Sua Majestade está de novo confinada na biblioteca. Sobre o que vocês estavam discutindo? Eu ouvi os berros de Kianna lá de dentro.

Após fechar a porta, ele se aproximou e se sentou no sofá, despreocupadamente.

O cabelo escuro de Killian grudava nas laterais da sua cabeça, onde pequenas gotas de suor começavam a secar. Quando ele tirou os fios curtos da testa, percebi alguns de seus dedos quebrados, mas não tive tempo de comentar.

— O que ela está tramando? — perguntou Killian, trocando o foco de irmã, se referindo a Kori.

A expressão exausta de Kion decretava que lidar com Kori não estava sendo mais fácil para ele do que era para nós lidar com os impulsos de Kianna.

— Ela quer mais tempo com ele — Kion soltou uma risada sarcástica. — Já faz meses, meses, e ela segue acreditando que falta alguma peça, que as coisas não se encaixam e ele esconde algum segredo. O que há de errado com as nossas irmãs?

Seu olhar cortou para mim. Ele ergueu o queixo e vi em seus olhos que esta era uma luta da qual ele não desistiria facilmente.

— Sinto muito, mas não vou aprovar essa palhaçada. Não vou ajudá-la, tão pouco. Está se tornando obsessiva. Vocês têm que dizer alguma coisa, não posso ser sempre eu o mau da fita para Kori — reclamou, esfregando o rosto frustrado.

Realmente, não era justo que ele tivesse que lidar com Kori sozinho, quando eu e Killian revezamos com Kianna.

Sua resolução determinada em nada combinava com a realidade. Assim como Killian fazia tudo por Kianna, Kori fazia gato e sapato da boa vontade de Kion.

— Claro que vai. No fim das contas, elas sempre conseguem o que querem, pela força ou por nosso senso de lealdade, elas sempre fazem merdas que nós teremos que consertar — acrescentei, fatalista, baseado em centenas de anos de convivência.

— Eu sinto falta do tempo em que as mulheres eram propriedade dos homens — lamentou Killian, que como resposta obteve o olhar incrédulo de Kion e a minha leve indignação.

— Não sei que delírio te toma se em algum momento pensou que Kianna e Kori foram alguma vez nossa propriedade, ou estiveram sobre nosso comando — declarei, displicente.

— O caos e a desordem em nossas vidas começaram no exato momento em que elas começaram a respirar — foi a vez de Kion deixar claro que se alguém estava no comando de algo, eram elas.

— Quem é ele desta vez? — O grito torturado do prisioneiro de Kori se fez ouvir através dos seus bloqueios mágicos na biblioteca, o que significava que ela precisava descansar.

— Um pobre coitado que sentiu a sua presença invadindo a mente dele e a expulsou sem dificuldade, ele nem mesmo sabe como fez isso, mas Kori está disposta a dissecá-lo camada por camada até descobrir. Ela está usando feitiços de manipulação, uns atrás dos outros. Ele não resistirá por muito mais tempo como objeto de estudo daquela perturbada.

— Devo me intrometer? — questionei preocupado. Nunca era fácil dizer a Kori o que ela devia ou não fazer, até porque não tinha moral para dizer o que era correto ou não, dado o meu histórico, mas não gostava que se deixasse consumir por suas obsessões.

— Não se quiser continuar morando debaixo desse teto. Ela faria dessa casa um grande amontoado de cinzas se você, dentre todos nós, a impedisse de estudar suas vítimas — respondeu Kion, indo de encontro exatamente ao que eu estava pensando, descartando minha oferta.

Kori passou demasiado tempo dedicada a encontrar pessoas que consigam se fechar para a sua mente, para sua influência, apenas para descobrir, uma e outra vez, que essa também era uma habilidade natural entre algumas outras criaturas e não treinada para ela poder sobrepujar.

O fato disso ter passado despercebido a ela por tanto tempo a fez desenvolver a teoria de que era algo criado recentemente. Teoria essa que ela insistia em provar. Mas a sua obstinação em conseguir algo na mente desse vampiro já tinha ultrapassado todos os limites. Essa era uma das razões pelas quais nos reunimos a ela e a Kion nas vésperas do Sephtisson.

Não tínhamos o hábito de perambular juntos nessa época específica, chamávamos muita atenção e atraíamos o interesse dos nossos inimigos.

Kori e Kion eram os melhores Dominadores da mente em nossa família.

Kori era uma natural, conseguia invadir mentes muito antes de falar, ainda bebê colocava imagens em nossa mente daquilo que queria. Uma manipuladora desde a infância, que não se permitia ser engada e ficava profundamente ofendida quando outro Dominador da mente era capaz de resistir aos seus avanços.

Kion teve mais trabalho. Ele não tinha um único osso psíquico em seu corpo, se forçou a aprender a arte de Dominação mental, construindo um caminho do absoluto zero através da magia e treino persistente e obstinado.

Hoje seu poder era maior que o meu, não fosse eu um Dominador exímio, ele poderia fazer de mim uma marionete em suas mãos. Se me distraía com um dos dois por perto, rapidamente encontrava imagens e ideias sendo forçadas à minha mente e brotando de memórias que não me recordava ter vivido.

Era uma pequena competição entre os dois, sobre quem conseguia me atormentar melhor, e eles mantinham um placar. Kion estava ganhando há pelo menos três meses, o que deixava Kori

num alvoroço quase lunático. Sendo ela a natural, não aceitava que Kion tivesse melhor domínio da arte.

Servi uma dose de uísque a cada um de meus irmãos e convidei:

— Vou passar na Arena de Roma, alguém me acompanha?

— Se Kianna estiver perambulando por lá, traga-a para casa — ordenou Killian, jogando essa bomba no meu colo. Sua vingança sutil por ter dito a ela que visitei as Arenas.

— Sim, senhor, vou marretar sua cabeça, jogá-la sobre meus ombros e arrastá-la para segurança do nosso lar. Logo depois, vou estudar um feitiço que nunca mais me permita dormir na vida, porque sabemos que ela me estriparia durante o meu primeiro sono, se eu me atrevesse.

Killian riu.

— Covarde — me acusou. — Tem medo das suas irmãs mais novas? Devia ter vergonha, Kassius.

— Porém, não tenho, vivi centenas de anos ao lado delas para saber exatamente do que são capazes. Duas armas carregadas, prontas para disparar. Estar do lado delas é uma questão de sobrevivência.

— Mortalmente ridículo, Kassius. Você gosta de ver o circo pegar fogo. Nenhuma das duas seria capaz de te conter, ainda que quisessem — ponderou Killian, renegando minha declaração indolente.

— E elas nunca saberão disso, se depender de mim. Minha força e poder nunca serão usados a seu desfavor.

— Queria que você oferecesse a mesma gentileza a nós os dois — refletiu sobre nossos conflitos e confrontos.

— Vocês são dois cretinos, merecem toda a merda que lhes dou. Você, principalmente, de cima do seu cavalo real, nem nota o que acontece nos níveis inferiores. Se não chacoalharmos sua paz ocasionalmente, nem vemos a cor da sua cara.

— Já te ocorreu que a presença concentrada de todos vocês me deixa entediado?

— Claro, por isso apoio Kianna em tudo que ela apronta. Para alimentar sua única fonte de entretenimento. Não precisa agradecer, faço de coração.

O riso de escárnio de Kion, que nos assistia divertido, recebeu um olhar de desafio de Killian, que estava prestes a perder a paciência. Ele sempre foi assim, um ancião. Duro e austero, sério e precavido em tudo que fazia.

Quando crianças, eu e Kion fazíamos da sua vida um verdadeiro inferno, frustrando seus objetivos de ser um filho exemplar todo o santo dia. E quando Kianna e depois Kori nasceram, Killian nunca mais soube o que era o sabor de um momento de paz.

Nos últimos momentos de vida de nossa mãe, nós realizamos um ritual para transformar os meus irmãos também em vampiros. Ela não queria que eu ficasse sozinho pela eternidade.

Seus últimos suspiros foram dedicados a mim, seu primogênito, o filho que ela sempre temeu perder, amaldiçoado por seus ancestrais ainda no ventre, como punição pelo pecado que meus pais cometeram. Se amarem, seu único erro imperdoável aos olhos de suas famílias.

Uma bruxa e um lobisomem, herdeiros legítimos de dois clãs rivais com rixas que ultrapassavam o tempo de suas memórias, escolheram se amar e foram escorraçados de seus domínios como se fossem ralés.

Seu maior castigo foi amaldiçoarem seu bebê com o vampirismo. Crentes de que o vampirismo limitaria minha vida, minha força, minha existência. Queriam que eu definhasse ainda em vida e que ela fosse curta, mas meu sangue híbrido recebeu essa dose exacerbada de magia como um tônico e apenas floresceu e se fortaleceu.

Eu nasci a criatura mais forte já antes criada, até hoje, por mais tentativas que fossem feitas, ainda não foi descoberto um meio de me matar.

Meus pais tiveram uma vida longa e quando estavam certos que a minha não corria mais riscos, que o vampirismo apenas me aperfeiçoou, me deram mais irmãos.

Sua morte, foi o início da nossa eternidade juntos.

— Eu preciso de uma mãozinha — a voz de Kori irrompeu através de nossas mentes. Killian não escutou, ele nunca dava acesso a sua mente a ninguém, sob nenhuma circunstância, então se queríamos falar com ele, éramos obrigados a usar a técnica neandertal e falar em voz alta.

Ele nos seguiu em silêncio para dentro da biblioteca, então a compreensão o atingiu e ele voltou seus olhos assustados e zangados para Kori.

— Você manchou os meus livros de sangue, Kori? — Se existia uma parte da casa que Killian não gostava de partilhar, era a biblioteca. Para ele, nós os quatro éramos uma corja de quadrúpedes deselegantes e mal orientados.

— Eu não, ele — Kori apontou para o pobre diabo que ela ainda torturava sem sequer lhe tocar.

— Chega! O que você ainda quer dele? Não vê que não tem mais nada aí para você? — gesticulava Killian, tendo dificuldades em controlar a postura intimidadora que Kori ignorou redondamente, como se não fosse nada com ela.

— Aí que você se engana, ele tinha algo a esconder — rebateu triunfante — Mas de fato, nada do que eu estava à procura — ponderou, altiva. — Mas veja bem, ele guardava segredos suculentos sobre Altera e o porquê as competições nas Arenas diferirão de todas as outras, este ano.

— O que você quer dizer? Quem é esse cara? — questionei em alerta, meu corpo retesando sobre a hipótese de as regras dos combates nas Arenas serem fraudadas por alguém.

— Permita-me que lhes mostre. — Seu olhar me percorreu e antecipei que meus planos de Dominar Altera acabavam de se alterar terminantemente.

As imagens que tomaram minha mente ligaram todos os meus alarmes internos, mas uma delas foi o suficiente para acordar um instinto psicopata que raramente vinha à tona na presença da minha família.

Me demorei, esquadrinhando os recônditos das memórias recolhidas por Kori, e quanto mais me aprofundava em seus registros, mais preocupado eu ficava.

Kori percebeu minha procura focada apenas num rosto que se repetia nas memórias daquele vampiro.

— Quem é ela? Por que ela? — se questionou vendo minha total mudança de postura, ainda dentro de sua mente.

— Sua futura Rainha. Dómina Morgan.

— Sugiro que você vá buscá-la então, ela pode estar em perigo no meio de todo esse golpe orquestrado pela Vale.

— Eu sempre soube que eles se movimentavam por debaixo dos panos, mas nunca imaginei que já tivessem se infiltrado em Altera dessa forma.

Kion apenas acompanhava nossa conversa silenciosa, quando interrompeu o fluxo de nossa troca de pensamentos e falou para que todos ouvissem:

— Eles queriam que nós soubéssemos, esse cara não chegou até nós por acaso.

— Claro que não, o que mostra que eles sabem muito mais do que deveriam, tanto sobre nós quanto sobre Altera.

— Se você sair agora, ainda chegará a tempo da cerimônia de abertura do Sephtisson — acrescentou, pensativo.

— O que eu faço com ele? — questionou Kori, seu semblante compenetrado e determinado. O que tinha de displicente, tinha de notável na hora de cumprir ordens diretas.

— Faça dele um exemplo e mande uma mensagem clara e alta: A temporada de caça está aberta!

— Alguém pode me explicar o que raios está acontecendo aqui? — exigiu Killian. Reviramos nossos olhos simultaneamente e deixei que Kori e Kion o pusessem a par de que tudo acabou de mudar nos últimos minutos, enquanto eu saia disparado sem olhar para trás.

CAPÍTULO 3

DÓMINA

— **P**ronto para se exhibir perante a nata da sociedade Romena? — indaguei a um Dante ansioso por se pavonear.

— Eu nasci pronto — replicou acenando para seu traje, que, tinha que admitir, era magnífico.

O terno de corte elegante feito sob medida assentava como um abraço em suas formas, o tecido, que antecipei ser negro como a noite, tinha um escuro tom de violeta, que confundia a visão até ele estar exposto a um tipo específico de luz. Só então, ele se tornava protagonista de uma pintura magnífica e você o espectador que apreciava uma obra-prima. Nada em sua produção foi feito ao acaso. Era a primeira vez que o via se vestir com qualquer outra cor que não a preta, o que me fez perceber e me sentir estúpida por só então ter reparado que ele tinha sérias expectativas para este evento.

— Dante?

— Presente! — brincou com meu ar interrogativo em sua direção.

— Quem você espera encontrar esta noite? Quem você veio procurar? — Seu sorriso cresceu, reconhecendo minha linha clara de raciocínio, e não negou, nem desviou o assunto.

— Se eu encontrar, você saberá! — Seu braço me foi oferecido e passamos pelas portas descomunais da Citadella, uma fortaleza levantada sobre a ossada de um antigo castelo da família de Lazarus, chefe de concelho da Vale.

Meu casaco foi entregue e meu vestido revelado sobre as luzes do cimo de uma longa e larga escada, decoradas com corrediças de flores e fios de pedras preciosas, que brilhavam ao seu redor, refletindo a frente metálica do tecido que escolhi.

Permiti que todos me olhassem com calma antes de descer o primeiro degrau, podia ver meu próprio reflexo nas paredes espelhadas de todo o recinto. O rendilhado que imitava a eletricidade metálica de raios caindo ao mar numa noite de trovada. O tecido só não era mais exuberante do que o olhar do macho casualmente apoiado num pilar de mármore no final das escadas.

Apertei o passo, querendo ver de perto aqueles olhos que prometiam tempestade, e ele sorriu para mim, com ar enigmático e íntimo. O olhar que trespassou meu corpo sem deixar meu rosto nem por um segundo não se desviou da minha figura durante toda a descida. Quando levantei levemente a pesada saia, notei que combinava com o mais profundo tom de azul safira do cetim da máscara que ele segurava em sua mão.

A coincidência me agradou.

Dante reclamou minha atenção quando notou Sebastian se aproximando de nós.

— Aqui vamos nós — declarou entediado.

E quando olhei novamente para o homem deliciosamente misterioso, ele não estava mais lá. Ainda corri os olhos pela multidão rapidamente, mas decidi que encontrá-lo seria uma tarefa para depois.

— Você está deslumbrante, Meu Bem.

O tom de voz de Sebastian me irritava por si só, mas quando fazia o tipo amante amoroso em público, me causava ânsia de vômito.

Com apenas um olhar esnobe ele dispensou Dante e me concedeu seu braço para o acompanhar. Dante apenas correu seus olhos dele para mim, como que aguardando uma resposta da minha

parte e, internamente, em simultâneo, apostando quanto tempo levaria até que eu separasse os braços de Sebastian do seu corpo.

— Te vejo em alguns minutos, Dante. — Beije seu rosto e o acompanhei com o olhar enquanto se juntava à multidão.

— Pronta? — Sebastian perguntou ainda com o braço dobrado em minha direção. Olhei diretamente nos seus olhos, ignorando sua oferta.

— Eu não sei qual o seu jogo, mas não conte comigo para levá-lo adiante — ameacei, sabendo que não poderia atacá-lo sob o olhar de todos os representantes de conselho da Vale ali presentes. E pressupondo que ele se aproveitaria dessa vantagem, como em todos os outros eventos e reuniões em que eu era submetida a respirar o mesmo ar que ele.

— Meus caros, sejam bem-vindos! Só faltavam vocês, estávamos vos aguardando — a voz grave e tom arrogante de Lazarus soou atrás de mim. Coloquei o meu melhor sorriso falso no rosto e me virei para cumprimentá-los.

— Boa noite, Lazarus, senhores. Estava comentando com Sebastian como suas celebrações ficam mais deslumbrantes a cada ano que passa — menti.

Sebastian confirmou com um aceno de cabeça, uma velha dança que ambos sabíamos de cor, aparentar uma frente unida na presença de possíveis inimigos. Lazarus e seu séquito pessoal apenas aceitaram o elogio graciosamente, como se não esperassem nada menos do que deslumbramento por parte dos demais.

Lazarus, além de chefe do conselho da Enigma, era o fundador da Vale, mesmo quando não presidia o conselho, sua palavra ainda era sempre a última. Há mais de setecentos anos ele era o responsável por escolher os gladiadores que iriam representar a Enigma nos combates das Arenas.

— Me acompanhem, por obséquio — o pedido cortês camuflava uma ordem clara.

Seus sete persuasores se deixaram ficar para trás, nos permitiram que passássemos imediatamente atrás de Lazarus, que nos guiava através de um corredor de abóbodas iluminado. A luz mudava de tom a cada três colunas e em todas as paredes havia ainda espelhos enfileirados, eu podia seguir os persuasores atrás de mim com o olhar, enquanto atravessávamos a galeria de claustros, um após o outro.

Minha concentração estava em bloquear o poder dos persuasores, que discreta e silenciosamente se projetavam caçando os contornos de minhas emoções, tentando encontrar uma brecha para se tornarem senhores delas.

Sebastian não se afligia com a tentativa de invasão, eu conseguia sentir o escudo protetor que ele lançou à sua volta, impedindo sequer o contato com os arredores da sua energia vital.

O convite continuava ali, se eu aceitasse seu braço, permitisse que me conduzisse e assumisse precisar da sua proteção, tudo que tinha que fazer era lhe dar a mão e seria envolvida num escudo igualmente protetor.

Ele também sabia que eu nunca cederia e essa era sua forma de me punir pelo ataque mais cedo. Sua forma de vingança era sempre de uma hostilidade passiva, lenta e prolongada. Outra coisa que não tínhamos em comum.

A porta do escritório de Lazarus foi aberta com um impulso de seu poder e entramos. Lá dentro, sofás suntuosos nos aguardavam e champanhe foi servido por uma Drone. Seu olhar completamente vidrado e o sorriso eternamente congelado no rosto mostravam que ela estava sob a pesada influência de uma coação mental permanente. Muito possivelmente os Persuasores a tinham desprovido de toda e qualquer emoção, para que fosse uma servente mais atenta às necessidades de seu mestre e pudesse receber sua compulsão mental de forma absoluta, tendo como único objetivo de existência obedecer e agradar. Desviei meus olhos à sua presença, evitando seu olhar.

Sempre fui contra esse tipo de Dominação dos mais fracos. A exploração de outro ser os transformando em criaturas desprovidas de vontades e ambições me assombrava. Qualquer um poderia ser um Drone se fosse manipulado corretamente por um Persuasor. O fato dela receber dois níveis de manipulação apenas tornava tudo mais desconfortável. Eu não conseguia ver valor algum em domar alguém infinitamente mais fraco que você, mas era obrigada a lidar com os Drones, vez ou outra e tratá-los como os passatempos que seus mestres julgavam que eles eram. Meu estômago revirou mais uma vez, mas permaneci impávida e serena.

— Celebremos! Com a vossa ajuda nós conseguimos separar o trigo do joio, literalmente — anunciou Lazarus em tom profético.

— Vários dos nossos gladiadores, embora possuidores de habilidades formidáveis, não eram descendentes de uma boa linhagem, sua genética e seu sangue estavam comprometidos. O que, com certeza, seria uma fragilidade a ser exposta aquando da segunda leva de combates. Não tenho dúvidas que eles teriam uma prestação esplêndida na ronda limitada aos de sua raça, como todos os seus antecessores. Mas o nosso grupo tem tendência a enfraquecer a olhos vistos nas etapas seguintes e ao longo dos anos sempre foi do meu desejo limitar o grupo de combatentes aos que pertenciam a linhagens de castas superiores.

— Esse ano vocês dois permitiram que isso fosse possível. A Arena seria mais uma vez a mesma decepção, não fossem os vossos serviços combinados.

O champanhe foi servido e ele levantou um brinde pelos nossos recentes esforços, que de conjuntos não tinham absolutamente nada. Sebastian, no máximo, tinha me atrapalhado no processo tanto quanto pôde.

— Eu tenho uma surpresa para vocês, mais tarde. Para todos, na verdade, mas em especial, para vocês.

Essa fala, sim, chamou minha atenção, a esperança crescente de que me fosse permitido competir aumentou. Ainda que

eu, claramente, não fosse uma entre os escolhidos, talvez, como prêmio ele revogasse a ordem de proibição da minha participação.

Sebastian sentiu meu entusiasmo e o seu olhar de julgamento só não foi maior que sua capacidade de ser um valente filho de uma puta, que aceitou os elogios e parabenizações com a graça e confiança de alguém que as merecia.

— É sempre um prazer trabalhar com você, Meu Bem. — Sua taça tocou a minha e meu olhar poderia ter sido confundido com um olhar ardente de amor, por qualquer pessoa, menos por ele, que sabia exatamente de onde vinha o fogo refletido em minhas íris claras como o gelo.

— Fico feliz que tenhamos sido úteis e que os planos de Dominação das Arenas estejam avançando a passos largos. É sempre bom estar do lado dos vencedores — acrescentou agora para Lazarus, que apenas acenou em concordância, mais uma vez levantando um brinde.

— Ao futuro que começa hoje — anunciou simplesmente. — Altera será nossa, mais cedo do que imaginamos. E uma vez que nos infiltrarmos em massa nas Terras de Vossas Majestades, deixaremos de ser peões em suas mãos.

Todas as taças acenderam no ar e refletiram a luz brilhante dos arcos decorados quando tocaram entre si.

— Agora, se me dão licença, preciso distribuir algumas ordens por aí. Essa noite será memorável. Aproveitem — seu tom soou mais como uma ameaça sutil do que como um desejo genuíno e provocou arrepios desconfortáveis na minha espinha.

Seus olhos completamente desprovidos de vida e cor eram os causadores do mal-estar permanente que eu sentia todas às vezes que encontrava o fundador.

O ar se tornou mais leve assim que os persuasores seguiram Lazarus e a influência do seu poder demoníaco se esvaiu da sala.

— Aparentemente, é hora de celebrar, meu bem — Sebastian sorriu sem seu habitual tom de provocação.

Ele sabia que um dos meus maiores rancores era ter perdido o direito de competir por causa dele, talvez, imaginasse na sua mente delirante que se me fosse restituída a permissão, o meu ressentimento diminuiria.

— Com certeza é — declarei apenas, o deixando sozinho e fazendo o caminho de volta para encontrar Dante e partilhar as boas novas.



— Eu não posso dizer que estou satisfeito por saber que a sua autorização para se meter em mais confusão e correr riscos de vida por um lugar em Altera é iminente. Mas posso, sinceramente dizer, que fico feliz por você ter conseguido o que queria — Dante completa após lhe contar tudo da pequena reunião e a promessa enigmática de Lazarus.

— Veremos, não é? Eu posso estar me precipitando. A surpresa pode ser alguma outra coisa — declarei, tentando conter minhas expectativas com ferros firmes, para não ser feita a queda da decepção.

— Todas as pessoas que já partilharam com você mais do que dois minutos na vida sabem perfeitamente que essa é a única coisa que gostaria de ter e não pode conseguir sozinha. Eu não acho que Dom Demônio seria inocente o suficiente de achar que qualquer outra recompensa seria digna de menção e celebração da sua parte — sorrio com o apelido pertinente de Lazarus em sua boca.

— Assim espero — assumi, mal contendo a minha euforia.

— O que você tanto procura, Domi? — o olhar de Dante percorreu os mesmos caminhos que os meus, rastreando ao nosso redor.

— Você não estava todo cheio de segredinhos sobre quem procurava hoje à noite? Então, eu também posso ter os meus — provoquei por hábito, na realidade, estava doida para contar.

— Você sabe que quer me contar. Vamos logo. Diga, talvez, eu te ajude.

— Um macho assombrosamente magnífico que eu vi mais cedo.

— A vida prestes a mudar para todo sempre e você catando macho. Eu queria dizer que estou surpreso, mas vou confessar que estou apenas curioso. Assombrosamente magnífico, é? Defina, assombrosamente.

— Delicioso a ponto de eu cogitar a ideia de afundar minhas presas em alguém novamente, depois de tantas décadas controlando meus apetites.

— Vampiro, Feiticeiro, Demônio, Lobisomem?

— Não sei dizer. A energia dele era dispersa, tudo que eu senti foi admiração, urgência e sede.

— Interessante. Gostoso, enigmático, raça não identificada... — enumerou as qualidades imediatas. — E se ele for um Lobisomem, o que você vai fazer?

— Desfrutar dele com muito cuidado?! — brinquei.

— Você não presta, mulher.

— Há controvérsias.

— Vamos procurar esse macho e dar uma circulada. Ainda não me exibí o suficiente.

— Nem encontrou quem procurava.

— O que te faz ter tanta certeza de que é alguém e não alguma coisa?

— Você não se daria ao trabalho.

— Tem razão. Celeste. Seu nome é Celeste.

— Celeste não é o nome da sua...

— Criadora? Sim. A própria. Ela foi a responsável pela minha transformação em vampiro.

— E o que pretende?

— Ser consagrado como Presenciador.

— Suas habilidades de rastreamento te precedem, por que isso agora?

— Reconhecimento, Domi. Eu quero ser reconhecido. Quero silenciar as vozes daqueles que ainda hoje afirmam que vampiros apenas desenvolvem habilidades maiores se roubadas. Quero que ela reconheça a ausência de magia além da transformação. Meus poderes pertencem somente a mim e ao meu esforço. Se hoje eu posso rastrear corpos e mentes a qualquer distância, é porque dediquei minha vida a isso. E não porque roubei minha habilidade de outro vampiro à beira da morte — sua voz inflamada gritava uma dor que eu conhecia bem.

Desenvolver qualquer habilidade além do kit básico de todo vampiro era considerado um insulto aos feiticeiros, os únicos considerados dignos de manipular sua magia essencial em favor das suas habilidades ou de conceder esses dons às criaturas inferiores.

Eram tratados como deuses sobrenaturais, donos da magia Elemental, se ressentiam se algo fugisse do seu controle. Nos últimos cem anos, muitos vampiros desenvolveram várias habilidades que alegadamente poderiam ser apenas ofertadas pelos feiticeiros, o que gerou um atrito entre as castas sobrenaturais.

Alguns poderes vistos agora em vampiros e demônios, embora expressados de formas diferentes, só tinham sido registrados em castas feiticeiras ou nos raros híbridos.

— Por que ainda não a encontrou?

— Ela ainda não está aqui.

— Onde está então?

— Em movimento, num lugar quente, ela está bloqueando a minha visão, está acompanhada, mas a sua energia está próxima o suficiente para que eu sinta a ligação de criação arder.

— Ela pode bloquear sua visão, mesmo tendo sido marcada por você? Como? — eu própria nunca tinha sido capaz. Aonde quer que eu fosse ou estivesse, se fosse seu desejo, Dante poderia me encontrar. Por um acordo tático ele não o fazia, a nossa amizade não teria resistido tantos anos se não me sentisse livre do seu poder opressivo.

— Magia. Se eu me envergonho de ser acusado de roubar minhas habilidades, ela, por outro lado, se orgulha. Celeste é uma pirata e se orgulha disso, ostenta todo e cada um de seus anéis de poder para quem quiser presenciar. Ela não tem o menor escrúpulo. E ninguém ousa desafiá-la, seus dons são maiores que o orgulho de seus adversários.

— Ela soa encantadora.

— Ela é, na verdade. Vocês se dariam bem. Eu acho que acabo de encontrar seu macho. Quer que eu o marque para que não o perca de vista novamente? — ofereceu, interrompendo o fluxo do meu pensamento, que tentava decidir se a breve comparação com Celeste seria um insulto ou um elogio.

Quando me virei para confirmar seu achado, ele estava muito mais próximo do que eu antecipava.

— Não será necessário, Dante, ela pode me ter por perto tanto quanto quiser. Aceita esta dança?

CAPÍTULO 4

KASSIUS

E*u o conheço de algum lugar, mas não faço ideia de onde, ouvi da mente de Dante. Ele se comunicava em silêncio com Dómina, não mentalmente, apenas o tipo de conversa entre amigos de anos, onde palavras são desnecessárias.*

Sua estatura, a maneira como ele se move, me é tão familiar, mas não consigo lembrar quem seja. Vou me certificar de descobrir mais tarde, completou ainda em pensamentos, perdendo imediatamente o resquício de atenção que Dómina ainda lhe dedicava.

Alto, bonito, forte e dono de um sorriso malicioso. Embora a máscara obscureça parte do seu rosto, os olhos cinzentos como um dia de chuva gelada são com certeza meu número, sorri ouvindo desta vez os pensamentos de Dómina.

— Você está passeando dentro da minha mente? — Sua atenção esquadrinhou minha presença com o ataque disfarçado de pergunta.

— Não posso negar. Estava ouvindo, você pensa alto, é difícil evitar. — Minha mão caiu do convite para dançar e gesticulou em forma de desculpa. — Como você notou tão rapidamente?

— Eu tive um encontro com Persuasores e um Dominador mais cedo, ainda estava alerta, eu pude sentir sua voz, ainda que não tivesse dito nada. Um breve sussurro.

Eu sorri, não tinha sido por isso que ela tinha me percebido, mas era natural que pensasse assim.

— Me permite? — repeti o convite para dançar.

Com certeza, respondeu sem mexer seus lábios. Testando a ligação. Eu podia senti-la forçando, tentando entender onde seria a barreira da minha mente. Me senti tentado a permitir sua entrada.

— Não creio que já tenhamos sido apresentados. Sebastian Mondini. Você é? — O inconveniente brotou do chão no nosso caminho.

— Eu conheço muita gente, você não é particularmente memorável, então não teria como ter a certeza — recusei sua mão estendida e senti a mente de Dómina se retesar num casulo, se protegendo de um possível predador.

— Vejo que conheceu a minha querida Dómina. Uma fêmea espetacular, de fato, mas terei que privá-lo de sua companhia. A presença dela é requerida para o anúncio em alguns minutos — seu corpo se moveu com intenção de se colocar ao lado dela, mas eu fui mais rápido, cruzando em sua frente e me pondo cara a cara com Sebastian, que já revelava uma alteração de humor gigantesca.

Seus olhos dilatados e sua expressão enrijecida pela minha atitude deixava claro que se sentia desafiado. Pois bem. Que ousasse dar um passo em frente, se fosse capaz.

— Eu tenho certeza de que dentro do seu leque de habilidades vampíricas se encontra a capacidade de caminhar até onde ela tiver intenção de estar, sendo sua atenção requerida ou não, para o quer que seja. Me engano? — Incluí Dómina na pequena disputa que nem sequer chegou a começar.

— De todo, não. Talvez, eu precise adiar a nossa dança para depois do anúncio, mas por hora, sou toda sua.

Luzes brancas tomaram os arcos sobre nossas cabeças, trocando completamente o clima da noite e abrindo um caminho de atenção por onde uma porta foi escancarada e os Gladiadores marcharam pelo recinto.

Celebridades para a audiência, foram ovacionados e recebidos em glória.

— Parece que continuamos sendo interrompidos — Dómina comentou à passagem dos machos e fêmeas subindo as escadas até ao primeiro degrau, logo abaixo de um púlpito planejado. Quando passou o último, ela se despediu, caminhando para tomar seu lugar no pronunciamento. — Você não disse como devo te chamar! — Virou para trás, me provocando com a mesma pergunta colocada por Sebastian, e recebendo uma resposta absolutamente diferente da dele.

— Como bem entender. Eu virei — provoquei de volta. — Mas caso queira usar meu nome, então esse seria Kassius.

— Kassius — repetiu e saboreou meu nome em seus lábios, aprovando com um aceno de cabeça. — Nos encontraremos de novo, Kassius.

— Sem sombra de dúvida. Pense alto o suficiente e você nunca precisará usar meu nome para me ter onde quiser.

— Lembrarei disso, mas até que eu o faça, agradeço que se mantenha longe da minha mente.

— Seu desejo é uma ordem — seu sorriso cresceu com a medida exagerada que fiz para ela e como um raio de sol penetrando a escuridão, ela me atçou e me deixou. Segui cada um de seus passos, contabilizando os segundos até que Sebastian se juntasse a ela.

Talvez, ele tenha vivido tempo demais, claramente, era persona non grata para a Dómina agora, por isso, no que me dizia respeito, sua existência se tornara categoricamente descartável.

Dante apareceu no meu campo de visão e eu permiti que me observasse enquanto mantinha os olhos em Dómina.

Seus pensamentos tão banais e contidos, que desviei minha atenção mental ao redor enquanto os Gladiadores eram apresentados um a um, tendo suas forças e vitórias expostas diante de toda a sociedade ali reunida.

Se o objetivo era impressionar, tinham tido sucesso. Os sussurros e murmúrios perfeitamente audíveis explodiram por todo

salão. Fofocas, notas de inveja, rancor e orgulho inundavam o ambiente.

Três dos Gladiadores favoritos já eram conhecidos do público de outros anos e tinham sua torcida organizada como uma família, talvez, de fato, o fossem.

Apolo fez uma amostra de seu poder ao subir para sua apresentação, dobrando fogo na massa de ar que fez aparecer à sua volta. *Feiticeiro* puro, conseguia sentir o poder irradiar através dele e ao redor dos outros.

Nicolas apenas caminhou sem olhar para os lados, a expressão fechada e olhos dormentes, a não alteração do humor dos que tinham recebido Apolo segundos antes mostrou o que era. Vampiro, *Persuasor*. Não precisava alterar sua fachada quando podia manipular as emoções de quem o julgava.

E por fim, Diane, uma deusa ambulante. O seu andar gracioso e os seus olhos vibrantes, cor de *whiskey*, gritavam loba/lupina aos quatro ventos, mas sua postura suave como uma garça me dizia que havia algo mais. Um toque de requinte, talvez. O seu vestido congelou lentamente em seu corpo, formando uma segunda camada sobre o tecido que brilhava como diamante e que imitava a cor da Lua. *Nebulante*, então. Uma combinação inusitada, mas gloriosa.

Seus olhos cruzaram com os meus e permaneceram ali, procurando abrigo, ao contrário de seu rosto harmonioso, sua mente era toda aflição.

A disputa de poder entre os três já tinha começado internamente, todos os outros seriam rapidamente descartados, era claro. Talvez, vencessem combates o suficiente para levar honra para sua linhagem, mas isso era tudo o que conseguiriam, o trio era notoriamente superior aos demais.

— Senhoras e senhores, é com grande prazer que declaro aberta a temporada do Sephtisson e dou as boas-vindas aos nossos

gladiadores deste ano. Eles lutarão por nós e para nós, mas, acima de tudo, lutarão conosco.

As palmas eclodiram antes que Lazarus terminasse o seu discurso, as quais ele aguardou que cessassem antes de continuar.

— Nesta noite, em nome da Enigma, eu gostaria de aproveitar esta oportunidade para manifestar a minha mais profunda gratidão a Dómina Morgan e Sebastian Mondini que nos permitiram revolucionar o sistema de seleção dos nossos melhores representantes — acenou aos gladiadores, que firmaram uma pequena vênua a Dómina e Sebastian, posicionados imediatamente à frente deles nos degraus inferiores.

— Hoje, — prosseguiu — mudanças que idealizamos há anos foram alcançadas com sucesso e cada um de vocês será representado nas Arenas do mundo inteiro. A vossa presença será sentida e real. Todos terão a oportunidade de fazer parte desta conquista. E quando nosso lugar em Altera for irrevogável, vocês também estarão lá, de um jeito ou de outro. A vossa cooperação ao longo de todos estes anos será compensada em dobro e a minha forma de retribuir o esforço que fizeram é permitindo que todos possam ser também, parte dos nossos gladiadores.

O rebuliço causado por suas últimas palavras era, ao mesmo tempo, fruto do medo e do entusiasmo. Criaturas aterradas pela possibilidade remota de ter que combater por alguma razão escusa e dezenas de outras ansiosas por provar seu valor e apoio à causa.

Nos olhos de Dómina dançava o alívio e contentamento, seu corpo relaxado e expectante me permitia constatar que a sua felicidade naquele momento era transbordante para ela.

O breve pensamento de vê-la combatendo numa Arena me encheu de orgulho. Ela escolheria sempre a coragem ao medo. Kianna ia adorá-la quando as apresentasse. O mais provável era que se unissem contra Killian, que tentaria demovê-las a todo o custo de qualquer ideia estapafúrdia que pudessem querer levar adiante. Kion e Kori apostariam entre si para ver quem sairia vitorioso da pequena disputa.

Ela já se encaixava tão bem na nossa pequena família, que era como se tivesse sempre feito parte dela, ainda que nunca houvesse colocado os pés em nossa casa, ou estado na presença de nenhum dos meus irmãos.

— Por favor, permitam que os Gladiadores escolham seus pares para a primeira dança — a voz de Lazarus, que tinha se dissipado da minha atenção, voltou a ser fazer ouvir.

E observei Apolo e Nicolas tirarem Dómina para dançar, e um Sebastian que tentava solenemente impedir, o que apenas fazia com que Dómina estivesse ainda mais disposta a aceitar.

Ela nem sequer se permitiu escolher, caminhou com um de cada lado, cortejada por ambos para choque de algumas outras fêmeas que disputavam a atenção dos favoritos.

A interação dos três era inusitada, mas interessante. Apolo os envolveu numa névoa de fumaça escarlate que rodopiava à sua volta, dançando com eles, e Nicolas se concedeu a comodidade de espelhar as emoções impetuosas do seu par, rapidamente perdeu ar fechado e taciturno, não alterando em nada o humor dela, que era maior do que ele poderia usurpar discretamente.

Os três dançaram de forma fluída e harmoniosa, para espanto de alguns e deleite de outros, uma dinâmica marcante, eu diria. Algo me dizia que seus caminhos haviam se cruzado algumas vezes antes deste encontro que observávamos como se fosse o primeiro. Sintonia como aquela, não era tão fácil assim de alcançar.

Sua diversão me alegrava e me acomodei, apreciando seus sorrisos e movimentos sensuais, desfrutei de cada um de seus olhares roubados quando me identificou à distância, antecipando o momento em que a tocaria e abriria sua mente para a memória.

Ao contrário da razão que me trouxe aqui, ela não parecia correr risco algum. E a fraude relacionada aos gladiadores me parecia quase entediante, agora que pensava sobre isso. Identificar as melhores famílias e quantificar o poder elemental em cada uma das linhas contabilizando as suas ramificações era apenas um

pensamento estratégico, nem sequer era particularmente inteligente, muito menos, inovador.

Kori ficaria decepcionada quando lhe mostrasse que todo o alarde recolhido da mente do seu prisioneiro poderia ser apenas um delírio por conta da dor continuamente infringida por ela. Dómina era conhecida e fazia parte do círculo íntimo do fundador da Enigma, pelo que o fato do seu rosto estar marcado a ferro e fogo na mente do pobre demônio que teve o azar de cruzar com a minha irmã, já não me parecia motivo para preocupações de ordem maior.

Nesse momento, ainda não sabia que tinha falado cedo demais.



— Ela está aqui! Algo está errado, eu posso sentir — Dante alertou Dómina, que já caminhava ao seu lado.

O braço de Dante agarrava o de Dómina com mais força do que seria necessário, tentando forçá-la a andar mais rápido. Não poderiam usar sua velocidade vampira sem chamar atenção, não mais do que já estavam chamando, na realidade.

— Calma, Dante. Relaxa, por que o desespero? — Dómina reclamou, sem entender a razão de sua aflição, mas colaborando com seus pedidos. Questionava sem parar por um segundo de andar apressadamente, guiada por ele, atravessando os longos corredores de arcos infinitos e alcançando a única escada que dava para a saída do local.

Acompanhei o nervosismo de Dante aumentando em sua mente e na de Dómina também, que não tinha acesso às imagens

mentais do amigo e não estava entendendo nada, mas confiava nele o suficiente para seguir suas instruções quase às cegas.

Ela libertou seu braço e lhe deu a mão, mantendo o contato, tentando acalmá-lo, entender, mas era tarde demais para explicações.

Assim que eles pisaram o primeiro degrau do escadório, um estouro violento e devastador se fez ouvir. As portas gigantescas da Citadella haviam se transformado numa névoa espessa e quente, que se espalhou como se soprada por um vento profundo por toda a área.

Uma entrada extraordinária. Atravessei para a mente da recém-chegada, procurando um ângulo melhor, apenas por alguns segundos, mas preferia acompanhar a mente de Dómina quando os perdia de vista, ou de Dante, que tinha uma visão privilegiada dela.

— Ela não estava sozinha, eu sabia. Celeste cegou seus sentidos para que eu não pudesse antecipar quem trazia consigo — o terror na voz de Dante tornou Dómina vigilante.

Outra pessoa, completamente diferente da Dómina leve, sorridente e feliz que dançava há alguns minutos pelo salão, partilhando sua presença com dois machos, dominou seu corpo. O olhar desumano e perverso, e o sorriso cruel se unificaram em seu rosto, dando lugar para que uma força maldosa e corrosiva se estabelecesse nela.

Uma pitada de demônio, eu diria, se não tivesse a certeza de ela ser uma vampira pura.

Vi duas adagas surgindo em suas mãos e sendo estrategicamente alojadas em seu vestido. Suas mãos se posicionaram por trás das costas e ela aguardou que a névoa se dissipasse, Dante permanecia angustiado ao seu lado, podia quase sentir o cheiro da sua ansiedade de onde eu estava.

Me sentei, pronto para o show que claramente estava prestes a começar. Poder acompanhar um evento tendo acesso ao ângulo

de tantas mentes e olhares diferentes era uma experiência da qual não desfrutava há muito tempo e estava empolgado.

O grito estridente, que trespassou meus tímpanos, não veio de nenhum dos dois, e sim de uma vampira logo atrás de mim, ela caiu dobrada sobre si mesma, apertando o ar para dentro do seu corpo, tentando lidar com o assalto aos seus sentidos, à sua energia vital.

A tal Celeste performava um feitiço de contenção, impedindo que as pessoas saíssem de onde estavam, enquanto suas forças eram usurpadas pela trupe de *Colecionadores* que trouxera consigo.

Os *Persuasores* de Lazarus, assim como o próprio, se juntaram ao pequeno grupo, contendo a histeria que havia começado a se instalar entre os demais.

— Eles estão eviscerando seus poderes! — Dómina finalmente entendeu. O desprezo banhando sua voz tensa e gutural.

Quando eles acabaram com a vampira, restou apenas seu corpo, uma massa amorfa de carne oca e retorcida.

Aqueles que tinham magia o suficiente para expelir o poder dos *Persuasores* e da *Dominação mental* de Lazarus começaram a se movimentar, procurando outras saídas.

Dómina e Dante os seguiram, mas se separaram deles, num dos corredores, dando de cara com Sebastian.

— Como você fez isso? Por que foi você, não foi? Como pôde, seu pedaço de merda? — Seus pulsos cerrados e um leve tremor indicavam a força da cólera que ela estava contendo dentro de si. Me deixou orgulhoso, mais uma vez.

— Sangue de dragão e um feitiço *permissivo*. Desculpe, Meu Bem, eu não pude deixá-la de fora, todos os que beberam algo esta noite já estão com as portas da sua essência escancaradas há algumas horas. A única diferença, é que agora sua energia está sendo coletada por um canal diferente.

— Celeste — completou Dante.

Ele não estava mais assustado, a postura complacente era de quem morreria lutando. Um macho de valor, não era um covarde. Nunca foi, não na minha presença.

— Celeste e os seus *Colecionadores* vêm reunindo dons e habilidades de toda a sorte há alguns meses. Lazarus permitiu que testasse suas capacidades nessa pequena empreitada. Ela expurgaria os poderes de todos os presentes e sua *magia elemental* e as transferiria para os três favoritos. Eles serão invencíveis e representarão, mais do que nunca, toda a nossa comunidade.

Dante acenou em confirmação, não exatamente chocado, mas surpreso pela falta de contenção e pelo apoio que Celeste tinha recebido do chefe de conselho, que os trouxera até ali para celebrar uma conquista.

— Eles estão morrendo por isso! A vida deles não será devolvida! Você os drogou numa celebração sagrada, os enfeitiçou sem seu consentimento. Em troca do quê, Sebastian? Em troca do quê? — repetiu, não esperando de fato a resposta.

Ela o socou e rasgou seu rosto como uma lâmina, o empurrou para longe e se virou para Celeste, caminhando lentamente de volta para escada.

Dante perdeu a capacidade de andar, no caminho. Sufocado, se encostou numa parede, sentindo sua energia se esvair. Dómina não tentou ajudá-lo, apenas o encostou de forma confortável na pedra fria atrás de si.

Ela se juntou ao paredão de criaturas tentando atingir Celeste e os *persuasores*. Tentando lutar contra o poder demoníaco de Lazarus, mas não adiantava lutar. O feitiço permissivo de Sebastian e o sangue de dragão trabalhavam contra eles, de dentro para fora, conduzindo toda a força que colocavam em atacar direto para a posse de seus inimigos.

— Não lutem, aceitem seus destinos, aceitem a honra de se abrir para um controle superior ao vosso — a voz de Lazarus soou

do alto, indignado com a audácia de seus inferiores de questionarem sua autoridade tentando sobreviver.

Teria sido cômico, se não fosse trágico.

Clãs foram dizimados no passado por crimes menos hediondos contra a sua raça.

Dómina começou a enfraquecer, ainda com as mãos doando energia para o paredão levantado pelos feiticeiros presentes.

Sebastian se aproximou, criando um elo entre si e Celeste, estourando a barreira com corrente elétrica que impeliu os sobreviventes para longe. Alguns foram propelidos com tal força que o encontro do seu corpo com a parede foi ouvido por todos os outros, caindo logo depois, inertes no chão.

Dómina pegou suas adagas, agora fluorescentes de magia circulando em suas lâminas, e atacou Sebastian uma e outra vez, que se defendia não muito bem, numa luta, corpo a corpo. Dómina conseguiu rasgar sua carne várias vezes, até que caiu de joelhos, os *Persuasores* se concentrando nela e paralisando seus movimentos já enfraquecidos.

— Tudo que eu quero é você sã e salva! Não entende? Você é minha, sempre será minha, eu nunca permitiria que algo de mal acontecesse com você! — se defendeu Sebastian e Dómina usou o vestígio de forças que ainda tinha para cabeceá-lo, quebrando seu nariz e afundando uma parte da sua cara com facilidade.

— Tudo que eu sempre desejei para nós foi a paz de uma parceria tranquila, por que com você tudo tem que ser tão difícil? Tudo tem que ser à força. Droga, Dómina! — ele reclamou, olhando em volta e contemplando os Gladiadores que exibiam suas novas forças e novas formas, absorvidas dos corpos dissecados caídos ao nosso redor.

— Se você quisesse me proteger, o faria e pronto. Não esperaria nada em troca, não tentaria me manipular com um vislumbre de segurança. Se você quisesse me proteger, não teria compactuado com nada disso, nem teria permitido que eu o fizesse

— seus olhos fecharam, concentrando seus sentidos em manter uma voz firme quando seu corpo começou a tremer. — Tudo que você sempre quis foi alguém para controlar e quando me mostrei incapaz de ser sua marionete, decidi que eu estava defeituosa e começou a saga de consertar aquilo que nunca esteve quebrado!

Ela persistia em se manter forte e aquilo me encantava, tinha que admitir.

— Você é um monstro filho da puta. Eu não nego que gostei você, gostei muito, talvez, tenha de fato te amado, ou pelo menos eu acreditava que sim. Mas eu sempre gostei mais de mim e eu nunca admitiria ser tratada como inferior por você, nem por ninguém. O seu amor era tão grande que não pôde aceitar isso. Você é um monstro, que eu demorei a ver, mas uma vez que eu abri meus olhos e vi o tipo de escória que era, eu nunca mais olhei para trás, a não ser para tentar entender se foi sempre mentira com você, se sempre tinha sido assim. — Seus olhos se abriram para terminar suas palavras, que feriam Sebastian mais profundamente que suas adagas. — Hoje, Sebastian, tudo que eu consigo sentir na imundície da sua presença, é asco.

Eu ri alto e só então seus olhos me encontraram, finalmente, ainda sentado observando tudo.

Quando ela se curvou para a frente, ainda de joelhos, me aproximei. Considerei que já tinha lhe dado chance o suficiente de provar sua força e valor, não fosse ela jogar na minha cara mais tarde que não era porra de uma donzela em apuros, como tinha feito noutras ocasiões. Sebastian me atacou, sem sucesso, nem sequer corri os olhos em sua direção.

Peguei nas mãos de Dómina e transferi minha energia para ela lentamente para que não se afogasse em poder. Enquanto Sebastian se debatia preso em meu escudo improvisado, lentamente a cor começou a voltar ao seu rosto, seus olhos confusos e agradecidos.

A atenção dos *Persuasores* também se voltara para nós dois e eles desceram as escadas, seguidos de uma Celeste interessada

no circo prestes a se formar.

Lazarus se juntou aos Gladiadores, observante, esperando que me esmagassem como o inseto que ele assumia que eu fosse.

Eles nos cercaram e começaram a atacar com violência e destreza, os golpes sendo os únicos sons ouvidos no recinto, depois de todos os outros terem sucumbido à extração de Celeste.

Ela colocou as mãos no meu escudo, tentando absorvê-lo e libertar Sebastian, mas tudo que conseguiu foi com que ele ficasse cada vez menor e começasse a esmagá-lo um pouco mais a cada interferência exterior.

Despeitada, se virou contra o meu escudo, os *Persuasores* se afastaram e os *Colecionadores* tomaram a frente de sua mentora.

Eles não podiam penetrar o escudo que envolvia a mim e a Dómina. Mesmo absorvendo toda a magia contida na barreira, eu poderia alimentá-la continuamente, a única coisa que conseguiriam seria se envenenar com tanto do meu poder em seus corpos. Mas deixei que descobrissem sozinhos, quando Dómina finalmente se levantou e piscou ainda confusa.

Lazarus conseguiu libertar Sebastian e comemorou se juntando aos seus cães.

— Você a prometeu para mim. Traga-a para mim. Pague sua dívida! — gritou Sebastian enraivecido, se referindo a Dómina.

— Ela é sua por direito, não há necessidade para que se exaspere, Sebastian. Eu vou buscá-la para você.

Dei a mão a Dómina e casualmente desviei minha atenção dela para me dirigir a Lazarus.

— Você cometeu um erro esta noite, meu caro.

— Ah, sim? E qual teria sido? Ignorar a invasão de um forasteiro em meus domínios? Talvez, mas isso será solucionado agora mesmo.

Eu ri novamente, com sua tentativa pífia de dominar minha mente enquanto me ameaçava. Ri com vontade, gargalhei até. Kion ficaria ofendido dele se considerar um *Dominador*.

— Tantos anos para se aprimorar, se tornar um demônio decente, e isso é tudo de que é capaz?

Celeste e seus *Colecionadores* começaram a sentir meu poder querendo rasgar o interior de seus corpos para voltar para o seu criador.

Enquanto o ataque de Lazarus veio mais forte e furioso, seus golpes nem sequer arranharam os recônditos da minha mente.

Eu simplesmente dei alguns passos, me aproximando, Celeste e os *Colecionadores* já expressavam medo e dor, sentiam meus poderes os esfaqueando por dentro. O terror em seus olhos e sua inabilidade de travar o que que estivesse acontecendo com eles, me divertiu.

— Quem é você? — gritou Lazarus, perdendo a paciência, respirando com dificuldade pelo esforço. — Quem caralhos é você? — repetiu hesitante e descrente. — Ataquem! — ordenou aos Gladiadores, que esperavam apenas suas ordens para se mover do lugar.

Comportamento típico dos *Drones*, me perguntei se ele poderia tê-los manipulado a tal ponto em tão pouco tempo. Eles pareciam normais no início da noite.

— Eu não vou te dizer o meu nome, mas você vai associar a minha imagem aos seus últimos momentos, ao medo e ao desespero que sentiu. Eu não vou nem sequer perder meu tempo te castigando, porque para mim, você não representa absolutamente nada. E passado o tempo devido, não significará nada na memória de nenhum ser vivo.

Rosnei quando os Gladiadores me atacaram, claramente com poderes que não lhes pertenciam, o sangue escorreu da boca de Celeste, os *Persuasores* tentaram apoiar os *Colecionadores*,

manipular o que estavam sentindo, mas eram incapazes. Meu poder era soberano.

— Vocês me ofendem dessa forma. Por que não aceitam a morte com graça e elegância? Se beneficiarão se entenderem que não existe nenhum outro futuro no horizonte para vocês. Vejam bem, o seu chefe, dentre todos os pecados mortais que cometeu hoje, consumou um ato imperdoável. E por isso vocês vão todos morrer. Menos você — aponte para Celeste. — Você deverá ser julgada em Altera, eu tenho certeza de que o seu clã vai adorar saber o tipo de rato que eles abrigam no seio da sua comunidade.

Ela não esperava ser identificada por alguém que nunca tinha visto na ilha.

— Que erro fatal foi esse? — Lazarus perguntou, desistindo da sua abordagem dominante, começando a ver sua morte em meu olhar.

— Você achou que podia usar Dómina como moeda de troca numa barganha com um ser inferior. Grande erro, meu amigo.

Ele apenas teve tempo de ganhar fôlego para responder quando o virei de frente para seus seguidores e parceiros, que assistiram quando projetei minhas presas e mordi um buraco em seu crânio antes de o rasgar ao meio a partir daquele ponto, como se fosse a porra de uma folha de papel.

Silenciei seus gritos de horror enquanto o estraçalhava como um animal selvagem, protegendo Dómina dos jatos de sangue que jorravam em sua direção.

Como covardes que eram, os *Colecionadores* se prostraram no chão, implorando misericórdia em silêncio, e os *Persuasores* tentaram num último esforço, sabendo que não seriam poupados, apagar de dentro de si mesmos suas memórias de dor, mas não consenti que o fizessem.

Repeti o mesmo processo de aniquilação de Lazarus com cada um deles. Banhado de sangue, me aproximei dos Gladiadores e imitei os poderes de minha irmã Kori, descolei suas almas de seus

corpos, separando a camada de magia que não lhes pertencia originalmente, usando-a para suplantar sua existência.

Sobraram apenas Celeste e Sebastian. Celeste, apaguei e enviei para um lugar seguro com um conjuro simples, e Sebastian, com ele eu tomaria todo o tempo do mundo para acabar, queria desfrutar de cada uivo de dor que saísse de sua boca.

Devolvi sua voz, apenas para poder usufruir de seus gritos.

— Dómina, eu vou te perguntar isso, apenas uma vez. Por favor, responda com cautela.

A libertei do meu escudo protetor para se sentir livre.

— De que forma devo matá-lo?

CAPÍTULO 5

DÓMINA

Congelei completamente. Até a minha respiração estava suspensa há mais segundos do que poderia contar. Um pânico visceral tomou parte do meu corpo lentamente, toldando os meus sentidos, se apossando da minha mente.

O nó na minha garganta não se dissipou, apenas se enrolou nele mesmo, gerando mais camadas que me sufocavam e mantinham plantada no mesmo lugar.

Eu precisava de um minuto para lidar com a chacina que tinha acabado de acontecer perante os meus olhos. Conhecidos e amigos, destroçados... Aquele chão imundo. Não reconheci a maior parte dos que olhei, me sentia ensurdecida, apertando minhas mãos repetidamente como se tivesse um tique nervoso, checando se aquilo era um sonho ou pesadelo. Mas os meus sentidos entorpecidos pela magia não me permitiam decidir.

Kassius não esperou calmamente pela minha resposta. Se aproximou de mim com uma rapidez que nem meu olhar de vampira pôde acompanhar. O vento da sua aproximação levantou o cheiro de sangue pútrido do salão, minha pele se arrepiou e tive que conter o desejo de gritar.

Ele segurou meus braços, mas o retesar do meu corpo fez com que retrocedesse um passo. Engoli em seco sem olhar diretamente em seus olhos e quando fitei o chão, ele se aproximou novamente, devagar.

Sua mão tocou a minha, não me afastei, ele a segurou e apertou junto ao peito, fazendo com que meu corpo se aproximasse um pouco mais do dele com o movimento. Com a outra mão

segurou meu pescoço, não de uma forma ameaçadora, mas como se pudesse sentir todo turbilhão de emoções se engalfinhando dentro de mim, naquele ponto específico do meu corpo, procurando uma forma violenta de se libertar.

— O que há de errado, Donna? — A pergunta soou íntima demais. Me senti acolhida e incomodada ao mesmo tempo.

— Quem é você? — murmurei, recuperando do torpor como se a minha alma tivesse sido colocada de volta para dentro naquele instante. — Eles estão todos mortos! Todos! Se você podia impedir, por que não o fez? Quem é você? — repeti, empurrando seu peito, tirando forças de onde não tinha.

Ele me soltou novamente, com um sorrisinho de canto que me fez ver estrelas com o ressentimento que irrompeu como um raio flamejante nos meus olhos.

— Me perdoe, não me ocorreu que você se importasse tanto com toda essa gente, eu deixei que a curiosidade interferisse na minha decisão. Não antecipei que perdê-los, te afetaria dessa forma.

— Por que me salvou? Por que pede perdão? Quem é você? — a pergunta do milhão. — E não insulte minha inteligência me dizendo seu nome de novo! Quem é você e o que raios está fazendo aqui?! — gritei gradativamente mais alto, conforme formava cada palavra, não lhe dando tempo de responder antes de continuar. — Não me chame Donna, esse não é o meu nome e eu nunca te dei confiança para me dar um apelido — terminei, ofegante, me sentindo repentinamente drenada pelas emoções que insistiam em voltar, me esmagando de forma latente.

— Você está errada. Mas eu não vou tentar convencê-la disso, nesse estado. O que devo fazer com este verme? Responda para podermos sair daqui e cuidar de você, Donna.

— Chega de mortes por hoje. Eu já perdi demasiada gente numa noite só.

O olhar dele ganhou leves contornos de mágoa e seu queixo contraiu, mas nem sequer me respondeu.

— Você não poderia matá-lo, de qualquer forma — declarei, numa urgência inexplicável de me justificar, quando ele já se aproximava novamente de Sebastian.

— A título de curiosidade, me diga, por favor, o que te faz pensar isso? — olhou em volta como se me dizendo que tudo ao redor provava o contrário.

— Ele não pode ser morto de uma forma convencional. Eu já tentei. Está sobre um feitiço protetor. Apenas continuará voltando, não importa quantas vezes o mate.

— Não importa quantas vezes você o mate, você é uma vampira. Mas eu? Uma situação completamente diferente. Ele moveu a sua essência para fora do seu corpo, é uma magia antiga, perigosa, eficaz, mas reversível. Não existe nenhum feitiço irreversível.

Perdi a força nas pernas antes que pudesse responder e caí de joelhos, mais uma vez ele voou até mim, mas desta vez não se absteve de tocar meu rosto.

— O que raios está acontecendo? Eu estou transferindo energia para você a cada toque, mas você continua sendo drenada — o tom de preocupação genuína não me passou despercebido, ainda que não entendesse seus motivos.

— Você está transferindo energia? Por isso as ondulações. Por que continua me ajudando?

— O que você fez com ela? — perguntou tão alto na mente de Sebastian, se virando diretamente para ele, que seu pensamento ecoou em minha mente e fui capaz de entender sua comunicação silenciosa.

Sebastian ria como um tolo desesperado.

— Ela está quebrada e só eu posso consertá-la! — troçou, repetindo minhas próprias palavras. — Você pode transferir energia para ela mil vezes e de todas as mil falhará! — cuspiu como se

estivesse todo esse tempo aguardando que percebêssemos para cantar vitória.

Kassius, mais uma vez, não se dignou a responder, e a forma como segurou o pescoço de Sebastian e o trouxe até à altura de seus olhos foi muito diferente da que fez comigo.

Olhei em volta procurando por Dante em meio aos corpos, meus olhos eram dois globos repletos do pavor de encontrá-lo.

O primeiro berro de Sebastian cortou o silêncio sepulcral entre nós como uma serra elétrica. Kassius ainda se mantinha na posição, aparentemente agredia apenas a mente de Sebastian, ele parecia prestes a entrar em colapso quando foi jogado novamente ao chão, como uma sacola descartável.

— Maldição! Vamos! — Kassius me deu a mão, que por reflexo e impulso recusei, concentrando seu poder na outra mão. Pude ver a bola incandescente se formando em volta de seu pulso, pronta para extinguir mais uma vida de Sebastian.

— Por favor, não o mate — me ouvi dizer, espantando a mim mesma, e travando Kassius.

— Por que não? Você ao menos entende o que ele fez com você? Ele te traiu!

— Eu gostaria de matá-lo eu própria.

— E por que a espera?

— Eu quero entender exatamente o que aconteceu aqui. Ele arquitetou o feitiço que viabilizou essa carnificina hoje. Se puder poupá-lo, eu agradeço. Não tenho tempo para lidar com ele agora.

— E você está com pressa para ir aonde?

— Eu preciso encontrar Dante.

— Ele está nos esperando do lado de fora. Nada mais aconteceu com ele a partir do momento que vocês se separaram. Eu o mantive protegido. Ao contrário de todos os outros, ele eu sabia importar. Ele está são e salvo.

— Por quê?

— Seu desejo é uma ordem — repetiu o que tinha me dito no início da noite, na altura havia achado engraçado e galante, agora entendia ser literalmente.

— Por quê?

— Donna — repetiu o apelido, me alertando para que não o pressionasse.

— Por que me proteger? Por que me agradar? Por que Donna? — insisti, a fraqueza voltando numa onda forte.

— Porque é isso que você é! Donna. De tudo e qualquer coisa. Minha Donna e do que mais te interessar. Nomeie e será seu.

— Por quê? — repeti, frustrada.

— Porque você é a minha rainha. E é a porra da minha função cuidar do meu Domínio.

Enquanto me deixei cair para reorganizar tudo que queria perguntar, tudo do que o queria acusar, a confusão só aumentou. E antes de quase perder os sentidos, ele se aproximou e me pegou no colo, me levantando.

Com um simples olhar concentrado, Sebastian foi pulverizado no ar e suas partículas condensadas numa pequena névoa que se dissipou rapidamente. Meu sangue correu frio.

— Eu não o matei — se apressou em me informar. — Mas, felizmente, existem coisas piores do que a morte. Ele vai conhecer uma delas hoje.

— O que seria pior que a morte? — ele riu satisfeito.

— Meu irmão Kion revirando sua mente, remontando suas memórias, o estraçalhando por dentro. Vamos sair daqui — anunciou caminhando, ainda me carregando em seus braços, como se tivesse feito isso a vida inteira.

— Por que permitiu que eu lutasse, se queria proteger tudo que me importa?

— Da última vez que me meti numa luta sua, choveu sangue durante três dias. Eu não queria repetir essa experiência, então

esperei até ao último segundo para me meter. Além do fato de eu adorar te ver lutando. Você luta como um demônio.

A confusão inundou meus olhos, mas não lhe dei espaço para se criar.

— Eu não te conheço. Nunca te vi antes e não faço ideia do que você está falando.

— Eu sei, vou te fazer lembrar quando você já não estiver conectada.

— Ao quê?

— O feitiço permissivo não era apenas para abri-los ao controle de Lazarus e Celeste. É uma espécie de feitiço cíclico, os Gladiadores de hoje não eram os únicos, a energia dos que morreram fluiu noutro sentido, no sentido dos outros gladiadores, quanto mais deles morrerem mais fortes os outros ficam — ouvi cada palavra proferida com o máximo de minha atenção. — Então, ainda que eu tenha os matado e usado sua própria magia contra eles, quando ela se separou de seus corpos, encontrou seu lugar noutros Gladiadores, também selecionados, mas nunca apresentados. Se a memória daquele verme não tiver sido alterada, tudo indica que eles selecionaram e alteraram gladiadores em todo mundo e à medida que forem morrendo nas Arenas, seu poder será transferido para os outros, até que reste apenas um. O vencedor. Ele será o último receptáculo da magia absorvida por todos eles, nesta noite.

— Essa chacina aconteceu noutros lugares? Você viu isso na mente de Sebastian?

— Sim. O que aconteceu aqui, foi apenas um ataque entre centenas de outros semelhantes, planejados ao redor do globo. Era um ritual de sacrifício onde ninguém morreria em vão.

— Eu ainda estou ligada a eles — repeti assombrada pela possibilidade. Não era uma pergunta, apenas a constatação de um fato.

— Sim. E cada vez que eu te alimento, eu os alimento também. A ligação deles com você precisa ser quebrada.

— Como?

— Você não vai gostar de saber.

CAPÍTULO 6

KASSIUS

“Kassius.” — *Dómina chega com a respiração apertada, chamando minha atenção antes que me vire para trás. Ela está envergonhada, dá para ver em seus olhos. Suas pupilas estão contraídas de uma forma tão gritante, que seu olhar é a mais pura cor. Um azul vivo e escuro, capaz de congelar o inferno.*

Não queria estar tão perturbado, mas vê-la numa situação de vulnerabilidade completa me abalou. Por várias vezes penso que não deveria envolvê-la nos meus assuntos pessoais, eu fiz muitos inimigos ao longo dos anos e apenas por estar perto de mim, ela já corre risco de forma constante. Mas desses perigos eu tenho consciência, eu tenho controle, eu posso prever. Já quando ela usa o que aprende e vê, de criaturas com muito mais idade e experiência sem falar comigo, isso, sim, é algo que eu não esperava. Quando a vi nas mãos daquele clã de Demônios, paralisei. E eu não posso me dar ao luxo de paralisar perante meus inimigos. Eles nem sequer sabiam quem ela era, que era minha. Para eles, era apenas mais uma num grupinho de recém-criados que pretendiam drenar e, para mim, também deveria ser. Mas não era. Azar o deles.

Dou um passo à frente, revoltado com suas atitudes irresponsáveis. Colocar sua vida em risco de forma leviana não é algo que pretendo esquecer nem desculpar tão cedo. O pavor que eu senti quando não a encontrei, foi como se tivesse me desconectado do centro gravitacional da Terra e não havia nada que eu pudesse fazer para evitar o vazio que estava sentindo. O ressentimento se acumula em minhas veias, correndo livre num

fluxo ainda desesperado. Se existisse uma forma de me matar, com certeza, envolveria esta mulher.

Ela não se deixa intimidar pela minha postura e se aproxima, tocando minha mão de um jeito firme, me testando, e eu tremo pelo contato. Não de uma forma romântica, mas saber que ela está aqui, sã e salva no meu território, protegida, remexe com a certeza ilusória que eu mantinha de que seria assim o tempo inteiro, que nunca teria que lidar com o fato de que ela pode, sim, morrer.

Encontro dificuldades para me conter, não querendo explodir na sua presença, não querendo mostrar o quanto a vulnerabilidade que ela me provoca me enlouquece, sei que para ela é tudo desproporcional. Não faz ideia. Seu olhar petulante e provocativo é quase uma afronta. Eu, afogado num vórtex de emoções que nunca pensei sentir, e ela se achando a dona da razão. Meu Deus, como eu amo essa mulher! E como eu gostaria de esganá-la, às vezes.

Seguro seus braços com força, trazendo-a tão perto que pode sentir meu ódio quando digo baixo e venenosamente:

*“Você nunca mais vai repetir isso. Nunca mais! Ouviu bem?”
— A ameaça velada é recebida com mais atrevimento.*

“Você está descontrolado.” — Ela sacode seus braços para fora do meu aperto, nos separando. Como se eu não tivesse razões para estar furioso.

“Em algum momento, sequer te ocorreu que se alguma coisa acontecesse com você, eu...” — tento me expressar de forma que a faça entender o que estou sentindo, mas nem eu mesmo sou capaz de começar a explicar a violência que meus sentimentos por ela são para mim.

As palavras nem sequer saem, a emoção muito fresca em minha mente, uma sensação de impotência que nunca senti e que estou tentando aceitar que não será a última vez que sentirei.

Ela cruza os braços, se protegendo antes de me enfrentar novamente. Uma péssima adversária nessa luta de intenções.

“Não aconteceu nada. Está tudo bem comigo. Eu estou, está tudo bem. Não aconteceu nada” — repete desconexamente, esfregando os braços com nervosismo. Palavras claramente mais para ela própria do que para mim. — “Eu vou sempre estar aqui com você” — promete.

“Eu preciso que você desapareça da minha frente, Dómina. Agora” — respondo entredentes, contendo minhas presas desejosas de se afundar nela e mostrar tudo que explode em mim. Palavras não refletem meus medos e meus desejos. Talvez, se eu mostrasse, ela entendesse, ou a destruísse. Não posso fazer isso, decido a contragosto.

“Por quê?” — O leve tom de mágoa não me passa despercebido.

“Como você disse, eu estou descontrolado. Eu não quero você aqui!” — eu repito querendo silêncio e desejando rever minhas memórias mil vezes diante de mim, para tirar o gosto amargo que essa experiência deixou em minha boca.

“Eu não vou a lugar nenhum. Eu vou ficar bem aqui, se você precisa lidar com o seu temperamento, lide. Estarei aqui, esperando seu chique passar.” — O sofá afunda com o seu peso sobre ele e eu caminho até a janela, me apoiando no batente, ainda com os olhos presos nela, apesar da distância que me impus.

A respiração profunda e espaçada não é o suficiente para acalmar os meus sentidos e Dómina não colabora, as batidas inquietas e frenéticas dos seus pés se fazendo ouvir alto, claro e constante.

“Eu queria ajudar os meus amigos e não pensei duas vezes, achei que ser uma vampira era ser forte suficiente, não tinha ideia de que um demônio poderia...” — as lágrimas se acumulam em seus olhos, enquanto se defende sem que seja solicitado, e antes que possa terminar eu me aproximo, mas não lhe toco.

“Eu tive medo. Muito medo. Eu fiquei ... apavorada. Eu não queria morrer. Eu queria viver. E eu percebi que eu queria viver por

você. Eu queria voltar para você. Eu queria estar do seu lado. Eu não podia acabar ali. Foi desesperador pensar que eu não te veria de novo. Que eu não seria parte da sua eternidade. Eu só... não sabia, até aquele preciso momento em que eu entendi que a morte é a absoluta inexistência da sua presença. Então eu soube que eu não poderia arriscar a minha vida, porque só nela eu posso encontrar você.”

“Você viveu tão pouco” — reflito pesaroso, abrindo meus braços para ela.

Vejo com todas as letras e contornos que eu não posso simplesmente chegar nos primeiros capítulos da sua curta história de vida e querer controlar sua existência, monitorar suas experiências, suplantar suas escolhas, minar sua confiança. Mas é exatamente isso que o mais profundo centro do meu ser grita para eu fazer.

“Desculpa por ter te escondido a verdade. Não vai acontecer de novo” — Seu pedido inocente me faz sorrir da sua ingenuidade.

“Claro que vai acontecer de novo. Você é nova, tem um mundo inteiro de coisas para descobrir, experimentar. Eu não posso pedir que você seja uma sombra” — o pensamento já crescendo com raízes longas dentro de mim, parece apenas uma resposta inofensiva, mas cresce como uma prece indomada a cada segundo que a ideia permanece.

“Você soou quase tão velho quanto é. Um verdadeiro ancião” — brinca com o rosto molhado, que eu limpo com as mãos. Seu sorriso e alívio iluminam meu coração, já perdido em planos para o seu futuro.

“Você é insuportável, Donna” — confesso, não deixando claro que me refiro ao quanto dela já existe em mim, o quanto tira meu espaço e rouba minha paz.

“Se insuportável você já me ama assim, se eu fosse boa você comia” — o som da minha gargalhada surpreende a mim mesmo,

que fui de pensamentos sombrios e funestos a uma sensação de plenitude intocável em poucos segundos.

“Se você estiver oferecendo...”

Vasculhei minha mente procurando a memória perfeita para desfazer o feitiço em Dómina. Viver tudo de novo era, ao mesmo tempo, uma dor e uma delícia. Quando você vive por milênios, poder dar vida e forma às suas lembranças mais profundas e marcantes é uma necessidade básica, uma habilidade que te mantém são. Por alguns momentos você pode sentir de novo cheiros e sabores que já não te pertencem mais. Sensações preciosas e emoções inenarráveis.

Durante anos essa foi minha forma de alimentar a saudade, as visitas furtivas e momentos roubados não eram o suficiente. Ela podia ter vivido sem mim durante todos esses anos, mas nunca tinha deixado os arredores da minha mente.

Um dia poderei mostrar-lhe, por hora, queria apenas que se lembrasse de quem somos, precisava de uma memória que encapsulasse tudo que vivemos para que as represas que levantei em sua consciência fossem destruídas e a nossa ligação revelada.

Escolhi uma memória e a projetei ao meu redor, ainda estava pequena como uma pintura, aumentei sua escala para que ocupasse todo o quarto e me deixei envolver pelo ambiente, até que não pudesse mais discernir o contorno entre a realidade e a lembrança.

Passado e presente, agora um só. O tempo não existe para quem domina a mente.

“Muito obrigado, mas isso não é o suficiente” — determino cruelmente.

Ela nunca vai saber como é esperar centenas de anos por alguém e quando você encontra finalmente, percebe que tem que deixá-la ir porque não é justo que você lhe roube todas as experiências as quais ela tem direito.

“Eu estou oferecendo o suficiente” — insiste. Suas intenções ganhando força perante o meu olhar. A pura imagem da determinação.

“O quê? O que você quer dizer com isso?” — questiono, acompanhando sua respiração lenta e pesada, procurando foco em meio ao nervosismo da grandiosidade do que vejo se formando em sua mente e que ela tenta imprimir em palavras e dizer.

“Eu estou oferecendo mais” — ela respira devagar, consciente de cada pedaço de ar enchendo seus pulmões apertados de tensão e expectativa, apenas sorrio de sua concentração.

Gostaria de um dia lhe mostrar esse momento acontecendo dentro e fora da sua cabeça. Permito-me desfrutar dele.

“Eu estou te oferecendo eternidade, Kassius” — declara agora com confiança, olhando diretamente em meus olhos, sincronizando o que sai da sua boca com o que vai na sua alma, e sou testemunha desse alinhamento. — “Eu estou te oferecendo o último lugar da fila. Como você mesmo disse e prometeu, você queria ser o último” — relembra minha fala. Parecia ter sido há milhões de anos, mas foram apenas alguns meses.

“Pois seja” — concluo, não num tom de pedido, e sim imperativo, que cobre todas as minhas reticências querendo pular para fora e fazer parte dessa conversa, mas as aperto de volta para dentro, mesmo que resistam bravamente. — “Você ao menos sabe o que está dizendo?” — eu começo hesitante. Não quero quebrar sua confiança e sua coragem, mas preciso que veja, preciso que entenda. “Você não viveu nem meio século ainda, você tem uma vida toda pela frente, Dómina.” — Ando de um lado para o outro, como se convencendo a mim mesmo. — “Você não é mais uma menina, é verdade, é uma mulher em todos os sentidos da palavra, ainda assim, não está pronta para fazer esse tipo de oferta.” — Eu sei que a quero, mas tem um pedaço dentro de mim que não consegue aceitar um sim, de coração aberto. Não sabendo, com toda a certeza, que ela abre mão de tantas coisas sem consciência.

Dómina apenas me observa, mas sinto sua mágoa me cortando em silêncio.

“Não me entenda mal, eu quero você em qualquer momento, por quanto tempo for, mas eu te quero mais para sempre e eu te quero inteira, sabendo que não deixou nada por fazer, nada por viver. Eu te quero de todos os jeitos e todas as maneiras, entretanto, eu te quero inteira só para mim. Uma vez que seja minha, será minha pela eternidade, não poderei abrir mão de você” — tento explicar, alertando. Com receio ostensivo de me precipitar e ser culpado pelo que pode e provavelmente vai dar errado no caminho. Para sempre é muito tempo, eu sei disso, ela ainda não.

“Talvez, eu tenha sido sua desde a primeira vez que eu te vi” — declara calmamente, como se estivesse contemplando cada passo que a trouxe até aqui. — “Você foi me possuindo aos poucos, até que a parte que te pertencia ficou maior do que a que ficou comigo e o que sobrou veio atrás da parte que você trouxe, para tentar ser inteira de novo. Eu estou apenas voltando para casa. Te dando a mão para o resto do caminho” — ela para de falar apenas para se aproximar e apertar minhas mãos, fitando meus olhos antes de continuar. — “Você, aceitando ou não, entendendo ou não, concordando ou não, não vai mudar a realidade”

“O que você tem agora, que não tinha antes? Por que agora?” — questiono a decisão tomada de forma abrupta, genuinamente intrigado. Não sei se com sua sinceridade escancarada ou apenas meu interesse natural em tudo que tem a ver com ela.

“Não é o que eu tenho que mudou. É o que eu perdi” — explica, deixando minhas mãos e dando um passo atrás. — “Eu perdi o medo. Eu não tenho medo de você, ou de quem eu posso me tornar ao seu lado” — e pronto, nessa pequena frase ela expõe sua alma e colide com a minha, verbalizando um medo que sempre ficou restrito aos meus mais profundos e solitários pensamentos, até ouvi-los em sua boca e se agigantarem.

“Eu posso te mudar” — declaro agora apenas a título elucidativo, palavras guardadas, que não tenho vontade de dizer. O tom de ameaça deu lugar a um tom esperançoso e mais sincero. — “Talvez, ao meu lado você se torne a vilã da história de alguém, está preparada para isso?” — eu pergunto, pondo à prova todas as suas declarações anteriores com uma simples dúvida básica, que resume tudo a uma só escolha. Mais uma vez, ela não se deixa intimidar.

Ela não é esse tipo de pessoa. Se você a encosta na parede, ela luta para sair, sempre.

“Uma vez você me disse que nós éramos iguais e isso me acertou como um soco no estômago. Eu passei dias remoendo suas palavras, mais do que o que eu gostaria de admitir, me afetou de um jeito avassalador, porque era verdade” — declara para minha surpresa. — “Você tinha razão” — Um sorrisinho de lado começa a nascer no canto esquerdo da minha boca com sua admissão e lembro do dia específico em que lhe disse isso, mas o sorriso logo morre com a sua frase seguinte. — “Mas você não estava certo. Nós somos iguais sim, porém, você é mais igual a mim do que eu sou a você. E tudo o que tem de ruim está, sim, dentro de mim” — Aponta para o meu peito. — “Dentro de todo mundo” — Aponta para fora, para o que nos rodeia.

Eu continuo ouvindo, sem nada dizer.

“Mas é a escolha de qual monstro eu decido alimentar a cada dia, que nos faz diferentes. Você acha que é o único que quer matar todo mundo que se torne um problema ou irritação?” — questiona retoricamente, com um tom levemente debochado. — “Não” — responde a si mesma antes de continuar. — “Algumas pessoas simplesmente escolhem não o fazer. Talvez, eu possa te ensinar isso. Talvez, eu me torne a vilã de algumas histórias, ou talvez, você seja o vilão de menos algumas. Nós nunca vamos saber se não tentarmos. E nós temos algo que a maioria das pessoas não tem, Kassius.”

“O quê?”

“Uma eternidade para acertar. Uma eternidade para acertar, Kassius” — ela repete para que não haja dúvidas.

“Você está me pedindo em casamento, Dómina Morgan?” — indago já sorrindo. — “Até que a morte nos separe?” — completo num tom sarcástico.

“Sim. Talvez, até depois disso” — ela responde simples, séria e sinceramente. Quebrando a última das minhas defesas.

Corto a fraca distância entre nós a apoiando na mesa atrás dela, sem mais argumentos se eles fossem necessários.

“Eu diria que é um pequeno detalhe que nós sejamos imortais” — digo enquanto me aproximo do seu rosto com a boca.

Seguro sua cintura, ocupando o espaço entre as suas pernas, acariciando a sua coxa com uma mão e o pescoço com a outra, que a guia para um beijo que diz mais do que todas as suas palavras e lhe mostra o que o que ela sempre soube.

Eu a quero de qualquer jeito, em qualquer lugar, a qualquer hora, agora e para sempre. Algumas coisas nunca mudam. Outras estão prestes a mudar.

— Kassius — A voz de Dante me interrompeu, subindo as escadas e abrindo a porta uns segundos depois. Tentei me afastar da realidade, ignorar sua aproximação, manter minhas memórias vivas e cruas um momento a mais, apenas para reviver aquele beijo como se não houvesse mais ninguém ali além de nós. — Kassius. — Dante travou ao entrar, minhas memórias expostas como um filme, ele olhava à nossa volta como se nunca tivesse presenciado magia. — O que é tudo isso? — Sua cabeça ainda acompanhava o movimento das minhas memórias projetadas diretamente da minha mente ao nosso redor.

— Lembranças — indiquei simplesmente. — Estava escolhendo quais mostrar a Dómina primeiro. Você me interrompeu, alguma razão plausível para que considere que pode andar livremente pela casa e aparecer no meu quarto sem ser anunciado ou sequer bater?

Dante ainda observava as imagens das minhas memórias esfumando lentamente, como fantasmas se diluindo em nada, abismado.

— Os olhos dela, a expressão — tentou explicar seu choque, se referindo à jovem Dómina. — Ela era diferente. Quando eu a conheci, esse olhar... ele... eu nunca o presenciei.

— Memórias podem ser apenas ecos do que você deseja guardar para sempre. Talvez, ela se recorde desses mesmos momentos de forma diferente.

— Eu pensei que a conhecia de quase toda a sua vida e a cada segundo parece que ela me esconde muitos segredos. Você, sendo o maior de todos eles. Ela nunca mencionou você. Ela nunca falou muito sobre sua vida humana, era como se ela não tivesse vivido nada até ter sido transformada. E então, isso... — ele aponta os contornos tênues terminando de se dissipar.

— Ela mudou bastante. Como todo mundo que tem tempo. Continua perfeita. Isso era tudo? Se sim, por favor. — Apontei a porta para que se retirasse.

— Ela acordou — avisou, lembrando o que veio fazer, ainda olhando para o espaço agora vazio, como se pudesse tocar minhas memórias de alguns minutos atrás.

Acenei em confirmação e Dante ficou para trás, remoendo o que viu, quem sabe ligando alguns pontos agora. Ele teria que se lembrar de tudo primeiro, antes que eu pudesse submeter Dómina ao processo. Sua antiga ligação a mim, poderia ser vista como uma traição por ela, queria lhe dar uma chance de pensar em como vai explicar que apenas se aproximou dela porque trabalhava para mim.



— Donna? — Bati à porta de seu quarto e esperei que me xingasse, como sinal de que podia invadir seu espaço, e ela não decepcionou minhas expectativas.

Quando entrei, ela estava suspensa na minha nuvem de poder, tateando seus limites, avaliando sua interação.

— O que é isso? — perguntou sem desviar o olhar para mim, testando outra posição, forçando as extremidades da barreira e descobrindo sua adaptabilidade ao seu corpo.

— Uma cápsula de poder, usamos apenas para te manter estável até que o sangue de dragão saia do seu sistema.

— É uma sensação gostosa. Não sei explicar, mas é, é quase como...

— Deitar-se numa nuvem? — ofereço uma opção.

— Eu não teria como saber, mas ainda que soubesse, não é como se estivesse me apoiando em algo, é como se fizesse parte de mim. Isso faz parte do feitiço? Esse sentimento de pertença e acolhimento?

— Sim. Essa cápsula foi conjurada na mesma frequência vibratória que você. É natural que se sinta parte dela, vocês se atraem, se completam, se misturam, vocês são essencialmente feitas da mesma energia.

— Fantástico. Eu queria poder fazer magia. Sou fascinada por ela. Sempre fui, mesmo quando ainda era humana.

— Você pode, na verdade — sua atenção se volta para mim apenas para me contrariar.

— Não esse tipo de magia, não quero usurpar os poderes de ninguém com objetos mágicos, muito menos desrespeitaria as memórias dos que padecem, esperando como um rato que se desprendam dessa vida para me apossar de suas habilidades. Eu gostaria de ser naturalmente mágica, como você.

— Eu posso te conceder algumas habilidades. O que gostaria de fazer?

— E aí está você de novo, querendo me oferecer o mundo — o tom complacente se diluiu num olhar afiado. — Quando me oferecerá a verdade, uma explicação?

— Isso soa mais a você do que qualquer outra coisa que tenha dito até agora. Me diga o que acha que sabe e seguiremos daí.

— Eu posso sair da cápsula?

— Pode, mas não deve, você ainda está conectada aos gladiadores, pode ser drenada sem aviso. Porém, é possível fazer com que não a sinta. Esse nível de expansão — expliquei apontando para a dimensão da cápsula — foi apenas para que não se assustasse quando acordasse. Não queria que se sentisse enfeitiçada sem saber como.

— Falhou terminantemente, isso é exatamente como me sinto — a lutadora dentro dela não perderia uma oportunidade de atacar, ainda que de forma suave.

— Eu pensei ter-te ouvido dizer que era uma sensação gostosa — a provocação velada era óbvia, mas inocente. Não queria provocar sua cólera.

— Pessoas sentem prazer com diversos tipos de atrocidades, talvez, um dos meus seja ser restringida de alguma forma. Ainda assim, gostaria de me sentir alerta e não abraçada quando falar com você.

Modelei a cápsula imediatamente para que se posicionasse sobre ela como se fosse sua própria pele, leve e imperceptível. Ela acompanhou meus movimentos e esperou o aperto em seu corpo, que não aconteceu. Examinou suas mãos, procurando o limite de meu poder, impressionada, mas não totalmente surpresa.

— Obrigada. É perfeito. — A honestidade da sua gratidão me fez dar um passo em frente, ansioso por seu toque.

As recentes memórias de tê-la em meus braços ainda ferviam em mim. A ansiedade de tê-la de novo me golpeou como uma pedrada, reverberando em meu corpo e varrendo minha fachada calma. Fiz o melhor que pude para conter a onda avassaladora de saudade de algo que eu não poderia ter, ainda. Eu não estava propriamente acostumado a não ter o que queria e a mente de Dómina me contava em alto e bom som que ela havia percebido a minha pequena batalha interna.

O fato de que ela se sentia da mesma forma não ajudava em nada. Lidar com os meus impulsos era difícil o suficiente, não suportaria ter que lidar com os dela também.

Indiquei uma poltrona para que se sentasse e me aproximei do sofá perto da porta, mantendo uma distância considerável para que se sentisse confortável. Para que eu me sentisse sob controle.

Sua mente era toda cheia de mãos, o que as dela gostariam de fazer comigo. Onde ela desejava que as minhas estivessem, sua linha de raciocínio clara como cristal, me fazendo retesar os dentes.

— Como tirar o sangue de dragão do meu sistema? — perguntou e eu não vi essa pergunta se formando em sua mente antes que a fizesse. Ela estava brincando comigo, mas nesse jogo eu era Rei.

— Eu posso drená-lo de você. — As imagens que plantei em sua consciência, luxuriosas e malditas, completamente destoante de minhas palavras, a pegaram de surpresa.

Sua respiração se alterou, mas sua expressão se manteve sóbria.

— Como? — Não soube se se referia à resposta ou às imagens intrusas em seus pensamentos.

— Bebendo seu sangue. — O ar do quarto se tornou denso e pesado com a energia que eu tive que conter ao dizer essas três simples palavras, que significavam um mundo de coisas para um vampiro.

— Você quer dizer, se alimentando de mim? — ponderou, sentindo falta do fluxo anterior de imagens que chegaram a sua mente.

— Isso. — A resposta curta e grossa a pegou desprevenida e ela se mexeu na poltrona, descruzando e cruzando as pernas, procurando um espaço que não existia.

— E você conseguiria apenas drenar a parte infectada? — Sua parte racional assumiu o controle do seu raciocínio e eu me preparei para um golpe certo.

— Não. — Ela soube que algo estava por vir, senti sua expectativa aumentar.

— Então qual o ponto? Isso me dissecaria! — As palavras insolentes soaram deliciosas para mim, perfeitas, e sorri antes de completar.

— Não se eu te alimentasse com o meu sangue também. — Estilhaços de tensão, tesão, ânsia e desejo explodiram no seu pensamento.

E pelo rumo que tomavam, eu continuava invicto no jogo que ela não sabia estar jogando há décadas. Quando nos conhecemos, ela levava muito a sério o exercício de manter uma conversa verbal e outra mental comigo. Fiquei feliz em saber que não perdeu essa habilidade totalmente com o passar dos anos.

— Partilha de sangue? Você está propondo uma partilha de sangue entre nós? — Seu tom agora condizia perfeitamente com seu estado mental. — Até os humanos sabem que se deve oferecer pelo menos um jantar à fêmea antes de fazer uma proposta indecente — bufou, cruzando os braços.

Deixei sua mente em paz, não era mais hora de joguinhos.

— É a forma mais rápida e segura. — Era verdade.

— E qual a forma mais arriscada?

— Nós podemos extrair a magia do sangue, ele continuará no seu sistema, porém, o seu efeito será irrelevante.

— Como?

— Algumas sessões de dor excruciante, a única coisa capaz de queimar sangue de dragão é fogo de dragão.

— E onde nós conseguiríamos encontrar um dragão?

— Em Altera.

— Perfeito. O único lugar no mundo onde eu não posso entrar. Perfeito — repetiu, descartando a possibilidade cedo demais.

— Um dragão pode infectar um vampiro apenas com a sua proximidade, como você espera que eu possa...

— Quem sugeriu uma alternativa foi você, para mim, a única opção viável é a troca de sangue. Mas quis saber se existia outra forma. Bom, há.

— Você deve gostar muito do som da sua própria voz — ecoou em minha mente, petulante.

— Prefiro a sua, principalmente quando geme. — Entrelacei uma imagem muito específica a esse pensamento e ela arfou, mas não se conteve e exigiu ver mais.

— Isso foi, isso era, eu, parecia, era como...

— Uma memória? Aceite meu sangue de uma vez e poderei fazer com que se lembre de tudo. Dessas e de muitas outras memórias encobertas nos recônditos da sua mente.

Rasguei meu pulso e deixei que algumas gotas de sangue escorressem. Não a forçaria a me provar, se ela quisesse, teria que caminhar os passos que nos separavam, se me rejeitasse, apenas aceitaria.

Ela deu um passo em frente, corajosa, mas hesitante.

— É possível que neste momento esta proposta te pareça estapafúrdia e completamente fora dos limites da intimidade que você permitiria que alguém ultrapassasse. Eu sei que sabe que nós já nos conhecemos antes, eu sei que quer suas memórias de volta para montar o quebra-cabeça em sua mente, tanto quanto eu quero devolvê-las a você. Eu sei que te incomoda essa necessidade

quase compulsiva que sente de estar perto de mim, de me tocar, eu sei, eu também sinto e tudo vai fazer sentido quando você se lembrar quem somos.

Não toquei sua mente, não querendo interferir no seu processo, não me permitindo espiar o que ia em sua alma.

— Se ajuda, saiba que esta não é a nossa primeira vez. E, Donna? — Sua atenção estava cravada em mim, aguardando minha próxima fala. — Também não será a última.

E com essas palavras, ela deu os três passos que nos dividiam e o toque de seus lábios em minha pele me transportou para um lugar onde só as nossas memórias poderiam nos levar. Desta vez a trouxe comigo nessa experiência quando ela segurou meu pulso com as duas mãos, a abracei por trás, afastei seu cabelo e afundei minhas presas em seu pescoço.

Ela tinha gosto de lar.

CAPÍTULO 7

DÓMINA

Absorvi seu cheiro antes de engolir seu sangue quente em minha boca. Sua presença me preenchendo por dentro, uma névoa espessa que se diluía em mim. Alguma coisa na sua simples capacidade de existir me fazia tremer, desejar, esperar algo que ainda não sabia identificar direito. O meu coração batia ao ritmo da questão que orbitava na minha mente, *quem é você Kassius, quem é você? Me mostre, me explique, me devolva o que me tirou.*

Quando seus dentes cortaram minha pele e ele interrompeu minha corrente sanguínea, esqueci como se ficava de pé, atordoada pela sensação de fraqueza que entorpeceu meus membros de um jeito assustadoramente delicioso. Apenas seus braços que me apertavam e seu peito que dava suporte às minhas costas, me permitiram continuar bebendo dele, mordendo seu pulso como se fosse a única corda me ligando à vida. Cada gole que tocava minha língua provocava em mim um ardor que queimava desde as minhas entranhas até às extremidades de forma devastadora.

Um formigamento ardente se expandia e se espalhava por todo o meu ser, como se o meu pequeno universo interior estivesse explodindo para todos os lados e minha carne fosse pouco para sediar aquele evento.

Apertei sua mão, reposicionando seu pulso, tentando escolher entre me afogar em sangue ou respirar, e a ideia do afogamento nem me pareceu tão ruim. Retirei minhas presas por um ínfimo segundo e a golfada de ar que inspirei intensificou o seu sabor, fresco, pungente, espesso, *meu.*

Sacudi a cabeça tentando espantar o pensamento de posse que surgiu poderoso e corrosivo, mas não consegui. Minha sede era infinitamente maior que a minha vontade e suas presas em meu pescoço junto ao aperto opressivo do seu braço me transportavam para um estado constante de torpor e necessidade latente que não entendia a origem. Era quase antinatural sentir tantas coisas por uma pessoa que eu mal conhecia, a urgência que eu sentia da intimidade e da proximidade era inevitável, irrefreável. Não que eu estivesse tentando, nunca tinha sido adepta de conter meus apetites, mas também nunca estive numa posição onde todas as minhas células gritavam, por favor, e toldavam meus pensamentos.

A fonte da minha sede estava logo ali, mas não parecia ser suficiente, eu queria mais, muito mais. Eu queria saber tudo, sentir tudo, lembrar tudo e queria já, queria junto.

Foi o fechar dos seus lábios na minha jugular e o arrastar da língua determinada ao varrer a pele da base do meu pescoço até ao pé da minha orelha que enviaram uma pulsação diretamente para a minha virilha, que latejou em resposta, em sincronia com meus batimentos erráticos e intensos.

Sua mão subiu nas minhas costelas, me apertando mais, posicionando o polegar entre meus seios e a palma da mão imediatamente a baixo. Meus mamilos enrijeceram, esperando um contato mais direto, frustrados na sua expectativa. Suspendi a minha respiração, segurando um gemido que implorava para ser libertado.

Senti o folego de Kassius na minha nuca e então perdi a batalha, o gemido escapou ao meu controle e senti um sorriso se formando em sua boca, não uma risada, apenas seus lábios florescendo de satisfação.

— Você precisa continuar bebendo, Donna. Por favor, não pare até eu dizer que o faça. — A voz rouca, e afetada pelo mesmo desejo que o meu, provocou uma contração no meu ventre.

E quando me virei de frente para ele, largando seu pulso e olhando em seus olhos, quis por um momento ser seus lábios. Ele

lambeu meu sangue do canto de sua boca e eu desfrutei daquela visão, desejando ser lambida da mesma forma.

Sua mão agarrou meu pescoço, me puxando para mais perto da sua boca num aperto firme, mas suave, que me deixou na eminência de um beijo que não veio. Seu rosnado de frustração por ter me parado a tempo foi o impulso que eu precisava para avançar.

Lambi sua boca, provei seu gosto e qualquer que tenha sido a força que ele usou para parar antes, ela não o conteve agora. Meus cabelos foram puxados da nuca, me posicionando, a outra mão possessivamente em meu pescoço, apertando apenas o suficiente para me manter exatamente onde ele queria pelo tempo que fosse necessário. Quando a sua boca estalou na minha, não precisei de aviso, estava esperando aquela explosão de força e necessidade. O gosto de nosso sangue e saliva misturados me deixaram num estopim de ansiedade por provar mais de seus sabores.

Minha língua foi chupada por seus lábios e dentes, minha boca mordiscada e lambida, sugada e acariciada. Apenas o som molhado do nosso encontro ondulava entre nós.

Ele fazia jus ao nome *Tormenti*, uma tempestade grossa, quente e pesada, que se abatia sobre mim.

Suas mãos desceram para a minha cintura e foi a minha vez de segurar seu rosto para impedir que saísse da posição que eu desfrutava. Ele me levantou, minhas pernas rodearam voluntariamente sua cintura e o simples encostar das minhas coxas no calor do seu abdômen, o roçar da minha boceta por cima das roupas, me fez querer implorar para que se enterrasse em mim e aplacasse aquela necessidade furiosa que transbordava em todos os meus poros. Rebolei um pouco procurando mais fricção, melhor acesso, procurando sua boca mais profundamente, descontando no beijo a agonia do meu corpo.

Ele parou no sofá, suas mãos desceram para minha cintura e as minhas por seus braços, empurrando seus ombros para que se encostasse e eu pudesse olhá-lo nos olhos. Sentada no seu colo me

esfreguei no seu pau, que latejava para mim ainda totalmente vestido, beijei seu pescoço e abocanhei seu queixo, chupando-o devagar enquanto desabotoava suas calças, querendo libertar seu membro castigado pelo tecido.

O gemido gutural cantou nos meus ouvidos enquanto eu arfava em resposta, ele tirou as mãos de mim apenas para me impedir de continuar meu caminho e parou a minha exploração antes que tivesse sua ereção entre as mãos, mas era visível que ele precisava daquilo tanto quanto eu.

Suas mãos seguraram meus pulsos e levaram minhas palmas aos seus joelhos atrás da minha bunda, me apoiando neles, abrindo mais minhas pernas e explorando o interior das minhas coxas, seus polegares rondando minha virilha em ambos os lados quando me puxou para um encaixe mais apertado, colando nossas intimidades, e eu nunca imaginei que pudesse sentir ressentimento de um pedaço de tecido, mas era exatamente isso que sentia pelas nossas roupas.

Ele rasgou minha blusa num único puxão exigente e me acariciou por cima do sutiã, apertando a copa e lambendo a parte superior do meu peito, concentrada em seu aperto. Minha cabeça pendeu para trás e fiquei extremamente consciente do peso da minha lubrificação na minha calcinha. Ele cheirou minha pele até ao pescoço, sem abandonar meu seio, excitando-o com os dedos, o sutiã já baixado rodeando apenas a minha cintura. Apertou minha bunda com a outra mão, enquanto explorava meu colo com boca.

Senti urgência em me posicionar melhor para tirar minhas calças e deitei minhas costas em seus joelhos, flexionando os meus ao seu redor e levantando o quadril sob o seu escrutínio. Seu olhar daquela posição de vantagem queimava minha pele por onde passava e me provocava um formigueiro delicioso.

Contraí minhas coxas sob o seu olhar, mas quando alcancei o botão das calças ele me parou, frustrando minhas intenções mais nobres de me sentar e rebolar nele como a cadela que eu me sentia naquele momento.

Suas mãos estavam prendendo as minhas, minha bunda e parte da extensão das minhas costas em suas pernas, e minhas coxas apoiadas nas suas laterais. Eu tinha a certeza de que ele podia sentir o cheiro da minha excitação, porque exibia uma expressão enebriada de tesão enquanto me dedicava um olhar fervoroso.

— Não. Dómina, se comporte. Pare — pediu quando eu me esfreguei um pouco mais, apoiada nas pontas dos pés, as coxas completamente dobradas forçando nossa proximidade naquele ponto específico, que implorava por ser tocado e estava me enlouquecendo aos poucos. — Dómina. Não. Me escuta — me pediu, me segurando e puxando para cima, me reposicionando em seu colo para que me sentasse normalmente.

Agora nossos olhares quase no mesmo nível, o meu um pouco mais acima, uma vez que o montava. Minhas mãos se apoiaram em seu ombro.

— Qual o problema? Você está pingando de tesão, assim como eu. Por que paramos? — Minha frustração era evidente no tom de voz pesado.

— Um, nós não terminamos o que estávamos fazendo. Você precisa beber mais para que eu possa continuar drenando o veneno do seu sangue. — Abri a boca para responder que foi ele que começou, mas estalou um beijo nela, me calando com seus lábios. — Shiu, deixe-me acabar — pediu. Mais um beijo do canto da minha boca molhada. — Dois, eu prefiro não te foder sem que você saiba quem eu sou.

— Kassius Tormenti, lindo, gostoso, proprietário do meu tesão e fresco demais para minha sanidade mental. Prazer, Dómina. Sendo esse nosso segundo encontro, acho que você já pode me comer, então.

A minha tentativa patética e desesperada, completamente fruto da frustração sexual que ele nos impunha, apenas o fez rir com vontade e força. A gargalhada moveu nossos corpos e meu semblante mudou.

Me custava acreditar na sua recusa quando o seu pau estava implorando o contrário entre as minhas pernas. E me emputecia saber que ele ainda era dono do seu controle quando eu já tinha mandado todo o meu para o espaço na primeira lambida.

Embora estivesse tomada pela certeza de que precisava dele dentro de mim o mais breve possível, eu ainda tinha reticências quanto ao que representava, quanto à sua presença e ao que significaria na minha vida. Não era porque ele achava que com as minhas memórias as coisas se acertariam que isso iria necessariamente acontecer, afinal, eu era outra pessoa se comparássemos à época em que ele me conheceu.

Talvez, eu me lembrasse e ele não significasse absolutamente nada do que tinha esperança, mas, ao mesmo tempo que eu era capaz de forçar uma linha de pensamento lógico, meu corpo clamava uma saudade que eu não reconhecia. Porém, sentia e aceitava, não podendo ignorar a sua força que permeava e trespassava todas as minhas dúvidas, tão pequenas perto do que parecia importar naquele momento.

— É o meu sangue. Não precisa ficar chateada, é o efeito do meu sangue em você. São as primeiras reações ao meu poder ressoando no seu corpo.

— E lá vamos nós de novo com você invadindo minha mente.

— Você não pensa, você grita, nem sempre posso evitar escutar, muito menos quando você está cheia do meu sangue em seu sistema e eu ainda sinto o seu na minha boca. Peço perdão adiantando, porque vai acontecer de novo.

Gemi frustrada e gesticulei com a mão, dispensando a seriedade pacífica na sua voz, que ameaçava me tirar do sério, e tentei me levantar.

— Perdão. Não se chateie comigo, — suas mãos me seguraram com carinho e firmeza — por favor.

Seus dedos correram meu rosto, desceram pelo meu pescoço e as costas da sua mão roçaram meu peito, desenhando

meu abdômen e pousando em meu quadril.

— Não pretendo irritá-la — prometeu com honestidade no olhar. — Eu quero responder todas as suas questões, tanto quanto você quer tê-las respondidas. Eu quero te dar tudo que deseja e ainda mais.

— Sinto muito, pois, falhou de novo. Você não é lá muito eficiente nas suas convicções, não é mesmo? — A energia acumulada no meu corpo pulsando em mim não me permitia ser educada numa hora dessas.

Sua mão pegou meu cotovelo, acariciou o meu antebraço e seus dedos se entrelaçaram nos meus, o polegar abrindo minha mão e esticando a minha palma, reposicionando meu pulso que ele logo segurou, enquanto me oferecia o seu pescoço.

Quando voltei a sentir seu gosto em mim, não sabia se buscava por equilíbrio ou por prazer, qualquer sensação de excitação e desejo que eu tivesse sentido antes era apenas uma sombra comparado com aquele momento. Se aquilo era efeito do sangue, eu seria capaz de drená-lo até à inconsciência para continuar experimentando aquele eclipse total dos meus sentidos.

Era difícil de aceitar que alguém como eu, tão apegada ao controle e comando, estivesse desfeita e consentindo à sua total dominação sem oferecer qualquer resistência. Eu me sentia capaz de implorar. Meus pensamentos nunca veriam a luz do dia, se existia algum controle ainda em mim que me permitisse manter minhas vulnerabilidades silenciadas.

Aquela boca perfeita seria minha maldição de tantas formas, eu sabia e mal podia esperar para sentir o mundo derreter ao nosso redor.

Os ombros de Kassius caíram quando ele respirou fundo, me dando maior acesso, cada pedacinho da minha pele vibrava de acordo com as batidas pesadas do meu coração.

Seu abraço era quente e estimulante e me deixei desfrutar da sensação de possuí-lo da única maneira que me era permitida.

Tesão ainda invadia a minha pele, quente e intenso. Ele estremeceu sob mim, seu gemido ganhando força e forma, e eu fechei os olhos e deixei que minha mente o torturasse como ele fazia comigo, completamente abandonada em seus braços.

Senti seu descontrole quando as primeiras imagens da minha consciência chegaram, ele estreitou os olhos numa expressão confusa de abandono e num pedido silencioso para que me comportasse como me pediu mais cedo. Eu me comportaria. Mal, muito mal.

Sua mão estalou pesada e rude na minha bunda e meu grito de surpresa pelo tapa violento rapidamente se transformou num gemido. Deixei seu pescoço para admirar seu rosto e sua expressão misturava desespero e alívio.

Senti o ar sair de mim inflamado de desejo e atingi-lo, causando o exato efeito que eu buscava, tornando aqueles instantes ainda mais desesperadores. Ataquei a sua boca e deixei que nossos fluidos se misturassem.

Ele parecia sofrer de prazer, fiz questão de inundar sua mente com imagens de como seria me lamber, de como seria me foder. Suas mãos abandonaram meu corpo em rendição, ele apoiou sua cabeça nas costas do sofá, minhas mãos seguraram na borda atrás dele, pronta para pegar o que me pertencia.

Mas sua boca me sorria, transbordante de mim, do meu sangue, da minha luxúria e volúpia.

— Dómina. — Ele segurou meu braço, impaciente e condescendente ao mesmo tempo. Colocou minhas mãos nas suas têmporas, respirou fundo, contou de dez a zero para se acalmar, me dando acesso à sua consciência, e eu fui obrigada a sustar minha respiração.

Não era todos os dias que alguém te deixava vasculhar suas entranhas livremente. O meu nervoso se refletiu em seu olhar preocupado, entendi que ele me faria lembrar de tudo naquele exato momento.

— Eu quero que você me veja, Dómina. — Ele fez um carinho no meu rosto, beijou minha bochecha e minha boca. — Dentro e por inteiro. Eu quero que você veja tudo. Todo eu, e se reconheça no melhor de mim.

Minha hesitação provou a minha apreensão, aquele pedido soou como uma ameaça velada, mas a curiosidade estampada no meu rosto não deixava dúvidas de que eu queria, sim, entrar na sua mente e invadir os limites da sua consciência.

O meio sorriso nos seus lábios dizia: “Se quiser que eu pare, é só pedir”. Mas eu não pediria. Eu não pediria para parar, não pediria para sair.

Ele conseguiu concentrar meu total foco e atenção no segundo em que senti um estouro dentro de mim que me pegou desprevenida, me paralisou por uns segundos. A devastação do seu olhar anestesiou meu senso de existência e por um momento me senti apenas uma extensão dele, pequena e indefesa, uma peça de um quebra-cabeça incompleto largado numa caixa, num canto escondido. Por alguns instantes revi meu universo pessoal através dos seus olhos, de dentro para fora numa velocidade vertiginosa.

Comecei a perceber suas memórias reverberando para mim, como um eco que perdia intensidade depois de experimentado. A sensação era de que enquanto o explorava, também estava limpando em mim todos os artifícios que usei na vida, camada por camada, me revelando como eu verdadeiramente era no caminho, mostrando como me esforcei, sem intenção, como lutei com todas as minhas sombras para poder mostrar minha luz por todo o tempo que consegui.

Ver as minhas memórias nas suas, era como encontrar uma parte de mim que suprimi e que tinha tanto direito ao protagonismo quanto a outra. Minhas falhas e imperfeições gravadas em flashes flutuantes e violentos.

O silêncio à nossa volta brigava com o ruído dele revirando suas gavetas interiores para me encontrar, como se fosse dono de tudo e estivesse apenas me devolvendo o que levou.

Nunca pensei que eu pudesse me sentir mais inteira enquanto era despedaçada.

CAPÍTULO 8

KASSIUS

— Você precisa se acalmar, não é nada de mais. Olhe para mim, se concentre na sua respiração, confia em mim, Donna. — Tentei me aproximar, fitando seu olhar que varreu o perímetro à sua volta, analisando, decidindo, se debatendo com as novas memórias, contornando seus pensamentos e realinhando seus desejos e impulsos.

Seu instinto era me afastar, se defender, se recolher, uma reação que não durava segundos até que as lembranças estilhaçassem suas dúvidas.

O meu tom de voz soava demasiado alto e divertido para a situação. Dómina tinha destruído um quarto e duas salas com meus poderes e eu estava achando o máximo. Ela também, mas ainda não tinha ultrapassado o assombro desesperado de não ter controle algum sobre seu próprio corpo.

Ela gritou quando suas mãos ficaram incandescentes, de novo.

— Dómina, isso não dói. Relaxa. — Ela se debatia com o impulso de tentar apagar o fogo, abanando as mãos o mais rápido possível.

— Quanto tempo isso vai durar? — Suas mãos voltadas para mim e seus cabelos, que começavam a esvoaçar com o vento provocado por ela mesma, fazendo um leve redemoinho dançar ao seu redor, davam a sensação de que ela estava na eminência de levitar.

Eu sabia que não aconteceria, vampiros não voam, mas sentia a expectativa da sensação em sua mente e me contive, tentando a sentar para assistir aquele momento em particular.

Eu sempre gostei de observar atenta e intensamente os momentos que sabia que revisitaria algumas vezes ao longo da existência. Aquele era um deles.

Dómina era deliciosa. Feliz. Com raiva. Frustrada. Possessa. Apaixonada. Homicida. Tantas versões dela quanto houvesse, eu amaria a todas e só conseguia me sentir feliz por tê-la de volta, ainda que ela estivesse tendo dificuldades em ajustar a linha do passado e presente dentro de si.

— Você bebeu muito sangue, vai demorar um pouco até que os efeitos se acomodem — respondi orgulhoso. — Você está assimilando minhas habilidades, elas estão se revelando aos poucos, se tiver calma e lhes permitir que encontrem seu caminho, o processo será prazeroso. A sensação de ser tomada pela magia é quase tão boa quanto...

— Ser tomada por você — completou, lembrando minha frase antiga. — Você é ridículo, Kas.

E ali estava, a centelha de intimidade que passou completamente despercebida a ela, mas que significava o mundo para mim. Aquela pequena, singela e quase patética palavrinha que eu não ouvia há quase duzentos anos, teve gosto de saudade, e precisei de um segundo para me recompor do seu efeito nostálgico.

Ela levantou suas mãos com as palmas voltadas para cima, moldando a densidade mágica crescente entre os dedos, e quando as libertou, trazendo os braços para baixo com força, procurando relaxá-los, o chão por baixo dos nossos pés se abriu numa cratera forjada de um estalo violento e agudo, que perfurou nossos ouvidos como se fosse um raio embatendo em metal.

E ela evitou respirar após o estrondo, seu corpo completamente paralisado, buscando ajuda em mim com um olhar de urgência.

— Não tem problema. É apenas poder. — Me juntei a ela e rodeei sua cintura com um braço, trazendo-a para perto de mim.

Beijei seu rosto e aspirei seu cheiro, a minha magia exalando dela tinha uma fragrância impossível de replicar.

Há poucas coisas que a memória não pode recriar, uma delas é o cheiro. *E como eu senti falta desse.* O odor do meu poder transbordando dela era abrasador e voraz. Rangi meus dentes e respirei com cautela, porque precisava conter o ímpeto que me varria e era tão bem-vindo quanto o ar que eu respirava todos os dias. Tão necessário quanto, talvez, até mais. Algo tão elementar e primordial, que você não se dá conta que precisa até que perca. Esse cheiro me atingia num nível medular e era penosa a tarefa de contenção do meu proceder.

Eu nunca fui uma criatura dada a sentimentos tão mundanos quanto ciúmes, mas o arrebatamento de posse visceral que me invadia em momentos assim era quase irreprimível.

— No caso de você não ter percebido, o chão está se despedaçando — Dómina avisou, perante meu silêncio e rigidez.

Suas mãos tocaram meu rosto e seu polegar percorreu meu lábio inferior, enquanto sua língua molhava o dela.

— Você pode me beijar, sabia? Não precisa pedir nem nada — brinquei com a devoção do toque delicado, quando o que eu queria era que, agora, sim, ela pedisse para ser fodida e possuída sem restrições.

— Até umas horas atrás você estava se fazendo de donzela intocada, agora...

Interrompi suas palavras, apertei-a mais em meus braços e a esmaguei contra a parede mais próxima, que cedeu com o impacto. Beijei a sua boca com força e profundidade. Ela reclamou, resistindo a ser dominada, libertei suas mãos e deixei que também brincasse, sentindo imediatamente seus músculos relaxarem de forma absoluta enquanto eu iniciava uma trilha de beijos no seu corpo.

Provei a pele do seu pescoço, lambi seus seios levemente, provocando, prometendo com a língua e sem a necessidade de uma única palavra, mordi sua barriga devagar, enquanto desabotoava cada um daqueles malditos botões com uma calma agonizante.

Me ajoelhei aos seus pés e a adoração que reconheci em seu olhar era o que me dominava e fazia dependente dessa fêmea por todos os dias da minha vida. Doentiamente dependente e refém daquele par de olhos embevecidos.

Ela me puxou de volta para cima e sua perna encontrou lugar no meu quadril, acariciei toda a extensão da carne macia e quente da sua coxa até chegar à sua bunda, que apertei cravando meus dedos com uma brutalidade desnecessária.

Seus lábios vibravam nos meus numa demonstração de desejo primitivo e pulsante, seu corpo tremia, acolhendo a mistura da magia e do prazer que transbordava em seus gemidos quase sufocantes.

Suas mãos buscavam apoio em meus ombros, quando suas pernas começaram a fraquejar, eu sabia que era demais para ela, mas não resistia a testar os seus limites.

Percebi o poder ondulante se impulsionar através de nós e seus braços perderam controle, socando a parede e abrindo mais duas fendas nela.

— Droga. Que droga! — Sua atenção se desviou para o estrago e foi como se ela estivesse vendo aquilo pela primeira vez, seu olhar fitou as fissuras em cada um dos lados, evitando tocar em mim com suas mãos. Depois olhou para a cratera no chão e renegou com a cabeça.

— Nós estamos destruindo a casa toda — constatou, justificando para si mesma ter parado o que estávamos fazendo, suas mãos ainda longe do meu corpo, zunindo com eletricidade estática.

— Você não pode me machucar. Sabe disso, não é? — Achei melhor esclarecer, para que retornasse seu toque.

Ela estreitou seus olhos inquisitivos

— Aposto que as paredes também achavam que não podiam ser quebradas por algo aparentemente mais frágil do que elas.

Meu sorriso se desfez em uma risada deliciosa.

— Elas te conhecem, não te subestimariam dessa forma. — Afastei seus cabelos do pescoço, acariciando a suave linha da sua mandíbula.

— Eu tenho poderes. Seus poderes. E embora eu me recorde deles, aparentemente, meu corpo não se lembra o que fazer. — Ela deixou que sua cabeça recaísse, batendo de leve contra a parede nas suas costas.

— Nós vamos conversar então. — Suspirei levemente decepcionado, buscando distância do seu corpo e tentando suprimir o quanto precisava me enterrar na sua carne.

Respirei fundo, invoquei todas as forças da boa educação e controle e lhe ofereci a mão para me acompanhar.

— Acho melhor que o façamos antes que restem apenas escombros da *nossa* casa.

E ali estava outra palavrinha inocente que tinha o poder de abalar as estruturas mais poderosas que alguma vez construí.

— Eu poderia te foder sobre os escombros sem piscar uma única vez, incomodado. E casas, nós temos outras, não se apegue a essa — respondi. Meu discurso completamente defasado em relação a como me sentia de fato.

Ela riu, trazendo suas mãos às minhas e apertando de leve, então me deu um beijo rápido e estalado.

Eu tinha esquecido por um segundo sônico que ela podia, agora, ver também em minha mente e que minhas palavras, embora verdadeiras, foram vazias perto do poder dos meus sentimentos que estavam ali, escancarados para que ela explorasse sem contenção.

— Como você pôde se manter longe durante tanto tempo, Kassius? — A pergunta era simples, mas significava tudo. — Como

pôde renegar o clamor do sangue? Eu mal posso suportar tudo isso sem querer gritar para liberar o frenesi dentro de mim.

— Não posso drená-la para suavizar o efeito, mas a influência do sangue vai diminuir e esse descontrole vai desaparecer, eu prometo.

— O tesão também? — provocou, sorrindo como a boa cretina que era.

Sua mão percorreu meu rosto e ela montou em mim, eu ainda em pé, sustentando seu peso. Seus braços rodearam meu pescoço e as pernas se cruzaram ao meu redor. Ela encostou sua testa na minha e se esfregou, dando uma leve rebolada, procurando uma posição confortável e se acomodando.

— Por que exatamente você decidiu me torturar? — Dei alguns passos para trás, alcançando o sofá onde nos sentei.

— Eu posso ver suas memórias enquanto estiver com seu sangue circulando em mim, não é?

— Sim.

— Eu quero ver o nosso primeiro encontro. Eu quero te ver de novo pela primeira vez.

— Seu desejo é uma ordem, meu amor. — Minhas mãos subiram pelo seu corpo, tirando proveito de cada pedaço de pele exposta no meu caminho até seu pescoço.

Rocei meus polegares em suas maçãs do rosto, inspirando fundo seu cheiro delicioso, e me concentrei para trazer suas memórias e espalhá-las à nossa volta, para que ambos pudéssemos desfrutar daquele momento, juntos. E quando encontrei a memória que procurava, também me deparei com uma resistência para trazê-la à superfície.

— Respira fundo. Sou só eu. Nós fizemos isto dezenas de vezes, o seu corpo se lembra como é. Permita que ele te guie, se permita ser dominada. Apenas se abra para mim.

A memória não se destacou das outras, então tentei combater a sua relutância em se abrir completamente expondo mais ainda a minha mente para ela, deixando que participasse do processo, do momento, da sensação de segurança que era tê-la presente na minha consciência enquanto submetia minhas memórias aos meus poderes e as expurgava de minha mente, trazendo-as claras e vívidas ao nosso redor.

O seu sorriso se abriu gigante ao reconhecer o lugar em que nos vimos pela primeira vez. Um puteiro de luxo que eu frequentava assiduamente e ela visitava pela quarta vez, trazida por Coen, que estava lhe apresentando os prazeres da existência em sua nova forma vampiresca.

Sinto seu cheiro antes do baque surdo do meu coração galopante, que se faz sentir nas minhas costelas. Sei que é ela, minha Sanguini, minha parceira de sangue, de todos os lugares que imaginei encontrá-la, e foram vários, aqui nunca tinha sido um deles.

Saboreio a sua presença e me detenho de me virar e ver a dona do corpo que envia sinais claros para o meu. Como um satélite natural, meu corpo subitamente necessita orbitá-la e a urgência trespasa-o me mantendo atônito no exato lugar onde estava, sem querer me mover ao seu encontro, me preparando para o impacto de conhecê-la.

“Você tem aqui um belo antro, minha família ficaria escandalizada de imaginar que existe um lugar como este e de que eu o frequento, se eu tivesse uma família, é claro” — o tom da sua voz apenas adiciona um gosto picante na minha boca. Como se pudesse saborear seus sentidos se revelando.

“Oh, minha menina, todas as famílias conhecem lugares como este, até sua versão patética e humana, é claro, sem querer ofender sua forma anterior — acrescenta Coen, antes de continuar. — Eles apenas restringem a diversão e conhecimentos aos machos de sua espécie, então, seja bem-vinda à nossa. Aqui você nunca terá que encobrir ou esconder nada, nunca terá que renegar seus

instintos e desejos por ser uma fêmea, nunca terá que se preocupar com o que é esperado de você. Aqui seu único objetivo deve ser apenas e só experimentar o prazer sublime de ter todos os seus sentidos aumentados e aprender a desfrutar deles plenamente.” — O desprezo de Coen pelos humanos é claro no seu tom de voz condescendente, na forma com que se refere a eles.

Ela sempre julga a maneira deles de separar suas fêmeas como se fossem frágeis e inferiores, subjugadas e desconhecedoras de seu poder e sua força.

Coen havia visto sociedades matriarcais se desenvolverem do cerne e ninguém nunca a convencerá de que machos foram feitos com alguma habilidade para liderar quem quer que fosse, muito menos suas fêmeas, naturalmente dotadas da vontade de acolher e converter até mesmo seus exércitos em famílias.

Ela olha para mim. Sinto seus olhos repousando em minhas costas e rodeio meu pescoço em meus próprios ombros, acolhendo a sensação poderosa da ligação querendo se estabelecer.

“Eu não acho que consiga fazer isso, Coen.” — ela responde e eu me viro em tempo de ver seu olhar hesitante na direção de Coen. Um som gutural escapa da minha garganta quando seus olhos encontram os meus.

Tudo à nossa volta desaparece, inclusive o som, o silêncio absoluto nos envolve e eu não sei se é impressão minha ou se eu estou provocando essa alteração no ambiente sem intenção.

Ela dá um passo na minha direção, eu não me movo, cada onda provocada pela sua fraca proximidade me alimenta de um tipo de energia diferente e eu estou automaticamente me tornando um colecionador de toda e qualquer coisa que venha dela.

“Dómina, te apresento Kassius Tormenti. Ele poderia, com certeza, te orientar, se assim o permitisse.”

Não suporto a ideia de tocar sua mão e beijá-la como manda a etiqueta, não que seja esperado que o faça num lugar como esse e de criaturas como nós.

Tocá-la pode desencadear uma tormenta de emoções que eu não tenho a certeza de ser seguro sentir na presença de tantas outras criaturas que podem se extinguir em segundos, caso eu perca o controle.

Meu sangue roga para que me aproxime, mas resisto bravamente, acenando apenas com a cabeça enquanto ela me examina com cuidado, levemente intimidada, mas confiante pela presença de Coen ao seu lado.

“Dómina.” — Saboreio o gosto das sílabas do seu nome e é delicioso, quero repetir.

“Senhor Kassius” — me cumprimenta de volta. Senhor, eu irei adorar ouvi-la me chamar de Senhor quando estiver implorando.

Perto dela tudo era mais intenso, seu toque, a ausência dele, até revisitar memórias que eu sabia decor. Deixei que as minhas memórias se desvanecessem sob seu olhar gentil e indulgente e procurei novamente abrir as dela. Queria ver as coisas pelo filtro do seu olhar, essa seria uma experiência nova para nós os dois.

Apenas ela poderia me proporcionar alguma primeira vez depois de quase dois milênios de existência. Mas, novamente, encontrei resistência da parte dela e me resenti de que me bloqueasse daquela forma.

— Por que não permite que eu entre?

— Por favor, faça-o, eu quero continuar vivendo aquele momento. — Seu entusiasmo não coincidia com a barreira que subia em sua consciência.

— Você precisa deixar, não posso forçar suas memórias para fora da sua cabeça.

— Não?

— É claro que posso, mas não o farei. Seria extremamente dolorosa a experiência de ter suas lembranças manipuladas contra a sua vontade.

— Mas é da minha vontade, eu quero ver — ela disse a verdade e isso me preocupou.

Acariciei sua memória, seduzindo-a, ordenando que se libertasse, pedindo que abrisse espaço para poder ser envolvida pelo meu poder.

Nada.

Nenhuma reação.

Ela suspirou, ansiosa, aguardando. A frustração veio como uma lufada de ar pesado e quente. Grudenta e incomodativa.

Tentei de novo, forçando levemente, apenas um simples arranhar...

Seu corpo retesou no meu colo e ela conteve um grito de dor, querendo aquela experiência mais do que eu, que segurei sua cintura e a levantei com rapidez.

Minha respiração completamente descompassada e lunática não lhe passou despercebida, seu corpo imitando o descontrole do meu e destruindo mais alguns objetos no processo.

Ela se encolheu com os estalos das coisas sendo quebradas e explodidas à sua volta, tentando se concentrar em mim, vasculhando sua mente como um criminoso, procurando o seu olhar, a sua visão, a sua versão, suas sensações e emoções e não encontrando absolutamente nenhuma.

As paredes começaram a tremer com o esforço desumano que ela estava fazendo para resistir à minha invasão, sem saber que eu não estava fazendo nada de mais, apenas observando, procurando, caçando como um predador.

E quando encontrei o que queria, me concentrei e o grito de agonia veio, mas não foi da boca dela. Foi da minha.

Os lustres se suicidaram como resposta ao seu nervosismo crescente.

— Essas não eram as suas memórias — tentei explicar inutilmente. — Elas eram minhas, tudo que acha que se lembrou,

você apenas viu. Você estava vendo as minhas memórias o tempo inteiro, as suas continuam protegidas como uma fortaleza, intocadas. Eu posso vê-las, consigo quase tocá-las, mas não consigo trazê-las ou te dar real acesso a elas. Não consigo manipulá-las fora do conforto da sua consciência.

Aumentei a distância entre nós, recebendo um olhar magoado da sua parte e a força da sua mágoa explodiu o que o restava do chão, nos fazendo ser engolidos pelo buraco que se formou no meio da sala. Caímos junto aos escombros, eu conjurei um escudo para nos proteger do impacto, mas ela conjurou outro que me arremessou para longe, trespassando outra parede com a força do impulso obstinado.

A poeira do concreto desfeito era um véu de nevoeiro que toldava a minha visão. Cobri Dómina com uma cápsula protetora, para contê-la e impedi-la de machucar a si mesma, e forcei seus limites para que ficasse quieta.

Ela reagiu sem querer, forçando de volta, e ficamos numa pequena disputa nos contornos da cápsula com a qual tentava envolvê-la. Mesmo tentando ser cuidadoso, poderia feri-la se resistisse, tentei me aproximar enquanto dava forma à sua contenção. Foi mais fácil da vez anterior, quando estava dormindo.

— Eu diria que é de mau tom entrar na casa dos outros sem ser anunciado, mas a porta estava aberta — a voz do meu irmão soou do resquício da entrada tombada da casa.

Ele estava de pé, em cima de alguns restos de madeira, analisando o cenário à sua volta como se aquilo tudo se tratasse de uma pintura e não de um amontoado de destroços e ruínas.

— O que você está fazendo aqui, Killian?

— A única pergunta que precisa de resposta neste momento é: como se atreve a conter sua parceira com uma coleira, como se ela fosse um animal? Liberte-a imediatamente.

— Ela está totalmente fora de controle. Olhe para ela.

Dómina agora experimentava um rompante de ódio despropositado e irracional, apenas um reflexo do meu, e nos fitava com um olhar assassino.

— Você a alimentou com seu sangue? — Killian quase gritou.

— Sim.

— Por que você faria algo tão estúpido assim sozinho?

— Não foi a primeira vez! Nós partilhamos sangue outras vezes, a reação ao meu poder não deveria ser tão intensa. Mas ela não se lembra. E eu não consigo fazê-la se lembrar. Há algo de muito errado com ela.

Dómina se encolheu com minha fala, mas foi Killian que ficou furioso, captando sua emoção.

— Modere suas palavras, Kassius. Você está falando com a minha Rainha, mostre algum respeito! — Percebi a fúria nos músculos do seu rosto antes que ele a deixasse transparecer na voz.

O seu rosnado territorial e soberano reverberou antes de sua ordem imperiosa e suprema:

— Solte-a. Agora.

CAPÍTULO 9

DÓMINA

Há algo de muito errado com ela...

Você está falando com a minha Rainha...

Meu coração comprimiu no peito quase ao ponto de se transformar em pedra. O peso das palavras de Kassius despertaram em mim dolorosas memórias do meu relacionamento com Sebastian. A sua obsessão em me consertar, me refazer, me forçar a ver as coisas do seu modo, em apagar o que eu era de verdade e me moldar sob o domínio dos seus valores e desejos.

Ele nunca me considerou digna. Nunca lhe bastei. Nunca fui o suficiente para que colocasse os meus interesses em primeiro lugar. Para que me colocasse como prioridade. Nunca fui sequer seu top dez.

Me lembro da displicência com que me tratou quando denunciei seu negócio de contrabando de sangue mágico para os humanos à Enigma, à Vale. Seus argumentos, desfazendo de todas as minhas crenças de lealdade e respeito. Descartando minhas convicções. Rebaixando todo o meu sentimento de traição da parte dele a um nível desprezível de irrelevância.

Ele me fez insignificante aos seus olhos.

Quando o torturei no interrogatório, a mando da Vale, como prova de que não estava envolvida em seus crimes, ele nem sequer teve a decência de se sentir mal por mim.

Me tratou com escárnio. Ainda se sentia no controle, mesmo com minhas adagas rasgando sua carne como se fosse papel.

A sua certeza de que aquilo doía mais em mim do que nele o manteve forte e altivo durante todo o interrogatório.

Eu passei a minha vida inteira estudando a evolução das criaturas na nossa sociedade, venerando o poder das linhagens, sonhando com Altera. E enquanto me dizia palavras doces de incentivo, usava minhas pesquisas para adquirir as melhores estirpes de sangue e vender aos humanos para que o usassem da maneira mais vil possível.

Eles consumiam sangue mágico como se fosse um entorpecente qualquer. Um momento de loucura atípica que os faziam ver estrelas e ter experiências que não sabiam explicar. Ter acesso a sensações que nunca poderiam entender numa só vida.

Não os julgava por buscar sentir isso, era exatamente por isso que eu queria meu lugar em Altera. Mas eu queria do jeito certo, não usurpando o poder sagrado e consagrado que corre no sangue de cada herdeiro de cada linhagem sobrenatural, perdida ou encontrada, nesse mundo tão grande.

Mas Sebastian era um feiticeiro. Ele sabia exatamente o que estava vendendo, o que estava roubando... E a troco de quê? Nunca fui capaz de entender, ele nunca foi capaz de explicar, e o abismo que se criou entre nós, nunca diminuiu desde esse momento.

Desde o dia em que me senti tão rebaixada e preterida, que num impulso de mágoa e um rompante vingativo, tentei assassiná-lo em frente a todo conselho da Ordem de Elite da Alta Sociedade Mágica, cometendo assim, um crime ainda pior do que o dele.

Uma conhecida sensação de náusea invadiu meu estômago e eu senti aquela bola de fogo fervente e ácida rasgando minhas entranhas, caçando uma saída, e quando o vômito alcançou minha garganta com violência, eu me dobrei com a dor da convulsão que comprometeu meus músculos e espalhou uma dormência paralisante pelos meus braços.

Era como se todo o meu sangue tivesse parado de correr na parte superior do meu corpo e tivesse se acumulado, pesado e quente, apenas em minhas pernas, que me mantinham pregada ao chão como um bloco de ferro.

A pressão na cabeça alterou a forma como escutava, eu sabia que eles tinham se aproximado de mim, mas não sentia seu toque além do formigamento doloroso que cada novo jato de vômito trazia.

Me concentrei em respirar.

Respire.

Tente se acalmar.

Respire fundo.

Olhe para mim.

Nem sequer conseguia dizer se as ordens que entendia eram ditas para mim, ou ouvidas apenas pela minha consciência, talvez, fosse apenas um pensamento que eu estava escutando. Não tinha discernimento o suficiente para entender.

Os capilares ao redor dos meus olhos estouraram, espalhando pequenos veios de sangue pelo meu rosto, e quando o refluxo bruto e desmedido me deu um segundo de trégua, apenas respirei fundo, sentindo algumas lágrimas escorrerem.

— Não toque nela, Kassius. Saia. Agora. Chega. — Consegui ouvir a voz de Killian. *Sua Rainha*, o que ele queria dizer com isso?

— Eu não posso deixá-la assim. Não consigo — Kassius recusou, relutante.

— Você a está deixando assim. Ela não está sozinha, eu cuido dela. Apenas saia de uma vez — a ordem era clara e eu sentia a indecisão de Kassius, seus pensamentos correndo em *flashes* rápidos, que minha recém-adquirida habilidade não permitia decifrar rápido o suficiente antes que se desvanecessem.

Levantei a cabeça, testando meu equilíbrio, querendo olhar em seus olhos e não apenas em sua mente.

Se eu conseguia acompanhar o fluxo dos seus pensamentos, ele também devia ter seguido de muito perto os meus.

Culpa com um toque de ressentimento impressos nos seus olhos, pungentes de preocupação. Queria me desculpar por tê-lo comparado a Sebastian, ainda que apenas por um segundo. Eu podia não me recordar de toda a nossa história, de tudo que vivemos juntos exatamente, mas ele sim. E se Kassius se lembrava bem, a sua existência se resumia a melhorar a minha nos últimos quase duzentos anos, em me proteger e cuidar para que nunca me arrependesse de ter lhe dado a mão.

Ele tinha vindo me buscar agora, mas nunca havia me deixado completamente. Ainda que eu nunca tivesse notado que ele esteve sempre lá.

Queria ter sabido disso. Queria não ter sido engolida pela solidão. Queria ter sido tão feliz como ele achava que me encontrava quando me via. Queria que a visão daquela mulher que ele amava tanto correspondesse a quem eu era. Mas eu sabia que ele estava prestes a descobrir que estava redondamente enganado e aquelas memórias eram apenas isso mesmo, memórias, eu já não era a mulher que ele deixou há cento e setenta e oito anos.

A sua devoção era notável, mas despropositada. Quanto mais cedo percebesse isso, mais fácil seria para nós dois.

O laço da parceria de sangue bradava contra os sentimentos que me varriam, o reflexo de segui-lo quando obedeceu a Killian, me deixando para trás, foi difícil de conter. E a ferocidade com que senti a sua ausência foi quase maior que a força da sua presença.

Eu estudei a união sanguínea de muitos casais para Enigma, mas sempre me pareceu uma espécie de acordo genético, mais do que um laço propriamente dito. Mas agora, conseguia perceber que não importava o que acontecesse, não suportaria ficar longe de Kassius por muito tempo. Me sentia doente apenas de o ver deixar o mesmo espaço que eu e não estava sabendo lidar ainda com esse vício, essa ânsia cativa que nos conectava.

Quase sentia pena dele. As minhas memórias foram apagadas e só assim fui capaz de sustentar a distância que ele impôs entre nós. Mas ele, ele se lembrava de absolutamente tudo nos mínimos detalhes. Desde o primeiro encontro, Kassius sabia e sentiu a nossa ligação querendo se estabelecer e a conteve por tanto tempo quanto foi possível resistir. Não era capaz de imaginar como ele conseguiu se sujeitar à espera cruel de todos esses anos.

Eu podia não saber de muitas coisas nesse momento, não lembrar de outras, mas a mesma necessidade que em mim ardia, nele abrasava.

E eu sabia que não tinha sido fácil. Nem sequer cogitava ser nada próximo de suportável. Ele tinha que ter uma força de vontade infernal para ter vencido a espera.

— Ele não irá muito longe. Apenas precisa se livrar do sangue de dragão que consumiu de você. O veneno já estava afetando a ele e, por reflexo, a você de novo — Killian me ajudou a me levantar e me ofereceu o braço para me guiar pelo que restava da casa.

— O veneno tem efeito nele? Eu pensei que ele fosse imune — Killian puxou uma cadeira para mim. A cozinha parecia intacta, ao contrário das salas e quartos que atravessamos.

— Ninguém é imune a sangue de dragão, minha cara. Ninguém. Nem mesmo Kassius. — Segui sua procura por algo para beber e quando pensei que se servia, ele ofereceu o copo a mim e apenas me fitou com paciência.

— Mas, então, por que ele fez isso? — Sorvi o líquido amargo, aveludado e quente.

— Era o jeito mais rápido de o tirar de você. Tirar sangue de dragão do seu sistema não é uma experiência agradável, não pelas vias convencionais. A troca de sangue entre vocês foi apenas um passo no processo. Ele ainda precisa destruir toda e cada gota que consumiu.

Eu vi vermelho. Um vislumbre do que quer que seja que ele sentiu ao proferir a palavra *agradável* ressoou em mim e eu soube instantaneamente que aquilo deveria ser o eufemismo do século.

— Não se preocupe demais, ele vai ficar bem, eventualmente. Ele pode suportar a extração.

— E eu não? É isso que quer dizer? — o desafiei.

— Nunca ousaria ofendê-la de tal forma. Você suportaria, é claro, mas ele não seria capaz de ficar para assistir, nem seria capaz de deixá-la sendo consumida sozinha. De qualquer forma, ele iria sofrer, escolheu dos males, o menor.

O tom apaziguador não perdia soberania em momento algum. Seu aspeto robusto e decidido não combinava com a forma diligente com que falava.

— Eu não quero que ele esteja sozinho.

— Ele não estará. Eu trouxe ajuda.

— Quem?

— Nossas irmãs.

Naquele momento, percebi que não tínhamos sido formalmente apresentados.

— Você me chamou de sua rainha mais cedo, por quê?

— Kassius não foi o único que esteve esperando por você. Todos nós estivemos. Ele não reivindicaria Altera sem você e nós não invadiríamos a ilha sem ele. Nossos planos de dominação ficaram em suspenso pela promessa de você. Ele nunca sequer partilhou a sua localização, para não incorrer no risco de que um de nós viesse buscá-la à força.

— Vocês querem invadir Altera? — fui obrigada a rir, descrente.

Em todos os meus anos de pesquisa e em todos os relatórios da Enigma e da Vale a que tive acesso, nunca uma criatura conseguiu passar pelas proteções da ilha mágica.

Era uma magia antiga, talvez, mais velha que a própria terra que a sustentava. Mas ainda que conseguissem encontrar uma falha no paredão de feitiços que rodeavam os limites da ilha, Dragões e Sereias mantinham um cerco cerrado e intransponível no lugar.

Achar que poderiam atravessar aquelas águas à força e subjugar os poderes e forças daquele exército sedento e incansável, cujo único vislumbre de entretenimento era esperar que incautos como eles tentassem entrar e falhassem miseravelmente, era um plano audacioso, porém, torpe até para eles, uma família de híbridos, ou não. Simplesmente, não seriam capazes de atravessar os mares de Altera e pisar em terra vivos.

— Como pretendem passar pelos dragões e pelas sereias? — questionei, dando o benefício da dúvida, mas esperando que por melhor que fosse o plano, nunca seria bom o suficiente. Altera travou e venceu guerras por muito menos. Eles não teriam a mínima chance.

— Kassius pode ter falhado em lhe dizer, mas o seu macho é o herdeiro legítimo de Altera. Primogênito de Vorax e Mortisa. O amaldiçoado. — Milhares de pergaminhos, folhas, livros, palestras, pesquisas e lendas pipocaram na minha mente.

Rapidamente liguei os pontos e me custava a acreditar que tivesse vivido nesta casa com O primeiro, sem nunca ter notado. Sem nunca ter sabido. Metade da minha carreira se dedicava a mapear a sua influência em nossa raça e a outra, em descobrir qual seria a minha origem.

— Eu pensei que ele estava morto. Nunca imaginei que tivesse irmãos.

— Muitos pensaram igual. Mas a mera existência de vampiros, enquanto raça singular, prova o contrário. A sua imortalidade não seria possível se ele não tivesse vencido a maldição de sangue. Antes de Kassius, o vampirismo se apresentava apenas como uma enfermidade sobrenatural. Ele mudou o jogo e possibilitou que outros se tornassem imortais.

— E por que a espera? Qual o meu papel nisso tudo? — A curiosidade era maior do que o choque da revelação.

— Ele nunca se interessou pelas terras, até decidir que queria presenteá-la com um lar e escolher a casa de nossos pais. Agora é tempo de reaver o legado que lhe foi negado, que nos foi roubado. É tempo de voltar para casa.

Minha resposta foi apenas um mundo de silêncio denso e caprichoso, que se aprofundava em mim. Não fui capaz de tecer nenhum comentário, mas um pensamento me atravessava:

Altera poderia ser minha. Poderia ter sido minha por dezenas de anos agora e eu não sabia decidir entre a vontade insana de beijar meu parceiro por isso, ou o desejo de massacrá-lo pela demora.

Me perguntei qual das duas insanidades que me tomavam venceria essa disputa.

CAPÍTULO IO

KASSIUS

Os sons de passos chegaram antes que meus olhos se abrissem, não totalmente, com dificuldade.

Fazia um bom tempo que não visitava esta propriedade, o seu interior, não fosse pela poeira e teias de aranha, permanecia intocado. A casa era ampla e resistente. Sua fundação feita em pedra e aço, uma pequena fortaleza, projetada para conter licantropos em fase de transformação.

Meus pais a tinham construído como um abrigo seguro onde os adolescentes com gene lupino pudessem se transformar longe de seus lares pelas primeiras vezes, com supervisão adequada, evitando acidentes. Ali podiam dar asas à sua bestialidade e selvageria sem medo de machucar alguém no processo. Centenas de hectares de mata rodeavam a casa, por isso, quando estivessem prontos e completamente transformados em toda a sua glória lupina, os jovens poderiam apenas correr livremente, até se cansar.

Nenhum de nós tinha se responsabilizado por manter o lugar, mas também não tínhamos fechado suas portas, continuava à disposição e com todos os recursos que pudessem precisar, mas pelo aspecto, ninguém pisava ali há um bom tempo.

Eu poderia ter conjurado tudo que precisava na nossa casa, mas não quis ter Dómina por perto quando me submetesse ao procedimento necessário para remoção do veneno do meu corpo.

O odor de carne queimada e sangue ao meu redor era nauseabundo, fortemente repulsivo. Eu suplantei a atividade das

minhas cordas vocais antes de começarmos. Já era ruim o suficiente ter que passar pelo processo, ninguém precisava escutar horas a fio de gritos excruciantes e aflitivos. Sentia o suor descer quente e ardente pela carne dilacerada e retorcida. Cada centímetro tocado pelas gotas de fogo do inferno que avançavam pelo meu corpo parecia devorado por ácido. Meus músculos se retesavam ao ritmo do meu batimento cardíaco, frenético e incessante. As convulsões não me davam um segundo inteiro de trégua e eu já tinha desmaiado quatro vezes.

— Como você está se sentindo? — Kianna me perguntou, se aproximando. Os olhos claros e atentos, me analisando de perto como se eu fosse um quebra-cabeça a ser decifrado.

Kori limpava as unhas com uma escovinha, sentada numa cadeira, removendo os pedaços da minha pele que a água não lavou. O cabelo preto e liso, impecável, nenhum único fio fora do lugar, seu dia parecia apenas ter começado, embora a lua já estivesse alta lá fora. Ela era a pura imagem do descanso e do descaso ali sentada, com as botas apoiadas na mesa e esfregando as unhas, como se fosse a coisa mais normal do mundo suas mãos estarem manchadas de sangue do seu irmão mais velho. Teria que lhe agradecer por isso mais tarde, ela foi impecável, cirúrgica e não hesitou um segundo sequer. Fosse de outro modo, teria sido muito mais demorado.

Seus lábios cheios pressionados numa linha fina e sobrancelhas franzidas quando Kianna conjurou gelo e derreteu sobre a minha pele, para aplacar o calor abrasador que eu irradiava pelas queimaduras. Ela se contraiu antes de escutarmos o som da fumaça saindo dos meus poros com o choque térmico. A sensação era de que continuava ardendo, apenas de um jeito diferente.

Kianna não parecia satisfeita. Ela teria preferido um processo lento e gradual para tirar aquele veneno do meu sistema, mas eu tinha pressa. E Kori era um demônio criativo, que disse sim, antes mesmo de eu sugerir alguma coisa em voz alta. Ela adorava que lhe devêssemos favores, quanto mais difícil a tarefa, melhor. E quando

ela os coletava, o não nunca era uma opção. Adorava uma barganha, desde pequena. Acredito que o fato de ter se mostrado dominadora da mente desde o útero, tinha algo a ver com isso. Ela sempre sabia o que as pessoas desejavam e o quanto estavam dispostas a pagar por isso. Assim, seus acordos não deixavam nada a desejar, eram perfeitos num nível desesperador. E ela nunca fazia nada de mão beijada, nem para nós. Era parte dela e do que acreditava. Se você faz algo excepcionalmente bem, nunca o faça de graça.

Me abrir como se fosse a porra de um peixe tinha lhe custado um total de zero nadas. Quando me prendeu com as correntes de ferro forjado enfeitado, estava quase aos saltos de excitação. Ela já torturou muita gente, mas nunca alguém que não pudesse morrer em suas mãos. Eu podia ver o quanto gostaria de poder passar mais tempo testando seus limites e os meus.

Kianna ainda aguardava resposta à sua pergunta, paciente.

— Eu me sinto como se a Kori tivesse me aberto inteiro e incinerado o meu corpo. Me sinto como se ela tivesse feito isso algumas vezes até queimar todo e qualquer resquício de sangue de dragão do meu sistema. Eu sinto como se ela tivesse me virado do avesso. — Virei minha cabeça para trás, tentando liberar o peso e tensão no meu pescoço, sem sucesso. Meu corpo padeceria durante mais alguns dias até voltar ao normal.

Kianna riu e levantou os ombros, as madeixas de cabelo loiro quase branco escapando do coque apertado que fez. O rosto cansado e olhos contraídos. Ela não gostava do que via, não concordava com o que fizemos, mas estava ali, ao meu lado, de onde não sairia até que eu conseguisse me levantar com as minhas próprias pernas.

— Isso soa muito próximo da realidade — Kori comentou. — Foi mais ou menos isso que eu fiz mesmo. Você se recorda do processo? — A pergunta gerada apenas por uma curiosidade clínica quase me ofendeu. Me apoiei apenas num dos joelhos que encontravam o chão e tentei me levantar.

— Claro, eu estive acordado a maior parte do tempo. — De pé, levemente cambaleante, alonguei os pulsos, sem muita sensação de qualquer coisa exceto as algemas.

— Você perdeu os sentidos algumas vezes, não é incomum que em ápices de dor a memórias do sofrimento se apaguem da cabeça. Aliás, é bem normal. — Kori se levantou e olhou rapidamente na minha mente, permiti sua entrada. Ela já tinha feito o suficiente, eu sabia que estava ficando entediada. Depois de quatro dias presa com nenhum entretenimento além de mim, já se notava o crescer da sua hiperatividade natural.

— E você está tentando ensinar isso a mim? — Rejeitei a ideia com a cabeça, franzindo a testa e arqueando a sobrancelha esquerda em desafio. Meu cabelo, molhado de suor, estava grudado em minhas têmporas, que eu tentava limpar sem sucesso com as mãos ensanguentadas.

— Você não deveria ter gostado tanto disso, sabe Kori? — Kianna interferiu, limpando minha pele com água tépida. Ela havia desistido do gelo derretido. Aquele som da água gelada tocando a pele em brasa a tinha incomodado. Minha voz estava de volta e confesso que a vontade de gritar também.

— Ah, mas eu não gostei. Eu amei. Olhe para ele, vivo e saudável. Qual o problema de um pouco de diversão inocente? — Ela removia as correntes dos meus pulsos e os grilhões dos pés e pescoço, enquanto falava.

Meus braços caíram inertes, sem força para se manterem firmes quando ela os soltou.

— Eu quero ir para casa — declarei sem olhar para nenhuma das duas em especial. Minha cabeça estava pesada demais para que levantasse de novo imediatamente.

— Iremos quando você estiver em condições de se transportar — Kianna respondeu, Kori nem se dignou. Para ela, era óbvio pelo meu estado que esse era um pedido vazio, mas ela concederia o meu desejo se eu o tornasse uma ordem.

— Você pode me conjurar daqui para fora — completei, lembrando o óbvio.

— Posso, mas não vou, você vai assustar a Dómina se chegar lá desse jeito.

A mera menção do seu nome me deixava ansioso. Queria voltar para ela o mais rápido possível. Me levantei e caminhei com dificuldade em frente, Kianna sustentou o peso do meu corpo, colocando o meu braço por cima de seus ombros, e me conduziu ao lagar na entrada da propriedade.

— Kori, você terminou?

— Sim. Você está limpo.

— Eu preciso falar com Kion — lembrei.

— Ele foi encontrar com Killian e Dómina. Tentar entender qual o problema com as memórias e tinha Dante também, você esqueceu dele. Mas Kion já o fez se lembrar de tudo. Kianna sugeriu que procurássemos na mente dele o que pode ter acontecido com Dómina, afinal, ele era quase uma sombra na vida dela.

— Eu não o esqueci, ele só não era propriamente a minha prioridade no momento.

— É, as suas prioridades não são muito claras mesmo, por que escolheu Kion para vasculhar as memórias de Dómina? — O ressentimento escorria da sua voz. — Por que não eu? — direta ao ponto, como sempre.

— Kianna não poderia fazer isto sozinha — apontei meu próprio corpo, entrando completamente nu no lagar cheio de água e ervas curativas. — E olhe para mim Kori, você me ama, me respeita, me é leal. Ainda assim, não piscou uma única vez ao me infligir dor, não se importou, apenas estava entusiasmada em experimentar. Eu nunca deixaria você encarregada de entrar na mente de Dómina e procurar nem sequer a memória do que ela comeu no café da manhã. Seja razoável.

— Se ela é tão frágil que não possa suportar os meus métodos, talvez, ela não esteja preparada para ser Rainha de Altera, então. — O tom desafiante afixou meu olhar em sua direção.

— Não ouse repetir isso.

— Por que não? Acha que receberei ordens de alguém fraco e permissivo? — Fechei minhas mãos em punhos, tentando conter o impulso protetor que suas palavras incitavam.

— Ela não é fraca.

— Pela forma como se refere a ela, parece uma flor de estufa prestes a desabar.

— Chega, Kori. Você pode destilar seu veneno depois. Você fez algo bom aqui e eu agradeço, mas não pense por um único segundo que vou permitir que questione a legitimidade de Dómina como sua Rainha. Não admito menos do que respeito a ela, nem de você.

— Ótimo. Eu vou dar uma volta na mata. — Ela vestiu o casaco e saiu batendo os pés, sem se comprometer com uma resposta clara de que aceitava ou não minhas palavras.

Outra coisa sobre Kori, ela nunca se comprometeria com inverdades, preferia estar calada a fingir algo que não sentia, a dizer algo em que não acreditava. Quando chegasse a uma conclusão, eu saberia. Não antes, nem depois, no exato momento em que a resposta estivesse clara e pronta.

— Ela vai superar. Não suporta saber que você considera Kion melhor do que ela. Está morrendo de ciúmes por não ter sido a escolhida pelo irmão mais velho. — Kianna estava sentada na mureta do lagar, macerando mais algumas ervas para fazer compressas. Nem sequer concedeu um olhar a Kori quando esta saiu.

— Você a viu? — questionei Kianna, me referindo a Dómina, queria vê-la ainda que fosse apenas um vislumbre na mente de alguém.

— Apenas nas memórias que Kori recuperou do vampiro. Ela me mostrou. Mas Killian está deslumbrado, disse que ela é maravilhosa, mal posso me conter para conhecê-la. Melhore logo, nós já perdemos quatro dias nesta brincadeira.

Ela me jogou uma toalha e peguei com mais facilidade do que o esperado, caminhando para dentro de casa visivelmente melhor. Minha irmã me derrubou na cama e limpou o resto dos meus ferimentos, que já se esforçavam por fechar, espalhando a massa viscosa e gosmenta nos que estavam em pior estado.

— Quando você acordar, estaremos prontos para ir. Agora, tente descansar. Nós temos alguns outros problemas com o que lidar quando chegarmos.

— Que problemas?

— Depois, Kassius, depois. Agora, apenas durma. Nós temos tudo sob controle.

O peso dos meus olhos demonstrava que ela estava usando o peso da sua influência mágica sobre mim, não resisti ao que me dava e permiti que a exaustão falasse mais alto que a dor que ecoava baixinho como uma memória insistente em cada canto do meu corpo, querendo ser lembrada.

CAPÍTULO II

DÓMINA

O prazo de dois dias que Kion tinha dado a Dante, desde que havia começado a trabalhar em suas memórias, havia expirado há algumas horas.

Sem muito esforço de sua parte, Kion tinha devolvido a Dante as memórias que Kassius havia ocultado há décadas. E depois tinha lhe concedido esse tempo para que fizesse as pazes com o seu passado, para então começar o processo de vasculhar em sua mente algum indício do que poderia estar acontecendo com as minhas memórias. O que as poderia estar bloqueando.

— Você não precisa me seguir, eu sei o caminho. — Dante descia as escadas, consternado com a minha presença. E a sua irritação me incomodava, eu só estava ali para me certificar de que ele estava bem. E quer ele quisesse, quer não, não iria a lugar nenhum. Ele poderia lidar com sua decepção comigo ao seu lado. Apenas continuei caminhando no seu ritmo, sem responder.

Dante já tinha surtado algumas vezes, estava tendo sérias dificuldades em lidar com o fato de que Kassius o transformou no meu cão de guarda pessoal e, o pior, que a sua habilidade de Presenciador também foi concedida pelo híbrido na mesma época.

Isso abalou suas estruturas, seu orgulho e seu humor. Meu melhor amigo, um macho sagaz, divertido, sarcástico e inteligente, se permitiu reduzir a uma fraca sombra da sua personalidade, sua aparência sombria combinava com seu estado de espírito funesto e tenebroso.

Eu tentava me manter longe da sua mente o máximo que podia, não queria invadir sua pouca privacidade espiando, mas às vezes, a minha concentração escapava do meu controle e lá estava eu, vendo o quão miserável e furioso ele se sentia.

Dante foi designado por Kassius para se tornar meu amigo, então, quando ele fez o trabalho bem demais, se recusou a continuar me traindo pelas minhas costas e se assumiu como meu amigo de verdade, recusando as ordens de Kassius e se negando a continuar enviando relatórios contando sobre a minha vida. Por essa razão, Kassius achou que ele era tão bom quanto morto e já que insistia em ser meu amigo, pois então, que fosse isso e apenas isso, se fazia tanta questão.

Ele o libertou do compromisso com zero lembranças, além das que tinha construído comigo, apagou todo o resto de sua presença da mente dele e o fez um Presenciador. Kassius apenas transferiu uma ínfima partícula do seu próprio poder, criando um vórtex de magia no corpo de Dante, que se desenvolveu na habilidade que o precedia até aos dias de hoje.

Dante estava desolado. E com muita raiva acumulada, se contendo a duras penas, e eu não sabia o que fazer para o ajudar. Até ao momento, a minha existência na sua vida só tinha lhe trazido problemas e nada indicava que isso teria um fim próximo.

Eu queria o meu amigo de volta, queria poder conversar, com a única pessoa em quem confiava plenamente, sobre o turbilhão em que se encontrava a minha vida. Mas sabia que não era o momento, nem era justo que despejasse meus problemas em seu colo enquanto ele estava lidando com os seus próprios de uma forma tão débil e fragilizada.

— Está na hora. Preparado, Dante? — Kion questionou enquanto ele se aproximava do ringue e subia na plataforma.

Kion não dava indício algum de se importar com sua resposta. Era como se estivesse perguntando como estava o tempo lá fora e não se estava preparado para se submeter a um torturador por livre e espontânea pressão.

Dante se prontificou com demasiada rapidez e uma certa apatia no olhar, nada característica dele.

— Vamos terminar logo com isso — declarou, desprovido de emoção. Seus olhos sempre foram expressivos e ostensivos. Vê-los vidrados e sem vida, me provocava uma dor física.

Me aproximei dos dois, mas me mantive à margem da plataforma, além das cordas grossas que a rodeavam. O que quer que Kion tivesse

planejado, seria feito sob minha supervisão. E Deus tivesse piedade dele se ultrapassasse o limite do aceitável, porque eu não teria.

— Eu gostaria de convidá-la a sair, minha querida.

— E eu gostaria de recusar, meu querido — respondi usando a mesma forma de tratamento cínica. A minha aura agressiva e opressiva irradiava através do ringue onde estávamos, a casa da família Tormenti era uma mansão, com aspecto tão antigo e elegante quanto eles mesmos.

— Você sabe que a sua presença não vai afetar em nada o que vai acontecer aqui, não é?

— Nesse caso, você com certeza não vai se incomodar se eu ficar.

— Eu senti sua vontade de revirar os olhos pela minha atitude, mas apenas me deu as costas, se concentrando em Dante à sua frente.

Kion era de uma beleza exuberante e pungente. Quando o vi a primeira vez, me cumprimentando apenas com o olhar e um aceno discreto, a minha primeira reação foi imaginar com detalhes gráficos como seria gostoso me sentar naquele rosto delicioso de traços delicados.

Kassius havia mencionado que ter Kion revirando sua mente, remontando suas memórias, te estraçalhando por dentro, era um destino pior que a morte, e quando isso te é dito por um híbrido de quase dois milênios de idade e um poder que ainda não se sabe quantificar, você simplesmente acredita.

E se Dante se ressentia de ter sido meu cão de guarda durante anos, eu, por outro lado, estava de prontidão voluntária, prestes a me tornar o dele.

Vigilante, irredutível e imperturbável, a posição do meu corpo, o retesar dos meus músculos, as minhas adagas estavam prontas para estraçalhar o lindo rosto de Kion na primeira oportunidade.

— Espero que aprecie o show, Majestade — o tratamento formal foi proferido com tanto desprezo que soou ainda pior que “minha querida”. Queria estalar uma salva de palmas na cara dele, mas me contive.

Ele não se dignou a me dispensar mais do que um longo e pesado olhar, quando me percebeu de prontidão, petrificada no lugar como uma gárgula vigilante. Se ficou intimidado, claramente, não o expressou, seus olhos verdes gelados piscavam menos do que seria normal, notei. E seus lábios ficavam mais vermelhos quando se irritava, como se o sangue

corresse mais rápido naquele local específico. Olhar para ele, os lábios desenhados com perfeição, o nariz imperial e as sobrancelhas num arqueado perfeito, que emolduravam as duas jades brilhantes perfeitamente, era como ver uma pintura animada. Ele era quase bonito demais, ligeiramente irreal. Talvez, o macho mais bonito que eu já tinha visto até então. Com certeza, o macho mais bonito que eu já tinha visto até então, retifiquei.

— Puta merda — Dante xingou, recebendo as primeiras rajadas de poder sem aviso.

Critiquei Kion internamente por isso.

— Começaram sem mim? — Killian perguntou da porta, entrando e se aproximando de nós e me cumprimentando com educação.

Ele também era de uma beleza absoluta, mas mais discreta. Não fosse o porte potente e musculado, seus lábios cheios como a lua e seus olhos sérios e gentis, de um tom castanho escuro, quase preto, poderia passar despercebido. Com ele, o que te fazia reagir e ser aniquilada instantaneamente, revelando sua beleza, era o maxilar perfeito, que aparentava ter sido esculpido em mármore assim como o corte de cabelo perfeitamente alinhado, curto e elegante. Quando ele falava, podia sentir a vibração grave da sua voz me acariciando de formas nada apropriadas. Era um tom reverberante, que te fazia desejar fechar os olhos para saborear aquela luxuosa melodia.

— Não sabia que teria plateia ou poderia ter mandado fazer convites anunciando o horário e reservando lugares — Kion resmungou.

— Alguém acordou com os pés fora da cama — apontou Killian, falando para o irmão, mas olhando diretamente para mim.

— Com certeza, chafurdar na mente de um vampiro não estava na minha lista de coisas que adoraria fazer hoje, Killian. Então, se me dá licença, Dante e eu gostaríamos de terminar logo, se os senhores puderem ter a benevolência de parar de nos atrapalhar.

Killian sorriu em resposta, eu não. Reparei que em poucos segundos Kion tinha falado e mostrado mais de sua personalidade do que em dois dias na minha presença, sempre contido e silencioso, evitando todo e qualquer tipo de interação comigo.

Killian se concentrou em Dante e gesticulou para que continuassem. Kion bufou e pude apreciar o perfil de ambos por um

momento.

Kassius e os dois irmãos eram quase personificações de deuses consagrados. Qualquer fêmea com um pingo de sangue correndo nas veias se sentiria atraída por eles. Não era só a aparência dos três, era a presença avassaladora que encontrava espaço na sua pele e você não conseguia evitar ser contagiada por sua energia.

Imagino como seriam seus pais, se de cinco filhos, três deles, eram tão diferentes em sua beleza absurda. Os Deuses do Olimpo se ressentiriam deles, imagino que o próprio Apolo seria diminuído em sua beleza milenar se dividisse o mesmo espaço que os irmãos.

Eu, de todo, não lhes era indiferente.

— Locum Pestium — escutei Kion dizendo. Uma dupla de ondas espessas e entrelaçadas foram conjuradas pelo seu feitiço e as cordas mágicas, cor de âmbar circundaram o corpo de Dante, o enlaçando e restringindo seus movimentos.

Dante não demonstrou medo e vi Kion lhe explicando sem palavras, apenas com imagens mentais, o que aconteceria a seguir.

Eu quis gritar que não, bem alto, mas Dante assentiu, aceitando seu destino.

— Tudo bem. Só pare quando encontrar o que veio buscar — pediu ele a Kion, impressionando Killian ao meu lado.

Eu me senti o cão de guarda mais inútil de todos. Dante, claramente, não precisava da minha proteção, estava disposto a cooperar com o que quer que lhe fosse pedido para se livrar de todos nós. O seu pensamento, que recolhi sem querer, provocou um gosto amargo na minha boca.

Dei alguns passos atrás, respondendo a um pedido silencioso de Kion. Enquanto Killian era todo cheio de voz, este irmão parecia ser o exato oposto, poupando toda e cada palavra como se cada uma delas fossem anos de vida mortal.

Embora tivesse dado distância física, mentalmente eu estava mais colada em Dante que sua própria pele. Encontrei um espaço em seus pensamentos e me permiti ficar, me aconchegar. Killian estava me ajudando com uns feitiços para controlar minhas crises de poder e com a distância de Kassius por alguns dias, o frenesi tinha diminuído e eu me

sentia quase sob controle. Conseguia distinguir os traços do poder dele me atravessando e discernir entre suas nuances. Ainda destruí coisas, mas Killian havia dito que levava um tempo a se acostumar à nova *pele*. Nada que todos eles não tivessem passado na infância e superado. Não seria diferente comigo, e seria muito mais rápido o processo.

— Aceita uma bebida? — ofereceu, com tranquilidade.

Apenas neguei e pude notar o meu progresso naquele momento, em que minha mente apenas se apagou para acender na de Dante. Eu me sentia proprietária do seu corpo. Kion me notou e tentou me expulsar, não queria que minha consciência estivesse presente no processo. Ele retorceu a mente de Dante para que eu sáísse, me desconcentrasse, e conseguiu.

— Se eu não ficar, ele também não fica — me sobressaltei. — Essa é a única escolha que você tem. — Dei um passo em frente, ameaçando-o, sabendo que poderia me arremessar contra qualquer uma das paredes como se fosse um inseto, ou talvez não. Se sua mente era tão poderosa, decerto, o corpo não acompanhava o mesmo nível de poder, seria antinatural. Talvez, ele não fosse tão forte quanto Kassius ou Killian pareciam ser.

— Não é minha escolha, minha querida, é sua, lembre-se disso quando começar a gritar.

— Kion, não me force a tratá-lo como você merece pela insolência. Contenha-se — Killian avisou em sua voz poderosa.

Kion não estava brincando, assim que voltei a entrar na mente de Dante, ele me trancou lá dentro, senti suas paredes mentais se fecharem ao redor da minha consciência.

Se o filho da puta achava que iria me amedrontar com um truquezinho barato, estava muito enganado.



Agarrei minha cabeça com as mãos e cobri meus olhos, desesperada por alguma forma de alívio da dor aguda que parecia partir meu crânio ao meio. Tinha a certeza de que tudo acabaria em breve. Dor

tão penetrante e esmagadora não poderia durar tanto tempo, certo? A percepção de que poderia estar errada me causou um momento de pânico. Dante estava exausto e eu também. Levei um momento para reunir os seus pensamentos, mas até mesmo isto provou ser incômodo e doloroso, porque os pensamentos conflituosos corrompiam a sua mente e a minha por tabela.

Estávamos esgotados e incapazes de nos concentrar. Embora fosse potencialmente possível bloquear a dor, não havia maneira de bloquear a exaustão.

O espasmo voltou a percorrer e cada músculo do corpo de Dante ficou tenso, reagindo à ardência. Esforçando-se para continuar de pé, esperou que a dor voltasse a diminuir, como havia acontecido centenas de vezes antes. Por um momento, pensou em ceder e implorar a Kion que parasse ou que desse tudo de si de uma vez e o consumisse completamente, pois parecia não haver saída. Por um segundo, considerei ouvir o que seu corpo me gritava tão ardentemente. Gritava para que parasse, para que desistisse e desabasse no chão.

Engoli a sensação da sua dor e tentei ignorá-la tanto quanto pude. Parar agora, depois de tantas horas sofrendo, seria um desrespeito para com o seu esforço em se manter firme até ali.

Kion continuava implacável, destrinchando nó após nó, lasca após lasca, cada ínfima camada de lembranças de Dante durante todos os anos que estive comigo, e ele não estava nem sequer suando.

Seu aspecto era tão fresco e limpo como quando começou.

Eu era um emaranhado de suor e expectativa, enquanto Dante já tinha escorrido, deixando uma poça no chão. O retorcer das cordas que o continham era úmido também, revelando o quanto de esforço ele havia colocado naquela experiência.

Dante sentia sua cabeça cada vez mais pesada à medida que cada pulsação de dor latejava em seus sentidos uma e outra vez, os pensamentos conflituosos corrompiam a sua mente e atravessavam como borrões de movimento. Talvez, desistir fosse a escolha certa. As suas pernas cederam de debaixo dele e caíram no chão, mas Kion usou as cordas para levantá-lo.

Eu me movi rapidamente, querendo interromper o fluxo do poder de Kion, ainda aprisionada na mente de Dante, sem conseguir me recolher

na privacidade da minha própria razão.

— Chega. Basta! — meu tom de repreensão era baixo, mas cortante.

— Ele pode aguentar mais um momento. Eu estou terminando — anunciou, me dispensando.

— Eu disse que já chega! Isso foi o bastante, o que quer que não tenha encontrado até agora, é porque não existe — esbravejei, pronta para atacá-lo.

— Eu disse um momento — insistiu.

— E eu disse para parar. — Projetei meu corpo para o lado de dentro do ringue e agarrei seu pescoço, repelindo-o para longe, esperando que o embate na parede fosse ser ensurdecador, mas ele não veio. Kion controlou minha investida a tempo de evitar a colisão e da posição em que estava, proferiu um feitiço que não entendi, mas vi e pude presenciar seus efeitos.

A dor que Dante sentia foi total e completamente suprimida, pequenos espinhos espessos de cor magenta contornavam seu corpo devagar e escoavam todas as sensações ruins. Um laço de cor rubi substituiu as cordas que mantinham Dante em pé e ele caiu sob seus joelhos. Me aproximei dele, sendo devastada pelo poder de Kion, apagando não só a dor de Dante, mas também as memórias delas. Ele não lembraria dessas horas de agonia incessante e implacável. A mim, no entanto, Kion não concedeu a mesma gentileza, *minha escolha*, disse mais cedo. Poderia acusá-lo de várias coisas, mas não de não ter me avisado.

Dante se levantou como se nada tivesse acontecido e eu fiquei plantada no chão, ligeiramente chocada com a recuperação relâmpago. Um sorriso enigmático dançava no rosto de Kion, olhando para nós ainda à distância.

— Por mais que eu goste de te ver de joelhos, Domi, sabemos que isso pertence ao passado — Dante brincou. Se revelando o meu Dante de sempre, cínico, desdenhoso, com uma língua afiada e viperina, que não deixava passar uma oportunidade de me irritar.

Não pude fazer mais nada além de correr para o seu abraço, como se não o visse há mil anos, que me recebeu apertado e gentil.

— Eu espero não estar morrendo. Da última vez que me abraçou assim, que nem uma garotinha, você achou que eu ia morrer. Eu estou morrendo? — ele se dirigiu a Kion, agora de braços cruzados, julgando a cena à sua frente em silêncio.

Ele apenas negou com a cabeça em resposta, o poupador de palavras profissional.

— Ótimo. — Ele beijou meu pescoço e me forçou para fora do abraço sufocante. — Senti sua falta também, sua bruta insensível.

Ele estava de volta. Não a epítome da apatia que entrou nesta casa, de cabeça baixa e autoestima devastada. O homem que eu conhecia e que sempre esteve ao meu lado. Meu olhar de agradecimento não passou despercebido a Kion, que assentiu com a cabeça, aceitando o obrigada que não precisei dizer.

Além de poupar suas próprias palavras, ele também poupou as minhas. Talvez, eu gostasse um pouquinho dele, no final de contas.

CAPÍTULO 12

KASSIUS

O solo tremia como se um exército de cem mil homens marchassem pela Arena. Cada passo em uníssono com os outros, como uma cobra gigante deslizando suavemente pelas terras.

Kianna era uma força da natureza, reivindicando um lugar que lhe pertencia. De perto, o farfalhar do tecido e o tilintar da malha de aço se sobrepunha a todos os outros sons. O rugido da multidão expectante que nos cercava podia ser ouvido apenas fracamente e os rosnados dos que não a consideravam digna de combater na Arena quase totalmente abafados por sua presença devastadora.

Eu e Kori não dirigíamos a palavra um ao outro, em parte, devido ao barulho opressor ao nosso redor, mas principalmente, pelo fascínio com que admirávamos o foco imperativo de Kianna. Ela funcionava como um só com aquele chão. Como se tivesse nascido ali, como se tivesse nascido para aquele momento, para aquele evento. Nós, os três, éramos, pelos breves instantes em que nos permitimos conectar mentalmente, uma única consciência coletiva com um único objetivo pela frente: aniquilar o inimigo e nos divertirmos fazendo isso.

— Parece que ela estava apenas exagerando — Kori sentenciou, gesticulando com a mão como se não fosse nada.

O seu tom condescendente era levemente enervante. Não lhe concedi o mérito de uma resposta.

Kianna, além de mais velha que ela, tinha estudado o Sephtisson e se infiltrado em tantas Arenas quanto pôde. Ela sempre foi fascinada pela selvageria que acontecia ali a céu aberto e era aplaudida por todos, como se fosse o mais sublime dos espetáculos de arte e não uma exposição da barbárie primitiva da qual éramos feitos.

Se ela dizia que algo estava muito errado ali, é porque deveria estar. E se eu estava perdendo tempo quando poderia estar em casa com

Dómina bem debaixo dos meus olhos, era bom que não se tratasse de um delírio da minha irmã.

Já podia ouvir a voz de Killian me rechaçando por permitir que ela competisse, por estar lá e não fazer nada para impedir. Mas se ela tinha conseguido competir durante as últimas semanas sem que nenhum de nós notássemos, quer dizer, então, que ela merecia estar ali.

Sua habilidade em se espelhar era como nenhuma outra e, em parte, sua assinatura pessoal. Ela não costumava exibi-la na nossa presença, mas nas poucas vezes que o fazia, sempre impressionava.

Eu me lembro de quando Kianna era ainda uma adolescente, da primeira vez que espelhou sua forma física sem ser notada. Nossos pais a castigaram porque ela havia destruído um rebanho inteiro, treinando feitiços espiralados. Minha mãe não era adepta de demonstrações de crueldade animal, então Kianna ficou proibida de sair de casa e sua magia foi selada para que não pudesse conjurar ajuda para sair dos limites da nossa residência. Mas o tédio é a casa de todas as invenções e Kianna sempre foi uma besta criativa.

Minha mãe não era uma dominadora da mente, então não conseguiu ver Kianna subjugando mentes a grandes distâncias. Caçando por uma solução, até que a encontrou.

Um feitiço de espelhamento, num grimório antigo, sendo estudado por uma bruxa anciã que a acolheu em seus pensamentos e se permitiu ser invadida. Talvez, pela curiosidade da sua presença. Talvez, apenas porque sentia a energia de Kianna.

Era muito difícil dizer não para ela, mesmo quando não pedia nada. Com Madza não foi diferente. Ela e Kianna se encontraram por dias a fio apenas na cabeça da bruxa, até que Kianna conseguisse entender todos os elementos que precisava para o feitiço de espelhamento que encontrara no livro de feitiços que Madza retocava, com intenções de deixar de legado para outras bruxas.

Madza gostava da companhia silenciosa e sagaz e Kianna adorava desafios.

Eu e meus irmãos podíamos ver na sua mente as aventuras que ela escondia dos nossos pais. Mas nenhum de nós ousou dizer nada, em parte, porque não queríamos que seu castigo durasse mais tempo. Doía em nós quando ela sofria. Frequentemente, Killian ou eu assumíamos as

besteiras que ela fazia, porque era mais fácil sermos castigados do que a ver isolada. Mas não era apenas isso, naquela época estávamos longe de conseguir nos manter fora das mentes um dos outros, ou sequer de selar o acesso dos outros, então, não existiam segredos entre mim e meus irmãos e rapidamente aprendemos a guardá-los e respeitá-los.

Meus pais nunca foram adeptos da violência como método educacional, mas, com certeza, preferíamos ter apanhado na maioria das vezes. Para crianças dominadoras da mente, o silêncio e a solidão, junto ao tempo de convivência apenas com os seus pensamentos, podia ser aterrador. E era. Portanto, nós evitávamos ser castigados a todo custo.

E Kianna conseguiu não só se espelhar de forma corpórea para fora de casa, como também passar alguns minutos conosco até que perdesse a força e desvanecesse, retornando à sua forma normal.

Com o passar dos anos, das décadas, dos séculos e milênios, Kianna apenas aperfeiçoou essa habilidade que nenhum de nós jamais conseguiu dominar.

Ela podia projetar sua presença a distâncias descomunais, a única diferença entre ela e os reflexos era a temperatura. Contanto que não lhe tocassem e a encontrassem gelada e vítrea, ela conseguiria passar dias vivendo e absorvendo experiências com várias pessoas diferentes, em formas idênticas a si mesma.

A bandida conseguiu nos enganar com um de seus reflexos durante dias. Killian ficaria possesso ao perceber que sua querida irmãzinha o tinha enganado este tempo todo, fingindo tentar convencê-lo a permitir que ela fosse ver as Arenas, quando estava se projetando simultaneamente sob sua presença e em toda e cada uma das Arenas ao qual achou por bem competir, até chegar aos quartos de final.

Agora entendia a razão da sua escolha de vestimentas ultimamente, estava se tapando o máximo que podia para que Killian não notasse quando era substituída por um reflexo.

Kori sabia, claro, a tinha ajudado a camuflar o cheiro da magia que exalava dela quando se fragmentava em espectros tão corpóreos quanto a sua real forma. Apenas quando chegamos na casa de treinamento, ela saiu do personagem e se permitiu estar inteiramente conosco, fazendo uma troca ao deixar seu reflexo nas Arenas e sua forma original concentrada em limpar o veneno no meu corpo.

Eu precisava dela e ela nunca me falharia, mas deixar apenas um fragmento seu na Arena, correndo o risco de ser vencida apenas porque não o dominava totalmente, ou, porque não podia fazer total uso dos seus poderes, foi uma demonstração de lealdade. E ali estava eu, pagando na mesma moeda.

Killian teria que entender, ou que não entendesse, Kianna era uma lutadora, uma vencedora, e nada do que nós fizéssemos iria impedi-la de sentir o gosto da batalha. Aliás, tínhamos tentado e falhado miseravelmente, como eu previa.

— Portadas abertas. Caçada iniciada — foi anunciado num alto-falante desnecessário, se considerarmos que todos os presentes tinham audição extremamente sensível.

— O que será o obstáculo? — Kori perguntou, concentrada. Sua mão subiu em direção a uma mecha de cabelo que havia escapado do seu longo e brilhante rabo de cavalo, penteando-a atrás da orelha e subindo na cerca à nossa frente para ver mais além.

Gritos de reclamação soaram quando ela ficou à frente das fileiras, procurando com o olhar.

Sua mão reverberou poder palpitante, mas eu agarrei seu pulso e impedi que silenciasse os queixosos e fiz com que descesse da cerca.

Não estávamos ali para chamar atenção, nem sequer deveríamos estar ali, para começo de conversa. Era bom que se comportasse.

Ela não relutou. Cruzou os braços e esperou, assim como eu e todos os outros.

E quando o chão tremeu, desta vez de forma completamente diferente, me fazendo sentir na sola dos pés o eco do movimento, eu soube que os obstáculos eram grandes, muito grandes, colossais.

— Gigantes — Kori apontou quando o primeiro de onze espécimes entrou na Arena, completamente perturbado e procurando sangue.

— Eles vão destruí-la! — um macho desavisado gritou nas minhas costas, recebendo uma onda de poder que o sentou calado no lugar, sem entender de onde veio.

Kori apenas olhou para mim, me julgando com um balançar de cabeça debochado.

— Ela vai dizimá-los. Eu esperava algo melhor — declarou, nada impressionada.

— Eles não são gigantes normais, foram condicionados por dias para chegar aqui num estado de desespero que não lhes permite raciocinar. Os obstáculos não estão aqui para oferecer, de fato, perigos aos gladiadores, Kori. Eles são apenas uma distração. Não basta que combatam entre si, tem que lidar com os obstáculos os rodeando e atacando enquanto dão tudo de si na luta.

— Eu deveria ter vindo antes. Eu gosto disso.

— Nunca duvidei, me admira que nunca tenha tido curiosidade.

— Carne, Kassius. Demonstrações de poderes da carne é algo que eu não consumo nem me consome. Mas, já que estou aqui, nada me impede de apreciar o evento.

— Quando o verdadeiro oponente dela vai entrar no ringue?

— Ela perdeu sete minutos na sua luta anterior, terá que se entreter com os gigantes durante esse tempo até que seja permitido ao seu oponente se juntar a ela.

— E isso seria considerado uma penalização por quê?

— Não é penalização, é uma forma de humilhação em praça pública. Ela é obrigada a esperar enquanto lida com criaturas inferiores, que nunca seriam páreo para nenhum dos competidores.

— Criaturas inferiores? Nossa mãe deve ter se revirado no túmulo se ouviu isso.

— Inferiores em poder, não em existência. Não foi isso que eu quis dizer.

Kianna roubou nossa atenção quando começou a fazer uma dança com gigantes, projetando espectros apenas para eles, se movendo tão rápido que eles ficavam confusos tentando atacá-la e frustrados quando não conseguiam.

Kianna era apenas genial. Não só estava usando os espectros, como também um feitiço de camuflagem que os mantinha longe da vista do público e do júri.

— Isso não seria contra as regras?

— Dificilmente, a única regra da Arena é: tente sair vivo.

O público admirava, confuso e gritando impropérios que eu apenas admitia serem merecidos e dos quais tenho certeza de que Kianna estaria orgulhosa.

Seu lema de vida era que, se as pessoas que ela não respeita nem admira pensam mal dela, então ela está fazendo tudo certo.

Ela poderia apenas entrar na mente dos gigantes e induzi-los a fazer o que quisesse, mas queria se exhibir, queria frustrar os arquitetos do jogo, queria se pavonear com aquilo que eles achavam ser uma punição.

E foi exatamente isso que fez, frustrando todas as tentativas de ataque dos onze corpos colossais que dividiam a Arena com ela e sem sequer produzir uma única gota de suor.

Quando o seu oponente entrou, duas coisas me preocuparam.

Eu não havia sentido sua aproximação.

Kianna também não.

A determinação e concentração tomaram seu olhar, o sorriso fácil que exibia enquanto brincava com os gigantes se evaporou no instante em que ele pisou naquela terra e o medo, o incontestável rastro de terror, se fez sentir enquanto passava.

Ver um concorrente daquela magnitude não fazia se sentir ameaçada e, sim, exultante de expectativa de uma luta descomunal.

Quase podia sentir o sabor da sua felicidade de onde estava e agradei por poder fazer parte desse momento.

CAPÍTULO 13

DÓMINA

Eu ainda não estava confiante de que o que Kion tinha feito era justo com Dante, mas estava agradecida e... culpada?!

Quer dizer, Dante estava possuído de ódio até Kion mexer com a cabeça dele e agora ele estava normal. Melhores amigos de novo. Tudo certo, como antes. Algo estava errado, mas eu não podia reclamar, porque isso era exatamente o que eu queria, o que precisava. Mas será que era mesmo? Talvez, eu quisesse brigar, gritar, quebrar coisas, eu lá sabia o que queria? Estive tão perdida na narrativa da família Tormenti esses dias, que eu até tinha esquecido de tentar entender como eu me sentia.

Eu tinha a sensação de estar sendo bombardeada de todos os lados.

Era Kassius. Era envenenamento. Era sangue. Era ligação de parceira. Era Altera. Era rainha. Era falta de memória.

Caralho!

Qualquer pessoa com o mínimo de discernimento já teria jogado a toalha. E não ter um plano de ação definido, uma tarefa além de acompanhar o que fosse que eles estavam tramando, estava me levando à loucura.

Eu adoraria dividir isso com Dante, mas não estava certa se depois ele não iria se lembrar do ódio, surtar e sair bradando meus segredos aos céus.

Ele não é um traidor, eu sei, mas era de Altera que estávamos falando e eu não podia arriscar uma oportunidade, por mais estapafúrdia e inesperada que ela parecesse, de morar na ilha.

Altera é tudo que eu sempre quis. Entregue nas minhas mãos, à sorte. Me custava acreditar, mas eu queria tanto, que toldava os meus

sentidos. Eu precisava de alguém com a cabeça no lugar agora.

As minhas mãos começaram a formigar, anunciando meus poderes reagindo aos meus pensamentos revoltos e ansiosos, fechei os punhos na tentativa de conter as ondulações, sem grande sucesso, e a energia dissipada chamou a atenção de Dante, que tinha acabado de sair do banheiro com uma toalha em volta do quadril, ainda pingando água, enquanto pegava outra toalha para secar o cabelo em frente ao espelho do quarto.

— O todo-poderoso já chegou? — Me distraí com a sua nudez parcial. De costas para mim, ele parecia uma escultura.

— Não. Eu teria sentido — neguei, pressionando os lábios e franzindo o nariz. Um suspiro escapou da minha boca e eu me sentei direita, encostando as costas na cabeceira da cama.

— É muito ruim a ligação? — Dante interpretou minha irritação como uma reação à ausência de Kassius, não que estivesse longe da verdade, mas não tinha sido por isso o longo suspiro cansado que dei.

— A melhor coisa que eu já senti na vida e a pior coisa que eu já senti na vida. — A sinceridade reveladora das minhas palavras me atingiu quase ao mesmo tempo que a Dante.

Aproveitei que estava em casa para continuar cuspiendo o que ia em meu coração conforme vinha:

— É uma sensação de ter chegado, como se eu tivesse achado alguma coisa que eu precisava muito, sem fazer ideia disso. Quando ele está por perto, eu me sinto toda certa.

— Então, por que também seria a pior? — A toalha molhada foi jogada no chão e a do quadril também. Dante seguiu em toda sua gloriosa nudez até ao aparador, procurando as roupas que trouxeram para ele, olhando para elas com desdém ao tocar o conjunto composto por uma calça jeans azul-escura e uma camisa branca lisa.

Dante era elegante, extravagante e tinha uma moda própria. Mesmo vestindo preto na maioria das vezes, suas roupas eram o melhor que o dinheiro podia comprar e ele não estava satisfeito com o que vestia naquele momento.

— Porque quando ele não está, é um inferno. E eu mal conheço o cara, *né?* — Me coloquei de joelhos para sair da cama e ficar em pé ao

seu lado.

— Você está bonito — elogiei, piscando o olho e sorrindo.

— Eu sou bonito, esse lixo de roupa não poderia destruir isso. Prossiga. — Ele me conhecia, e não me deixou distraí-lo da questão para ganhar tempo de resposta.

— Eu sei que tem todo o tempo que estivemos juntos antes e tudo mais. E por mais que ele tenha me mostrado muitas memórias, aqui — apontei para o meu coração —, aqui eu não lembro. O meu corpo inteiro me diz que ele é colo, carinho, casa e meu cérebro fica o tempo todo tentando me defender da sensação de abandono sempre que ele sai. É patético. Eu sempre me orgulhei de poder dizer adeus a qualquer macho sem titubear, parece que o jogo virou. Ele mal chegou e eu já me sinto atada a ele.

— Você não conseguiu dizer adeus à Visha, se a memória não me falha, você sofreu que nem uma adolescente com a partida dela.

— Eu disse macho, a minha relação com fêmeas sempre foi mais intensa.

— Você se envolveu mais profundamente com a Visha do que com Sebastian?

Contemplei minhas memórias dos dois em silêncio antes de responder:

— Visha era uma deusa perdida na Terra, ela me dava a honra de partilhar sua presença comigo. Sebastian não tinha nada a ver com isso, com Sebastian eu me sentia como se ele fosse o meu criador. Como eu imagino que teria sido a minha relação com o meu criador se o tivesse conhecido.

— Então, Kassius entrou para o top três?

— Ah, eu adoraria dizer que sim. — Descartei sua análise inocente.

— Kassius desintegrou a escala, Dante. Eu nunca senti nada assim e é por isso que é assustador. Eu tenho certeza de que no momento em que ele entrar por aquela porta, na minha cabeça só vão passar duas coisas: qual a forma mais rápida de eu me sentar na cara dele e como eu consigo nunca mais sair de perto dele. É irritante e ofensivo. Mas, talvez, eu só estivesse subjugada pelo sangue dele. Eu não sei ao certo, estou ansiosa para o ver de novo e testar.

— Você preferia ser invulnerável?

Eu pensei antes de responder, preenchendo o silêncio com o vislumbre do que significaria a resposta positiva. E embora eu não desejasse me sentir como me sentia em relação a ele e a tudo isso, ainda assim, eu amava me sentir exatamente daquele modo. Eu devia estar beirando a insanidade e meus poderes estalaram nos meus braços como lâmpadas estourando e me impelindo a responder.

— Eu acho que não. — Eu tinha a certeza que não, mas preferia não dizê-lo em voz alta.

— Bom, podemos concluir que você continua a mesma biscate de sempre, não pode ver um macho bonito e poderoso que já quer carimbá-lo com o selo de boceta. Mas, e quanto às memórias, qual o plano para que você se recorde de tudo apropriadamente?

— Eu não sei, preciso conversar com Kassius e Kion. Ele conseguiu trazer as suas lembranças, deve conseguir fazer o mesmo comigo.

— E você vai para Altera. — Não era uma pergunta, apenas uma constatação. E foi nesse segundo que comecei a ter cuidado com as palavras.

— Eu ainda não decidi se isso é, de fato, uma realidade ou um delírio coletivo da família Tormenti, Dante — confessei com pesar. Se eu não pudesse conversar sobre os meus receios com ele, que se explodisse o mundo, porque estaria tudo errado.

— Como assim? — Ele inclinou a cabeça, unindo as sobrancelhas e esfregando um lábio no outro de um jeito distraído e sexy.

— Quer dizer, herdeiro legítimo perdido? — Ergui o queixo e tapei os olhos com as mãos. — Por que esperar dois milênios para bater na porta de casa? — Minhas mãos escorreram pelas bochechas e as deixei cair. — Por que tanto secretismo se eles são os seres mais poderosos de sempre? Por que eu? — comecei a caminhar em círculos, gesticulando enquanto dizia tudo que surgia em minha mente, a um Dante de braços cruzados e concentração feral diante de mim. — Tem muitas coisas que não fazem sentido nessa história.

Me virei de frente para ele, imitando seus traços e enumerando.

— Veja bem, se eu, que quero entrar em Altera mais do que eu jamais quis nenhuma outra coisa na vida e estou envolvida nessa história até à raiz dos cabelos, tenho dificuldade em acreditar nessa narrativa, imagine o povo de Altera. — Toquei seu braço com a mão, procurando o contato. — Você acha que eles vão recebê-los de braços abertos? — Ele apertou minha mão, me encorajando a continuar.

Não era recorrente que eu tivesse rompantes de exposição dessa forma. Ainda que fosse com ele.

— E se for verdade, ainda assim, eles estarão nos arrastando para o início de uma guerra? — Joguei as mãos para o alto e as coloquei de volta na cintura, me virando de costas para ele e encarando a paisagem da janela, abanando a cabeça em negação.

— Isso faria diferença? — A pergunta do milhão. Era claro que ele a faria.

— Não, mas eu gostaria de estar preparada. A única razão pela qual eu ainda não evaporei daqui é porque, no fundo, eu sei que, loucura ou não, meia verdade ou não, essa é minha chance de estar onde eu sempre quis. E você vem comigo — aproveitei para anunciar, recebendo um olhar de cima a baixo em resposta. — Essa é uma das razões pelas quais eu quero te pedir para segurar seu ódio e não tratar o Kassius mal. Eu preciso convencê-lo a te levar conosco. — O arquear da sobrelancele dele foi quase teatral, de tão dramático, e os lábios se contorceram numa linha de puro desgosto.

— Sim, senhora — respondeu, me surpreendendo. A voz dizia “sim, senhora” e o olhar gritava “nem fodendo”. Eu só não ri porque era um assunto demasiado sério para brincadeiras.

— Você aceitou isso rápido demais — bufei.

— Você pode não ter as suas memórias, Dómi, mas eu, sim. E eu já conhecia Kassius de antes, eu já trabalhei para ele, por isso me escolheu para olhar por você.

Não questionaria, mas ainda não confiava plenamente na sua conversão às minhas ideias.

— Eu queria poder visitar a Colossos. Eu nunca procurei sobre o herdeiro de Altera, não além das lendas. Eu sempre achei que essa linhagem tivesse se quebrado, mas eu tenho certeza de que sabendo da existência da descendência deles, muitas árvores genealógica que eu

delineei se alterariam. Eu precisaria consultar os registros, talvez, isso esclarecesse algumas coisas para mim.

— Ou você podia perguntar a Sebastian — sugeriu como uma óbvia opção, como se estivesse se esquecendo de quem estávamos falando.

Killian se anunciou na porta, pedindo permissão para entrar ainda sem bater.

— Pode entrar.

— Se você quiser falar com Sebastian, isso pode ser arranjado — ofereceu.

— Ouvindo atrás das portas, Killian? — Seu olhar alcançou o meu, enevoado.

— Não me ofenda com suposições. Eu vinha te dizer que Kassius e minhas irmãs chegarão hoje e trazem problemas junto com eles.

— Como você sabe?

— Dois milênios de convivência, eu apenas sei.

— Onde está Sebastian? Desde que viemos da Romênia para a Itália, eu não tive oportunidade, nem interesse, em saber o que o aconteceu com ele.

— Kassius o mandou para cá, ele ficou sob minha supervisão até que algo fosse decidido sobre que destino lhe dar.

— Ele está aqui? Este tempo todo ele esteve aqui? Como assim? Ele esteve sob o mesmo teto que eu este tempo inteiro?

— Dómina, siga-me, por favor.

Dante nos seguiu escadas abaixo, os três em silêncio. Cruzamos com Kion sentado no sofá na sala de treinamentos e ele riu ao perceber minha mente implodindo em pensamentos variados. Me questionei se ele estava lendo cada um deles agora, mas seu sorriso dizia que não.

Ele se levantou para nos seguir quando Killian abriu a porta da biblioteca e se Kion estava interessado no que havia lá, isso significava más notícias, porque ele só parecia se atrair por desgraças e coisas despedaçadas com as quais pudesse brincar.

Assim que entramos na biblioteca, me custou a assimilar o que vi.

O corpo de Sebastian jazia suspenso ao alto, dentro de um bloco de gelo monstruoso.

Killian encolheu os ombros, como se estivesse se desculpando com as visitas pela casa não estar arrumada e impecável.

Era Sebastian, preso num bloco de gelo. E eu apenas ri. De nervoso, mas ri. Com gosto. Em alto e bom som.

— Meu Deus do céu! — consegui dizer entre um resfolegar e outro, agarrando a barriga com a mão para conter minha reação.

— Eu posso libertá-lo, se você quiser falar com ele. Vai demorar algumas horas até que esteja... ahm... — Killian hesitou com as palavras. — Vai demorar um tempo até que ele possa ter uma conversa coerente. Eu apenas te trouxe até aqui para que soubesse que os nossos recursos estão sempre à disposição.

— Recursos? — Dante parecia querer rir. Mas ver Sebastian ser chamado de recurso muito possivelmente havia reacendido nele a chama do desgosto por ter sido enganado por Kassius e tratado exatamente dessa forma. Como um recurso.

CAPÍTULO 14

KASSIUS

O murmurar de agonia contínuo e não identificado não era o que eu esperava escutar quando pisei em casa. O interesse de Kori foi capturado de imediato ao identificar aquele som como um sinal de tortura silenciosa, da qual gostaria de fazer parte de alguma maneira. E ao não encontrar Dómina nem meus irmãos nas imediações, fui obrigado a seguir minhas irmãs.

Kianna estava apenas curiosa por saber o porquê Killian não estava na porta, como um pai decepcionado com sua família.

Se tiver que ser sincero, esse também seria o tipo de recepção que esperaria dele, dado a bomba que tínhamos atirado em seus braços sem, de fato, explicar-lhe nada do que estava acontecendo na Arena em que Kianna competia.

— Biblioteca! — Kori indicou, desnecessariamente. A presença de Dómina me guiava, eu sentia sua proximidade aumentando a vibração que chegava até minha pele, cada vez mais forte.

Atravessamos a biblioteca vazia, mas havia um cheiro adocicado e venenoso no ar. Uma presença quase corpórea dispersa no ambiente. Uma fumaça densa era liberada pela parte inferior da porta de uma das salas do corredor, que ninguém usava para nada há anos.

— Nós estamos aqui! — a voz de Dante anunciou lá de dentro, sem entusiasmo em seu tom.

Não respondi, mas engoli em seco, me preparando para ver Dómina novamente e em público, desejando que todos eles desaparecessem da minha vista. O segundo a mais que demorei foi o suficiente para que Kori tomasse a dianteira e abrisse a porta antes de mim.

O cheiro dela veio primeiro, depois, a memória do seu gosto na minha boca e, só então, a ânsia de tê-la completamente.

Kion e Killian rodeavam Dómina diante de um Sebastian sonolento e exausto. Dante observava os três de uma distância segura, não parecendo se importar com a cena que decorria à sua frente. O cheiro estranho vinha de Sebastian e a fumaça também.

Dómina não me dedicou atenção, mas seu corpo mostrava sinais de que ela tinha me notado. Sua concentração quase cirúrgica, mantida com dificuldade, estava abalada. O suor escorria das suas têmporas até aos seus ombros, se misturando com os contornos de suas roupas, já ensopadas pelo esforço.

Ela mantinha ambas as palmas das mãos viradas para cima, esmagando entre os dedos um circuito de energia que lhe permitia controlar fisicamente suas andanças pela mente de Sebastian. Era demasiado para ela aquele tipo de feitiço, Dómina ainda precisava encontrar seu próprio tipo de magia.

Ainda que usasse os meus poderes e muito bem, levaria um tempo até que os dominasse e ainda tínhamos o fato da minha presença, que a distraía do seu controle mental, exigindo atenção imediata.

Ela e Sebastian travavam uma luta interna acirrada. Ele resistia com tudo o que tinha, mas não era suficiente. Dómina esquadrihava cada centímetro das memórias espalhadas e desorganizadas dentro de sua mente.

Kion tinha formado uma barreira invisível ao redor das proteções mágicas de Sebastian, que o impediam de usar seus poderes para bloquear os avanços de Dómina. Me admirava que ele estivesse se prestando a esse papel. Seria mais do seu estilo ajudar Sebastian a se projetar para fora da sua mente, para que pudesse caçá-lo sob o escrutínio de seu olhar.

Kion gostava de atormentar suas vítimas, obliterando sua noção de realidade e memória, varrendo totalmente sua noção de tempo e espaço, para que sentissem que a única coisa que os ligava à vida como a conheciam era o seu carrasco. Vê-lo se prestando ao papel de carcereiro por Dómina era, no mínimo, estranho. Mas o fato de Killian estar modulando as emoções dela para que conseguisse se controlar durante o assalto aos sentidos de Sebastian, dizia muita coisa sobre a cena inusitada.

Killian não influenciaria o humor de Kion a ponto de fazê-lo se subjugar ao papel de porteiro mental para Dómina, mas ele tinha o dom de guardar dívidas na memória e cobrar favores milenares fora de hora. Eu tinha a certeza de que isto se tratava de um desses, pela expressão de tédio de Kion e sua postura desacreditada.

Ele estava detestando cada segundo desperdiçado fazendo aquilo, já Killian exibia um sorriso satisfeito e Dómina começava a demonstrar sinais de exaustão, mas nenhum de que pararia a qualquer momento antes que conseguisse o que procurava.

Kianna avançou ao meu lado e se infiltrou na cena, sempre curiosa e incapaz de se manter fora de qualquer ação. Ela se fez presente dentro da mente de Sebastian também, enquanto eu me mantive à margem, apenas observando, enquanto ela rapidamente se colocava a par das novidades.

— Eu gosto do jeito que a cabeça dele funciona. É uma delícia. Não admira que ele tenha conquistado sua mulher — seu tom divertido contagiou a fachada pétrea mantida por Dante, que foi obrigado a conter uma gargalhada, apertando os lábios e tapando a boca com a mão fechada em punho, emulando uma tosse repentina que lhe encheu os olhos de água.

Eu notei, Kianna notou. E não satisfeita, piscou o olho para ele, que a cumprimentou com a cabeça disfarçadamente, evitando meu olhar.

Minha cabeça virou na direção de minha irmã com uma rapidez digna de um exorcismo e meu olhar perfurou seu crânio, mas ela apenas dispensou minha ameaça silenciosa com um movimento das mãos e deu de ombros, voltando sua atenção novamente para o que quer que estivesse se passando na mente de Sebastian.

— Eu gosto dele — repetiu, para meu total desprezo.

— Mantenha-se longe dele — ordenei.

— Por quê? — questionou com os olhos vidrados e atentos, embora conversasse tranquilamente comigo.

— Ele pode não durar o suficiente para que se torne um de seus amiguinhos.

— Você vai matá-lo?

— Sim.

— E se Dómina disser que não irá?

— Então viverá.

— Foi o que eu pensei. Ele viverá tempo mais do que suficiente para se tornar um dos meus amiguinhos. Talvez, não seja só sua cabeça que funciona de uma forma que me agrada — indicou com um sorriso perversamente rasgado em seu rosto.

A minha reação de nojo quebrou minha postura. Esfreguei as têmporas e o rosto, tentando em vão apagar da minha mente a imagem de minha irmã com Sebastian, queimando meus olhos por dentro como uma bruma de veneno em chamas.

Ela apenas riu do meu desconforto. E Kion se juntou a ela, voltando sua atenção para nós por um instante.

— Por favor, não o faça. Esse animal deveria reencarnar mil vidas antes de poder tocar um fio do seu cabelo. Não se rebaixe ao nível dele, eu imploro — a voz de Kion revelava nada mais do que divertimento, que não combinava com suas palavras, mas eu sabia que as dizia com seriedade.

Ele sempre reprovava os namorados de Kianna. Não por implicância, como Killian, ou desconfiança, como eu. Kion apenas não queria que ela se metesse em confusões que ele teria que ajudar a resolver. Nossa irmã tinha o dom de escolher seus amantes nos piores pedaços de escória com quem cruzávamos. O único lado bom disso, era que uma vez que se cansava deles, então era a nossa vez de vê-la destruí-los.

O coração de Dómina começou a bater desritmado e minha atenção para qualquer coisa que não fosse ela cessou por completo. Killian se aproximou e eu o parei, ela estava perdendo o controle porque estava se forçando a entrar num nível muito profundo de consciência.

Explorar mentes é um trabalho feito por setores, por camadas, e cada uma delas exige um nível maior de energia, concentração e habilidade. Ainda que supervisionada de perto por meus irmãos, Dómina era uma iniciante nas artes da dominação mental.

Quando cortei sua ligação e ela foi expelida com violência dos pensamentos de Sebastian, sua respiração sincronizada à dele se suspendeu por uns segundos antes de acelerar, como se estivesse se

afofando. Não desviei o olhar dela, mas percebi que Kion aproveitou a deixa e saiu, levando Kianna consigo.

— Nós precisamos conversar, sua pequena traidora — Kion rosnou baixinho na direção dela, que respondeu com um sorriso. Kianna não perderia uma oportunidade de o provocar.

— Tem a certeza de que está falando com a original? Tem sido demasiado fácil enganar vocês com meus reflexos — acusou.

Os dois deixaram a sala, seguidos de perto por Dante, e restamos apenas eu, Dómina e Killian. Só então notei que Kori havia nos deixado bem antes de todos os outros.

Ela ainda não tinha aprovado Dómina. Ótimo, mais um problema para lidar depois.

Dómina se aproximou de mim, me percebendo por inteiro, e eu a abracei quando me alcançou. Inspirei seu cheiro mais profundamente e apertei seu corpo contra o meu. Neguei meus lábios a ela, numa tentativa de retardar a sensação de estar sendo dominado pelo descontrolo de querer possuí-la naquele mesmo local, sem aviso e sem me preocupar com a presença de meu irmão, mas ela entendia agora um pouco melhor as minhas recusas e apenas se inclinou de forma a varrer minha boca fechada com a língua quente e molhada, também não se importando com Killian ali.

Capturei a sua língua, antes dela terminar de me lambe, segurei seu pescoço com uma mão e seus cabelos suaves com a outra, a guiando. Ela não ofereceu resistência quando a chupei com força e vontade e fechou os olhos para degustar da sensação completamente.

Quando os abriu, se afastou de mim, percebendo que eu nos havia transportado para um quarto, sozinhos, enquanto nos beijávamos.

— Você pode transportar pessoas?

— Depois. Depois — exigi, não querendo parar o que estava fazendo para explicar como funcionava o mecanismo.

Poucas criaturas dominavam o poder de se transportarem fisicamente para outros lugares, mas era uma habilidade conhecida. A única diferença ali, era que eu conseguia trazer pessoas comigo, desde que essa pessoa já estivesse estado no local para onde estava sendo transportada, pelo menos uma vez. Do contrário, poderia se desintegrar

conforme atravessávamos os campos vibracionais necessários para chegar ao local de destino.

Ela aproximou o rosto da base do meu pescoço e inspirou, memorizando meu cheiro misturado ao odor da magia que começava a se dispersar à nossa volta.

— Isso, alguma vez, vai passar? — perguntou.

— Eu espero que não — respondi com a voz rouca e tensa, raspando os lábios ao longo do seu queixo. Levantei a mão ao seu rosto e toquei seu lábio inferior com meu polegar.

Em um movimento rápido a virei e ela ofegou quando o calor do meu peito cobriu suas costas. Desenhei os contornos desde o seu pescoço até a curva deliciosa da sua bunda. Ela enfiou as mãos para trás, apertando meu pau ainda dentro das calças, o que enviou ondas de excitação por todas as minhas terminações nervosas. Como um rastro de pólvora passando em câmera lenta, pequenas explosões se transformando em fogo líquido sob o seu toque.

Lambi o seu ombro e dei uma mordida, não para provar seu sangue, apenas para provocar sua pele.

— Nós precisamos conversar, Donna.

— Depois. Depois — usou minhas palavras contra mim.

— Isso não pode ficar para depois — esclareci com pesar.

Ela gemeu em protesto. E eu sorri, compreendendo sua frustração que só não era maior do que a minha. Mas se havia alguma coisa pela qual valesse a pena esperar, ela estava à minha frente. Vulnerável ao efeito do meu sangue e dos meus poderes se acomodando dentro dela, embora, se diluindo.

Quando transássemos, seria definitivo, ela não poderia mais voltar atrás. Ela sentiria o poder da ligação de sangue ainda mais potente, não poderia ignorá-la, ainda que quisesse. Apenas não seria possível.

Ela se inclinou um pouco mais em meus braços e pressionou a bunda contra a minha ereção.

— Tem certeza? — Seu braço se esticou para trás e alcançou o meu pescoço, me oferecendo a boca. — Que não pode esperar? — nossos lábios tão próximos, que suas palavras eram apenas um murmúrio contra minha pele.

A virei de frente para mim e entrelacei os dedos de nossas mãos, querendo mantê-la perto, mas não perto o suficiente para que não pudesse analisar cada reação dos seus olhos ao que diria a seguir.

— Se nós fizermos isso, o vínculo da parceria de sangue vai se reestabelecer completamente. Esse descontrole será impossível de domar e sua necessidade de mim e da minha presença vai fazer com que essa sensação de dependência que te incomoda agora, pareça brincadeira de crianças.

Corri meus polegares por seus pulsos, como se estivesse tentando amaciar o peso das minhas palavras com a carícia leve e íntima. Ela me olhava com atenção.

— Você tem a certeza de que quer dar esse passo? Você está preparada para ser completa e absolutamente minha? Eu não vou tentar te convencer do contrário, Dómina. Eu não vou te poupar de uma decisão. Eu quero me enterrar em você até que não haja mais de mim para você implorar, mas se nós fizermos isso, será um ponto sem retorno. Você será oficialmente minha para sempre.

Minha mão alcançou o seu pescoço, ensaiando o momento em que iria puxá-la para o beijo que selaria nosso acordo, retardando seu avanço enquanto não dissesse as palavras.

— É isso que você quer, Dómina? — insisti.

— E você? — a pergunta me surpreendeu.

Achei que já tinha deixado claro quais eram as minhas prioridades e ela e tudo que estava relacionado a ela, encabeçavam as listas.

— Eu nunca deixei de estar sobre seu domínio, desde da primeira vez que te senti naquele bordel. Eu já te pertencia antes de colocar meus olhos em você. E foi quando eu o fiz pela primeira vez, que a minha eternidade, de fato, começou a contar. Eu nunca tive a menor chance de resistir a você, mas estou te oferecendo uma agora e eu te garanto que será a última. Eu não quero mais me privar de você, então, se não tiver certeza absoluta de me querer... — Engoli em seco, não querendo que minhas palavras soassem como uma ameaça. — Saia agora, ou fique para sempre.

Eu dei um passo para trás, permitindo que a escassa distância a ajudasse a raciocinar, enquanto tentava aplacar as forças coléricas que ecoavam na parte mais pervertida da minha alma, tentando sobrepesar

toda a minha determinação e gritando em plenos pulmões para que eu a tornasse escrava da entidade sexual selvagem e depravada que me tornava junto dela e apenas a lembrasse, de uma vez por todas, o que significava ser minha parceira.

O sexo pesado e brutal seria apenas um bônus.

Ela avançou para mim, cortando a distância cedida, me rodeando apenas com o olhar, sem me tocar, me medindo como se eu fosse um oponente preparado para atacar. Eu não era, mas quase.

Ela engoliu em seco quando minha determinação em esperar cedeu e me inclinei perto o suficiente para que sentisse o calor dos meus lábios pairando sobre os seus. Fiquei completamente imóvel, desfrutando da visão dela sendo tomada por uma nuvem de luxúria e devassidão, os nervos em alerta, aguardando o próximo toque, o próximo assalto.

Vi em sua mente o seu jogo, ela não diria que sim, também não diria que não. A filha da mãe estava testando os meus limites, vendo até onde eu manteria a postura de venha a nós o vosso reino, que sempre tinha com ela.

— Não brinque com isso. Com qualquer outra coisa, mas nunca com isso — avisei, garantindo sua atenção, e ela se afastou, os olhos claros como as águas nunca antes navegadas de um mar por descobrir, irradiavam luxúria.

Sua boca se curvou num sorriso apetitoso e pervertido, mas ela me deu as costas e deu passos largos até a porta do quarto.

A visão da sua bunda rebolando para longe de mim roubou meu fôlego, mas não me movi, não faria isso. Não a subjugaria usando uma conexão que ela não entendia completamente.

Se ela queria fugir, permitiria que o fizesse. E que fosse logo, antes que meu coração explodisse no peito, ou meu cérebro se estilhaçasse em memórias.

CAPÍTULO 15

DÓMINA

Segurei a maçaneta da porta, o toque frio do metal contrastando com a temperatura da minha pele, e a rodei, peguei a chave e tranquei a porta, escorando-me nela. Minha testa tocando a madeira polida enquanto tentava normalizar a respiração.

Kassius não se moveu atrás de mim, esperava que eu saísse correndo, eu sabia. Um riso abafado escapou da minha boca enquanto contemplava o pensamento absurdo. Eu queria ter esse receio, na verdade, esse medo de que ele tanto falava. Mas eu estava ali, apenas esperando para ser tomada pela energia mais devastadora que eu já imaginei na vida.

O que ele achava que seria uma razão para eu parar, na verdade, era um incentivo para que eu não fosse para lugar algum, exceto exatamente ali, ao seu lado, de onde começava a achar que nunca deveria ter saído. Todas as células do meu corpo me imploravam para que ficasse.

Pedi, em silêncio, que o universo iluminasse todos os ocupantes da casa para que ninguém ousasse nos interromper, eu estava beirando a insanidade pela espera de ter Kassius para mim. E por mais que cada uma das suas palavras soasse de extrema urgência e importância, nós dois sabíamos perfeitamente que eu não estava em condições de dizer não a nada.

Simplemente não era uma opção.

Era quase irritante toda aquela conversinha para que tudo parecesse uma escolha minha. O sangue que corria em minhas veias, o seu sangue, clamava por ele, por proximidade, gritava de saudade de coisas que ainda não tínhamos vivido, ou, talvez, tivéssemos, mas só ele saberia.

Eu ainda não me lembrava de tudo, mas meu corpo sabia exatamente o que o esperava, minha alma estava saudosa e ávida por esse encontro, então, à minha consciência restava apenas o papel de aceitar que todos os passos que dei na vida, me trouxeram até ele.

Eu me virei, encontrei seu olhar e penetrei sua mente apenas para gritar que sim. Não tinha capacidades para jogos, os faria depois, por hora, tudo era claro e alto, sim.

Eu dizia sim. Para tudo. Para o mundo. Para a ligação. Para a parceria. Para Altera. Para o seu corpo. Para a perdição. Para a devassidão. Para o descontrole e para a brutalidade.

Eu dizia sim, e gritava em silêncio: me pegue de onde me deixou. Me leve de volta para o lugar que sempre foi meu. Apenas me leve com você.

Ele fechou os olhos, sorrindo e levando um momento para degustar a sensação. Para lidar com o choque que foi me ver ficando, cedendo, aceitando, querendo. Pude contar três segundos exatos em que uma infinidade de coisas passou por sua cabeça e eu assisti a cada uma delas sem entender, mas quando ele abriu os olhos para mim, eu vi que não existia mais cuidado nem comoção. Ele me destruiria, se eu deixasse.

E eu deixaria.

Num único movimento, fui pressionada contra a porta, seu corpo prendeu o meu e sua mão se espalmou no meu peito, minha pulsação batendo forte contra sua palma, seu toque pesado deslizou por minha garganta e pescoço, uma promessa de violência sensual velada.

Não era um toque carinhoso, nem duro. Era ardente e possessivo. Ele estava me desembrulhando como um presente.

— Não vai ter volta depois disso — confirmou uma última vez.

— Considere isto a volta, você nunca deveria ter me abandonado — reclamei.

Sua cabeça desceu sobre a minha e o seu grunhido atingiu meus sentidos numa saudação lasciva, sua língua marcou meus contornos, cada um deles com adoração. Uma de suas mãos entrelaçou na minha, trazendo-a para a altura do meu ombro, a outra procurou meu cabelo e juntas abriram espaço para que chupasse meu pescoço e lambesse a

linha do meu maxilar, deixando um rastro de calor líquido por onde passava.

Ele evitou minha boca e eu me resenti da ausência do seu toque ali, mas não por muito tempo. Seus dentes abriram os botões da minha blusa, desviando o pensamento, e ele lambeu o vale que se abriu entre meus seios, me provando me testando.

O tempo inteiro, suas pupilas dilatadas quase ao ponto de suprimir a cor de seus olhos. Animalesco e delicioso.

Comecei a esfregar minhas pernas uma na outra, em busca de alívio para a tensão crepitante que explodia entre nós.

Seus olhos endureceram, carregados de intenção, ele abandonou minha mão e cabelo, e abriu o resto dos botões, procurando minha pele, experimentando meu calor, me mordendo com força, mas sem provar meu sangue. Ele queria me marcar de quantas maneiras houvesse e faria isso de todas as que conseguisse pensar. Podia apostar que seriam muitas e desfrutaria de cada uma delas.

Levei as mãos às minhas calças e as abri, suas mãos me ajudaram a puxá-las e libertar minhas pernas, que se abriram imediatamente para que ele se encaixasse entre elas. Seus braços me suspenderam e ele caminhou comigo até a cama, sua boca ainda longe da minha, me negando seus lábios.

Não me colocou deitada no colchão, apenas me posicionou de bruços na sua borda e se posicionou atrás, me tirando a visão direta para ele. Forcei as palmas das mãos contra o colchão, tentando me levantar me virar, mas ele não permitiu. Kassius forçou a mão nas minhas costas e me manteve curvada, segurando minhas coxas, e me empurrou para cima, me esticando, e se sentou sobre elas, beijando minha coluna e distribuindo impulsos que corriam como brasas por cada uma das minhas vértebras. Sua língua concentrada em desenhar cada centímetro alvoroçado da minha pele, explorando minhas texturas.

Ele abriu distância entre nós para tirar sua roupa e eu me virei rapidamente, me sentando e me encostando na cabeceira para apreciar a ostentação da perfeita forma masculina.

Engatinhei na sua direção, me livrando da calcinha, e ele respirou fundo quando me viu exposta de joelhos à sua frente.

— Você precisa de um minuto? — provoquei, impaciente. Minha cabeça pendendo de forma debochada para o lado, acompanhando o sorriso mais cretino que fui capaz de formar.

— Você está brincando com todos os elementos — declarou, raspando os dentes na maçã do meu rosto, beijando o canto da minha boca e arrastando a língua pelos meus lábios, selando minha provocação.

Sua mão alcançou a minha bunda e me levantou, abracei os músculos esculpados em seu tronco com as pernas e ele nos girou, me encaixou no seu colo, segurando firme em meu quadril, cravando os dedos na minha carne, me impedindo de rebolar na sua rigidez.

Desejei lhe pedir que me fodesse logo, já que meu corpo ansioso e disposto não tinha sido o suficiente para que perdesse a cabeça ainda. Mas quando minha boca se abriu, não consegui articular uma única palavra, porque ele se esfregou em mim lenta e dolorosamente, espalhando minha lubrificação no seu pau, e eu arfei. Um som, que mais parecia um lamento, escapou da minha boca quando ele repetiu o movimento infame e eu soube que Kassius era um torturador paciente e não se apressaria, ainda que estivesse tão desesperado quanto eu.

Ele levaria seu tempo e esmagaria o meu. Quando senti o abocanhar quente e molhado em meu seio, me curvei, me oferecendo mais, me abrindo melhor à sua exploração, ensopando o seu pau que latejava na minha carne com a minha lubrificação. O sentindo tão perto e, ao mesmo tempo, ainda tão longe de mim.

Sua mão deslizou pela minha lateral até fazer a curva da minha bunda e com os olhos enevoados cravados nos meus, seus dedos testaram minha entrada encharcada, me encontrando tórrida, succulenta e pronta. Minhas mãos percorreram seus ombros e meus olhares se desviram pelas tatuagens em sua pele, mordi sua boca, pedindo um beijo, que mais uma vez ele não me deu.

Uma irritação ganhou forma em mim, provocação decantando no meu estômago e a intenção de revidar se formando como uma barreira poderosa que despontava no meu sorriso de desdém, que ele lambeu como se fosse nada.

Sua calma era perturbadora e contrastava com a overdose desmedida de luxúria e desejo que apenas crescia e se retorcia em mim, num crescendo constante que não dava lugar a pausas, um desejo tão

intenso e escandaloso que crepitava ao meu redor, me enclausurando numa redoma particular de compulsão erótica.

Minhas coxas se contraíram, apertando-o, e minha mão massageou seu pau. Esse simples toque foi o suficiente para que eu sentisse a gravidade se alterando.

Terra. Ele disse que eu estava brincando com todos os elementos. Ele estava falando sério. Todos os feixes de nervos presentes do meu corpo se quebraram e religaram, contemplando o corpo entre as minhas pernas e a carne quente e dura em minha mão, senti o peso do meu corpo muito mais exacerbado, um prenúncio do que estava por vir. Me movimentar se tornou mais difícil, mas não me deteve.

Minha reação ditaria os próximos movimentos de Kassius, então mantive a fachada determinada sobre o seu escrutínio e ele me permitiu experimentar o próximo elemento. Afagando minha pele com uma camada de água gelada que rodeava suas mãos como uma nuvem, acalmando meus sentidos, relaxando a contração férrea das minhas coxas conforme me percorria, me dispondo ao seu prazer e provocando meus contornos já extremamente sensíveis.

Ele estava brincando comigo, com o meu corpo, com os meus limites, e me dando pequenos vislumbres dos seus poderes, me preparando para a onda avassaladora de cada um deles, que me derrubaria como um tsunami que derrota cidades inteiras. A única diferença era que ele estaria ali para me segurar quando eu desabasse com a força do impacto.

Satisfeito com a minha reação, como eu previ, ele avançou, me segurou com reverência e eu me permiti ser deitada de costas. Suas mãos alcançaram meus tornozelos, dobrando minhas pernas e as arrastando até a dobra da junção das minhas coxas com a bunda, me abrindo total e completamente exposta e afundando seu rosto no meu calor.

A sua língua quente e voraz provocou um motim na minha carne que queria abandonar meu corpo e se oferecer a ele sem restrições. Levantei o quadril, me esfregando mais na sua cara e ele me mordeu antes de me penetrar com a língua usando o impulso do corpo para me provar tão profundamente quanto era possível e contendo o contorcer das minhas pernas que teimavam em se fechar por reflexo abraçando sua cabeça quando aumentou o ritmo das investidas.

Seus lábios nos meus eram a conjunção mais imoral que eu poderia me lembrar, e minha boca também queria provar seu gosto até agora terminantemente me negado, sentia minha língua seca esperando por sua vez de ser adorada como a minha boceta. O calor que espiralou em mim, retesou o peito dos meus pés e me obrigou a contorcer meus dedos para conter a ondulação abrasadora que tomou posse do meu ventre e consumiu meu corpo se arrastando pelo pescoço e remexendo meus cabelos numa espécie de vento abafado.

Não era só tesão sendo liberado, era mais um elemento sendo testado por ele na minha pele, na minha carne, formado diretamente no meu centro e espalhado em ondas colossais que seriam capazes de incapacitar alguém menos preparado para aquele tipo de ataque.

Minha voz soou rouca e necessitada quando resfoleguei tentando conter um grito sem sucesso, e Kassius retorceu e rodeou a língua comprimindo seus lábios em mim com força suficiente para me levar à beira do penhasco e me atirar sem medo para fora da órbita terrestre.

Ele não parou de me fustigar com a boca até que o último tremor do meu orgasmo se transformasse no primeiro do próximo. Apertei meus dedos e os afundei na sua cabeça quando as forças retornaram para os meus braços, tentando quebrar sua atenção e recuperar o controle, mas ele parecia inabalável na função de engolir cada gota do meu sabor, e quando levantou a cabeça e olhou para mim, o sorriso rasgado alcançou a magnitude do nascer do sol em seu rosto.

— Parece que você vai conseguir aguentar. — Um vento gostoso e morno percorreu minha pele, tentando me acalmar, aconchegar, e falhando terminantemente.

— Você é mais quantos? — aticei, sem medo de que me fodesse até me quebrar no meio, mas ele não se compadeceu de mim e respondeu sereno:

— Nós teríamos que fazer o teste para saber. — Algo no tom enigmático me dizia que ele sabia exatamente qual a resposta para aquela pergunta, inicialmente retórica. — Mas isso vai ter que ficar para outro dia — completou. A sua voz soou imoral, e sua resposta, uma promessa pela qual fiquei ansiosa.

Espalmei meu pé em seu peito, travando seu avanço, e ele o beijou, subindo uma trilha de carinhos pelo meu tornozelo e canela. Eu o

puxei desequilibrando-o e ganhando domínio, ele caiu de costas e eu o montei com agilidade, enlaçando-o entre as minhas pernas, e espalmando minhas mãos em seu peito forte. Ele cobriu minhas mãos com as suas e eu levantei apenas o suficiente para o ter dentro de mim. Quando desci, a letargia do momento abandonou o meu corpo e as minhas intenções se tornaram soberanas.

Cada centímetro de carne me abrindo, me ocupando e tomando seu lugar em meu corpo provocou uma esfera de sensações que não me demorei aproveitando, não sendo capaz de impor o mesmo ritmo lento que ele, parando apenas quando o tive completamente enterrado no meu interior.

O choque da união completa dos nossos corpos me trespassou como labaredas de eletricidade estática estalando em minha pele e as cortinas das janelas começaram a esvoaçar violentamente.

Subi contraindo e esmagando seu pau dentro de mim, e desci rebolando numa investida que tirou o folego de nós os dois. Ele começou a se mexer embaixo de mim também, encontrando um ínfimo espaço que eu não achei existir e me penetrando mais profundamente ainda.

Percebi que mesmo sendo cavalgado ele ainda tentava se controlar, contendo não só a expressão dos seus poderes no ambiente ao nosso redor como a ferocidade das investidas.

Desestabilizá-lo imediatamente se tornou o meu novo passatempo favorito, e comecei naquele exato momento. Segurei com força na cabeceira da cama, amassando a madeira sob meus dedos e encarnei a própria definição de selvageria, estabelecendo um ritmo alucinado e punitivo, e não parei até que as veias no seu pescoço ameaçassem explodir de tão inchadas com fluxo sanguíneo frenético e hiperativo.

Minha vontade incansável e meu interior febril o engoliam sem cuidado algum, e suas mãos forçaram minha cintura para a frente para que me abrisse ainda mais. Soltei a cabeceira e apoiei as mãos em suas pernas atrás de mim, sua mão deslizando no limite da minha intimidade com um toque ardente, me tocando apoiada na base do seu pau cravado em mim.

Senti-me ensurdecer, percebendo pouco mais que o reverberar dos nossos gemidos e o sons dos nossos corpos se encontrando, os músculos das suas coxas pulsavam nas minhas mãos, no mesmo ritmo que sua

excitação inchava de forma latente, travando uma luta contra meus músculos internos, me castigando pela montada incessante.

Fechei meus olhos quando senti que ia gozar antes dele de novo, mas ele puxou meu queixo com as mãos me alertando.

— Abra os olhos. Eu quero que olhe para mim enquanto goza.

E como a boa menina que nunca fui, obedeci aos seus comandos. A liberação do meu orgasmo chegou devastadora como uma tempestade, movendo tudo ao nosso redor para longe de mim, levantando pó, e fazendo as superfícies rangerem enquanto eu me estilhaçava em prazer. Perdi a força nas pernas e as minhas arremetidas foram substituídas pelas suas estocadas solitárias e quando achei que não havia mais de mim para lhe dar, ele mordeu o próprio lábio com força, e uma gota grossa de sangue escorreu. Capturei-a antes que alcançasse seu queixo e finalmente ele me concedeu o beijo pelo qual eu pensei que fosse capaz de implorar para experimentar outra vez.

Aquela pequena gota do sangue que partilhou comigo, irrompeu na minha boca e explodiu todos os nervos do meu corpo, me transformando numa massa de fios expostos ao seu toque quase cruel. Seu beijo destinado a consumir tudo de mim que encontrasse. Ele mordeu meu lábio abrindo uma fissura e o misturar do nosso sangue em nossas línguas foi o que o fez se perder completamente se esvaindo em mim, me preenchendo tão completamente como nunca achei que seria possível, o meu gozo seguindo o dele, quase imediatamente, como se meu corpo não quisesse perder esse momento glorioso ao seu lado.

Ele me deitou com delicadeza, desenhou a linha do meu maxilar com a ponta do nariz e me beijou profundamente, provando que seu domínio sobre o meu corpo era quase injusto, ele sabia tudo sobre mim, e eu estava apenas começando a navegar nos mares do seu prazer.

Seu corpo pesou sobre o meu, e sua boca me compensou por cada um dos beijos negados, seu toque quente e macio se prolongando e alongando, se fazendo meu também.

O som de rebentação chamou minha atenção, o estado caótico do quarto não me alarmou, esperava por isso no minuto em que voltei a provar seu sangue, sabia que essa união não deixaria nenhum objeto à nossa volta impune. Mas frações de poder encapsuladas como bolas de sabão eclodiam sobre nós, estalando, crepitando, aumentando e

diminuindo de tamanho, batendo como um coração ao ritmo das nossas respirações sincronizadas.

— O que são? — Me sentia atraída por elas, desejosa de lhes tocar.

— Resquícios do meu poder que você ainda não consumiu. Mas nós temos o dia inteiro.

Seus lábios viciantes me procuraram novamente, encontrando a pele da minha barriga e depois da minha coxa, o poder pulsante ao nosso redor conectado a nós de uma forma quase embrionária, nos rondando e protegendo enquanto ele me marcava com a saliva quente e acordava meu corpo ainda mole.

Quando suas presas rasgaram minha pele e se afundaram em meu pescoço a dor que senti foi dilacerante, forcei a cabeça para trás contendo o impulso de o afastar antes de perceber que não eram suas presas cravadas em mim que me chicoteavam. Ele percebeu meu óbvio desconforto e me olhou preocupado. Seu rosto sobre o meu se dividiu em esferas de diferentes linhas temporais e eu percebi ser uma memória voltando para mim com a força de um animal selvagem, arranhando e rasgando meu crânio por dentro, forçando seu caminho de volta para mim.

Kassius pairou nos limites da minha mente, me escorando da dor que me devorava sem misericórdia até que cada ponto da memória se estabelecesse em mim, e quando terminou, assistimos juntos a ela se revelando.

Imagens da primeira vez que ele me deu tudo, me deu o mundo, e me abraçou com o que tinha me oferecido mais do que eu poderia quantificar num milhão de anos. A primeira vez que senti a ligação de sangue desabrochar em mim se fragmentando em longos fios de poder que se alongavam e expandiam e mostravam haver apenas um único caminho para nós, um ao lado do outro, e nada mais que isso.

O que nos unia estava muito além do que eu poderia explicar, e o peso das memórias que não voltaram recaiu sobre mim por um momento, pensando quantos outros momentos esmagadores teríamos partilhado, agora limitados apenas à sua consciência.

A nossa história limitada meramente ao que podia me mostrar, e migalhas que poderia receber quando meu corpo estava tão transbordante de poder pulsante por todos os lados que se esquecia de

bloquear as represas da minha mente, permitindo que algo escapasse e eu me tornasse um pouco mais dona daquilo que um dia fui, daquilo que ainda poderia ser.

Uma lágrima solitária escorreu pela minha bochecha e Kassius voltou a me beijar.

— Eu preciso das minhas memórias de volta — pedi, não para ele especificamente, apenas externalizando minhas vontades.

— Você as terá — sentenciou, comprometido, com uma expressão de paz inabalável.

— Promete? — Inspirei esperança, desejo e culpa junto ao ar que eu respirava. Seu peso ocupando espaço em meus pulmões.

— Nem que seja a única coisa que eu faça pelo resto da eternidade.

O sorriso predatório que tomou suas feições não condizia com suas palavras amorosas, e promessas de futuro que travaram minha garganta num nível doloroso.

— Mas agora que você teve tudo, é a minha vez de tomar tudo que eu quero. Do jeito que eu quero. E, Donna — avisou, pausando o discurso para que eu prestasse atenção —, dessa vez não serei gentil.

O tom melancólico da minha voz foi substituído por um silêncio opressivo, quando me virei, ficando de quatro e empinando minha bunda na direção da sua ereção.

— Eu nunca te pedi que fosse. Antes, pelo contrário, eu quero que você me foda exatamente como me prometeu uma vez, e se sirva de mim como o animal que as pessoas assumem que você seja. — Suas palavras proferidas por mim foram o nada que ele precisava para perder completamente o controle. E foi lindo de ver, e de sentir, não resisti a nada, agora seu nível de desespero finalmente se igualava ao meu e entendia finalmente o porquê da espera.

A Dómina que eu era agora seria destruída totalmente pela vontade irascível que eu sentia de me submeter ao seu domínio por completo.

Era irracional, inexplicável e inevitável, mas meu coração batia leve, porque eu sabia que ele sentia o mesmo que eu. Talvez até mais se conseguiu esperar até agora para me ter de volta. Eu não seria capaz de

me afastar dele nem se a minha vida dependesse disso, neste preciso momento.

Meus pensamentos foram interrompidos pela minha boca se tornando um instrumento musical, a língua de Kassius vibrando sob as notas dos meus gemidos afogados de prazer irrestrito e bruto, exatamente como da primeira vez que a ligação de parceria de sangue se estabeleceu entre nós completamente.

Suprema.

Dominante.

E imperiosa.

Absoluta em todo seu poder.

CAPÍTULO 16

KASSIUS

— **C**hega! — Killian gritou após horas escutando discussões paralelas entre mim e meus irmãos, cada um defendendo seus pontos. Ele permaneceu em silêncio, apenas observando e claramente julgando cada um de nós.

Kianna tinha assumido ter nos enganado durante toda a temporada do Sephtisson e usado seus reflexos para isso, um golpe baixo, devo dizer, mas genial. Killian não pareceu surpreso e a sua falta de reação deixou Kianna tensa e irritada. Ela sabia que a retaliação viria e não tinha paciência para esperar, nem tempo. Na verdade, ela precisaria trocar com seu reflexo que estava na competição, em breve. Não poderia continuar trocando entre eles, porque iniciaria a última fase da competição e o júri ficava cada vez de mais alto nível, alguém poderia perceber que fora dos combates, ela não era tão inatingível assim, que apenas não estava de fato lá. Não seria difícil que concluíssem que ela estava apenas usando magia para enganar a todos, caso olhassem com cuidado.

Kianna seria rechaçada se fosse descoberta. E desclassificada. Ela não precisava ganhar luta alguma, mas pelas imagens que nos mostrou mais cedo, tinha pelo menos mais três alvos que tencionava desafiar caso não lutasse com eles. Ela tinha marcado os melhores gladiadores de cada sessão, e perseguido cada um deles com um reflexo.

Kianna conseguia fundir seu reflexo em sombras, passando despercebida na maioria das vezes, mas a presença dela era sempre notada e sua energia, inconfundível. Ela deixava um rastro por onde passava, e isso fazia com que as pessoas muito rapidamente passassem a vê-la como perigosa, e comesçassem a sentir-se observados, tentando assim flagrá-la, sem saber, porém, que ela nunca virava de costas de fato, existia sempre um reflexo observando em todas as direções.

Kianna nunca era apanhada desprevenida, a não ser em casa, mas fora de nosso domínio, ela tinha olhos em todos os lados. Por isso, era sempre ela que fazia o reconhecimento de terreno em tudo que fazíamos, e o fato de estar se recusando a seguir para Altera conosco, estava deixando Kion fora de si.

Se havia alguém que não gostava de ser contrariado, essa pessoa era meu irmão Kion. Principalmente sobre algo que ele tinha total razão. Nenhum de nós faria um trabalho melhor que o dela.

Kori não poderia se importar menos nem se estivesse se esforçando para parecer desinteressada. Ela estava descontraída brincando com as mãos de um Sebastian, mudo, que rezava para que ela não decepasse seus dedos com as lâminas que empunhava e afundava no vão entre seus dedos alternadamente, ao ritmo que a nossa discussão se desenrolava.

Kori faria o que quer que ficasse decidido, desde que pudesse fazer do jeito dela, uma vez que houvesse um objetivo.

Ela nunca lutava por crenças ou princípios, ela lutava pelos detalhes. Quando fosse a hora de decidir como os nossos inimigos morreriam, ela se transformaria numa gigante para nos enfrentar. Quando fosse para decidir em que ordem eles morreriam e quanto tempo duraria sua agonia, ela massacraria cada um de nós, caso tentássemos nos sobrepôr à sua vontade. Mas quando era para decidir quando, quantos, e como iríamos para Altera? Ela se sentava brincando com Sebastian.

Kianna gritava com Kion e ele gesticulava alucinado, esfregando os cabelos com raiva, suas narinas dilatadas e os olhos arregalados.

— Eu nunca te pedi nada — sua voz alta e grave ressoava. Dómina estava impressionada, Kion não dirigia muitas palavras a ela, essa era primeira vez que ela o via fora de si. Kianna tinha esse dom.

— E por que pediria? Eu pareço algum santo aceitando oferenda por acaso? — as mãos na cintura vibravam coloridas de eletricidade.

— Eu poupei a sua mente, sua ingrata.

— Você poupou suas noites de paz. Sabia perfeitamente que meus reflexos não dormem e você nunca mais dormiria se violasse a minha consciência. Não seja ridículo, Kion.

— Vocês estão vendo isso? Eu não preciso aturar isso. — Kion concentrou poder na palma das suas mãos, implodiu uma parte em suas palmas trazendo as duas ao peito e unindo as esferas e as libertou na direção de Kianna que as absorveu com dificuldade, arfando de dor e cambaleando para trás caindo sentada.

— Eu vou te esquartejar, Kion, você estragou a minha roupa! — A espécie de macacão de couro retorcido trazia um buraco enorme queimado bem na direção do seu estômago.

— Se você não consegue se defender de mim a tempo, não consegue sequer parar meus poderes, o que te faz pensar que será vencedora na Arena?

Kianna arqueou a sobrancelha e sua cabeça pendeu para o lado, desafiando Kion a repetir o que tinha dito. Ela deu um passo ameaçador na direção dele, e eu me levantei, sabendo que teria que ajudar a contê-la antes que ambos perdessem o juízo.

Kion nunca a atacaria além dos limites do aceitável. Kianna o destruiria sem pensar duas vezes, ela era ótima pedindo desculpas depois de fazer merdas colossais.

Kori descansou as facas de pontas duplas com que brincava e focou sua atenção em nossos irmãos.

Kianna olhou para cima e se dividiu em mais reflexos do que eu alguma vez tinha tido a oportunidade de presenciar. Eles eram em mais números do que nós. Perfeitos. Completamente corpóreos. Não eram suas fracas cópias de adolescente, que tinham um ar fraco e cansado, eram suas cópias legítimas. Eu podia jurar que se não fosse a temperatura da sala ter descido alguns graus, não saberia qual dos reflexos era a matriz.

Seus reflexos frios imitaram os gestos dela, apenas Kianna ficou para trás e sua multidão de sócias traspassou Kion como se ele fosse uma folha de papel, um após o outro, fazendo com que ele caísse de joelhos apoiando ambas as palmas das mãos no chão. Quando o último atravessou sua carne e ele pôde finalmente respirar, uma rajada de vômito foi expulsa da boca dele, fervilhando.

Uma visão atroz.

Kori aprovou com um aceno simples e um sorriso psicopata.

Eu comprimi meus lábios tentando não rir, mas claramente impressionado.

— Cretina — Kion conseguiu finalmente uma pausa para xingá-la.
— Covarde — completou.

— Covarde é você, que nunca me ataca com sua força total porque sabe que vai perder. Me poupe.

Killian permanecia nos observando placidamente, sentado na cadeira, encabeçando a mesa redonda que apenas ele, Kori, Sebastian e Dómina usavam.

Dante estava encostado à porta, apenas observando e pronto para se retirar assim que fosse dispensado. Seus olhos aterrorizados com a performance de Kianna diziam o bastante.

Dómina se levantou, mediu Kianna de cima a baixo, uma expressão de desdém despontando em sua boca e começou a dar passos em direção à porta onde Dante estava.

— Aonde vai? — perguntei. A reunião não tinha acabado.

— Embora. Eu já tive o suficiente desse tipo de besteira. — Suas mãos indicaram Kianna e Kion. — Se vocês não conseguem sequer partilhar uma sala sem maiores problemas, se não podem confiar uns nos outros, essa jornada já acabou antes mesmo de começar — Killian levantou as mãos na direção dela, como se finalmente alguém tivesse dito algo passível de reação da sua parte. — Por favor, inibam-se de me fazer perder tempo outra vez — ela pediu diretamente aos dois que a olhavam com ferocidade.

Kianna profundamente ofendida, Kion ultrajado com a audácia de Dómina.

— Você vem comigo ou vai ficar assistindo a este circo? — Dómina perguntou me estendendo a mão.

Estendi a mão para ela, sentindo a tensão na sala crescer. Kori revirou os olhos e eu podia ver o nível de respeito dela por mim, decaindo em sua mente. Beije a mão de Dómina, e pedi mentalmente que ficasse . *Por favor*, acrescentei com sua óbvia recusa.

— Como quiser. O meu corpo estará aqui até que consigam terminar o que quer que seja que acham que estão fazendo, mas em uma

próxima vez, por favor, não contem comigo para nada — completou, ameaçando e cumpriu.

Vi sua mente fluindo, sua concentração aumentando tentando explorar suas memórias, encontrando poucas imagens suas, e muitas das minhas que tínhamos partilhado, deixando-a completamente desligada do que acontecia na sala.

— Se a nossa excelentíssima rainha me permite interromper seus pensamentos privados, ou não tão privados assim... — Kori se levantou, e eu me coloquei ao lado de Dómina, imaginando o embate. Kori não permitiria que Dómina chamasse atenção de Kion e Kianna daquele jeito. Seus olhos fulminavam Dómina de um jeito tão intenso que podia senti-los em minha própria pele. — Você, claramente acabou de chegar nesta família e não nos conhece, por isso não precisa se desculpar por se comportar de maneira equivocada. Entendemos que o funcionamento da nossa família ainda esteja além das suas capacidades. No entanto, devo dizer que o nosso maior problema ainda é você, querida.

— Como eu seria um problema, Kori?

— Você não tem memória. Logo você não tem história. Quem me garante que esse conveniente apagão não esconde também algo que não queira que saibamos a seu respeito?

— Por que obviamente, na sua mente deturpada e doente, eu me exporia a esse tipo de vulnerabilidade? A que propósito?

— Eu não posso saber, não é? Não me foi permitido procurar. Se fosse, talvez eu encontrasse.

Dómina se levantou, e Killian também. Dante se aproximou dela, e eu apenas enviei uma mensagem tão clara quanto silenciosa à minha irmã.

— Chega. Isso é o suficiente — Killian interferiu. — Dómina vai trabalhar com Kion em suas memórias, não com você, Kori. Kion ajudará Kianna a traçar um plano para que vença o máximo de combates possíveis na Arena. Kori vai reorganizar a mente de Sebastian para que ele possa nos acompanhar como um aliado. E você e eu, Kassius, vamos preparar a viagem. Todos estarão prontos, sem exceções. Kianna se juntará a nós quando não for mais útil que permaneça espiando os gladiadores, nem um minuto a mais. E você, Dante, vem conosco. Algo me diz que sua criadora, Celeste, sabe muito mais do que Sebastian

sobre o feitiço que ainda está alimentando os gladiadores. Nenhum deles poderia ser forte o suficiente para enfrentar Kianna, se eles estão de fato dando luta a ela, é porque estão trapaceando. E a única maneira de magia, além do sangue, entrar nas Arenas sem ser notada é se estiver sendo drenada diretamente de Altera. Ao trabalho. Partiremos em 3 dias. Todos, sem exceções.

Nenhum de nós questionou sua autoridade, nem mesmo Kori, que claramente não concordava, apenas Dante foi tolo o bastante para perguntar:

— Por que, exatamente, você precisa da minha ajuda? — Dante se dirigiu a um Killian incrédulo com sua audácia.

— Você não é um presenciador? Eu preciso que encontre alguém — respondeu como se fosse óbvio.

— E você não é um híbrido com mais poderes que todos nós? Por que eu tenho que fazer isso? — eu vi a cabeça de Dante se separar do corpo em minha mente, mas não aconteceu, para minha surpresa, Killian apenas virou para mim com uma expressão que questionava quem havia tirado a mordida daquele animal, mas respondeu com um sorriso trocista.

— Talvez eu tenha sido banido do lugar onde você pode encontrar essa pessoa. Talvez todo o meu sangue tenha sido. Mas, Dante? Eu não estava te pedindo nada. Por favor, previna-se de achar que quando eu lhe dou uma ordem, ela pode ser considerada uma sugestão.

Killian abriu a porta esperando que Dante o seguisse, eu confirmei com Dómina se estava tudo bem deixá-la e ela acenou afirmativamente. Não me preocupei com os outros, sabia que cada um cumpriria suas funções. Todos estávamos pisando em ovos com Killian, e ninguém queria desafiá-lo particularmente.

Ele voltou-se no meio do corredor, e falou diretamente para minha irmã:

— Ah, Kianna, quando estiver na Arena, mate apenas os concorrentes e poupe o público, por obséquio.

— Eu vou tentar — ela respondeu entredentes.

Kion e Dómina riram enquanto Kori ordenava que Sebastian caminhasse à sua frente, e eu soube que tudo ia ficar bem.

Éramos apenas muitas cabeças habituadas a forçar suas vontades aos que nos rodeiam. Teríamos que aprender a lidar com isso, antes de partir. Dómina tinha razão de pensar que éramos fracos em nossas convicções, mas ela não nos conhecia, não fazia ideia do que seríamos capazes de fazer uns pelos outros, e de que nossas confusões sempre cessavam assim que tínhamos um inimigo em comum.

Nada era mais forte do que o ódio que partilhávamos por quem feria quem amávamos e toda Altera feriu nossos pais. Eles tinham assinado sua sentença de morte antes mesmo de eu nascer. Tinham vivido demasiado tempo com a paz que roubaram deles. Isso estava prestes a acabar.

CAPÍTULO 17

DÓMINA

Kion tinha um ponto. Mas eu não estava propriamente inclinada a ceder. Não ainda, pelo menos.

— Kassius não vai permitir — respondi, tentando convencer mais a mim do que ao dono dos mais belos olhos verdes que tive o prazer de ver.

O que Kion tinha de bonito, tinha de insuportável, e a sua postura de tédio mortal não deixava a mínima dúvida quanto ao que sentia por mim: desprezo, claro e puro. Durante a reunião familiar, percebi que ele não é uma pessoa de poucas palavras, ele apenas se poupa de comunicar comigo mais do que o estritamente necessário.

Bom, se nós teremos que trabalhar juntos, é bom que ele comece a ultrapassar isso bem depressa, porque eu também não sou obrigada a lidar com criancice de uma pessoa que viveu muito mais séculos do que eu.

— Kassius pode ser meu rei, ele com certeza é meu irmão, mas da última vez que eu chequei, ou assim me foi informado, você era a minha rainha. Então, Dómina, aprenda a tomar suas próprias decisões. Você é uma rainha, não uma princesa em apuros. E Deus é testemunha de que na minha linhagem não corre o sangue de nenhum príncipe encantado. Você terá que agarrar as rédeas da sua vida mais cedo ou mais tarde, e parar de se amarrar nessa corda imaginária de segurança. Ou não, — completou mudando de tom e encolhendo os ombros como se de fato não se importasse nem um pouco com o resultado do que dizia. — mas se você

pretende ser uma rainha, é melhor que comece logo, ou Altera vai te comer viva antes mesmo que possa começar a gritar por socorro.

Altera, Altera, Altera. Sempre o mesmo osso balançado à minha frente como se eu tivesse que o perseguir. Uma hora era minha, tudo que tinha que fazer era aceitar. No minuto seguinte precisava lutar por ela, e às vezes contra ela. Cada um dos irmãos tinha uma abordagem bem diferente do que significava ser rainha da ilha.

Nada disso me dissuadiria, obviamente. Eu passei mais de cem anos desejando uma ínfima oportunidade para arriscar a minha vida nas Arenas e ter a chance de competir por um lugar em Altera. Para, talvez, descobrir quem foi o meu criador e a que linhagem pertencço. Eu sempre quis entender minha origem e me tornar senhora dela. Não seria um cara mimado e insatisfeito com a vida que me afastaria do meu objetivo.

Altera era maior do que qualquer um dos meus futuros problemas, mas também era a solução, e eu não abriria mão dela, não importava o custo.

A proposta dele se ligar à minha mente permanentemente para poder observá-la a todos os momentos me causava calafrios. Eu tinha a certeza de que Kassius se oporia. Ele não só não me colocaria numa situação dessa, como também não veria com bons olhos o fato de que minha maior motivação para chegar até à ilha não tinha nada a ver com ele e seus objetivos. Eu tinha minha própria agenda.

Ter seu irmão com maior potencial destruidor, usando suas técnicas de manipulação mental livremente em mim não era uma proposta, era uma ameaça de que tudo poderia ruir a qualquer momento.

Kassius era extremamente determinado e possessivo, seus limites estritamente delimitados. Eu também queria minhas memórias de volta, mas deveria haver outro jeito além de me abrir inteira para um desconhecido que nem sequer era capaz de me dedicar um único olhar de respeito e que usaria minhas fraquezas

para me atacar e me provar indigna da coroa sem o menor escrúpulo. E ainda havia todos os meus pensamentos libidinosos com ele, aos quais ele teria acesso. Eu nunca tocaria este infeliz, mas meu cérebro era livre de imaginar o que quisesse com ele, e ele imaginava.

Kion, além de lindo, tinha essa presença que te fazia se sentir quente, onde quer que fosse visto era notado. Ele era o tipo de pessoa que nunca passaria despercebido nem no meio de uma multidão.

Kassius com certeza não bateria palmas pelos meus pensamentos. Ele é minha chave para Altera, e a última coisa que pretendo fazer é decepcioná-lo. Ele já me deixou para trás uma vez, e esperou pacientemente, o que o impediria de o fazer de novo? Absolutamente nada.

— Nem se ele quisesse, conseguiria, ele é seu *Sanguini*, a partir do momento em que a ligação se estabelece e você permite que ele se afunde em você — senti meu corpo esquentar lembrando do momento que a voz de Kion narrava com tanta displicência —, você perde o controle do que seria capaz de fazer pelo seu parceiro. Não há nada que Kassius não fizesse por você. É mais forte do que ele. Não importa o que você faça, ele nunca te deixaria — o olhar de Kion perfurou o meu em suas últimas palavras e seus braços cruzados à frente do peito, esperando uma decisão, me intimavam a ceder.

— Você está olhando na minha mente? — suas palavras foram respostas demasiado certas para questões que não tinha feito em voz alta. Dei um passo atrás tentando debilmente criar mais espaço entre mim e Kion, como se isso o impedisse de invadir e saquear meus pensamentos como bem entendesse.

— Você precisa aprender a bloquear, não somente a mim, mas a qualquer Dominador da mente. Com ou sem memórias, você sabe muitas coisas que mais ninguém fora do nosso círculo deveria saber. Se não tiver domínio sobre as suas capacidades, você se torna uma arma contra nós.

— Saia da minha mente agora — ameacei entredentes.

— Eu não estou na sua mente — minha cabeça dobrou para o lado e minha sobancelha arqueou em descrença nas palavras que me dizia. — Suas motivações são bastante óbvias, e eu vi a mente do seu melhor amigo o suficiente para saber. Não preciso estar na sua cabeça para adivinhar o que pensa. Inclusive evito seus gritos sempre que posso.

— Meus gritos? — meus olhos se estreitaram, questionadores.

— Sim. Dominadores iniciantes gritam pensamentos, é irritante e o seu tom de mente beira o insuportável. Eu não entraria na sua mente por opção, nem que me oferecessem seu peso em ouro.

— Você consegue se manter longe? Eu digo, eu percebo pensamentos dos outros, como se escorressem para minha mente, não consigo controlar. Sei que Kassius também não.

— Kassius é uma garota fofqueira, ele nunca se esforçou. Sempre gostou de se comportar como um satélite, orbitando ao redor de todos, sabendo de tudo que tramavam, seus planos, seus medos. Kassius é um dominador na vida, não apenas em sua habilidade. Se ele pudesse, se sentaria numa cadeira e contemplaria para sempre, apenas assistindo o destino acontecer. Com certeza é seu passatempo favorito desde novo.

— Eu não sabia que era possível.

— Em defesa do meu irmão, é mais difícil se manter fora do que invadir mentes, na realidade. Eu não escorrego, não entro sem querer, não vejo o que não procuro, não procuro o que não preciso. E eu não preciso de nada de você, Dómina. Então, a única forma de você conseguir que eu entre na sua mente, é se eu quiser te destruir. Ou se pedir com muito jeitinho, o que vier primeiro. Eu não entro na mente de qualquer um. Não gosto de desperdiçar meus dons, nem meu tempo.

Suas feições se tornaram mais duras, as linhas do seu rosto mais retas e imponentes conforme dava pequenos e pesados passos em minha direção. Não recuei, sabia que ele me testava. E quando chegou perto o suficiente para que pudesse sentir sua respiração soprando friamente em mim, suas palavras soaram cáusticas e certeiras.

— Mas, só para que fique claro, rainha, se você machucar o meu irmão, seu sangue e sua coroa não serão o suficiente para te proteger. Eu vou estilhaçar sua mente em mais pedaços do que você poderia juntar em toda a eternidade que lhe foi concedida pela criação. Se isto for um plano seu, saiba que eu vou descobrir mais cedo ou mais tarde, e saiba que se eu tiver que lidar com o meu irmão me odiando por mil anos, isso será pouco para me deter. Ele é o seu *sanguini* e te deve lealdade, mas eu não. Eu não te devo nada. Então pense duas vezes antes de me permitir vasculhar, porque a continuação da sua existência, como ela é hoje, depende disso.

Ele me olhou de cima a baixo, como se eu fosse um inseto zunindo em seus ouvidos. Muito possivelmente, me via exatamente da forma que me fazia sentir.

— Você está realmente ameaçando a nossa rainha dentro da casa dela, irmão? Eu ouvi direito? — a voz de Killian nos interrompeu, se apressando em chegar perto de mim e abrir distância entre o corpo de Kion e o meu.

— Não comece, Killian. Essa mulher é um ponto fraco. Ela pode facilmente se tornar um estorvo inconveniente. É melhor que ela entenda o risco que representa quanto antes. Nem todos nós estamos dispostos a padecer por ela. Sem ofensa — se dirigiu a mim, me mirando por um único segundo.

— Você é que tem que entender, Kion, ainda que ela fosse nossa inimiga, e quisesse esquartejar todos nessa casa, nós a acolheríamos. Ela é uma de nós, sua superior! E da próxima vez que lhe ocorrer ameaçá-la, certifique-se do que está em jogo para você, porque eu não vou tolerar esse tipo de abusos — Killian tinha

uma postura altiva em tudo que fazia, embora seus lábios carnudos e nariz empinado lhe dessem um ar sexy e enigmático, havia sempre algo de duro e sombrio em sua voz grave.

— Não vai acontecer novamente — Kion garantiu, o olhar ameaçador e o tom condescendentes impressos em cada uma de suas palavras.

— Espero não ter que me assegurar disso com as minhas próprias mãos — Killian o desafiou.

— Não será necessário. Eu não aviso duas vezes.

— Você está bem? — Killian me pergunta enquanto Kion se retira, sua ameaça velada ainda pairando no ar.

— Sim, perfeitamente bem. Ele não está totalmente errado, sabe?

— Não permita que Kion a pressione.

— Não permitirei, mas aparentemente ele é o único que vai conseguir desbloquear minhas memórias e, se eu tiver que me submeter em troca delas, pois então, que seja.

— Os métodos de Kion envolvem mais dor do que você imagina. Ele não vai apenas desbloquear suas memórias, Dómina. Ele vai massacrá-las até o ponto em que não possam fazer nada mais que implodir, e quando isso acontecer ele vai encapsulá-las e encarná-las de volta à sua consciência. Kion é um cirurgião. Ele não te poupará. Kassius nunca vai permitir que você se sujeite a isso.

— Eu pensei que a Kori era detentora desse tipo de técnica.

— Não, Kori é uma carniceira. Ela destruiria a sua mente e te deixaria perdida no vazio. Kion reorganizaria tudo que mexeu, te deixaria perfeitamente consciente do limbo que ele recriou para te refazer. E sinceramente, eu não sei até que ponto isso seria melhor ou pior.

— Você me disse para trabalhar com ele e, no entanto, é contra.

— Você deve trabalhar com ele, dentro dos limites estabelecidos, memória por memória, com supervisão, sem abusar. É um jogo longo, não será imediato, Dómina. Você precisa ser paciente.

— Kion parece acreditar que é capaz de me dar tudo de volta, sem demoras.

— A questão é: você está disposta a dar a ele um cheque em branco que você pagará com sua sanidade? Porque é isso que ele está pedindo, que você aceite sem saber o preço a pagar por isso. Como você bem viu, a prioridade dele é descobrir tudo que você sabe, não para te munir das defesas que virão com suas memórias, mas para garantir que você não se tornará um risco para nós. Eu não posso decidir por você, mas te aconselho firmemente a contrapor outra abordagem. Kion não é fiável quando está desconfiado. Ele está te tratando como a sombra de um inimigo. Não permita que ele te resuma a esse papel. Ele não tem esse direito.

— Eu preciso falar com Kassius. Eu vou aceitar, mas quero que ele tenha conhecimento das minhas decisões. Eu posso sobreviver a Kion. Ele que traga o melhor que tem. Eu não sou uma covarde. Ele não pode me intimidar com fracos vislumbres de dor e agonia, ele não sabe pelo que eu já passei. Ele não será o primeiro a me machucar e, com certeza, nem o último, mas pelo menos ele pediu permissão. E ela lhe será concedida.

— Eu peço que você pense melhor.

— Não há o que pensar quando eu não tenho todas as peças do jogo, Killian. Não há contra-argumento para alguém que tem razão! O que te faz acreditar que eu não fui reorganizada antes? Que não infiltraram ordens na minha mente que estão apenas esperando seus gatilhos para acontecer e me tornar refém?

— Nós cuidaremos de você se isso tiver acontecido. Você é da nossa responsabilidade. Foi um erro de todos nós, para começo de conversa, te deixar tão vulnerável a ponto de você duvidar das suas próprias motivações.

— Eu sei que o Kassius está fingindo que isso foi um erro dele. Que ele fez algo errado quando apagou minhas memórias, mas eu vi, Killian, eu vi o desespero no olhar dele, eu vi a agonia, a aflição, a angústia e a cólera debaixo dos pensamentos que ele esconde de mim. Ele pensa exatamente como Kion: que eu posso ser um risco, uma fraqueza. Ele apenas está disposto a arriscar, e Kion não. E, sinceramente? Eu não posso culpá-lo. Eu faria exatamente igual.

— Antes tarde do que nunca — a voz de Kori soou atrás de mim, aparecendo do nada. Uma sombra encarnada, seus olhos tão pretos como a noite, suas roupas e tatuagens exatamente da mesma cor, sua pele clara, um contraste gritante com a escuridão que emanava na sua presença. Nem seu cabelo brilhante lhe dava um ar leve, ele emoldurava cada uma das suas feições austeras.

— Eu suponho que você seja a responsável pelo rompante de Kion — indicou Killian.

Ela deu de ombros.

— Vocês não me permitem chegar perto da nossa rainha com medo de que eu a quebre. Alguém tem que a testar e, se ela for de vidro, melhor que se estilhasse em nossas mãos, pelo menos ela teria um fim digno.

— Você deve ter essa sua cabeça enfiada num nível muito profundo do seu rabo se acha que eu permitiria que alguém tocasse nela, Kori.

— Ela já foi tocada, Killian, ela já foi tocada. A questão agora é saber por quem, e se pode ser revertido.

CAPÍTULO 18

KASSIUS

A larga e precária entrada do mosteiro gregoriano à frente de Dante lhe provocava arrepios na coluna. Ele deu atenção ao ar abandonado do lugar, imaginando que tínhamos falhado em lhe dar as indicações corretas, mas escutou, vindos do mausoléu, sons que comprovavam o contrário.

Imaginei sua expressão ao rever seus sentimentos. Killian tinha mesmo que me colocar para ser babá do seu mais novo laçao? Quer dizer, eu achei ótimo que ele tivesse delegado a tarefa de buscar Morana à terra onde tinha sido abandonada, mas eu precisava estar dentro da mente dele para quê?

Não havia a menor necessidade. O vampiro era bom o suficiente em suas habilidades de presenciador para encontrar alguém, marcá-la, persegui-la e sequestrá-la, assim que tivesse oportunidade. Mas Killian tinha me incumbido de acompanhar todo o processo de dentro da mente de Dante, não fosse ele precisar de ajuda.

Meu irmão ficou esperando na primeira fronteira de sangue. Traçada por magia há pouco mais de quinhentos anos quando Morana havia sido trazida para este lugar. Lilith foi a gêmea escolhida para guardar os domínios do regente durante os cinco séculos correntes.

Uma família de magos que conseguiram estender seu tempo de vida além dos limites dos humanos, lobisomens e bruxas. Uma família com uma longa e conhecida linhagem de gêmeos. A cada nova geração, um dos gêmeos era escolhido e treinado para guardar os domínios do rei em Altera, o outro expulso da ilha.

Parte do feitiço que geria o poder e a longevidade das gêmeas residia na sua equidade genética. Juntas, a magia se dividiria entre elas, cada uma teria um conjunto de habilidades dentro das ofertadas por sua linhagem.

Alterra não permitia que isso acontecesse. Em troca da vida longa e segura dentro dos muros do castelo, os pais de cada par de gêmeos eram obrigados a escolher um deles para consagrar como herdeiro da sua linhagem e do seu título da ilha.

Não lhes era permitido procriar até às suas últimas cinco décadas como guardadoras, para que dedicassem sua vida ao serviço. Como se parir apenas com o intuito de conceber o seu sucessor fosse algum tipo de benção, e não um castigo.

Muitos consideravam esse trabalho uma dádiva, outros tantos tentaram ao longo dos anos interferir na forma como as coisas eram feitas, para que outras famílias também pudessem concorrer ao grande prêmio de ser quase um escravo do reino, para que a vida dos seus filhos estivesse atada, até ao fim, à vida do rei.

Onde eles viam segurança, meus pais viam uma espécie miserável de comportamento abominável.

Verena era amiga da minha mãe, quando ela nasceu, Verena já trabalhava na ilha, ela ajudou meus pais quando eles foram expulsos, e um dia minha mãe prometeu que cuidaria da sua linhagem enquanto fosse viva. E assim fez. Quando meus pais se sacrificaram pela imortalidade dos meus irmãos, Killian assumiu a promessa de cuidar dos Hamulet. Ele prometera a nossa mãe que levaria o gêmeo banido de volta para o lar quando um dia voltássemos para casa e eu me consagrasse rei.

No meio tempo entre lá e cá, ele acompanhou e protegeu cada um dos gêmeos expulsos, não só a eles como às famílias que formaram. Mas Morana Hamulet era especial. Eles tiveram um romance quando ela completou um século. Killian lhe ensinou algumas artes mágicas, e a feiticeira desenvolveu seu amor por elas, que se tornou um vício. Ela começou a criar problemas não muitos anos depois, descontrolada e com sede de vingança, Morana queria tirar a irmã de Alterra, lhe mostrar a liberdade que nunca tinha sido opção para nenhuma delas.

Killian lhe prometeu que a levaria para Alterra, mas a convenceu a esperar. De tempos em tempos Morana fazia uma tentativa de deixar a cidade e invadir Alterra. Ela não era mais um interesse amoroso, mas Killian se compadecia da sua dor e era simpático à sua causa.

Então a confinou, àquela cidade. Catarse pertencia a Morana, em retaliação ela tinha performado um feitiço de sangue que manteria todos nós longe dela e da cidade a que tinha sido destinada. Ela queria que Killian sofresse onde mais lhe doeria. Não cumprindo a promessa feita a

nossa mãe, mas Killian reviraria os continentes do avesso antes de permitir que isso acontecesse.

Por isso, ali estava eu, caminhando junto à consciência de Dante para resgatar alguém que claramente não teria a mínima intenção de vir conosco de livre e espontânea vontade.

Dante era livre para entrar e sair da cidade de Catarse, e também poderia utilizar sua habilidade e marcá-la esperando o melhor momento para a levar até ao limite da cidade para que então nós a levássemos dali.

Dante dava passos felinos pela construção antiga, e seu coração não concordava com o que achava que estávamos fazendo. Sequestrando uma feiticeira parecia uma espécie de pecado nos termos, mas tampouco se tinha recusado a fazê-lo, o que contava pontos a seu favor.

As dúvidas rondavam sua cabeça me incomodando, mas não se refletiam em seus movimentos ágeis e comportamento profissional. Eu diria que não era a primeira vez que fazia algo assim, mas pela tensão, algo tinha dado errado da última vez.

Ele forçou a respiração quando viu Morana, marcando-a imediata e imperceptivelmente e recuou, seguindo-a sem a ver. Seus sentidos de localização foram totalmente polarizados pela proximidade de Morana. Ele sentia a presença dela na pele como se fosse um lençol de água e podia seguir o que quer que os olhos dela alcançassem de perto. Era quase uma dominação da mente, mas superficial, no fundo, era como se ele tivesse roubado o seu olhar, enquanto era manipulado por mim, no interior da sua mente. Ele a observava, enquanto era observado.

Morana não deixou passar despercebida a marcação, e eu cogitei a hipótese de que ela sabia exatamente o que estava acontecendo e tinha decidido nos cozinhar em banho-maria, nos fazendo esperar pelo ataque o máximo de tempo possível.

A feiticeira tinha jantado com parcimônia e se envolvido em diversas atividades enfadonhas. Era quase como se estivesse brincando conosco enquanto a rondávamos.

Dante começava a ficar cansado. Era um enorme dispêndio de energia usar seus poderes enquanto eu permanecia permanentemente ligado à sua mente. Isso não só exacerbava seus poderes como também o fazia lidar com uma enorme quantidade de energia a que não estava acostumado.

E não era propriamente como se eu estivesse tentando passar despercebido em sua mente. Eu era um observador direto e fiz questão

de que sentisse minha presença. Além do fato de termos um objetivo em comum, ele com certeza não constava na lista das minhas pessoas favoritas.

— Minha nossa! — ele exclamou quando Morana pegou numa tocha e começou a atear fogo em diversos montinhos de palha que tinha juntado à volta do mosteiro pela manhã.

Vi o olhar assassino daquela velhaca ardilosa se regozijar antes que ela se dirigisse a Dante diretamente.

— Levou tempo mais do que suficiente para você vir me buscar, Killian! — acusou vidrada em meu olhar, atrás dos olhos de Dante que os revirou.

— Irmão errado, mas você poderá dizer isso a ele em breve. — Forcei Dante a responder.

— É melhor que comecemos a correr — Morana avisou já se virando com rapidez.

— Por que eu correria de alguma coisa na minha vida? — neguei, fazendo com que Dante desse passos lentos, embora suas pernas quisessem obedecer às indicações da feiticeira.

— Por que esse fogo é capaz de queimar até você! Eu passei anos desenvolvendo uma essência que pudesse machucar vocês — ela falou baixinho, já longe do meu alcance, o que não me impediu de escutar.

— Que ótimo. É sempre bom ter os inimigos por perto, ou assim ouvi dizer — respondi, permitindo que Dante a alcançasse. — Por que resolveu partilhar essa informação conosco? — Parecia fácil demais. Algo tinha que estar errado.

— Bom, neste momento, nós queremos exatamente a mesma coisa. Chegar a Altera. Vamos logo!

As pequenas explosões na madeira começaram a se ouvir ao longe, os estrondos espaçados não cessaram quando o mosteiro se extinguiu em chamas. As labaredas apenas mudaram de posição, como se orientadas pessoalmente a nos perseguir.

Que ótimo. Eu, de fato, teria que correr. Que situação ridícula.

— Dante, me lembre de decepar as duas mãos do meu irmão quando o encontrarmos, por favor.

— Pode deixar.

O riso desvairado de Morana, que provavelmente corria livremente pela primeira vez desde que tinha sido confinada a Catarse, nos acompanhou ao longo de todo o caminho até aos limites da cidade, e

as chamas nos seguiram tresloucadas, se extinguindo apenas quando pusemos os pés para fora do marco de sangue traçado por ela há muitos anos. Logo ali, encostado a uma árvore estava Killian, esperando.

Dante estava curioso pelo encontro, por saber a história dela, e por entender essa pequena confusão em que nos metemos. Saí imediatamente da sua mente assim que alcançamos Killian.

Morana manipulou as chamas, que eu achava estarem extintas, e as direcionou em direção a Killian, eu fervei o sangue dela antes que tivesse a chance de completar seu feitiço e as libertar. Ela desmaiou no chão, caindo com baque seco.

Killian questionou meu ataque apenas com as mãos.

— Sem tempo, irmão. Você pode lidar com ela depois. Nós temos coisas mais urgentes para resolver. Eu disse que a buscaria, em momento algum prometi ser simpático com ela. E que te sirva de aviso, ela é completamente perturbada.

— Que seja bem-vinda à família então. Vai se integrar bem, tenho certeza.

O riso despretenso que explodiu da garganta de Dante só não foi irritante porque seu timing havia sido perfeito. Acabamos os três rindo enquanto Killian pegava Morana do chão e voltávamos para casa.

CAPÍTULO 19

DÓMINA

Eu estava parada, como uma estátua, aguardando. E, com certeza, o ditado estava correto: Quem espera, desespera.

Kassius me fez prometer que não tomaria nenhuma decisão antes do seu retorno e ainda tinha levado Dante e Killian consigo. As únicas pessoas que poderiam me ajudar a domar meus poderes gritando para se libertar, imprimindo o caos da minha mente ao meu redor.

Dante me ajudaria a escoar os pensamentos intrusivos que povoavam a minha cabeça, e Killian me ajudaria a manter os poderes livres das reações dos meus humores.

Kassius tinha razão, dessa vez estava mais fácil lidar, a quantidade de sangue partilhada com ele com certeza influenciava muito no descontrole das minhas habilidades, mas nem por isso era fácil. Ainda era complicado. Ainda exigia muito de mim. Toda a minha força e concentração eram frequentemente drenadas apenas pelo esforço que eu fazia para estar exatamente como estava agora: sentada, numa cadeira, numa sala escura, respirando fundo e tentando acalmar meu espírito para não explodir.

Ele disse que não demoraria, e mentiu. Ele sabia perfeitamente que eu não podia ficar longe dele, não ainda. Ainda era física a dor da sua ausência. E lidar com isso era pior do que lidar com meus poderes. A dependência e o medo lutando por um lugar de protagonismo em paralelo a todo e qualquer pensamento que a sua mente é capaz de produzir é uma sensação desesperadora.

Eu sabia lidar com dor. Eu também sabia lidar com desafios. Eu sabia revolver meus problemas à força. Mas se tinha uma coisa que estava me enlouquecendo era a vulnerabilidade. Eu ainda não aceitava isso que tinha me tornado. Racionalmente, sim, entendia os efeitos da ligação, seus benefícios e o que tive que abrir mão, em troca deles, mas

meu espírito se recusava a aceitar que a partir de agora nunca mais estaríamos sós. Não existia mais apenas eu, agora éramos nós. E isso estava fazendo meu sentido de autopreservação gritar para todos os milhares de células do meu corpo: corra! E enquanto isso, eu esperava, sentada, parada.

Eu ria na cara de qualquer um que me dissesse onde e como eu estaria hoje. Se eu pudesse voltar no tempo e falar comigo mesma, tenho sérias dúvidas de que me convenceria de que isso era possível.

Eu senti Kassius se aproximando a muitos mais quilômetros do que deveria ser sobrenaturalmente possível, esperei o alvoroço costumeiro, mas ele não veio. Meus poderes se acalmaram e pararam de lutar para explodir pelos meus contornos bem antes de ele estar, de fato, perto.

Quando, de fato, entrou em casa, eu estava calma de um jeito que nem fazia sentido. Meus músculos relaxaram a ponto de doer com corrente sanguínea galopando livremente através deles, sem a opressão da magia concorrendo por espaço, querendo esmagar tudo dentro e fora de mim.

— De nada. — E mais uma vez Kori aparecia dos quintos do caralho falando como se sempre estivesse estado ali. Isso começava a me irritar.

— Por que fez isso?

— Você estava me atrapalhando. Seu poder estava interferindo com a reprogramação de Sebastian.

— E você fez o quê? Me silenciou?

— Não, eu apenas absorvi o que estava demais. Kassius deveria fazer isso com mais frequência se tenciona te deixar sozinha andando por aí.

— Ele nunca fez isso, Killian fez, algumas vezes, mas Kassius, não.

— Claro que ele não fez. Pois, certifique-se de que ele o faça, o efeito seria bem mais duradouro.

— Fazer o quê? — Kassius entrou na sala ainda escura, nós duas na penumbra, de pé, olhando uma para a outra sem nos vermos completamente. — Está acontecendo alguma coisa, Kori? — perguntou diretamente a ela, ameaçador, como se estar perto de mim por vontade própria fosse impensável. Provavelmente era, mas eu começava a achar que o problema de Kori não era comigo, e, sim, com a existência plena de qualquer criatura que não pudesse manipular.

— Tenho a certeza de que a nossa rainha poderá colocá-lo a par.
— Ela saiu tão rápido e silenciosamente que foi como se nunca tivesse pisado ali.

Me questionei quantas vezes ela teria estado em lugares sem ser notada.

— Ela estava te importunando? — Kassius perguntou se aproximando e tocando minha mão.

— Não. Na verdade, ela estava me ajudando. Fazendo algo que você poderia ter feito, aparentemente, mas nunca se ofereceu para tal.

— E o que seria isso?

— Ela absorveu o excedente dos meus poderes.

— E por que eu faria isso?

— Porque eu fico descontrolada.

— Você sempre ficará descontrolada se eu controlar seus poderes para você. Controle não algo que se dê, é algo que se aprende. Você nunca vai ter domínio sobre a sua magia se a sentir por inteiro.

— Está me enlouquecendo, Kassius. Não só isso, mas também.

— Dómina — ele raramente usava meu nome daquele jeito —, do que você tem medo? Me diga. De verdade, do que você tem medo?

— De nada. Eu não tenho medo de nada.

— Então, qual o problema? O que de tão problemático poderia acontecer se você perder o controle? Destruir a casa? Nós reconstruiremos. Se machucar? Eu já te vi suportando coisas piores. Matar alguém? Todos nessa casa são imortais o suficiente para dividir o mesmo espaço que você.

Ele tinha um ponto. E a calma e paciência com que disse isso eram tão irritantes quanto o fato de que tinha razão e eu estava me torturando à toa quando podia estar testando meus poderes, explorando-os, aprendendo.

— E se eu perder completamente o controle? Da última vez você pareceu assustado.

— Da última vez eu não estava assustado com seus poderes, e sim porque suas memórias não voltaram. Você não é uma besta que precisa ser contida Dómina. Você é livre para destruir tudo o que quiser e de bem entender a sua passagem. Se te faz sentir melhor, todos nós o fizemos, e você é uma de nós. Já é tempo mais do que suficiente para que aceite isso.

Puxei a respiração com força e permiti que as nebulosas de poder que eu estava contendo se libertassem. A sensação foi gostosa.

Elas devoraram a parede e ela afundou como se fosse feita de água. Kassius nem piscou.

— Eu quero trabalhar com Kion. Se eu não sou uma besta que precisa ser contida porque não permite que eu trabalhe com ele? Acha que não vou aguentar? Acha que sou muito fraca para encarar o seu irmão?

— Eu queria entender, que movimento meu te levou a sempre pensar o pior das minhas intenções. Em primeiro lugar, eu não permito nada, nem deixo de permitir, suas decisões são suas, e você é livre de as fazer. Em segundo lugar, eu nunca sugerir nem remotamente que fosse fraca, antes pelo contrário, concedi que partilhasse de todos os meus poderes, sem restrições, eles são todos seus para usar como bem entender. Em terceiro, eu tenho a certeza de que você pode suportar. Na verdade, eu sei que, mesmo que não pudesse, você se forçaria a chegar até ao final e essa é a única razão que me leva a pedir que não o faça.

— Que razão?

— Eu preferia não ter que odiar o meu irmão quando o vir machucar você. Não é sobre você aguentar ou não. É sobre mim. Eu não suportaria te ver como uma marionete nas mãos dele.

— Se eu tenho todos os seus poderes, e nenhuma restrição, era com Kion que você deveria se preocupar. Eu não preciso ser protegida dele, ele é que precisa ser salvo de mim se se atrever a me desafiar.

O sorriso diabólico que despontou no seu rosto me fez revirar os olhos.

— Você é impossível!

— Já fui chamado de coisas piores. — Sua mão deslizou na minha, e os lábios tocaram a minha pele. Lenta e pacientemente me beijou, e eu deixei que me provasse, milímetro por milímetro minha carne se acendeu, meu corpo despertando de uma vez só, como um superpoder. O corpo dele colou no meu e a outra mão alcançou minhas costas, me abraçando e mantendo presa em seus braços. Libertei a minha mão da sua a passei por seu cabelo, puxando com força, o pressionando mais em mim. Soltei um leve gemido em sua boca, me abrindo para a exploração mais profunda da sua língua, e o seu toque no meu interior me fez querer pedir por mais.

Sorri pelo meu pensamento, e ele beijou o meu meio sorriso sem perguntar a sua razão, apenas desfrutando daquele momento de paz. Olhei em seus olhos, e ele beijou meu nariz, minha bochecha, a minha boca de novo. Nossas testas se tocaram e ele respirou profundamente,

como tivesse se libertando de um peso, ou se preparando para levantar outro.

— O que te preocupa? — perguntei baixinho, não querendo quebrar a magia daquele momento. Todos os nossos encontros eram tórridos, essa era a primeira vez que eu o via sem a névoa do tesão esmagador que me tomava todas as vezes que o via. Era como a gravidade, você só sabe o peso dela quando experimentar flutuar. Agora que estava me acostumando a ser dominada pela força avassaladora de o querer dentro de mim o tempo inteiro, conseguia ver além disso.

— Usar uma coroa é algo obscuro e solitário, eu não queria colocar uma na minha cabeça sem você ao meu lado, mas fico me perguntando o tempo inteiro se isso não será peso demais para você carregar. Eu tive séculos para me preparar, você teve semanas.

— Eu posso fazê-lo.

— Eu sei que sim. A minha dúvida continua sendo a mesma, Donna. Será que eu posso assistir a isso? Eu não tenho tanta certeza assim.

— Vamos deixar que seja alguém de sua confiança a me testar então.

— Quem?

— Kion.

— Você é impossível.

— Eu aprendo rápido.

O beijo estalado veio de surpresa, e nos encaminhamos ao andar de baixo para procurar Kion que estava no primeiro degrau, esperando por nós.

— Finalmente. Começamos? — O seu tom de certeza me impressionou. Nem eu imaginei que seria tão fácil e que Kassius seria tão razoável. Quando ele me pediu para esperar, imaginei um grande escarcéu e uma discussão monumental.

— Como você sabia que eu ia convencê-lo? — perguntei, de novo brotando a desconfiança de que ele acompanhava a mente de todos nós, mas não admitia.

— Minha querida, eu já te expliquei... Ele nunca teve chances. — Kion deu passos largos e decididos na minha direção e eu acompanhei seu andar diretamente ligada aos seus olhos.

— Não corrompa a minha parceira, e não me faça arrepender de confiar em você Kion — disse Kassius, parando-o no curto caminho até mim.

— Não seja ridículo, Kassius, você não está confiando em mim.
— Kion levou a mão ao ombro de Kassius, tranquilizando-o, ou não. Suas palavras eram sempre tão mordazes que eu tinha dificuldade em entender o objetivo por detrás delas. — Você está confiando nela. — Ele apontou para mim com a cabeça. — Até seu cheiro grita ameaças na minha direção. — Era verdade. O cheiro dele estava sutilmente diferente. — Não seja ridículo, não vou quebrar sua rainha — Kion garantiu ao irmão, que olhava para ele, medindo-o.

— Vamos? — me perguntou, diretamente, num tom quase amigável.

— Kassius, eu esqueci de mencionar algo, mas eu quero levar Dante conosco para Altera — disparei, Kion agora mais próximo de mim que ele. Não podia continuar postergando esse assunto, Dante precisava de garantias, e eu também.

O olhar interrogativo do meu parceiro me fez pensar que, talvez, não era um momento tão bom para pressioná-lo quanto eu imaginava.

— É muito importante para mim que ele esteja a meu lado — completei. Sem muitos outros argumentos a acrescentar.

E foi a vez de Kion fazer uma expressão de que não entendia como eu era capaz de pedir algo assim. Eu devia ter pensado nisso melhor, traçado um plano de ação, não sair fazendo pedidos como uma criança inocente pede um doce de presente. Cerrei meus punhos ao lado do corpo e apertei meus dentes uns nos outros. Um rastro de poder congelante espiralando em meu pescoço.

— O que te faz pensar que precisa me pedir? Eu pensei que já tínhamos estabelecido que você toma suas próprias decisões e usa sua própria coroa. Quantas vezes vou ter que repetir isso até que entenda que você é a rainha daquela maldita ilha e pode fazer o que bem entender com ela? — Kassius parecia levemente ofendido. E eu totalmente aliviada.

— Aparentemente você é tão bom explicando as regras como é recuperando memórias — Kion fez pouco da situação. — E se vocês não têm nada de mais urgente, como a ida *daquelezinho* para Altera, eu gostaria de roubar sua parceira. — Sua mão segurou a minha, tentando me guiar.

— Para onde você vai levá-la?

— Para longe dos seus olhos curiosos.

— Onde está Killian, Kion?

— Ocupado.

— Você o despistou também?

— Eu, não. Mas a Kori talvez tenha precisado de ajuda com Sebastian.

— Ajuda? Claro! Talvez ela precisasse de alguém para aplaudir o trabalho impecável que fez sem a ajuda de ninguém — Kassius negou com a cabeça, julgando o estratagema dos irmãos para que Kion ficasse a sós comigo.

— Talvez, Kassius. Talvez. Nós voltamos mais tarde. Prometo que a devolvo inteira. Talvez ela volte até com uns pedaços a mais — Kion piscou o olho e eu, pela primeira vez, não me senti ameaçada nem pressionada por ele. Voltar com “uns pedaços a mais” era uma visão que me agradava.

Queimei a mão que segurava meu braço, só a título de curiosidade pela sua reação, e ele gritou de surpresa, se afastando por instinto, mas não muito.

— Que caralho foi isso, Dómina? — reclamou.

— Olha, ele sabe o meu nome, quem diria! — Me virei na direção para a qual ele tentava me arrastar e avancei, esperando que me seguisse, embora eu não soubesse para onde íamos.

— Muito engraçadinha. Eu quero ver quem vai gritar quando eu tiver torrando cada partícula das tuas lembranças — e ali estava o Kion que eu conhecia. Começava a gostar da previsibilidade das suas reações, era algo com o qual eu podia trabalhar.

Kassius apenas se virou e nos deixou lidar com aquilo quando eu lhe enviei uma ordem mental alta e clara: “Não se meta, eu posso lidar com ele sozinha”.

— Eu também quero, Kion, algo me diz que se eu gritar, não será sozinha.

CAPÍTULO 20

KASSIUS

Eu não deixaria meu irmão e a minha parceira sozinhos para aquilo, nem em um milhão de anos. Então, obviamente, me fiz presente na mente dos dois, para ter um melhor ângulo do que aconteceria longe da minha presença, mas nunca da minha vista.

Dómina pensaria que eu era apenas a presença de Kion, e Kion não se incomodaria em me expulsar. Ele, na verdade, pouco se importava. Para meu irmão, o que buscava era muito maior do que qualquer tipo de ressentimento que eu pudesse desenvolver por ele estar torturando a minha mulher. Os fins justificavam os meios, e eu estar dentro da sua cabeça, querendo explodi-la, era só mais um desafio para Kion.

Esquadrinhar a consciência de Dómina, em si, não era nenhum trabalho hercúleo para ele, então, a minha presença, era quase bem-vinda. Ele se poupava de ter que me contar tudo depois e teria mais com que se entreter além daquilo que encontrasse em Dómina no processo.

Dos três, quem estava tendo mais dificuldade com os métodos de Kion, era eu.

No primeiro momento em que ele atirou Dómina do telhado e ela se espatifou como um pedaço de cerâmica no chão, eu quis correr até lá e chacinar meu irmão. Mas Dómina apenas esperou calmamente que seus ossos se recuperassem, sua carne voltasse a ligar e as partes do seu crânio se unificassem novamente, e subiu até lá, sem reclamar, sem gritar, sem se assustar.

Kion tentou outras atrocidades físicas, como queimá-la, congelá-la, suprimir seus sentidos, deixando-a cega, surda, sem tato, mas nenhuma dessas coisas provocou qualquer reação nas memórias de Dómina, apenas nas minhas, que memorizava cada um dos passos do

meu querido irmão para repeti-los com ele depois, ameaçando-o constantemente em sua cabeça, correndo o risco de me tornar um eco latente.

Dómina cuspiu sangue, pela vigésima vez, e Kion estava apenas permitindo que ela se afogasse nele. O líquido viscoso escorria por sua garganta e colo como se sua boca fosse um vulcão em erupção. Rápido e fervente.

Na mente de Dómina, apenas tédio, Kion esquecia que agora ela também tinha poderes, e poderia simplesmente desligar os seus receptores de dor e não sentir nada.

Ela relutou em fazer isso, aceitou de bom grado a tormenta até as últimas três tentativas de Kion. Desde então, eles estavam apenas perdendo tempo, Dómina não sentia mais nada. Estava apenas desligada. Uma marionete nas mãos do seu mestre, esperando que ele elevasse o seu jogo.

Ele não se demorou a perceber perfeitamente o que ela estava fazendo, mas queria entender por quanto tempo ela conseguiria manter uma fachada segura e constante. O que faria a seguir, necessitaria que ela conseguisse bloquear a dor, por muito mais do que três ou quatro ciclos daquele suplício.

Enquanto ela achava que estava esperando por ele, para que decidisse usar tudo que tinha, na verdade, ele quem estava esperando por ela, para que pudesse se proteger minimamente do que tinha reservado para o próximo round.

Foi quando os olhos de Dómina derreteram dentro das órbitas que Kion se deu por satisfeito e eu arquejei, observando.

O corpo dele assumiu uma postura inerte e sombria, e quando Dómina se recuperou totalmente, sob sua supervisão, meu irmão proferiu as palavras que ecoariam na minha própria mente por dias depois daquele momento.

— Você está pronta para começar. Prossigamos. Nós já desperdiçamos tempo suficiente.

Dómina também percebeu que algo tinha mudado, que ele estava apenas brincando com ela no estágio anterior, e seus olhos se expandiram até ao máximo quando Kion se conectou às suas esferas oculares e o verde-escuro e tenebroso dos seus olhos passaram a ser tudo que ela conseguia ver, sua única ligação exterior ao seu cérebro.

Kion se apossou do controle da mente dela e eu me retraí, me senti tentado a lhe dar todo o espaço, e permitir que trabalhasse livremente, mas meu coração não permitiu. Ainda não confiava nele para que soubesse a hora certa de parar, nem em Dómina para que soubesse a hora certa de ordenar que parasse.

Eles eram dois lados da mesma moeda presunçosa e arrogante. Kion deixaria que ela quebrasse, apenas para mostrar que podia. E ela se permitiria despedaçar, apenas para provar que aguentava.

E nessa luta de titãs, eu era o único que estava tendo dificuldades em suportar a pressão daquele assalto. Era bom que Kion tivesse sucesso rapidamente, ou quem precisaria de socorro, seria eu.

Ele começou a explorar cada uma das linhas que ligavam Dómina à sua própria história. Marcou com cores diferentes cada união das linhas duplas, retorceu as linhas triplas, e transformou as quádruplas em esferas, unindo-as de forma equidistante ao redor das anteriores.

Algumas pontas estavam soltas, fazendo-o suprimir o fluxo delas.

Kion repetiu esse procedimento por horas, linha por linha, memória por memória, analisava cada pulsação elétrica que percorria cada uma das linhas singulares, as verdadeiras donas do fluxo geral de memórias no sistema de Dómina.

Milhares de ligações depois, sua energia começou a baixar, e Dómina já não era capaz de bloquear os avanços do meu irmão.

Ela estava se debatendo na cadeira, prisioneira de um poder superior ao seu, que era apenas uma ilusão criada por Kion, ela estava perfeitamente parada, sentada, sem movimento algum além dos que criava na parte livre do seu cérebro.

Kion tinha desligado o lóbulo responsável pelo movimento do corpo, e sobrecarregado o responsável pelas emoções e controle dos sentidos. Ele procurava a memória magna, a primeira de todas, aquela que abre as portas da sua consciência, antes mesmo de você ter qualquer compreensão sobre a existência dela.

Quando encontrasse, seria o caso de seguir pelo labirinto de caminhos, até encontrar aquele em que tudo deu errado.

Meu irmão viu a bruma obscura e densa, bem antes de mim, e a perseguiu, colado àquela faixa de memória como um ímã. Eu apenas o segui, um pouco perturbado pela sua reação afoita.

Ao seu primeiro toque, eu senti o choque de Dómina, seu corpo contraiu tão violentamente quando ele entrou em contato com o feixe, aparentemente necrosado de memórias, que ela caiu da cadeira em que estava totalmente desprotegida.

Era o suficiente. Eu me dirigi ao telhado e quebrei as proteções de Kion com mais facilidade do que seria de esperar, ele nunca teve reais intenções de me manter longe. Talvez apenas quisesse manter a marra de patrão.

Carreguei o corpo de Dómina em meus braços com a sensação de estar com seu cadáver contra o meu peito. Completamente gelada e sem reação. Killian entrou no quarto quando a depositava cuidadosamente na cama.

— O que Kion fez?

— Como você sabe que foi ele?

— Eu estava falando com Kori agora mesmo e mais ninguém seria capaz de causar esse nível de devastação tão rapidamente.

— Justo. Ele está varrendo as memórias dela enquanto conversamos.

— E você não está lá por alma de que santo?

— Eu estou. Conversando com você e supervisionando os dois ao mesmo tempo. Inclusive seria ótimo se você levasse seu faniquito para algum outro lugar. Como vê, estou com coisas mais urgentes em mãos.

— Eu também vou entrar — declarou meu irmão. Pegando a mão de Dómina e se abrindo mentalmente. Era a primeira vez que o via fazer algo assim em centenas de anos. Killian sempre mantinha um limite férreo à sua mente. Por muito tempo, penetrar suas defesas era um desafio para nós, mas da mesma forma que sua invasão era fraca, seus escudos eram fortes.

A única pessoa melhor do que ele trancando a mente era Kion, mas Kion era melhor em qualquer coisa que tivesse a ver com dominação mental, para desespero de Kori, que nunca aceitaria que ele fosse melhor do que ela, uma natural.

Kion tinha muitas outras habilidades, algumas exclusivas apenas dele, assim como Kianna tinha seus reflexos, e mais nenhum de nós. Mas ele havia escolhido a dominação da mente, ainda que a dominação da mente não tivesse escolhido a ele, em primeiro lugar.

Impedi Killian de entrar, e ele fez cara feia.

— Não é o momento, Killian. Você pode interferir com a concentração de Kion, e ele pode te atacar, eu preferia que não houvesse tumultos enquanto o palco de nosso irmão for a mente da minha parceira — expliquei, calmamente. — Além do mais, Dómina nunca te deu autorização para entrar na mente dela, e fazê-lo sem consentimento seria uma violação, um limite que eu acredito que você não esteja disposto a ultrapassar.

Ele reagiu como eu esperava, ofendido, mas concordou. Tão previsível.

Voltei a me concentrar em Kion e percebi o que estava fazendo tarde demais. As explosões de dor lacrimejantes, acordaram o corpo de Dómina, pulsando primeiro em sua cabeça. Ela tentou respirar fundo, mas sua garganta emitia um som de canos que não eram usados há anos, quase um chorar cantado, um grave recital de agonia.

Ela se debatia contra ninguém em específico, tentando se libertar das amarras invisíveis que a perturbavam. Eu podia ver a tontura súbita surtindo efeito e o pânico lentamente tomando conta enquanto a dor vibrava através dela.

Os olhos da minha parceira estavam abertos de uma forma irreal, uma Dómina totalmente catatônica me encarava. Sentei-a na cama como estava, e deixei que ficasse quieta. Doentamente quieta e chamei a atenção de Kion pela ligação.

Ele respondeu, me indicando o que o tinha feito mergulhar tão profundamente na consciência de Dómina a ponto de provocar aquele efeito.

Centenas de ecos soavam e refletiam naquele pedaço do seu cérebro, formando dezenas de nós densos que impediam o fluxo completo das suas memórias, eram o obstáculo que nos impedia de aceder a suas lembranças, que nos impediam de desbloqueá-las.

O que fez com que Kion se agarrasse ao primeiro nós com unhas, dentes e uma força de vontade animalasca foi o fato do primeiro nó, com aspecto pútrido e esquecido ao longo do tempo, completamente coberto por uma textura opaca e negrume, que estava localizado num feixe que já existia antes de mim. Antes de nós. Antes sequer que eu conhecesse Dómina. Talvez estivesse lá desde sempre.

Que alguém tinha mexido com ela, nós já antecipávamos. Que isso tivesse acontecido antes de eu me cruzar com ela na vida, era

surpreendente, mas, que tivesse sido antes da sua transformação, era impensável e estarrecedor.

Eu sustive a respiração quando Kion rasgou sem dó aquele nó, e foi como se ele funcionasse como um corpo independente de seu hospedeiro, finalmente livre do parasita.

Eu escutei quatro gritos mortificados e retumbantes.

O do nó sendo estilhaçado.

O de Dómina, que tinha algumas memórias sendo desbloqueadas a ferro e fogo.

O de Kianna, que recebia um ataque muito mais forte do que poderia esperar de um gladiador na arena.

E o meu, que ameacei entrar em colapso seguindo a linha de tempo de todos eles sem poder fazer nada para impedir o sofrimento de nenhum.

Foi Killian que me segurou quando caí de joelhos esfregando a cabeça como se a minha vida dependesse disso. Eu tentava apagar à força aqueles gritos dos meus registros para que nunca mais tivesse que os presenciar novamente.

Quando abri os olhos, Killian estava me segurando, Kion ajudava Dómina a despertar, e eu nem sequer o tinha visto chegar ao quarto para onde a trouxe. Tinha-o deixado sozinho no telhado, embora perfeitamente ligado a ela.

— Ela é um demônio. Eu te avisei que ela escondia alguma coisa, ainda que não soubesse — Kion me acusou.

Killian levou ambas as mãos ao coração se protegendo das possíveis repercussões do que ouvia, sem querer acreditar.

— Kianna precisa de ajuda — disparei. Deixei Dómina por alguns segundos para transportar meus irmãos até à Arena, e os deixei lá. Voltei para lhe mostrar o que estava acontecendo, embora ela ainda estivesse atordoada pelo que tinha acabado de descobrir.

Minha irmã era um grande pedaço de carne palpitante no meio do coliseu, havia gritos de toda a parte, que vinham de cada uma das arquibancadas enfileiradas de forma circular onde estavam os que assistiam ao combate.

Killian estava horrorizado, e Kion ainda pulsava de poder depois de ter ultrapassado alguns limites rasgando Dómina por dentro.

E pelo olhar de Kianna, quase implorando socorro diante de toda aquela corja que nada fazia para a ajudar, eu tive certeza:

Todos naquela Arena iriam morrer.

CAPÍTULO 21

DÓMINA

Ele não estava errado.

O pensamento de Kassius ecoou em mim de forma clara e transparente.

Seu semblante não se modificou quando a carnificina começou naquela Arena, que eu acompanhava através dele. Seu olhar estava concentrado em Kianna, na sua fragilidade, Kassius não entendia como ela havia sido tombada daquela forma. Não fazia sentido na sua mente, e embora soubesse que ela não morreria por isso, também sabia que algo de muito errado estava acontecendo.

O massacre da multidão que assistia, do júri que ousou interferir, e dos próprios gladiadores, que ainda se encontravam na arena, era apenas um pano de fundo fluido e tranquilo aos olhos do meu parceiro que se mantinha com um semblante plácido como a água de um lago correndo num dia de verão.

Para Kassius, o som de ossos sendo devorados por força bruta, o chão engolfando criaturas inteiras e cuspiendo-as de volta totalmente esfaqueadas não provocava nenhum tipo de sentimento.

O gelo de suas carnes se quebrando como uma fina camada de orvalho congelada no inverno, não significava nada.

Não passavam de seres irrelevantes tendo suas histórias e memórias obliteradas para todo sempre por Kion e Killian. Tudo que restaria deles além de um vago ruído inconveniente na mente que os observava, seria pó. Se esvaneceria como um sopro. O pensamento em si, era aterrador.

Eu não fui capaz de discernir quem dominava o elemento da água ao ponto de congelar carne fresca e pulsante daquela forma. Qual usou o gelo para congelar aqueles inocentes até a submissão e garantir

que deixassem de partilhar o espaço de tempo com o planeta Terra, mas eu via os movimentos dos dois, e eles não hesitavam.

Duas máquinas de matar. Dó e piedade não passaram na fila de distribuição das suas habilidades. Misericórdia não me pareceu ser um conceito que eles poderiam entender vendo aquele cenário que fazia até a mim, do auge dos meus melhores anos como mercenária, encolher um pouco atordoada com a rapidez e frieza do massacre.

Killian era um monstro. Controlado e sutil, até que sua ira fosse libertada. A disposição que demonstrava em aniquilar mil outros mais que pudessem vir depois de rasgar a garganta do último sobrevivente, não me passou despercebida.

Ele precisava daquilo. E há muito tempo não tinha. Me questionei por um segundo se seria assim com todos eles. Tanto poder borbulhando e cozinhando seus ódios e venenos por dentro até que se cansassem de o segurar, se cansassem de proteger o mundo da ruína e devastação que seria apenas existirem com a força de todos os seus poderes combinados libertos.

Ninguém deveria ter tanta força assim.

Minhas pálpebras pesaram quando os olhos de Kassius sobreolharam ao redor, uma grande mancha de sangue salpicada de pedaços de carne desossada era o que tinha restado diante de Kianna, ainda no chão, mas já começando a se recuperar.

Quando Killian a tocou, ficou claro que ela sobreviveria e muito bem.

— O que aconteceu com o “mate todo mundo, mas poupe a audiência, Kianna”? — a loira perguntou a Killian, repetindo suas últimas palavras para ela antes de voltar para a arena.

Seu rosto estava sujo de sangue, e aquele contorno perfeito, que lembrava uma pintura moderna, bastante deformado.

— Mudei de ideia. Vamos embora. — Killian a segurou nos braços, ela gemeu de dor ao ser carregada, e Kassius desapareceu do meu lado, me deixando no escuro pelos poucos segundos que precisou para se transportar para arena e trazer seus irmãos de volta para casa.

Seria um escândalo. Se eles queriam passar despercebidos, era bom que a estratégia mudasse drasticamente. Nas arenas restantes espalhadas por todos os países do mundo se ouviria falar do que aconteceu ali. A comunidade sobrenatural, se revoltaria e se reorganizaria

para que o Sephtisson não fosse cancelado. Afinal, o show de horrores teria que continuar até que o último gladiador ainda se aguentasse de pé.

Este ano, o vencedor não seria apenas um campeão. Depois do marco histórico de hoje, toda uma arena e gladiadores favoritos varridos do mapa, as pessoas olhariam para o campeão como um herói.

Um herói que poderia enfrentar as bestas que trouxeram o inferno até à Terra.

Tínhamos que chegar em Altera antes do burburinho.

“Preparem-se, sairemos para Altera ao alvorecer.” — A ordem de Kassius soou para todos nós simultaneamente confirmando meus pensamentos.

Nós não tínhamos mais tempo a perder.

Eu tentei levantar e obedecer ao que me foi determinado, mas minhas pernas não tiveram forças para sustentar meu corpo. Tentei concentrar meus poderes para recarregar minhas energias com a força dos elementos como vi Kassius fazer, mas apenas consegui conjurar alguns sopros patéticos de fumaça das palmas das minhas mãos. Como se o fogo tivesse se apagado e se recusasse a acender.

Kassius apareceu ao meu lado novamente.

— Os meus poderes desapareceram — informei, ainda lutando contra a fraqueza.

— Nós vamos trazê-los de volta — respondeu, me carregando nos braços em direção ao corredor principal.

— Por que eles desapareceram? — Meus braços rodearam seu pescoço, e vi Dante dobrando o corredor sem ter parado para perguntar como eu estava. Franzi a testa, pressionando meus lábios em total descrença.

— A quantidade de sangue meu correndo em suas veias não é suficiente. Dante não sabe. Não o culpe — Kassius respondeu à pergunta que fiz e à que suprimi, mas como diria Kion, talvez tivesse gritado mentalmente.

— Eu pensava que eu não precisaria me preocupar mais com isso depois que a ligação se reestabelecesse. — O questionamento era legítimo. Eu era sua parceira, tinha direito a conjugar de seus plenos poderes.

Kassius subiu as escadas rapidamente, me segurando com uma expressão irritada e sisuda.

— Eu também, mas nós não consideramos o fator demônio. Será diferente. Aprenderemos juntos como seu corpo reage.

Kassius me depositou na poltrona grande, não na cama, claramente não queria que eu dormisse enquanto esperava minhas forças retornarem. Minhas pernas já começavam a formigar por baixo da pele, sinal de que algo estava despertando em mim.

— Por que eu não tenho poderes de demônio, então? — Não sabia tantas coisas sobre os demônios como das outras espécies que estudava. Demônios nunca foram interessantes para a Vale, então nunca me foi pedido que me debruçasse sobre eles. Tudo que sabia se devia apenas a curiosidade natural.

— Muito possivelmente porque você descobriu que o era há nem uma hora? Por que a pressa? — Kassius estava cansado. Ele se sentou na cama e respirou como se precisasse poupar o ar que puxava para dentro dos pulmões.

— Se ser um demônio me tira o que tenho, é bom que me dê algo em troca, não concorda? — Cruzei as minhas pernas, massageando-as, esperando que da próxima vez que tentasse levantar elas estivessem em pleno funcionamento.

Kassius levantou e beijou a minha boca sem aviso nem alarde. Um estremecimento que pertencia a ele percorreu meu corpo imediatamente. Aprofundei o beijo o trazendo para mais perto numa ansiedade renovada.

As mãos fortes e poderosas me puxaram para cima e saboreei a visão dele se ajoelhando perante mim, me abraçando e roçando a cabeça no meu abdômen esfregando o rosto na pele que se revelou quando ele levantou minha roupa para me tocar mais intimamente.

— Eu gosto do jeito que a sua cabeça funciona, mas nem tudo é tão linear quanto seu raciocínio, Donna.

Donna. Aquela palavrinha capaz de gelar meu corpo e me deixar aturdida, agora que entendia a extensão do seu real significado. Não foram apenas lembranças de uma genética obscura que vieram de volta para mim. Eu lembrei de várias outras coisas no caminho. Momentos nossos, momentos a sós. E cada uma dessas lembranças foi como um abraço sufocante de um monstro de pedra. Cada palavra, cada promessa, cada acordo que ele fez e quebrou me abandonando com a desculpa esfarrapada de que não poderia entrar no primeiro capítulo da minha vida e mudar completamente a minha história.

Eu estava saudosa. Dolorida. Consternada e furiosa.

Ele esperou duzentos e setenta e dois anos para voltar. O tempo de uma vida humana, ele tinha dito antes de partir e apagar de mim tudo que me faria ir atrás dele e exigir que ficasse. Eu adoraria saber que humano ele conhecia que tinha vivido mais de cem anos. Eu poderia matá-lo agora, mas preferia guardar meu rompante para quando estivesse com total domínio das minhas forças.

Ele estava com receio do que teria que fazer com Kion se ele me machucasse além de reparo?

Ele deveria ter sentido medo do que eu faria com ele quando me lembrasse desse pequeno detalhe.

Esse infeliz ia me pagar por cada um dos duzentos e setenta e dois anos que eu vivi me sentindo no caminho errado, desgostosa com minhas conquistas, nunca satisfeita. Eu podia não lembrar, mas o meu corpo sabia e minha alma gritava a cada maldito passo que eu dava: não é por aqui. O caminho não é por aqui. E por muito que eu me esforçasse e vencesse, dia após dia, no fundo, sentia sempre um despropósito em quase tudo que colocava as mãos.

O problema não era eu. Não era minha falta de origens. Não era o fato de que fui transformada muito cedo e abandonada. Era ele, que me ensinou a voar e cortou as minhas asas, deixando para atrás apenas a cicatriz fantasma da sensação de ser completamente livre ao lado de alguém.

Eu nunca teria isso com mais ninguém. Nunca me ocorreria que qualquer tipo de prisão pudesse me presentear com esse tipo de liberdade impetuosa e demolidora.

Onde antes eu via amarras e compromissos aos quais não podia me comprometer a cumprir, agora estava apenas a complacência de saber que eu estava onde sempre deveria ter estado. Onde pertencia. E ninguém estava me dando nada. Eles estavam apenas devolvendo o que sempre foi meu.

Eu posso ter descoberto que era parte demônio hoje, mas a face demoníaca, que sempre existiu em mim e aparecia disfarçada em momentos de tensão, seria recebida de bom grado e sem resistência.

Estava na hora da minha família descobrir quem eu verdadeiramente era. Quem eu sempre fui. E quem não pretendia deixar de ser. Donna não foi o apelido que Kassius me deu anos atrás, foi o

nome que eu conquistei, e parecia ter me esquecido dele desde que ele voltou e revirou meu mundo de cabeça para baixo.

Mas agora as coisas seriam diferentes, o filtro do medo e receio de não ser merecedora do que me ofereciam, de estar atraído quem me deu a mão, pelas costas, foram totalmente apagados da minha mente.

Agora apenas restava o real.

Eu.

Donna.

Não só de mim, mas de tudo que me rodeava.

Eu era certamente a rainha de todos eles, estava na hora de começar a me comportar como tal.

Eu não distribuiria avisos. Que estivessem preparados. Eu já tinha perdido tempo demais.



— Como se sente? — Kianna perguntou quando entrei em seu quarto. Sua carne continuava demasiado retorcida para uma imortal que se curava com facilidade.

— Eu imagino que fosse meu papel perguntar isso a você e não o contrário. — Avancei alguns passos e sentei ao seu lado.

A decoração do quarto não representava a proprietária. Combinações de cores suaves e doces por toda à parte. Tecidos delicados e uma organização meticulosa para quem quer que olhasse.

— Eu estou bem — ela riu. — Pelo menos não é como se eu tivesse sido atropelada por Kion. Você parece demasiado bem para quem foi *trabalhada* pelo meu irmão.

— Eu sou um demônio — anunciei fitando seus olhos, claros como gelo derretido, sem sinal de vida neles.

— Ouvi dizer. Não muda nada. Você ainda é a parceira de Kassius e minha rainha — Kianna se ajeitou, sentando mais ereta, ainda com um sorriso no rosto agora assimétrico.

— Não imaginei que mudasse, mas não vim para me desculpar por minha natureza. Na verdade, vim conferir se estava em condições de

receber ordens.

Seu olhar altivo e desafiante não perdeu força pelo aspecto fragilizado.

— Sou toda ouvidos — respondeu interessada, me mirando com o olhar vazio de cor, mas profundamente interessado.

— Você e Kori vão treinar comigo quando chegarmos a Altera, não me importo com o que Kassius diga, não cabe a ele interferir.

Esperei por uma resposta, mas ela não veio. Uma expressão interrogativa começou a surgir na face machucada.

— O que foi? Está esperando por uma resposta? Não foi um pedido de sua parte, foi uma ordem. Não me ocorreu que tivesse opção — seu divertimento indicava que não tinha se ofendido com “minhas ordens”, parecia até feliz.

— Muito bem. Espero que se recupere logo, então. Temos muito trabalho pela frente. — Me levantei de sua cama com cuidado e me preparei para sair do quarto e deixá-la descansar.

— Você já deu essa ordem a Kori? — A curiosidade estampada no seu tom de voz alegre.

— Sim.

— E o que ela disse?

— Um grunhido qualquer. Interpretei como um sim, não sou fluente em linguagem animal.

O riso alto de Kianna disparou pelas paredes e podia apostar que todos tinham escutado suas gargalhadas. Deixei o quarto sorrindo também, estava claro com qual das duas seria mais fácil trabalhar.

Fechei a porta atrás de mim e não precisei seguir até o meu próximo alvo, Kion me interceptou assim que me virei.

— Indo me procurar, minha querida? — os braços dele me encurralaram contra à porta.

Não lhe dei nem um segundo de vantagem, dei um passo em frente que o obrigou a quebrar sua postura se não quisesse que sua boca colidisse com a minha.

— Você ainda está me sentindo dentro de você? — perguntou sem desistir de me constranger, ainda que tivesse recuado ao meu avanço.

— Vejo que já se recuperou. O que sabe sobre poderes demoníacos Kion? — Não fiz nenhum tipo de rodeios. Não era necessário e não estava com paciência.

— Te mostro na nossa próxima sessão — prometeu prontamente, tocando meu ombro como forma de saudação e despedida.

— Por que não agora? — insisti segurando seu braço para que não desse mais nenhum passo na direção contrária à minha. Deixei que minha mão escorregasse até à dele que a segurou afetuosamente.

— Amanhã partiremos para Altera. Você precisa se preparar para a entrada.

— O que quer dizer?

— Eles não podem saber que você é um demônio. Não seria bem-vinda na ilha — um lustre explodiu. O que quer que tenha pensado escapou brevemente ao seu controle. Boa coisa não devia ser para tirar Kion do sério apenas com um simples pensamento.

Ele se afastou de mim. Pouco, mas o suficiente para que sentisse sua ausência imediatamente na ausência de calor na minha mão.

— Até onde eu sei, não é propriamente como se nenhum de vocês tivesse recebido um convite também. — Cruzei meus braços e o segui quando começou a caminhar.

— Não. Mas nós não somos da única raça banida, correto? — Seus braços se cruzaram atrás da cabeça, se espreguiçando. Estava me empatando, percebi.

— Não acredito que possa passar despercebida. Sinceramente, eu sinto as camadas se unindo sobre a minha pele, você acordou algo que sempre esteve dormente, mas eu me sinto pulsar de um jeito diferente desde de que rasgou aquela memória.

— Fico feliz em anunciar que você está se tornando o demônio que eu previ.

— Isso te incomoda? Te assusta? — provoquei, querendo que me dissesse logo o que pensava. Não era do seu feitio ficar de rodeios.

— Não, minha querida. Depois de tudo que vi no seu cérebro, estou feliz de caminhar ao seu lado. — Entendi que não pretendia ser literal quanto à caminhada, embora ainda caminhássemos lado a lado, calmamente. — Descobriremos juntos o que é capaz de fazer. Você não está sozinha, nunca mais será deixada sozinha.

Um nó de angústia se formou em sua garganta pude assistir quando tentou engoli-lo e não conseguiu.

— Eu não tenho medo disso, Kion.

— Mas eu, sim. Aquele vazio absoluto que eu presenciei no passado não se repetirá enquanto eu viver, Dómina.

— Soa como se você tivesse aprendido qual o meu nome no fim de contas. Cuidado, posso pensar que um único passeio dentro de mim, foi suficiente para que você caísse de amores.

Eu estava brincando, mas ele sentiu necessidade de se justificar.

— Eu nunca fui averso à sua presença, Dómina, apenas à incógnita que poderia representar. — Acenei com a cabeça, concordando, nunca me escondeu o que pensava.

— Talvez você queira guardar esse pensamento mais tarde, meu querido. — O apelido infame veio sem pensar, mas não teve gosto de escárnio, disse as palavras verdadeiramente e não com ironia pela primeira vez.

— Por quê?

— Seu irmão está vindo em nossa direção e eu tenho planos de acabar com ele.

— Por favor, me permita assistir? Eu nunca te pedi nada. Prometo não dizer uma palavra.

Kassius apareceu nas escadas, impedindo a nossa passagem.

— Eu tenho a certeza que mereço isso, mas queria deixar claro que não sei o que fiz — se defendeu da minha declaração rapidamente, levantando as palmas da mão no ar.

— Não se preocupe Kassius, se meu cérebro gritar tão alto quanto Kion me acusa, todos saberão.

Kassius me deu a mão e nos levou para uma sala na qual nunca tinha pisado. A casa era grande o suficiente para que não me desse ao trabalho de fazer reconhecimento de terreno por todos os aposentos.

— Você está com raiva. — Ele fechou a porta atrás de si e me fitou com atenção. Um fio de desejo predatório escorria em seu olhar.

Notei que havia algo diferente naquele lugar, mas não soube dizer o quê imediatamente.

— Este lugar foi construído para mim, há poucos momentos na vida em que preciso de silêncio mental. Quando preciso, venho aqui. — Ele inspirou fundo e me alcançou. — O que eu fiz para ser merecedor desse olhar, Donna? Me diga para que possa me desculpar apropriadamente.

Não esperei que pedisse de novo. Estive esperando por esse momento o dia inteiro. Diante de todos os discursos sobre como o gladiador tinha conseguido drenar os poderes de Kianna, e como isso provava que alguém em Altera estava trabalhando com eles tornando

urgente a nossa chegada. Desde a sua insistência para que dissesse apenas a quem quisesse que havia uma parte demoníaca despontando em mim quando eu queria subir numa mesa e anunciar para quem tivesse ouvidos. Até ao traçar do caminho que faríamos. Kassius não podia nos transportar a todos porque a maioria de nós nunca esteve perto da ilha.

Apenas lhe era possível transportar pessoas para lugares se elas já estivessem estado pelo menos uma vez no local. Era demasiado perigoso arriscar. Poderíamos ficar presos entre as esferas vibratórias que usava para aparecer simplesmente do outro lado dos portais.

Além do risco, a distância não se justificava. Estávamos nos arredores de Roma, a viagem até Altera não demoraria mais do que um dia inteiro, afinal Altera era um pedaço de terra entre Itália e a Grécia, que não constava nos mapas da atualidade, mas estava lá. Tão perto, e tão inalcançável. Não mais, pelo menos.

Cada uma dessas coisas apenas me deu tempo de amplificar minha raiva e ressentimento. Costurei todos os vislumbres de memórias que Kassius havia me mostrado com os novos que tinha adquirido e analisei friamente cada um. A vontade de amá-lo era grande, mas a de matá-lo era maior.

— Você esperou, Kassius. Duzentos e setenta e dois anos. Você me prometeu o tempo de uma vida humana. Me abandonou por três! Qual a sua desculpa para isso? — O ar estalava à minha volta, incapaz de passar impune à revolta que eu sentia, mas Kassius não reagiu como eu esperava.

— Você fica mais gostosa quanto está chateada — a displicência desse cretino era absurda.

Meu estômago contraiu de ódio antes de responder com os olhos ardentes e avançar para ele como se quisesse trucidá-lo com o poder do pensamento.

— Então aproveita que eu estou prestes a ficar incontrolavelmente deliciosa, meu amor.

CAPÍTULO 22

KASSIUS

Dómina parecia a encarnação de uma deusa vindo com tudo para cima de mim.

Colérica, sensual e dominante, envolvida numa aura única de poder. Uma deusa arrogante e caprichosa que reencontrou sua majestade. E embora ela tivesse renascido de um lugar de mágoa e raiva, eu a receberia com indulgência. Ela desejava me machucar. E eu não seria louco de impedi-la. Afinal, ela tinha toda a razão. Eu mesmo me puni por isso, ela também tinha seus direitos.

Me preparei para suportar, calado, o que quer que ela tivesse em mente.

O primeiro golpe veio com força total, a esfera de poder que colidiu com o meu peito fez meu corpo inteiro retesar para absorver aquela pequena força da natureza que ela tinha criado. Era estranho sentir o sabor do meu próprio poder contra minha carne. Mesmo em rixas com meus irmãos, nunca pude experimentar algo semelhante. A nossa frequência não era a mesma. Sempre podíamos distinguir nossos poderes uns dos outros, ainda que fosse o mesmo elemento usado.

Com Dómina, era como estar sendo atacado por mim mesmo, só que pior. O segundo golpe dela expulsou todo o ar dos meus pulmões e me atravessou como a porra de um meteoro. Ela hesitou quando corri a mão pelo tronco e o sangue espirrou entre os meus dedos.

A surpresa atingiu a nós os dois de igual forma, mas não a deteve. O seu passo em falso não durou muito. Os olhos semicerrados, que perfuravam a minha presença, decidiram que eu ainda podia aguentar mais. Seus punhos se fecharam e um entrançado de eletricidade traçou os contornos dos seus dedos, escutei as unhas dela estalarem antes de sentir minhas entranhas se contorcendo novamente.

Ela estava, de fato, espetacular. Manipulação energética à distância era difícil de controlar. E Dómina estava facilmente retorcendo minhas vísceras do mesmo jeito que esmagava os fios de eletricidade que conjurava entre as mãos.

Mais uma vez, ela arrancou sangue de mim, dessa vez um pequeno filete escorreu no canto da minha boca. Ela avançou com rapidez, cortando a distância entre nós, eu esvaziei minha mente, crente que ela me rasgaria ao meio várias vezes até que sua raiva se dissipasse, mas eu tinha subestimado o poder da ligação de sangue que havia entre nós.

Grave e pulsante, mais poderosa e soberana a cada dia que passava.

Dómina apertou meu pescoço com força, liberando uma descarga de uma potência sensacional que fez minhas pernas vacilarem. Me ajoelhei aos seus pés para facilitar seu ataque, não tinha qualquer intenção de fugir. E quando ela me olhou de cima fitando seu próprio corpo ondulante de poder e minhas mãos caídas sobre as pernas, seu olhar mudou.

Dómina me reconheceu como submisso naquele assalto e em resposta lambeu o sangue no meu queixo. Com o polegar acariciou meu lábio sem tirar os olhos dos meus. Seu brilho exuberante ofuscava o meu olhar.

Evitei seus pensamentos, mas alguns fizeram seu caminho até mim mesmo assim, e eu sorri ao ver que ela se debatia entre me encher de porrada até eu desmaiar, o que demoraria, ou me foder até que eu desmaiasse, o que demoraria mais ainda.

Seu coração pedia que me batesse, me agredisse, me maltratasse. Sua mente balanceava o que eu lhe tinha tirado e o que tinha oferecido e decidia que eu merecia perdão. E o resto do seu corpo apenas gritava que ignorasse todo o resto e procurasse proximidade.

Toquei a mão que ela mantinha em meu pescoço devagar, ela não abriu. Seus dedos apenas cederam ao aperto para me empurrar até à parede em que minha cabeça embateu em cheio, minha boca sendo recebida na volta do impacto pela dela, que chupou minha língua e sentiu o gosto do meu sangue nela.

Os meus poderes começaram a se revoltar dentro de mim. Silenciados contra sua natureza, lutando contra o meu comando de dentro

para fora, querendo se libertar, se defender, mas controlei firmemente cada um deles, desviando seu curso natural.

Havia um corpo vencendo aquela briga dentro de Dómina, não permitiria que meus instintos interferissem. Apenas aguardei, em silêncio. Não pedi, nem recusei nada. Apenas aceitei.

Seus lábios deixaram os meus e a sensação de vazio brigou com a ardência que ainda se espalhava pelo meu peito, embora a pele já estivesse completamente fechada novamente.

— Como você conseguiu? — o rosnado dizia mais do que as palavras cuspidas de sua boca. — Eu adoraria entender. — A negação com a cabeça dizia o contrário.

Ela não queria entender nada. Ela só queria me esmagar como o inseto que me considerava naquele instante.

— Como você conseguiu ficar longe quando eu te odeio e mesmo assim não sou capaz? — Ela não ergueu o tom de voz, mas a força das suas palavras e o peso do rancor preencheu a sala ao nosso redor.

Dómina não esperou pela resposta. Sua mão tocou meus cabelos, os agarrou com as mãos e empurrou minha cabeça, descartando a minha presença, como se desistisse de mim, me largando ali, de joelhos, encostado na parede quando se virou de costas para mim.

As mãos pálidas percorreram a porta, tentando se controlar, ela fez alguns movimentos mecânicos ainda sem olhar para mim. Evitando o contato. Havia decidido que não valia a pena, que a minha dor não apagaria a dela.

O sabor fresco da frustração inundou a minha boca fazendo companhia a um coração já palpitante de ansiedade. A pulsação forte que sentia na garganta impedia as palavras de saírem como deveriam.

Não queria inflamá-la ainda mais com a minha condescendência e sabia que toda e qualquer coisa que dissesse se voltaria contra mim.

A verdade é que eu nunca a deixei, nem um dia sequer. E essa foi uma das maiores covardias que protagonizei na vida.

— Donna — minha voz soou pesada. Limpei a garganta, e engoli em seco antes de continuar.

— Não me chame de Donna. Você não tem esse direito! — O dedo em riste me dizia para ter muito cuidado com o que diria a seguir, ela não estava disposta a ouvir. Qualquer coisa poderia funcionar como fagulha para que sua fúria se incendiasse novamente.

— Dómina — reformulei, obedecendo a sua ordem direta. — Eu sempre tive as minhas memórias — confessei, baixando a cabeça e fitando o chão. — Eu nunca estive sozinho durante todo esse tempo, você sempre esteve comigo, aqui — apontei a minha mente e as pupilas da vampira diante de mim se dilataram em entendimento.

Tirei suas memórias, mas nunca fiz nada às minhas, além de as reviver diariamente para suportar a sua ausência, a verdade é que, eu nunca a deixei verdadeiramente em paz. Nunca.

— Você reviveu os nossos momentos durante todos esses anos, sozinho? — As palavras flutuavam no ar denso entre nós. Sua expressão era tão pura e primitiva que a minha pele pesava como ardentes, afetadas pelo calor dos seus olhos, me fazendo formigar e querer coçar meus braços para me livrar da sensação incômoda.

Dómina era a viva imagem do poder personificado e da energia controlada.

Sua respiração pesada e audível acompanhava as mãos cravadas na cintura, como se precisasse conter a si mesma para não cometer uma loucura.

Decidi que violência nunca seria o bastante para ela e me levantei, alcançando-a, abraçando-a contra sua vontade, que relutou em meus braços, mas não a larguei, socos foram desferidos contra mim, chutes e lampejos de poder tentaram me afastar, explodindo entre nós, mas não havia sentido naquela disputa quando ela também estava em sofrimento.

— Me perdoe — pedi, segurando-a com tanta força quanto me era permitido sem quebrar seus ossos. Ela não relaxou em meus braços, continuou se debatendo. — Por favor, me perdoe. Nunca foi minha intenção te prejudicar — completei, segurando seu cabelo no meu punho para imobilizá-la melhor, para que olhasse para mim.

Ela rosnou em resposta e a cor dos seus olhos tão clara se tornou uma névoa turva e tortuosa. Seus braços cederam e ela os deixou cair dentro do meu abraço, que afrouxei imediatamente, embora a mantivesse ainda presa em meus braços.

— Todas as vezes que eu voltava para te buscar. Você parecia tão feliz — meu queixo contornou sua bochecha. — Desejosa até — descrevi, a imagem fresca na minha mente. — Você tinha tantos planos, sempre querendo mais coisas. — Permiti que visse o que eu via, que partilhasse daquelas memórias também.

— Eu não podia apenas te roubar do que era bom para você. Eu te vi se apaixonar mais do que uma vez — ela sorriu ao ver Visha, uma mulher que roubou seu coração de uma forma tão rápida que achei que teria que esperar por ela ainda mais tempo do que o esperado. — Eu te vi trocando de profissão. — As imagens cada vez mais vívidas na sua mente.

Não as projetei, não queria reviver aqueles momentos com ela. Não queria que visse o efeito que tinham em mim. Queria apenas que visse sua vida através dos meus olhos, de todas as vezes que tentei buscá-la e desisti.

— Eu te vi orgulhosa e dona de si. Eu te vi amando, Donna — essa frase me doeu mais que seus golpes. Produzi veneno revendo o tempo em que ela viveu com Sebastian. Minha expressão de nojo deixava claro, que não aprovava. — Me perdoe se não fui capaz de arrancá-la de momentos felizes para te oferecer uma vida de perigo e incerteza em troca.

Ela puxou o ar com força, uma lágrima escorreu por seu rosto e eu sabia que não era de pesar, nem de emoção. Era a raiva que escorria em seus olhos. Sua pele contra a minha me mostrava sua cólera se misturando com algo diferente que não soube identificar.

— Eu esperei tanto, porque nunca fui forte o suficiente para te obrigar a me acompanhar. Eu esperei tanto, porque sabia que uma vez que te desse a mão novamente, nunca mais seria capaz de a soltar. Eu esperei tanto, porque não tinha a menor condição de te trazer e correr o risco de você desejar voltar. Eu esperei tanto, porque tive medo de te trazer de volta para mim. Eu tive medo de te querer tanto a ponto de te subjugar. Eu me sentiria um monstro se você me pedisse pela sua vida antiga de volta e eu não pudesse te devolver para ela. Porque, Dómina, eu não poderia. Não de novo. Desde o momento em que te deixei, eu soube, aquela seria a primeira e última vez.

Ela pressionou seus lábios numa linha fina e quase branca. Não disse uma única palavra, mas seus pensamentos gritavam na minha direção e inundavam a minha mente de insultos e verdades difíceis de engolir, mas fáceis de aceitar.

Ainda sem dizer nada em voz alta, ela segurou meus braços e me mostrou como eu estava errado. Como eu julguei tudo incorretamente. Como eu nos fiz sofrer a toa. Ela me mostrou imagens do vazio profundo que sentia, da insatisfação constante, do desânimo com que lutava com

unhas e dentes porque, para alguém que tinha tudo, ela sempre achava que algo lhe faltava.

— Era você, sabe? — Sua voz lutou por sair da garganta inflamada de emoções. — Sempre foi você. — As lágrimas agora corriam livres por seu rosto. — Agora eu sei, agora eu vejo. Eu sempre me senti incompleta.

Suas mãos se espalmaram no meu peito e ela se permitiu abraçar inteiramente, apoiando o rosto em mim.

— Você apagou minhas memórias, mas nunca conseguiu apagar a força da ligação que queria se reestabelecer a todo o custo. Se queria me deixar, não podia ter permitido que eu experimentasse o que era ter você como parceiro. Minha mente podia estar bloqueada, mas meu corpo sabia que não pertencia apenas a mim. Não mais. Nunca mais. Você me quebrou para a vida sem você, e me largou lá para lidar com isso sozinha.

Ela não disse, mas pensou: *como o meu criador*.

As únicas criaturas que tinham controle sobrenatural sobre ela, que se sobrepunha a tudo o que era e que queria ser, a abandonaram, entregue à sua sorte, para lidar com essa necessidade desconhecida, ilógica, absurda e selvagem, completamente sozinha.

O peso da culpa me esmagou e eu nos levei ao chão. Minha fachada aparentemente controlada se partindo em mil pedaços diante dela. Minha testa se colou à sua, e milhares de pedidos de desculpa, perdão, clemência e absolvição escorreram pelas paredes que também me ouviam as repetindo num sussurrar dolorido como um mantra. As palavras se atropelavam em meus soluços e se afogavam nos dela.

Sentei Dómina no meu colo, suas pernas abraçaram meu tronco e eu me encostei na parede, nos embalando com nossa própria dor partilhada.

Ambos chorávamos. Pesar e arrependimento claros no silêncio que se estabeleceu entre nós. Apenas as paredes zuniam reagindo aos nossos poderes descontrolados batendo contra elas.

Nossos ânimos foram se acalmando fracamente, levando o seu tempo para escoar todas as emoções condensadas entre nós. E foi uma frase que mudou totalmente o curso daquele show de comiseração que protagonizávamos.

Dómina se remexeu no meu colo, suas mãos pousadas em meus ombros e seu olhar mais letal que qualquer arma quando um clique de

dúvida soou na sua mente:

— Se soubesse que eu sou, em parte, um demônio, você teria me tornado quem eu sou hoje?

Precisei ver na sua mente o que, exatamente, aquelas palavras queriam dizer, e que rumo seus pensamentos tinham tomado.

— Você quer dizer, se teria te feito minha parceira? Minha rainha? — perguntei apenas para ter certeza ao que estava respondendo e recebi sua aprovação silenciosa, sua cabeça respondendo num movimento ínfimo apenas, totalmente atenta à minha reação.

Segurei seu rosto entre as mãos e ri com vontade. A gargalhada profunda que se espalhava em meus olhos enquanto admirava suas feições perfeitas e o maxilar delicado.

— Meu amor, eu não te fiz nada, você já era a minha parceira muito antes de existir. Eu esperei por você durante muito mais tempo que a sua própria existência. Você ainda não existia sequer como humana, quando eu soube que você chegaria para mim.

Fiquei feliz por pelo menos agora, poder lhe mostrar algo bom. Nunca havia partilhado aquela memória com ninguém, e fechei meus olhos para projetá-la para que Dómina fosse levada para o mundo de realidade paralela onde eu me escondia e me encontrava tantas vezes.

Meus olhos estavam fechados, porque não queria reviver aquela memória sob a luz do meu olhar, e sim do dela, e para isso tinha que projetar minha mente para ela ao nosso redor, e me projetar na dela para ver tudo de novo pela primeira vez. Isso requeria um grau maior de concentração.

Dómina saiu do transe exultante e me abraçou. Ver meu pai, do auge da sua clarividência me descrevendo minha futura mulher, me dizendo que ela chegaria, mesmo que sem especificar quando e me explicando como eu saberia que era ela, quando eu tinha apenas dezesseis anos, foi catártico para minha parceira.

Eu senti as pecinhas do entendimento se encaixando dentro dela. Dómina finalmente via que eu nunca tive escolha. Sempre tinha sido ela para mim também. Ela não era a única prisioneira da parceria. Eu era seu criado há séculos, escravo da ideia da sua existência em algum lugar no tempo e teria esperado eternamente até que ela chegasse. Nossas vidas se cruzaram muito antes que nossas almas coexistissem e se reconhecessem nos corpos que ocupávamos agora. Nós éramos apenas

um desígnio do destino esperando para acontecer. E que sorte a nossa de poder cumpri-lo tão plenos de amor.

Não havia uma única interrogação no seu olhar sobre mim. Apenas certezas.

As mãos de Dómina emolduraram o meu maxilar e ela lambeu o meu sorriso. Isso era tudo, bastava um singelo toque da sua língua no meu corpo para que a minha corrente sanguínea seguisse as suas coordenadas.

Ela deixou as mãos caírem para o meu pescoço e seguirem pelas minhas costas, se alojando num abraço apertado ao qual correspondi trazendo-a mais para mim, puxando sua bunda mais de encontro ao meu quadril. O volume nas minhas calças já se insinuava na curva deliciosa que apertei com força entre os dedos enquanto chupava seu pescoço.

— Eu te amo — sussurrei no seu ouvido. Beije seu rosto e ela alcançou a minha boca, devagar, espalhando os dedos pelos meus cabelos.

Ela arranhou meu peito com os dedos eletrizados, me fazendo retesar ao seu toque e rindo da provocação. Roubei um beijo furioso e faminto que espalhou vibrações pelo meu corpo inteiro.

Dómina gemeu na minha língua, sem se incomodar quando a levantei e apoiei num móvel para ter melhor acesso às pernas que caíram da minha cintura e se abriam mais para mim.

Eu podia sentir o coração martelando o meu peito e a ansiedade rasgando a minha pele. Afundei meus dedos na sua cintura e entreabri seus lábios com a língua arrastando minha mão pela roupa que eu puxava pelas suas pernas, toda de uma vez só. Ela levantou o quadril, me ajudando. E tirou sua blusa sozinha. A minha roupa não recebeu o mesmo tratamento educado e civilizado.

Eu senti as costuras se incinerando, o calor fritando a minha pele. Seu olhar safado tinha apenas uma mensagem: Eu te amo, mas você ainda vai sofrer. Eu te amo, mas ainda não me vinguei. Eu te amo, mas te amo do meu jeito. E o meu jeito é violento. Fique ou saia.

E eu fiquei.

A sensação da sua pele na minha era o suficiente para apagar a dor da queimadura que já se curava, embora a pele ainda estivesse severamente vermelha. Sua mão arranhando os lugares sensíveis tornava meu beijo mais voraz, mais feroz. Ela mordeu meu lábio e lambeu a boca,

espremi seu corpo contra a parede e enfiei o nariz no seu pescoço precisando de ar. Seus gemidos nada contidos fazendo meu pau latejar.

Desviei minha atenção para seu mamilo rígido, meus dentes provocando-a além do prazer, rondando o limite da dor. Senti o cheiro da sua excitação que aumentava a cada toque e exibi um sorriso obsceno para ela.

Eu também sabia brincar de pegada violenta. Talvez ela não se lembrasse de todas as vezes que a levei ao limite e que os ultrapassamos juntos, usando outras pessoas como instrumentos de prazer, mas eu lembrava de cada botãozinho que deveria ser apertado no seu corpo para que se acendesse para mim, para que esquece seus planos e embarcasse nos meus.

Beijei seu estômago descendo beijos pelo seu abdômen e a lateral das suas coxas, ela arfou quando evitei maior contato com a sua virilha, a provocando apenas com meu hálito quente e pesado, passando direto para sua bunda, que mordi, marcando-a. Ela desferiu um tapa nas minhas costas antes que eu abrisse sua pele e sentisse o sangue na boca e eu lambi a minha própria mordida na pele dela.

Seus músculos se contraíam nas minhas mãos, seus gemidos cada vez mais entrecortados, sua boca mais seca e a sua boceta mais molhada. Não a tocava ali. Ela rebojava e se contorcia, querendo minha boca fustigando sua necessidade, provando sua umidade, lambendo a carne suculenta. Mas eu não o faria. Quando ela já não aguentasse mais, apenas me enterraria nela até que seus gritos se transformassem num zunido constante no fundo dos meus ouvidos. Depois a comeria com doçura, e provaria o seu corpo com delicadeza, mas agora queria só que ela chegasse ao mesmo ponto de desespero que eu sentia.

Ela não precisava me tocar intimamente para me ter prostrado querendo realizar todos os seus desejos. Queria lhe mostrar que eu também não. O sexo com amor é incrível, mágico, memorável. Mas sexo com raiva era sensacional, e se ainda existia algum resquício de raiva dentro dela, o varreria com estocadas brutas e ávidas.

Ainda que fosse apenas um capricho no fundo da sua mente, queria que aquela sensação desaparecesse para além da memória, que se apagasse de forma irrecuperável. Queria imprimir outras memórias no lugar da cicatriz que aquela mágoa tinha deixado.

Abri espaço entre suas coxas com as mãos e meti de uma vez só, arrancando um gritinho de surpresa da sua garganta que logo se

transformou num murmurar sibilante quando estabeleci um ritmo punitivo e familiar que dizia, eu estou aqui, eu sempre estarei aqui, e quando você achar que eu parti, estarei voltando.

Nenhum outro lugar era tão certo como dentro de Dómina, eu poderia ficar ali a vida inteira, esquecer de todo resto, abdicar da minha história e da minha memória para viver esse momento o resto da eternidade.

Os arquejos desejosos e ofegantes cortados apenas por gritos agudos eram a trilha sonora perfeita para minha excitação violenta que embalava Dómina de um jeito febril a cada nova estocada, a cada nova investida.

Mordi a sua boca, abrindo-a ainda mais com a minha, queria que gritasse mais alto para eu escutar. Queria que perdesse o controle e não pudesse se conter mais, queria que pertencesse a mim, mais do que pertencia a si mesma.

Encontrei um ritmo que faria exatamente isso, e seu desespero crescente se fez notar na minha pele que ela rasgava com as unhas cravadas em mim. Ela fechou os olhos ainda se segurando a qualquer resquício de controle que achasse ter. Mas eu não quis perder sua total atenção. Projetei na sua mente tudo que o que eu via, imagem por imagem, incendiando sua consciência com a minha.

Dómina abriu os olhos, se mostrando uma criatura primitiva e incontrolável. Seu desejo tocando os limites da sanidade, gemendo alto entre respirações. Eu me dividia entre fodê-la e admirá-la envolvida em sua aura de luxúria escancarada.

Percorri as suas coxas com um toque faminto alcançando seu clitóris inchado e apenas uma leve pressão foi necessária para coroar sua excitação super estimulada pelo meu pau.

Dómina cravou os dentes, bem fundo, no meu ombro, não para me punir, apenas para suportar a sensação do seu corpo fervendo por dentro fazendo o mundo girar ao contrário, e se desfazer por inteiro.

Ela ardia ao meu redor, o som erótico do seu corpo recebendo o meu me impedia de parar, prolongando seu gozo. Ela ainda não tinha terminado quando a minha crise começou, e a selei com um último beijo sufocado, me derretendo dentro dela, sentindo sua boceta dilatar e contrair para me acolher.

Saí de dentro dela já querendo entrar de novo, mas nos tirei de cima daquele aparador e a levei para cama.

Eu podia ter me transportado para o quarto, mas não quis dar chance para o azar, saí com Dómina nos braços, os dois completamente nus pelo corredor. Ela não protestou em momento algum, mas claro que não passaríamos despercebidos naquela casa cheia de gente.

Kion surgiu no corredor antes de eu chegar à porta e com sua inconveniência tradicional nos cumprimentou debochado:

— Meu rei e irmão, e minha rainha, tão querida. Boa noite. Folgo em vê-los em trajes tão tradicionais. — Um risinho sacana se desenhou no seu rosto e Dómina revirou os olhos para ele. Kion piscou para ela em resposta e completou: — Adão e Eva aprovariam.

Nós rimos e ele encontrou seu rumo quando entrei no quarto, ignorando-o.

— Eu não tenho a certeza se gosto do meu irmão te vendo nua — comentei colocando-a na cama e beijando sua boca de leve.

— Talvez devesse ter pensando nisso antes de me passear pelo corredor pelada e gozada, não é mesmo? — seu olhar de divertimento não demonstrava traço algum de constrangimento.

— Exibicionista — acusei.

Ela concordou com a cabeça e nos virou, me montando. Suas mãos se apoiando em meu peito para que se esfregasse em mim com propriedade. Segurei um seio e sua cintura apertando os dois e trazendo-a para o alcance da minha boca, mas ela quebrou o contato para descer um rastro de saliva pela minha pele, se posicionando para engolir meu pau sedento mais uma vez.

— Eu quero te chupar — reclamei, percebendo que ela queria outra sentada, quando eu queria venerar seu corpo um pouquinho mais antes de comê-la de novo. Um sorriso perverso se abriu em seu rosto.

— Depois, Kassius, depois... — sentenciou já se encaixando em mim e sentando devagar, rebolando lentamente. Nossa carne sensível chiou antes de aceitar que seria explorada de novo.

A tensão crescente atingiu seu pico rápido demais, me fazendo tentar diminuir a velocidade das suas sentadas dançantes para que não gozasse novamente, antes dela, mas, para Dómina, aquilo parecia ser uma competição. Ela sentava e rebolava com o único intuito de me levar à loucura mais rápido do que eu a levaria.

Segurei seus joelhos e senti uma sensação estranha nos dedos, levantei a mão e vi um feixe de linhas negras tomando caminho em suas pernas, vascularizando sua pele, se enraizando nela. Seus olhos

reproduziram o mesmo efeito se abrindo e completando as mesmas linhas negras ao redor dos seus cílios.

Ela não percebeu as sombras abraçando seu corpo lentamente e palpitando numa pulsação própria, uma força singular e extraordinária.

Dómina deixou suas últimas barreiras caírem entre nós, e sua natureza demoníaca se revelou completamente enquanto pequenos espasmos começavam a percorrer nossos corpos, sua excitação escorrendo entre nós, completamente ofegantes de prazer.

Suas pernas se contraíram, ela se inclinou para trás e agarrou nos lençóis. Nossos gemidos intercalados com seus gemidos torturados num prazer primal que exalava de cada um de nossos poros, meu gozo foi arrancado de mim junto com meus poderes, e me senti ser drenado por ela e por suas novas formas.

As raízes aparentavam estar ali para ficar, para mostrar que ela pertencia também ao lado obscuro das forças mágicas e que deveria carregar as provas disso na sua pele.

Ela caiu sobre mim quando explodiu, sentindo não só o orgasmo colossal incontrolável a rasgar por dentro como todo o poder que as raízes drenaram de mim se enovelando nela, lambendo seu corpo como eu faria se não estivesse fraco entre suas pernas.

Ela levou as mãos ao meu pescoço e só então reparou nelas. Os veios negros pareciam dançar na sua pele.

— Que porra é essa? — xingou, saindo do nosso encaixe.

— Parece que você não é um demônio qualquer, Donna. — Minhas palavras garantiram seu olhar. — Não que eu seja algum especialista sobre a hierarquia das esferas infernais, mas, ao que me consta, apenas a realeza carrega as marcas da sua linhagem no corpo.

Acaricieei um dos traços, seguindo seu percurso que terminava no quadril.

— Você com certeza não é uma imperatriz do inferno, tão pouco sua rainha ou princesa. Eles não permitiriam aos seus descendentes que frequentassem a nossa dimensão. Mas — fiz uma pausa para olhar direto nos seus olhos, que não estavam assustados, apenas curiosos —, uma grã-duquesa poderia emular esse tipo de poder silenciosamente demolidor.

— Que poder, Kassius? Meus poderes são os seus. — Ela olhou pelo ombro para descobrir que as ramificações também se estendiam pelas suas costas.

— Também, mas não só. Sinta. — Lhe dei minha mão e ela não sentiu nada além de calor.

— Não há nada. Você colapsou minha ligação ao meu poder. É como se eu tivesse perdido acesso a ele.

Seus olhos se arregalaram se abraçando com receio de me tocar.

— Isso é temporário, obviamente.

— Descobriremos em breve.

— Como você pode estar tão calmo quando uma demônia cortou a ligação entre você e aquilo que você mais presa?

A minha gargalhada alta encontrou seu rosto desconfiado.

— Acontece que a minha parceira é uma fêmea muito poderosa. Ela pode me proteger.

— Ou te matar sem querer.

— Descobriremos em breve. — Não permitiria que se abrisse nem a mais ínfima distância entre nós por causa daquilo.

— Grã-duquesa? — ela repetiu. Dei de ombros.

— Talvez o seu criador não tenha te abandonado Donna, talvez ele apenas não fizesse parte do mundo onde te deixou. Talvez meu pai não tenha sido o único a prever o nosso encontro. Talvez você tenha sido deixada aqui para que eu te encontrasse, no tempo certo.

— Tempo de quê, Kassius?

— Descobriremos em breve.

— Você está quase conseguindo me irritar.

— Tente se lembrar que agora você pode provocar danos irreparáveis e vai ficar tudo bem.

Lambi a palma da sua mão deitado ao seu lado preguiçosamente, e a puxei para que se deitasse também, ela me olhava como se eu estivesse louco.

— Kassius, o que você acha que está fazendo?

— Eu disse que queria te chupar, isso é o que estou fazendo — respondi, descendo beijos pela sua coxa e lambendo o mesmo lugar no caminho de volta.

— Eu drenei os seus poderes enquanto você me comia e você está determinado a mergulhar sua língua na minha boceta correndo o risco de sabe-se lá deus o quê? Nós vamos para Altera amanhã. O que vamos fazer se seus poderes não voltarem?

— Descobriremos em breve. — Ela bufou antes de arquear o corpo ao primeiro sinal do meu contato direto com seu centro de prazer.

Aquelas marcas significavam algo. Um perigo? Talvez. Não me afastaria dela nem que tivesse escrito *fatal para híbridos com tinta preta na testa*.

Fossem as marcas da sua linhagem escondida e genialmente bloqueadas através do tempo, ou não, descobriríamos juntos, lidaríamos com isso juntos.

Eu já tinha lhe mostrado todas as minhas cores, ela tinha visto todos os tons das minhas vulnerabilidades, e mesmo que ela ainda fosse uma espécie de incógnita, oculta por sombras, minha resposta para ela sempre seria sim.

Quaisquer desdobramentos seriam um problema para o Kassius de amanhã. O Kassius de hoje iria apenas reverenciar sua parceira enquanto ela gemia de expectativa e se contorcia de necessidade pela noite adentro. Afinal, não precisava de poderes para fodê-la como ela merecia. Como a porra de uma rainha.

CAPÍTULO 23

DÓMINA

Ver Dante e Sebastian se tratando com cordialidade estava me dando nos nervos. Eu sabia que Kori tinha mexido com a cabeça de Sebastian, e isso, por si só, já era assustador. Mas vê-lo se comportando como o Sebastian que um dia eu achei que ele era, estava me deixando inquieta.

Não bastasse a marca no pescoço de Kassius, que ele exibia despreocupadamente, como se não tivesse acordado sem poderes e com uma coleira tatuada no pescoço, ainda havia o fato de que Kori e Kion estavam se revezando para latir e rosar a cada passo que ele dava perto deles. Os três achando muito engraçado a marca que eu deixei no corpo dele sem querer, e eu em vias de explodir. Queria sair esbofeteando todos eles, não queria ninguém se comportando com calma quando eu era a única que parecia ver que estávamos nos metendo num buraco sem fundo com aquilo.

— Relaxa, Dom, eu já consigo sentir os poderes dele se religando. Não é nada de mais — Kion garantiu, passando ao meu lado.

— Kion, seu irmão tem uma coleira tatuada no pescoço, que eu não lembro como fiz. Me desculpe se discordo. E eu não pareço alguém que pode passar despercebido, tampouco. — Indiquei os traços no meu corpo. — Então, creio que temos um problema.

— A propósito, muito obrigada por isso, minha rainha — Kori declarou com um risinho filha da puta.

— Kori, isso não é hora para brincadeira — bufei.

— Claro que é, a melhor hora é sempre o pior momento — respondeu, seguindo Kion para dentro.

Morana alinhava uma trilha de facas no lado externo da coxa. Eu não conhecia os materiais daquelas lâminas, pareciam mais cortantes do que os meus. Killian seguia cada um de seus passos com atenção, e se Killian estava preocupado com a presença dela, eu também estaria.

Ninguém se esforçava para interagir com ela, apenas Dante e Sebastian lhe dirigiam a palavra, mas Morana respondia monossilabicamente a tudo. Nós éramos apenas um meio para que chegasse a Altera, e ela se comportava como se todos estivéssemos lhe devendo um favor.

Se olhasse na minha direção com desdém mais uma vez, seria obrigada a arrancar seus olhos para lhe lembrar que eu não lhe devia nada. Eu mal a conhecia. E não estava certa de que gostaria de perder o meu tempo tentando conhecer. Ela tinha cheiro de más notícias, assim como Sebastian. A qualquer momento a influência de Kori sobre ele poderia ser levantada e ele seria como uma semente do mal, plantada entre nós.

Havia pessoas demais nessa carruagem e eu não estava ansiosa para que fosse dada a largada.

Dante marcava a todos nós, caso algo desse errado e nos separássemos, ele poderia rastrear qualquer um, a qualquer momento.

Killian estava realmente muito quieto, e Kianna abatida. Era estranho que a leveza da situação estivesse sendo garantida por Kori e Kion, sendo engraçadinhos com Kassius por conta da porra da coleira.

— Da próxima vez que você quiser restringir seu parceiro, Dómina, fale comigo. Eu sei uma coisinha ou duas sobre como manter prisioneiros. E se você quer fazê-lo sofrer, bom, eu sei mais do que uma coisa ou duas. Adoraria partilhá-las com você. — Kori era a única pessoa que conseguia fazer uma vênua parecer um gesto de deboche. Ela olhava de Kassius para mim, esperando sua resposta.

— Que belo momento para se tornar fã da sua rainha, Kori. E Kion, desde quando você virou uma fofqueira, posso saber? — Kassius não tinha colocado no jornal o que aconteceu à noite, mas Kion com certeza sim.

— Ah, Kassius, talvez só agora ela tenha saído de trás de você. Eu não conseguia vê-la bem com tanta sombra. — As mãos de Kori pousaram em meus ombros e ela riu, imitando uma garra com a mão e dando um rosnadinho sem-vergonha.

— Já que a fofqueira de plantão estava trancada na torre pela bruxa má — Kion apontou para mim —, eu tomei a liberdade de substituir suas funções e atualizar a rádio fofoca. Veja pelo lado bom, Kassius, eu não mostrei para ninguém as imagens de vocês nus no corredor. Eu só contei que a Dom estava te espancando e você estava gostando como a boa putinha que é. Não é minha culpa que além de gostar de apanhar, você também tenha fetiche por usar coleiras. Ficou lindo, inclusive. Estou até pensando em te oferecer algumas no Natal, para acompanhar a moda, sabe? Preto é tão século passado.

Kassius pegou um lápis da mão de Kianna, que rabiscava alguma coisa, e o enfiou no olho direito de Kion.

— Você devia ter acertado a minha língua animal. Meus olhos não falam — Kion reclamou, removendo o lápis, o limpando na calça e o devolvendo a Kianna, que o aceitou de volta e continuou escrevendo com a maior paz de espírito que já presenciei nela.

Ainda me custava acreditar que eles estavam brincando com aquilo. Eu não conseguia sequer tirar meus olhos daquela marca, todas as vezes que olhava para Kassius, não era sua boca ou seus olhos que eu mirava, era aquela linha em volta do seu pescoço.

As minhas raízes também não estavam melhores, seriam impossíveis de esconder. A cada feitiço que alguém tentava, elas absorviam e digeriam a magia envolvida. Eu começava a entender seu mecanismo, ainda que não soubesse exatamente a razão da sua existência.

Dante se aproximou de mim e beijou minha têmpora. Correndo um dedo pela minha bochecha.

— Podia ser pior, Domi. Pelo menos, nós estamos a caminho de Altera. — Suspirei e o beijei de volta, ele abraçou minha cintura e eu me encostei nele.

Era verdade. Eu imaginei esse momento milhares de vezes, e nem nos meus pensamentos mais selvagens me imaginei no cenário em que me encontrava naquele exato momento. Um bando de desequilibrados se preparando para invadir o lugar mais bem protegido do mundo, como se estivessem indo para um jantar qualquer, de, sei lá, uma quarta-feira.

Eu tinha conversado com Kori mais cedo, ela disse que não importava muito o que iriam encontrar. Altera lhes pertencia, e eles estavam voltando para casa.

Se alguém os impedisse de entrar, bom, o seu sobrenome era Tormenti por alguma razão. E eles estavam preparados. Despreocupadamente preparados.

Foi a minha vez de rir.

— Dante está apalpando a sua mulher, Kassius. Vai deixar? — Kion recriminou nossa proximidade. Dante não se moveu e eu sorri.

— Vem aqui defender a honra da sua cunhada, meu querido — desafiei.

— Eu, não, você já viu a minha pele, Dom? Imaculada. Prefiro que continue assim. Eu não gosto de coleiras. Vou me manter bem longe de você pelos próximos dias. Obrigado.

— Covarde — acusei.

— Uhum. Mantenha-se longe de mim, sua demônia. Esses tentáculos são perigosos.

— Você terá que se aproximar em algum momento. Você e Kori vão trabalhar juntos para desbloquear o resto das minhas memórias — Kori encarou Kion, assumindo sua natural forma ameaçadora.

— Por que fazer algo de forma simples, quando podemos fazer da forma mais complicada e dolorosa possível não é Domi? — Dante comentou, achando que eu tinha enlouquecido. — Algumas coisas nunca mudam.

— Eu não vou trabalhar com a Kori, Dom. Lamento. Nós podemos trabalhar em sessões intercaladas, vai ser melhor.

— Não. Trabalharão juntos — defini, não deixando mais espaço para retaliações.

— O que estamos esperando, afinal? — Sebastian perguntou.

— Nada, vamos. Está na hora — Killian anunciou, sua voz grave, séria e determinada.

— Não ainda. — Kassius exibiu algumas linhas de poder se espalhando, cada uma se ligando a cada um de nós, como as costuras de uma manta, nos cobrindo. Senti uma fisgada aguda na cabeça que fez com que eu encarasse o teto, percebi que todos faziam o mesmo, se movimentando lentamente até formar um círculo perfeito em torno dele.

Engoli em seco enquanto a energia poderosa irradiava através de nós, uma onda de partículas verdes pairava acima, se depositando lentamente nos fios que nos ligavam, calmamente se entrelaçando. Um corte de luz violeta finalizou seu feitiço quando ele murmurou baixinho: "*Chante Dracori*", nos libertando das garras daquela força que nos fez dar um passo atrás com o impacto.

Killian estava possesso avançando em direção a Kassius, o soco que lhe deu não foi apenas força física, um punho extra de névoa densa impulsionou o golpe do seu punho que soou seco quando embateu no rosto do irmão.

Dei um passo à frente, sentindo a onda de violência que o acometia, meus instintos totalmente despertados.

Kianna me pediu que parasse quando estava prestes a arrancar Killian de cima de Kassius. Ele continuava desferindo socos e feitiços dos quais Kassius se defendia com dificuldade.

Ninguém tentou se meter além de mim, as mãos de Kianna seguravam meus braços, garantindo que estava tudo bem.

Kori apostou com Kion que Kassius arremessaria Killian para longe em menos de 20 segundos, se ele continuasse. Kion disse que esperava

que não, ou teríamos que o aturar reclamando como uma criança o caminho inteiro.

Morana abriu a porta e saiu. Nos deixou para trás, e Sebastian a seguiu. Dante olhava para mim esperando uma indicação do que eu precisava.

Eu não sabia o que responder, no entanto. Senti o ar congelante antes que pudesse fazer alguma coisa sobre isso, Killian invocou o seu elemento contra Kassius e a pele dele começou a mudar de cor, sendo tomada pelo processo rápido de congelamento.

Kassius explodiu a primeira camada de gelo que o cobria, reclamando que ele estava exagerando. Mas Killian não parou. Quando o gelo ganhou forma de correntes e começou a se entrelaçar no pescoço de Kassius, cortando a circulação de ar, decidi que era o suficiente.

— Chega — disse apenas.

Senti meu humor se alterar para algo amorfo antes de perceber minhas raízes ganhando sombras externas que afastaram Kianna de perto de mim, e se ligaram a Killian e a Kassius, drenando os dois. Sacudi meus braços querendo quebrar a ligação e isso fez com que Killian caísse de joelhos, Kassius resistiu, minha marca brilhando num profundo tom de azul na sua pele, como se estivesse viva, de repente.

— Chega — repeti, admirando o controle natural que tinha das sombras recém-adquiridas.

Eu estava começando a gostar de ser um demônio imprevisível.

Kion estava assombrado, olhando de mim para as raízes e suas sombras, um brilho diferente cortou o seu olhar.

— O quê? — perguntei. Ele não disse nada, apenas pegou suas coisas e saiu, levando Dante ao seu encalço.

— Kion foi apaixonado por uma demônia há alguns séculos, ela foi banida para o inferno e ele nunca mais a viu. Acredito que o seu despertar demoníaco esteja sendo difícil para ele. Ele a amava. Talvez ainda ame. Kion não se interessou por ninguém durante muito tempo. Porém, digamos que você não é a primeira demônia que rouba o coração de um dos híbridos dessa família.

Os braços de Kianna se cruzaram e ela se dirigiu a Kassius.

— Você sabia que o Killian reagiria assim, custava ter lhe dito que você tinha intenção de se ligar a todos nós simultaneamente, Kassius?

— Ele deixaria que eu invadissem a sua mente?

— Não. Com certeza, não.

— Então custava.

— Eu ainda estou tentando entender como você conseguiu. Killian é... — lhe faltaram as palavras.

— Eu canalizei a energia de Dómina, não a minha, ele não me viu chegar.

— Eu pensei que você estava sem poder, Kassius — meu tom de julgamento era claro.

— Não. Os meus poderes estavam lá, esperando para serem coletados. Aparentemente, essa coleira — ele tocou a marca com os dedos —, é uma faca de dois gumes. Ela pode aniquilar o meu domínio sobre meus poderes, ou ser usada como uma extensão dos seus.

Ele se aproximou de mim, e me deu a mão.

— Agora que tudo está esclarecido, podemos ir.

— Você vai se arrepender tanto disso — avisei.

— Por quê?

— Oito vozes na sua cabeça, durante todo o caminho, partilhando todos os seus receios e devaneios em tempo real...

Kassius apenas sorriu.

— Se isso não te incomodar, talvez Kion de fato tenha razão. Você é uma garota fofoqueira.

— O rei delas, meu amor. O rei delas — repetiu.



Depois de deixarmos os carros para trás, pegamos uma balsa. Um pouco rústico, eu achei, mas apenas segui. A plataforma de madeira era imensa e não tinha um aspecto muito seguro, não que a carga necessitasse ser tratada com cuidado, mas, ainda assim, achei estranho.

A viagem, como imaginei, foi protagonizada por Kassius julgando os pensamentos de todo mundo. Killian continuava raivoso e afastado, sem nos dirigir a palavra, Kianna disse para o deixarmos em paz, seu ódio se dissolveria sozinho, dada a quantidade certa de tempo.

Cortávamos o mar a pouca velocidade, dispersos pelos espaços da balsa, cada um concentrado em suas próprias coisas quando sentimos uma pequena alteração no ambiente.

Dante se aproximou de mim, desconfiado. Os irmãos não se alteraram, Morana apertou uma de suas lâminas discretamente, pronta a

sacá-la com rapidez, e Sebastian se manteve inalterado, olhando o céu, aparentemente admirando a força diferente a que fomos submetidos naquele momento.

Ele levou uma mão ao ar e tentou tocar aquela força, seu sorriso satisfeito e complacente me fez contrair a mandíbula, e retesar meus dentes. Eu odiava aquele sorriso perfeito. Me virei de costas, olhando o horizonte, repassando os últimos acontecimentos na minha cabeça, tentando acessar o novo espaço aberto na minha mente, mas sem Kion, era praticamente um labirinto infinito de linhas cintilantes. Havia mais a explorar e eu queria quebrar logo esses nós, ainda que me destruíssem no final.

Se alguém tinha se dado a tanto trabalho para esconder algo de mim mesma, com certeza não seria à toa. Às vezes, um pensamento intrusivo sussurrava em meus ouvidos, e se fosse para me proteger de mim? Tentava não dar lugar cativo a essa desconfiança, mas ela sempre voltava quando estava distraída.

A temperatura mudou, dando lugar a um espaço extremamente quente e seco. O mar alto, era o retrato de um lago espelhado, a único movimento era o nosso, cortando sua ausência de ondas que não provocavam nenhuma alteração no curso da água.

Minha garganta foi a primeira a sentir o efeito, fechando como um punho.

— Estamos chegando — Kassius avisou, beijando minha boca e arrumando meu cabelo atrás da orelha, apaziguando aquela sensação com um toque suave no meu antebraço.

— Eu não vejo terra ainda. — Não era uma dúvida, apenas uma constatação.

— Não. Mas já passamos pela primeira barreira.

— Demasiado fácil?

— Não exatamente. É apenas contra humanos, as próximas serão mais agressivas.

E foram.

A segunda barreira era de um gelo vermelho que caiu sobre nós como uma chuva de cacos de vidro que queimavam o ar à sua passagem, explodindo buracos na balsa que chacoalhava como se quisesse nos cuspir da sua superfície para fora.

Kianna controlou os meteoros de gelo que mais pareciam lava nos atacando com violência. Ela capturou apenas um dos pedaços em sua mão, que ameaçou derreter e cair do punho, escutei o som da carne fritando no contato. Era como se estivessem banhados em ácido.

Mas, uma vez que ela conseguiu controlar aquele, seus reflexos se dividiram em incontáveis Kiannas que produziram um manto sobre nós, recebendo o impacto e transformando a chuva em granizo que escorria vermelho pela redoma que ela projetou ao redor da balsa.

O tom carmim manchava a água azul, como se algo tivesse sido esquartejado ali, embora nós permanecêssemos intactos, à parte da mão dela, que mantinha o aspecto retorcido na palma.

Corri para ela, querendo ajudar, mas Kianna apenas levantou a mão e disse:

— Ainda não acabou. Concentre-se. Esteja atenta.

A terceira barreira foi recebida por Killian, quando o céu desceu sob nossas cabeças com o intuito aparente de nos espremer no mar até nos afogar. Nunca pensei que pudesse ser esmagada por uma nuvem, até sentir o abraço sufocante de uma delas.

Tentei rasgar por dentro, me libertar daquele peso que me segurava com força, sem sucesso, era como se minha pele estivesse grudada. Não conseguia escutar os outros, nem ver nada além de um silencioso e sufocante nevoeiro esbranquiçado.

Senti a balsa afundar com o peso destruidor a que éramos submetidos, mas Killian conjurou uma tempestade elétrica que quebrou as membranas das nuvens como se fossem frágeis pedaços de tapeçaria.

Não tivemos tempo de reagir, nem de celebrar ou parabenizar ninguém, antes de sermos atacados pela quarta barreira. Eu sentia como se estivéssemos passando pelo arco-íris, cada cor uma provação; rápida e passageira, dando lugar a suas irmãs, para que tentassem concluir onde as anteriores falharam: nos impedir de atravessar, aniquilando nossas vidas.

Era engraçado pensar que, se morrêssemos ali, seria de causas naturais.

Kassius estava ajoelhado no chão, com as mãos espalmadas no pavimento esburacado da balsa. Pensei que estivesse se sentindo mal, quando escutei um som estridente arranhando meus ouvidos.

A balsa foi levantada e diversos tentáculos apareceram nos puxando para o fundo.

O redemoinho de água que nos engoliu fez um barulho estrondoso ao estourar a madeira e derreter todo o ferro da balsa.

A força da água continuava nos puxando, e a sombra, dona dos tentáculos, nos puxava mais e mais para outras zonas de pressão que faziam nosso corpo parecer leve como uma pluma.

A imagem de uma morte plácida seria aquela, ou talvez não.

E foi quando aquela coisa atingiu o chão, fazendo a água recuar e nos impulsionar para cima que Kassius a atacou de uma só vez.

A criatura foi pulverizada na água manchando-a de preto, e um espaço começou a ser criado à nossa volta.

Pisávamos o fundo do mar, como se sempre tivesse existido um caminho por ali.

Kassius mantinha a água por dezenas de metros, correndo apenas ao nosso redor. A gigante barreira de água sendo totalmente aberta para que atravessássemos.

Ainda sentia o sal na minha garganta. Kassius estava concentrado, mas não em manter aquele peso colossal contido sobre nossas cabeças. Apenas para manter Kori e Kion fora da sua cabeça, dando ordens silenciosas sobre o que viria a seguir. Ele conseguia bloquear os pensamentos dos outros, se quisesse, mas não os deles, e eles estavam adorando estar ligados permanentemente a Kassius. Eu diria que eles estavam se divertindo tanto quanto Killian estava sofrendo.

Seus olhos negros volta e meia pousavam sobre Kassius, decidindo em que momento ele iria pagar por violar sua privacidade tão levemente.

Caminhamos por algumas horas até que a água começou a rarear e nossos pés encontraram terra firme. Pisar naquela ilha foi um sonho e um objetivo por séculos, imaginei que ficaria eufórica quando desse o primeiro passo, mas, não, era como uma terra qualquer. Quase me senti decepcionada quando fios nos receberam e nos amarraram.

Eram fios simples e quase transparentes, um toque de cor quando o sol lhes tocava, conforme ganharam terreno, percebi que eram como o desenho da minha mente, mas de outra cor.

Fios de memórias nos aprisionavam. Estávamos presos na projeção dos fios de nossas próprias mentes, cada uma representada de uma cor.

Seria uma morte bonita ficar preso na memória, nunca fazer parte da história apenas porque ela morreria antes de ser contada.

Kassius era o elo que conectava o entrelaçado intrincado e desordenado que nos ligava.

Uma ordem ecoou de Kassius para todos nós:

— Não se deixem enganar pelo que veem, é tudo falso. É apenas uma ilusão feita para nos quebrar.

Vi Dante se entregar à ilusão com um sorriso bobo de felicidade no rosto. As linhas da sua cor gritando mais alto entre nós. Não sei o que ele via, mas estava profundamente satisfeito. Tentei queimar as linhas, cortá-la,

e até consumi-las, mas os traços no meu corpo, que agora pareciam apenas que meu sangue estava correndo fora da pele, negro por toda ela, podia seguir minha pulsando correndo feroz através da vascularização que imprimiam no meu corpo. Podia literalmente ver cada linha de sangue traçada em mim. Mas quando tentei usá-las para bloquear o poder das cordas de memória, elas se aprofundaram na minha carne, deixando a minha pele tão imaculada quanto sempre foi.

A marca no pescoço de Kassius não cedeu, no entanto. Que belo momento meus poderes escolhiam para me abandonar! Kion tocou minha mão, eu não tinha percebido, mas nem ele, nem Kori estavam presos. Claro que não. Eles fizeram isso a vida inteira, se movimentaram pelas memórias alheias, aquilo era uma segunda casa para os dois.

Me preparei para sentir Kion rasgando aqueles nós e me provocando aquela dor insuportável da última vez, mas tudo que escutei foi os gritos dos outros.

O poder de Sebastian, descontrolado, atacando tudo ao seu redor, sem acertar em nada além dele mesmo.

Os fios se esticavam e nos moviam como pequenas marionetes da imensidão da nossa própria mente.

Kori foi quem resgatou Dante da alucinação que comprometia a sua vontade. Para minha surpresa, ela pegou nele e o carregou pela mão para longe daquele emaranhado, deixando apenas Kion para libertar a todos nós.

Nada do que eles não tivessem combinado, soube depois, mas naquele momento me debati com a gratidão por salvar meu amigo que não estava preparado para nenhuma dessas coisas, e o incomodo de vê-la partir sendo capaz de nos deixar para trás.

Kianna lutava contra sua própria ilusão, gritando em vários tons de voz, Kassius tentou chegar até ela, mas tudo que conseguiu foi partilhar sua visão com todos nós.

Kianna estava sendo atacada pelos próprios reflexos que sufocavam sua identidade para além da existência. Esmagando suas vontades, apagando suas verdades. Seu medo mais profundo se tornando realidade, como é que sendo tantas, poderia de fato ser alguém inteiramente.

Kassius tentava conter as ilusões de cada um dentro do seu círculo, para que os outros não vissem suas fraquezas escancaradas, mas não parecia estar tendo dificuldade alguma em lutar contra as suas próprias.

Nem eu, percebi, nem uma única imagem me assombrou ou provocou. Eu estava ali apenas como uma observadora.

O segundo a ser libertado por Kion, foi Sebastian, que não dizia coisa com coisa quando Kion o soltou do casulo que já o sufocava, completamente envolto nos fios dos seus pensamentos estrangulados.

Ele caminhou com dificuldade até Kori, que o ajudou a se sentar, conferindo se nenhum dano tinha sido feito ao seu trabalho de recosturar a mente dele. Com certeza algo havia se quebrado. A sua expressão era mortífera.

Kassius ainda se concentrava em Kianna, tentando afastar a ilusão a todo custo, e conseguindo, por segundos antes que retornassem.

O problema daquele labirinto era que tinha também a força das nossas memórias, e Kianna era uma fortaleza difícil de transpor.

Escutei Morana xingar, e não precisei desviar o olhar de Kassius e Kianna para entender que havia sido libertada sem maiores danos.

Restávamos apenas, Kassius, Kianna, Kion e eu. Sem a possibilidade de machucar mais ninguém, tentando ajudar, me concentrei, conjurando a sensação de poder que tinha me tomado quando me descobri demônia.

Senti as veias negras se vascularizando novamente no meu corpo e abrindo caminho na minha carne, pousando na minha pele. A pulsação do poder obscuro e quente como inferno vibrando em mim.

As fitas de memórias começaram a perder a cor do ponto em que estavam em contato comigo, a escuridão devorando cada uma delas. Kassius usou seu poder para conter a devassidão que viu avançando da ilusão de Kianna, e Kion apenas direcionou aquela escuridão para as linhas de maior poder com uma serenidade imperturbável e um sorrisinho de orgulho no olhar.

Embora ainda presa, me senti acolhida por todas as memórias que implodiram em mim.

Vi coisas que nunca contaria a ninguém.

Outras que preferia desver se me fosse dada a opção, mas também vidas passando através da minha memória defeituosa e falha. Aceitei suas experiências como velhas amigas que não sabia ter.

As linhas caíram podres e sem poder, e eu não corri em direção aos três irmãos. Saboreei cada uma daquelas histórias que me tinha permitido consumir através da escuridão, que tinha sabor de lar, e não de medo.

Os olhos de Kianna se abriram num reflexo sombrio do que eu tinha feito, mas quando falou foi como se nada tivesse se passado:

— Pensei que vocês iam ficar enrolando enquanto eu fazia o trabalho todo — ela disse, batendo as roupas como se tirando uma poeira

que só ela viu. — Vocês são muito moles, meu Deus do céu! — Ela deu uma piscadinha para mim antes de caminhar para onde os outros aguardavam, se recuperando da experiência.

Kassius e Kion caminharam ao meu lado. Kion num silêncio absoluto, evitando me olhar nos olhos e provavelmente evitando pensar no que quer que fosse para que Kassius não capturasse aqueles pensamentos com os quais lutava.

Kassius acariciou os veios negros, que percorriam meus braços desnudos com os dedos, e beijou ambas as minhas mãos, uma de cada vez, sorrindo.

Ele gostava de mim demônio, tanto quanto de mim vampira. Talvez até mais.

— Nós estamos muito sozinhos para quem acabou de pisar em Altera — Dante observou, pensando o mesmo que eu.

— Você ainda não está em Altera — Sebastian respondeu. Revelando saber mais do que eu sobre a ilha. Irritante demais.

— Essa ilha guarda um portal para a verdadeira entrada.

— Portal?

— Altera não é uma ilha perdida entre Itália e a Grécia como os líderes da comunidade mágica espalham por aí. A Enigma desconhece que Altera fique noutra dimensão, mas a Vale sabe, eu pensei que você também soubesse. Perdão por não esclarecer, não me ocorreu que mantivessem esses detalhes em segredo de você. — Kassius tinha uma expressão de dúvida no rosto. A sobrancelha levemente arqueada em descrença.

— Aparentemente eu não era bem quista o suficiente para saber. — Fulminei Sebastian com o olhar, e ele respondeu levantando as mãos em sinal de rendição ou desculpa, não sei nem me importava. Se ele sabia, eu também deveria saber.

— Bom, se me permitem fazer o meu trabalho, eu peço silêncio — Morana interrompeu, num tom de voz venenoso.

Me virei para reclamar, e talvez fazer com que sufocasse com seu próprio sangue, uma visão que cultivava secretamente, mas a encontrei já a meio da transformação em um corpo de luz líquida. Tinha a sensação que ela podia escorrer, mas o clarão intenso não se dissipava, embora já não fosse o corpo que eu conhecia que se contorcia à minha frente.

Kianna deu um passo à frente, ajudando a moldar aquela coisa disforme e absolutamente impressionante que Morana se transformou. Killian a seguiu, extraindo dela um paredão intenso que formou um véu de luz que atravessou toda a terra que pisávamos, abrindo um vão gigantesco diante dos nossos pés.

Kion e Kori seguraram as mãos de Morana, abrindo uma espécie de semicírculo que entendi que seria a marcação entre as dimensões.

A cor do limite entre os mundos era violeta acobreado. Linda e intensa, clamando por nós como o canto de uma sereia.

Rapidamente todos atravessamos, nos separando e caindo no completo vazio por horas.

Eu acredito que morrer fosse assim, a emoção da queda eterna, você nunca sabe quando ela terminará para que possa se preparar para a dor e isso desperta todos os seus receptores dela, fazendo com que você sinta tudo, de todas as piores maneiras possíveis, durante todo o caminho.

Eu não senti o ar entrando ou saindo dos meus pulmões até ser puxada daquele espaço oco por Kassius.

Meus pés tocaram o chão e aí, sim, não restavam dúvidas, aquele chão que eu pisava era Altera.

Eu sentia o seu poder exalar no ar, vibrar na minha pele, abraçar meus sentidos, se espalhar no gosto da minha boca.

Era inebriante a sensação de chegar ali.

Não tive muitas chances de saborear aquele momento idílico, ou apreciar a paisagem homérica de uma diversidade ostensiva e beleza desmedida.

As sombras dos Dragões de mais de trinta metros, que rompiam os céus em nossa direção, retiveram a minha total e completa atenção. Só uns segundos depois, notei as Sereias nos cercando pela água, exibindo um encanto cruel e um sorriso enigmático.

Senti o baque da força excessiva do pouso do primeiro dragão em todo o corpo, e também do segundo, e do terceiro, e tão depressa os via descer como já estávamos também cercados de dezenas daqueles gigantes de força descomunal que fizeram a temperatura subir vários graus apenas com o calor corporal.

— Sejam bem-vindos. Como gostariam de morrer? — A voz veio ferina de algum lugar entre os dragões, um dos corpos, não tão animalesco, mas não totalmente semelhante aos nossos. Uma mistura de aspecto humanoide se aproximou, falando diretamente para mim, a sua pele, firme, a própria carcaça de um dragão, e suas pernas deformadas pelos músculos monstruosos, apenas da cintura para cima se assemelhava à nossa imagem. Mas em segundos sua transformação se completou, o tornando algo diferente de um humano, mas perto o suficiente para passar despercebido, não fossem as roupas de couro com cheiro de morte e as presas afiadas, sorrindo para mim. Totalmente insólito, mas uma visão impressionante.

— Se não responder, não lhes darei a chance de escolher de novo. Uma morte rápida ou memorável, querida?

Criei uma distância segura entre o corpo dele e o meu apenas empurrando o ar que o levou a se afastar cerca de três metros para trás. Senti Kassius sorrir da expressão contrariada do dragão.

Os outros bateram as patas no chão, nos avisando que não deveríamos nos defender, ou seria pior, as sereias riam como se tivessem escutado uma ótima piada e não pudessem se conter, tapando as bocas dos olhares dos dragões.

Ele avançou de novo e Kassius cruzou os braços o enxotando com um aceno de cabeça que o fez rebolar como um peão na nossa frente, os outros dragões, ainda na sua forma natural, ficaram ariscos e começaram a ameaçar nos fritar com o fogo que já se preparavam para cuspir.

— Quem são vocês? — uma das sereias perguntou, saindo da água, completamente nua, exibindo um belo par de pernas que eu não esperava ver em seu corpo. Da forma como flutuava ao invés de caminhar, algo me dizia que aquelas pernas eram apenas uma ilusão.

— Dómina — respondi simplesmente. Ainda focada na forma fluída como se movia, era como se não tivesse deixado água.

— Dómina quem? — Insistiu me cheirando. Os Dragões fechando o cerco, esperando por um ataque para nos trucidar. Ela levantou a mão, pedindo que se contivessem sem sequer olhar para eles.

— Sua rainha — completei, tão simplesmente quanto da primeira vez.

— E você? — ela perguntou a Kassius, ainda sem desviar a atenção de mim.

— Kassius Tormenti, seu rei. Agora saia da minha frente ou serei obrigado a tirá-la eu mesmo.

A ameaça conquistou a atenção da sereia e a irritou um pouco. Com uma única palavra, ela selou nossos destinos.

— Matem-nos — ordenou.

Os Dragões vieram como um enxame de abelhas, o ar zunindo com o movimento de suas asas.

Os irmãos se prepararam para atacar, mas algo maior que nós os interrompeu do embate carnal que se rompia.

O chão começou a se mover, abrindo valas hediondas que engoliam os dragões, que apesar de não terem nada segurando suas asas, se debatiam na terra, presos por alguma forma invisível que também atacou as sereias, chicoteando seus rostos com a própria água que habitavam.

Um grande feixe de luz se acendeu do ponto onde começava o pé de Kassius até algum lugar infinito que parecia se quebrar na outra ponta, inacessível ao nosso olhar.

A sereia que ordenou nossas mortes parecia se convulsionar nela mesma, e quando parou de se debater, seus olhos completamente brancos e sem vida dentro deles anunciaram:

— Altera vos receberá, sigam-me. Os Domínios do Rei aguardam por vocês.

Uma nova plataforma emergiu do mar, as sereias a ladearam, e um dos dragões mergulhou, encaixando a plataforma nas costas, se transformando no nosso transporte. A sereia que nos falava, nos indicou que subíssemos a bordo, e assim o fizemos.

Escoltados por cada vez mais sereias que se uniam à embarcação improvisada, e Dragões que sobrevoavam nossas cabeças, tapando o reflexo do sol, navegamos pelos caminhos de Altera.

Domínio por Domínio sendo indicado por um Kassius bastante animado, nada incomodado com a legião de bestas que nos seguia e transportava.

Nelor e Overta sugeriram ao longe, Nelor, o domínio das bruxas, um paraíso de gelo com vegetação exuberante se erguia naquelas montanhas. Overta, uma imensidão de um verde fresco e primaveril, não consegui identificar mais nada àquela distância, apenas o reflexo da vegetação intensa da sombra na água.

Krullis, que achei ser o nosso destino, o domínio dos vampiros, era um planalto que se estendia para além do que a vista alcançava. Apenas tivemos um vislumbre de um cantinho do seu território, adequadamente manchado de vermelho tinto como se tivesse sido banhado no melhor vinho que a terra poderia produzir. Não tinha um aspecto macabro, apenas acolhedor.

Seguimos para Dhara, o Domínio do Rei, onde a cópia perfeita de Morana nos aguardava.

— Já não era sem tempo — sua voz soou simpática. Nos esperava no início de uma ponte que desaguava no mar.

Kion a abraçou, e deu um beijo na sua bochecha. A fazendo corar em seus braços.

— Oi Lilith. Bom te ver em carne e osso — Ele apertou sua cintura de leve, sorrindo.

— Obrigada pela companhia durante todos esses anos — respondeu, nervosa.

— Sem problemas, a sua mente é como uma segunda casa para mim.

A descontração de Kion era notável.

Os dragões se dispersaram e as sereias também, limpando o mar e os céus que brilhavam intensamente.

O sol quente acariciava minha pele morna. Todos começaram a caminhar para dentro, mas eu acompanhei os Dragões até que desapareceram de vista.

— Lakra, o domínio das Sereias e Dragões, é para lá que eles vão quando não são requisitados — Kassius, explicou, acompanhando a direção que seguiam.

— E aquele monte ali?

— Kader. O único domínio oculto e o maior de todos eles. Nunca se abriu para ocupação. Ninguém sabe o que há para além da paisagem óbvia. A ilha nunca permitiu a entrada a ninguém.

— Você fala como se a ilha fosse uma pessoa.

— Entidade. A ilha é uma entidade, com vontade própria e estupidamente específica, em breve você verá que Altera não é só um pedaço mágico de terra noutra dimensão. É um organismo vivo, pronto para te abraçar ou engolir, dependendo do seu humor.

CAPÍTULO 24

KASSIUS

Braseiros arredondados caíam do alto de cada uma das grossas colunas de basalto que iluminavam os níveis superiores do salão do trono onde me encontrava. O tapete ônix estendido até ao centro, se dividia em faixas, em cinco direções diferentes. As janelas largas, completamente ocultas por cortinas pesadas, adornadas com pontas de um dourado extravagante.

Uma escuridão secular que não combinava em nada com as decorações que minha mãe se recordava.

O meu trono sob duas estátuas de feras lendárias, ladeado por alguns assentos menos elaborados.

Vazios.

Meus irmãos e minha parceira tinham me deixado sozinho para receber a corja de regentes dos domínios vizinhos que vieram conferir quem havia provocado o apocalipse e aberto Dhara, após mais de dois milênios fechado.

Sete eram as varandas com vista direta para mim, num ângulo elevado, onde um séquito de idiotas aguardava em silêncio por seus regentes que diziam palavras que me interessavam muito menos do que a decoração.

Eu olhava o outro trono intensamente, posicionado demasiado longe do meu, um degrau a cima. Era de um luxuoso acabamento de carvalho, coberto por dezenas de entalhes elaborados e incrustado com pedras preciosas e largas almofadas forradas com seda.

Dómina não teve a decência de experimentar seu lugar antes de me largar ali.

O meu ressentimento só não era maior porque eu não queria passear. Estar ali me dava urticária. Eu tinha vontade de transformar todo o lugar em pó. Lembrar que meus pais foram escoraçados em troca do quê? Uns pedaços de pedra e um punhado de poder insignificante que suas famílias queriam manter para si.

As gárgulas que me fitavam do teto demonstravam o mesmo humor que eu: nenhum.

E as lendas que as pinturas das paredes contavam, não representavam a minha história.

O grande lustre de cobalto dividia a sala ao meio, combinado com outros menores em ambos os lados do corredor que refletiam diretamente no chão de mármore brilhando numa variedade de reflexos alaranjados.

Fogo líquido na escuridão, embora ainda fosse de dia.

— Como nós sabemos se ele é realmente o herdeiro? — o questionamento raivoso do regente de Nelor, chefe do domínio das bruxas, me tirou da minha análise à decoração do palácio. — Ele deveria ter passado pelas arenas, como todo mundo.

— Eu não sou todo mundo — garanti, em voz baixa, totalmente entediado e inexpressivo. — Eu sou o primogênito das famílias fundadoras de Altera e seu superior.

— Prove! — ele gritou descompensado.

Olhei para o chão antes de fazer seu sangue ferver no corpo, antes de ver o vapor se acumulando e dissipando em sua pele, antes de assistir o ar sendo puxado nervosamente pelos outros regentes, antes de vê-los levantar para o acudir.

A voz de Dómina soou na minha mente:

“Não brigue com os vizinhos, comporte-se como uma pessoa normal.”

“Venha aqui me obrigar” — retruquei.

“Não me faça ir, Kassius.” — Sorri com a pequena ameaça, sua presença aconchegante em meus pensamentos, embora fosse apenas para chamar minha atenção mais uma vez naquele diálogo interminável dos três cretinos.

Removi meu feitiço a contragosto, ainda sentado com uma postura desleixada, vendo a regente de Krullis, o domínio dos vampiros, correr em auxílio daquele abutre desprezível.

— Eu não preciso provar nada a ninguém. Vocês já dominaram o meu território por tempo demais. Saiam — ordenei. — Eu não aguento mais olhar para a cara de vocês.

Me levantei em direção as grandes janelas, que iam do teto até ao chão, os acompanhantes se desviando à minha passagem, se espremendo contra as paredes na maior distância que seus corpos conseguiram alcançar com rapidez.

Abri todas as cortinas com apenas um gesto, e a luz intensa quebrou aquele ar mórbido do salão numa só rajada.

Os vitrais refletiram no chão, agora brilhante, junto às sombras dos véus esvoaçantes, agora descobertos pelas cortinas que fiz cair ao chão,

formando grandes amontoados de tecido.

“Você tem um dom para decoração de interiores.” — A voz de Dómina soou de novo. Não sorri em resposta e ela notou.

“Você não pode estar tão ranzinza num lugar como este, Kassius. Olhe!” — Apontou para tudo à sua volta. Realmente ela estava caminhando por um lugar bonito, o sol batia no seu rosto, podia ver na mente de Killian, que também olhava para ela naquele momento.

Kori me mostrou que as marcas negras tinham mais uma vez desaparecido, e a de Dómina parecia nunca ter sido tocada, tirando seu antebraço, que exibia uma serpente com aspecto tatuado, não fosse pelo fato de que se movia ao redor do seu braço. Três voltas e uma cabeça, caminhando como um bicho de estimação na pele dela.

Martell tentou revidar por tê-lo atacado. Eu esperava força bruta de um feiticeiro. Esperei que o golpe viesse para revidar à altura, mas ele nunca chegou.

Martell moveu as mãos reformulando o feitiço enraivecido, tentando de novo, ainda sem sucesso, seus passos largos na minha direção tremendo de raiva da humilhação diante dos seus iguais e inferiores. Um vento quase corpóreo o manteve longe de mim, dando passos sem sair do lugar. Vermelho tingiu suas faces de vergonha.

— Pare, Martell, Altera não permitirá que ataque o rei em seu domínio, muito menos que desrespeite sua casa. — Titânia soou firme. Sua beleza de contornos delicados, e a estrutura esguia até à face angulosa enganavam sobre sua força. A regente dos lobos nem sequer olhou para Martell, apenas para mim, ainda que lhe dirigisse a palavra.

De peito cheio, e olhos rasgados e atentos, ela se colocou como um escudo em frente a Martell, me enfrentando em silêncio. Lupina e Feiticeiro contra mim.

— Nós vivemos em harmonia por mais de trezentos anos. — Seus gestos eram gentis, — Essa paz custou muito caro a cada um de nossos domínios — pontuou, com fogo no olhar. — Regras foram estabelecidas para manter a paz e eu sugiro que se inteire delas antes de as renegar por puro despeito.

“Gosto dela.” — Dómina bateu palmas dentro da minha mente e eu mordi a bochecha por dentro para não a xingar.

Yona também se adiantou, líder dos vampiros, como havia se apresentado. Não se considerava regente, apenas uma orientadora.

— Nós entendemos que tenha chegado agora, com ganas de muitas coisas, mas recomendo que reconheça primeiro seu povo, antes de tomar decisões que afetarão milhares de vidas aqui dentro. — A voz dela

soou demasiado gasta para a pele tão exuberante e jovem que cobria seu corpo. Os olhos gentis contrastando com a dureza impressa na sua postura.

— Eu não posso acreditar que vocês estejam compactuando com esse absurdo! — Martell relinchou atrás delas. — Um qualquer entra aqui, reclamando a coroa do reino e nós o recebemos de braços abertos, sem questionar?

— Altera abriu suas portas para ele, Martell. — As mãos de Titânia sinalizaram um basta claro e conciso. — O domínio de Dhara estava selado há mais de mil anos — suspirou, esfregando a testa com a mão. — Nenhum de nós jamais havia pisado aqui. Os domínios do rei foram fechados quando os domínios se separaram. Dhara já estava ocluso quando nascemos. — Suas palavras soavam como se também as dissesse para si mesma, mais do que para ele, como se recitasse uma lengalenga. — A ilha se dividiu quando os herdeiros foram convidados a sair.

Convidados a sair era o eufemismo da era.

— Overta e Nelor foram, em tempos, parte da mesma terra, sim. Mas Krullis — ela apontou para Yona, representando os vampiros naquela reunião —, Krullis apareceu sem explicação, e só se abriu quando recebemos o primeiro vampiro em nossas terras. Eles, que representavam nada mais que uma enfermidade, e se tornaram criaturas como nós! — ela respirou fundo, recuperando o ar do discurso afogueado, continuando baixinho, como quem conta um segredo: — Altera sabia, Altera sempre sabe. E se a ilha escolheu abrir as portas do palácio real, não seremos nós que vamos dizer a ela que não pode fazê-lo. Por isso, contenha-se para que não precise repetir uma história que conhece de cor e salteado, novamente.

— Ele pode ser um Rei, mas não será o nosso Rei até que se prove digno. Todos nós tivemos que o fazer. Que tipo de covarde se recusaria? — cuspiu Martell, insistente, me atijando.

Eu sorri com a tentativa pífia de me fazer reagir. A única razão pela qual sua cabeça ainda decorava seu pescoço eram as duas mulheres o protegendo.

Não me inspiravam confiança, de todo, e seus discursos inflamados sobre paz não me enganavam, mas admirava o esforço por tentarem manter a situação sobre controle.

Elas claramente respeitavam os desígnios da ilha. Pelo menos isso era digno de respeito. Sempre ouvi dizer que a ilha era uma vadia magistral. Uma entidade enraizada naquelas terras. Talvez uma deusa ancestral tivesse se esvaído em poder ali. Muitas lendas contavam as mais diversas histórias sobre Altera.

— Onde está o líder dos dragões e das sereias? — surpreendi a mim mesmo por perguntar.

— Eles não frequentam os outros domínios. Ou estão em Lakra, ou no mar. Drazhan e Darya mantêm uma vigilância cerrada sobre os céus e mares de Altera, e se recolhem para seu domínio quando não são requisitados. Nenhum de nós é bem-vindo lá, eles não se misturam conosco, a não ser que seja imprescindível a sua presença.

— Por vontade própria, ou também foram banidos?

— Faz parte do acordo. Eles zelam pela segurança das fronteiras. Além de que já estavam aqui antes de qualquer um de nós. Não fazemos questão de contrariá-los. Serão os primeiros a correr em seu auxílio se necessário, e os últimos a ir embora, mas não serão seus amigos e nunca receberá um cumprimento amigável da parte de nenhum deles. É o que são. Criaturas apenas, nada mais.

— Não o somos todos nós? — perguntei só para espicaçar sua paciência.

— Uns mais do que outros, eu diria — acrescentou séria, sem um pinga de humor na voz. — Nós vamos nos retirar. Permitir que se instale com calma. Feitas as apresentações, esperaremos a sua visita em cada um de nossos domínios. Deve se apresentar ao povo o quanto antes, as celebrações de encerramento do Sephtisson e boas-vindas ao gladiador vencedor começarão em pouco tempo, deverá se pôr a par e juntos decidiremos como proceder daqui em diante.

— Inacreditável. Por que não abraça o seu prometido de uma vez e o leva para o quinto dos infernos com você? Você viu que ele trouxe uma amásia atrelada a ele?

Agora Martell ia morrer.

“Amásia — Dómina repetindo em minha mente. — Já fui chamada de coisas piores. Não o ataque, eu prefiro me defender sozinha. Nunca me respeitarão se apenas a sua voz se fizer ouvir.”

“Talvez você devesse estar aqui então. Talvez ele não ousasse te ofender se te visse sentada no trono que é seu.”

“Não gosto da ideia de estar presa com eles no palácio.”

“Você não estará presa com eles, eles é que estarão presos com você, meu amor.”

“Por isso mesmo. Esse palácio resistiu por tanto tempo, não gostaria de fazê-lo ruir sem querer.”

“São apenas pedras.”

“Pedras muito bonitas. O que ela quis dizer com prometido?”

“Pergunte-lhe você mesma, já que quer tanto fazer amigas.”

O seu riso contagiante me fez rir também. Martell era arrastado por Yeona e Titânia pelos corredores, já longe da minha vista. Os acompanhantes desapareceram como sombras. E eu fiquei sozinho, admirando os vitrais refletidos no chão agora completamente livre.

Dómina tinha razão, eram pedra bonitas.

Atravessei até à varanda olhando a paisagem, em silêncio pela primeira vez desde que pisei no salão, tentei desligar das conversas e pensamentos paralelos de meus irmãos. Os pensamentos de Sebastian eram os mais ultrajantes, se derretendo com a presença da minha fêmea ao lado dele. Não fosse pelo fato de quase sentir a acidez do ódio que ela sentia por ele, me sentiria ligeiramente incomodado pela sua existência.

E mais uma vez, ela estava certa, eu tinha me arrependido da ligação com o grupo de idiotas ainda na viagem, mas agora era suficiente. A chegada a Altera tinha sido muito mais pacífica do que qualquer um de nós poderia ter antecipado. Não havia necessidade da ligação. Poderia ter me poupado o martírio.

Me concentrei nas vozes de cada um deles na minha mente, e as rastreei até suas presenças. Tendo cada um dos fios mentais que nos ligavam, em mente, comecei a trabalhar um por um, para desconectá-los em segurança.

Comecei a desfiar o primeiro, mas nunca se quebrava, desfiava e desfiava, e o fim não chegava, a ligação não se partia, não se apagava.

Imaginei que Kori e Kion gostariam de me torturar um pouco mais, dificultando o processo, e investi mais concentração e mais poder, repetindo-o, ainda sem sucesso. Foi então que senti a mesma presença que estava segurando Martell longe de mim, alguns momentos antes.

Altera, ativa e soberana. Senti seu abraço sufocante antes de uma por uma todas as vozes, do que pareciam ser todas as criaturas pensantes da ilha, se conectarem à minha consciência num ecoar insuportável e incessante que me fez segurar a cabeça, tentando tirá-las de lá com força física.

Eu sentia-a dentro de mim, a força de Altera pulsando com brutalidade partilhando comigo o que considerava reinar.

Me tornando onipresente.

Eu era a ilha, e a ilha era eu.

Uma dádiva entregue em forma de suplício. Mas as oferendas da ilha não tinham acabado.

Senti também meu poder se conectar a algo primitivo, reconheci a energia da minha mãe e de meu pai, antes da presença de centenas de

outras criaturas atravessar, provocando uma dor excruciante que rasgou meu corpo em mil pedaços.

Eu vi Dómina correndo para mim, e a perdi de vista no mar de outras gentes na minha cabeça. Não a encontrar através da ligação, me fez sentir abraçando um vácuo no cosmos do universo.

E a única razão pela qual não me desesperei foi porque o estardalhaço na minha mente roubava o protagonismo da minha dor em grande escala.

Desliguei meus olhos e me desconectei da minha própria consciência procurando desesperadamente por um lugar vazio daquele vozerio nefasto, sentindo primeiro os cacos de vidro cortando minha pele, sem perceber que foram meus próprios gritos, perdidos em meio aquele mar de vozes, que os estouraram em cima de mim.

Altera não era apenas uma vadia caprichosa, era uma mercenária.

CAPÍTULO 25

DÓMINA

Concentrada em manter a barreira entre Kassius e as vozes, eu tinha a certeza que estava passando uma imagem de pura arrogância ao povo de Altera.

Lidar com a consagração de Kassius como herdeiro e com a ilha lhe cedendo todos os poderes devidos, sem a mínima preparação, estava levando todos nós à exaustão a maior parte do tempo. Vivíamos nossos dias em função de suportar um pouco do peso da consciência abarrotada de Kassius. E mesmo dividindo entre nós, mesmo com Kion delegando uma parte do fluxo mental que corria em Kassius a cada um de nós, e Kori mantendo as ligações controladas entre todas aquelas pessoas, não estava sendo fácil mantê-lo sob controle.

Nos últimos dias tínhamos quase chegado a um método, mas apenas quando meus poderes demoníacos colaboravam conseguíamos de fato lhe dar alguma paz de espírito, bloqueando com facilidade toda a ligação com o mundo exterior.

Killian se recusou a dividir a carga mental conosco, mas colocou toda a sua alma de persuasor nato que era para me manter o máximo de tempo possível no ponto de humor em que meus poderes eram mais gritantes, logo, mais fáceis de manipular.

Nos momentos em que Kassius se permitia afundar da multidão que agora fazia morada em sua mente, nós estávamos livres para treinar.

Kianna e Killian eram os responsáveis pelos meus treinos físicos, Kion e Kori pelos psicológicos.

Drenar Kassius tinha uma vantagem, sempre que a ligação entre nós se quebrava, os ecos dela ainda permaneciam em mim, e nele, nos fazendo funcionar em conjunto como uma engrenagem perfeita.

Várias outras memórias minhas foram desbloqueadas em muito pouco tempo. E apesar de grandes e mais difíceis de acessar, eram

poucos os nós que ainda relutavam em aceitar que eu venceria sua força e conquistaria todo controle das minhas lembranças.

O processo era cada vez mais rápido, a dor igualmente pungente e aflitiva, mas meu corpo estava melhor preparado para ela.

Em pouco tempo compreendi que se aprende a bater apanhando muito mais rápido do que batendo. Você pode saber bater e vencer. Mas, quando você aprende a apanhar, a aceitar e acolher a dor, você é invencível, e a vitória se torna apenas uma questão de tempo e paciência.

Eu nunca fui uma criatura fraca, mas nunca me senti mais forte do que nas últimas semanas.

Lilith era uma governanta exemplar, carinhosa e desejosa de me ajudar a aprender tudo que ela sabia da ilha e da sua história, que era bastante coisa. Ela debitava informação enquanto eu treinava com Killian e Kianna. Quase um tratamento de choque, eu diria, mas me preocupava não saber o tamanho do ninho de vespas em que estava me metendo.

O fato da ilha ter uma personalidade difícil me fazia duvidar de tudo e de todos. Se seus movimentos eram toldados pelo que a ilha queria, e a ilha era completamente imprevisível, eles não poderiam ser confiados.

Eu estava claramente me preparando para uma guerra que esperava que não acontecesse, mas se viesse, estaria de portas abertas.

Chegar a Altera e caminhar por suas ruas, ver as criaturas e a diferença da vida que levavam, foi uma chamada de atenção que colidiu com todas as coisas que acreditei que encontraria aqui.

Sim, era um sonho. Mas não tinha que ser exclusivo de apenas alguns. Cabia muito mais gente ali. Dhara, por exemplo, à parte de nós, não tinha ninguém em todo o seu território.

Ninguém havia se mudado para nossos domínios, Kassius também não permitiria e eu entendia, mas as reuniões com os regentes eram cada vez melhor coordenadas e me faziam ver que poderíamos, sim, funcionar como uma sociedade.

Kassius ainda queria destruir os responsáveis pela expulsão de seus pais, mas a verdade é que eles já não estavam aqui.

Seus poderes e sua linhagem continuavam vivos, mas não havia como culpar as pessoas de agora por algo do passado. Os vilões que ele esperava encontrar nos filhos criados com o mesmo ódio que conheceu nos pais, passando de geração em geração, simplesmente não existia.

Eles fizeram o que puderam com o que a ilha lhes permitiu ter.

Rapidamente entendi algo que eles se recusavam a aceitar: ninguém era verdadeiramente livre em Altera. E se você não é livre, não pode ser totalmente culpado pelos seus atos.

Se suas decisões não te pertencem, seus pecados são partilhados com a mão que te manipula.

Era muito fácil eu aceitar isso, não foi comigo que erraram, não foi a mim que amaldiçoaram ainda no ventre, não foram os meus pais que sofreram, mas, ainda assim, tentava, sempre que tinha oportunidade, fazê-lo ver que toda moeda tinha dois lados. E no caso da moeda da ilha, três. Os dois lados que você via, e o terceiro, que apenas Altera conhecia os dados.

Eu queria fazer de Altera minha casa, meu lar. Kassius seria o primeiro obstáculo. Os regentes o segundo, e o povo o terceiro.

E a todos eles, bastaria tempo para ultrapassar, mas Altera era a que me preocupava.

Se a filha da puta decidisse que eu estava mexendo demais meus pauzinhos, me expulsaria, Kassius surtaria e muito possivelmente a brincadeira iria acabar.

E era por isso que, mesmo querendo me exibir entre todos, aceitar as oferendas com um sorriso e mostrar uma personalidade que não tinha, me mantinha à parte, um degrau a cima do seu trono, sem dar nenhuma atenção a ninguém além da barreira que mantinha firmemente controlada entre Kassius e a sua agonia.

Seus irmãos se sentavam ao meu lado, todos focados no mesmo. E Kassius profundamente sério e desagradado.

Os regentes continuavam nos tratando como visitas no Reino, embora agora disfarçassem. Como se ao nos encher de agrados fôssemos embora felizes e saltitantes, agradecendo a hospitalidade dos benfeitores que nos receberam.

Não seria assim, mas por hora jogava o seu jogo.

O dia hoje era prova disso.

Recebemos mais de vinte representantes de cada domínio, fizemos questão de que Lakra estivesse incluso, o que não caiu de leve no conceito dos dragões.

As sereias se animaram. Percebi que os únicos machos com quem elas se relacionavam eram dragões, os de sua espécie haviam matado todos.

Tudo corria na mais profunda ordem, Kassius recebendo cada uma das oferendas e agradeceu contrariado. No fundo, estava impressionado com a admiração pura que encontrava em cada uma daquelas criaturas, que se curvava até o chão e pareciam estar na presença de um Deus quando eram colocados em frente a ele.

Alguns perdiam a fala. E Kassius esperava que recuperassem as faculdades antes de dispensá-los.

Ao contrário do que esperava, ele não encontrou recusa em nenhum de seus súditos, se é que podíamos os chamar assim. Curiosidade e uma profunda emoção eram tudo que se refletia em seus rostos, uns após os outros, dando passos largos, de coração aberto até o Rei que conheciam apenas de lendas de horror, e pelo qual foram ensinados a não esperar.

O evento estava sendo um sucesso, regentes controlados, querendo posar de bons anfitriões perante seu povo, e o povo saudosos de um tempo antes das guerras pelos domínios, que os antigos contavam e passavam de geração em geração.

Martell foi o mais ousado. Percorreu o grande tapete em passos modestos e uma expressão composta, totalmente diferente das que mostrava em nossas reuniões.

Fêmeas de mais de uma raça, não apenas do seu domínio, passearam em volta dele, se exibindo da forma menos carnal que alguém poderia presenciar, diante de todos.

— Uma pequena coleção para o seu harém — indicou as quatro representantes dos quatro domínios. — Com certeza, nos honrará com a presença das melhores reverberatas que pudemos encontrar. Um presente de todos nós, para o Rei.

Seu olhar encontrou o meu.

Reverberatas. Lilith já tinha me avisado sobre aquilo. Reverberatus imitam o poder de seus parceiros e se alimentam do seu prazer, se tornando mais fortes a cada encontro sexual com seus pares. “É de bom tom que o Rei mantenha relações sexuais com fêmeas de todos os domínios” — escutei a memória da voz de Lilith me dizendo essas palavras.

Além do sangue, que Kassius nunca partilharia com ninguém além de mim, a única coisa que mantinha a energia ancestral que corria no sangue de todos os consagrados fluindo e em equilíbrio, era a energia sexual.

Era assim que travavam acordos, era assim que demonstravam poder, era assim que provavam lealdade. Com o corpo. Com a carne. Se abrindo à exploração do outro. Partilhando de sua energia vital para que não houvessem dúvidas quanto a suas intenções e comprometimento.

Claro que o harém era pura provocação. Martell sabia que eu me oporia com unhas e dentes, e ele queria a todo custo se livrar de mim. Usar as tradições para me provocar era apenas o início de seu plano falho. Coitado, ele não sabia quem eu era, mas estava prestes a descobrir.

Nem sequer lhe dediquei um olhar de atenção.

Foi Kassius quem resolveu provocá-lo. Fazê-lo tremer na base. Se submeter ao escrutínio público. Se submeter a mim diante de todos.

— Imagino que também tenha uma legião de machos — meu parceiro insinuou.

— Machos? Não sabia das suas preferências, senhor — Martell tentou parecer inocente ao declarar. Aquele senhor saiu cuspidor, mas saiu alto e em bom som.

— Quando não se sabe de algo tão básico assim, costuma ser porque não se procurou saber — Kassius acusou, rebaixando-o.

As reverberatas permaneciam paradas, estáticas e com olhar ansioso esperando uma ordem.

Foi Titânia quem correu em socorro de Martell quando todos o olhavam como se o tivesse insultado o Rei em praça pública, questionando a sua orientação sexual.

Sendo sexo uma moeda tão bem-vista, algo assim era quase um atentado contra a coroa.

Respirações suspensas e silêncio sepulcral receberam os machos de Titânia, que ocuparam os lugares atrás das fêmeas já alinhadas à disposição de Kassius.

Não me admirava que Titânia oferecesse seu próprio harém, afinal era comum que todos os regentes dispusessem de um. Uma tradição, quase um sacramento.

Fêmeas e machos aguardavam uma palavra de Kassius para saber onde os queria dispostos e eu tentava me conter para levantar e afundar a cabeça de Martell no chão.

Kassius se ergueu, dando finalmente atenção dedicada ao pequeno grupo à sua frente, fazendo com que todos os outros se esticassem para ver melhor quem ele escolheria para seu harém.

Risinhos e apostas foram partilhados entre os presentes, quase consegui achar graça daquele costume arcaico. Mas meu olhar era simplesmente vazio.

Kassius caminhou entre eles, prestando atenção aos detalhes e pediu que dessem alguns passos em frente, todos eles, sem exceção e se virou para mim.

— Por favor, minha rainha, escolha para que possamos encerrar o ofertório e dar início à festa que todos aguardam.

Era isso, o feitiço se virando rapidamente contra o feiticeiro. Kassius entregando o poder da decisão nas minhas mãos provocou duas coisas:

Uma úlcera em Martell, que se engasgava com seu próprio veneno, e fez com que todas as cabeças se voltassem para mim, expectantes, me vendo realmente pela primeira vez.

Kassius era o único regente que partilhava o domínio com seu par. E isso provocou uma explosão de cochichos sobre mim, no salão.

Levantei, minha concentração na barreira diminuindo drasticamente a cada passo que dava, e toquei a mão dele. Recebi um beijo íntimo na palma da minha mão, que mostrava pouco e dizia muito.

— Eu quero todos — anunciei, olhando profundamente em seus olhos, sem desviar para mais ninguém. — Tenho a certeza que nenhum domínio deixará a desejar com seus representantes.

Eu senti a emoção dos escolhidos, a sensação de não serem devolvidos.

Podia parecer que estavam sendo tratados como carne num açougue, mas quando carne era algo quase sagrado, era como receber um título de nobreza naquele lugar.

Todos aplaudiram e se sentiram tocados pelo meu gesto, se curvando voluntariamente diante de mim.

Uma suave onda de gente se baixando percorreu o salão, me permitindo ver aquela que destruiria o bom ambiente alcançado.

Celeste caminhava com uma caixa, com os braços estendidos, seguida de Morana que tinha se infiltrado em Nelor assim que percebeu que Lilith não tinha a mínima intenção de deixar Altera.

O que a irmã tinha de dedicada aos seus deveres, Morana tinha de pistoleira. Como duas pessoas tão iguais podiam ser tão diferentes era algo que me ultrapassava, mas era isso, tinha sentimentos totalmente contrastantes por aqueles dois rostos idênticos.

Lilith sabia o que era estar sozinha, não fosse Kion, querendo espiar o que acontecia atrás dos muros de Altera através dela, se tornando seu amigo e convivendo em sua mente, ela teria passado algumas centenas de anos presa e isolada naquele lugar.

Não era porque Dhara estava fechado que o guardião do domínio estava livre de viver lá.

A única pessoa permitida havia sido ela. Mais uma vez, Altera mostrando que sabia muito bem o que fazia, arquitetando o destino de seus habitantes de forma cirúrgica. Nada naquela ilha acontecia por acaso.

— Vejo que não foi julgada como esperado, Celeste. — Kassius a recebeu com palavras mansas. Numa das reuniões, Yona foi colocada ocorrente das ações de Celeste na abertura do Sephtisson e do seu papel da adulteração dos Gladiadores por conta da Vale. Ela aceitou se responsabilizar por suas ações e levá-la ao tribunal da Corte na privacidade de seu domínio.

— Krullis me perdoou pelo meu deslize.

— Deslize? Promover um massacre da sua própria espécie, considera um deslize?

— Todo mundo erra. Eu não sou diferente, estava enganada em minhas convicções.

— E quais seriam elas? Deseja partilhar? — Kassius indicou as pessoas que olhavam para o chão sentindo a atmosfera mudar com a presença da mulher.

— Ora, meu senhor, o que seu irmão tem a dizer sobre chacina que promoveu nas Arenas? — ela cometeu o erro de se dirigir a Kion, visto que não se atreveu a confrontar Killian diretamente.

Apesar de uma escolha totalmente errada, eu tinha que admitir que ela tinha colhões.

— Tem alguma palavra de conforto para partilhar conosco Kion? Tem alguma declaração a fazer depois de ter matado centenas dos nossos sem hesitar? — perguntou, olhando para Kion com ódio.

Kion lhe deu um sorriso cretino, deu alguns passos em direção a ela que engoliu em seco ao sentir sua mente encolher com a presença dele.

— Ops — ele disse, debochado.

Trinquei meus dentes para não rir. Isso era tudo que ele achava que ela merecia.

Kion tocou o rosto de Celeste, momentaneamente imobilizada pela atenção daquela beleza absurda e examinou a mente dela.

Todos nós vimos o que ela desesperadamente tentava esconder, mas Kion foi rápido demais.

Celeste não só tinha ajudado os gladiadores a minar energia dos rituais em Altera, roubando, como era seu costume, dos poderes destinados aos descendentes de várias linhagens antigas, como também tinha feito um pacto com alguém.

Apenas conseguimos ver uma sombra antes que seu pensamento se dissipasse e Kion não conseguisse persegui-lo sem permitir que a mente do irmão se inundasse de pensamentos alheios.

Ele permitiu que fugisse, sabendo que a seguiria, e abriria sua mente como uma fruta suculenta, devorando-a sem gentileza, sem contenção.

Celeste ia desejar que tive sido julgada e condenada ao isolamento antes da noite terminar.

— Isso é tudo que tem a dizer em sua defesa? — Celeste ousou questionar.

— Eu não vivia sobre as mesmas regras que você, Celeste, agora vivo, e tenciono obedecê-las. Se comparar a mim só torna seu comportamento mais imperdoável. Você sabia exatamente que regras estava quebrando.

Murmúrios de concordância se ouviram ao redor.

Kianna tomou a dianteira antes que Killian se levantasse e anunciou:

— Se mais ninguém tiver nada a nos perguntar, e isso for tudo, agradeço em nome do nosso rei e dou como encerradas as oferendas. Que se iniciem as festividades.

A caixa que Celeste trazia voltou em sua mão quando se distanciou de nós. O único presente renegado.

A música fluiu, e o movimento começou, uma pequena amostra real do que Kassius era obrigado a aguentar em sua mente.

Eu aumentei os muros que protegiam sua consciência e aceitei a mão que me tirava para dançar.

Não o contrariei, ele fazia questão de me exhibir para que todos soubessem que eu estava ali para ficar, e se alguém o desafiasse, seria a última a sair do lugar onde seriam sepultados pela insolência.

Alterta também estava mudando Kassius, sua personalidade sofria pequenas alterações que eu notava e não comentava. Ele estava se tornando mais impaciente, menos benevolente e mais reativo. Eu tinha a impressão de que ele aceitaria tudo que chegasse, até encher seu pires raso, e quando esse momento viesse, que Alterta fosse capaz de lidar com o monstro que estava criando. Por que eu não me meteria quando ele resolvesse destruir toda a ilha por um minuto de silêncio.

Alterta sabia jogar, mas se havia uma coisa que Kassius não seria, era um peão em suas mãos.

CAPÍTULO 26

KASSIUS

Eles pretendiam afastá-la da ilha.

Que bando de mentecaptos desgovernados!

— Kassius, preste atenção — Dómina me chamou de longe.

O suor que manchava sua roupa e marcava seus contornos me dava vontade de pedir a meus irmãos que se retirassem para eu sentir o gosto salgado da pele dela na língua.

Estava começando a me sentir sufocado, sempre que conseguia um momento a sós com ela, alguém me interrompia com alguma urgência.

Além do tesão normal, havia o laço da parceria inundando minhas veias de desejo a porra do tempo inteiro. Às vezes, a única coisa que deixava as vozes mais baixas era o desejo de fodê-la. Eu não era impulsivo, antes, pelo contrário, mas desde que Altera resolveu me presentear com vozes infinitas na minha cabeça, meus instintos estavam mais aguçados, e meus impulsos à flor da pele.

O que fazia meu pau ficar explodindo nas calças o tempo inteiro.

Eu era um dominador. Certo estava que Donna tinha, literal e figurativamente me posto uma coleira, o que fazia de mim seu submisso, mas a verdade era que durante anos fui protagonista dos mais diversos cenários sexuais. Sempre partilhei parceiros, participei e fui dom de muitas orgias.

A arte de esperar, e ser aguardado sempre foi minha especialidade. Eu era mestre em levar meus parceiros ao mais profundo desespero de prazer, antes de fodê-los eu mesmo. Frequentemente os fazia esperar, torturando-os com dezenas de fudas com outras pessoas, orquestradas por mim, que serviam apenas para mostrar que aquela pessoa não era eu, aquelas mãos não eram minhas, aquela língua não me pertencia, mas que, quando fosse, todas as fudas anteriores seriam preteridas.

Eu gostava de pegar meus parceiros no ponto em que tivessem a certeza de que estavam esgotados de prazer e nunca mais seriam capazes

de gozar, apenas para lhes mostrar o contrário. Havia sempre mais um orgasmo. Havia sempre mais prazer.

Desejo, assim como as estrelas, é algo infinito, basta saber para onde olhar.

E eu sabia. Controle era algo do qual me orgulhava. E algo que tinha, claramente, perdido.

Dómina treinava com Kianna, com afinco. Killian dava indicações muito precisas do lado de fora do ringue improvisado, e eu assistia enquanto mergulhava livremente naquelas vozes, seguindo uma ou outra que me chamasse a atenção.

Todos os dias pedia que as deixassem livres, enquanto eles treinavam, era uma forma de começar a ganhar controle sobre elas e sobre sua interferência em mim. Se permitisse que todos ficassem me escorando, como se fosse uma bicicleta de rodinhas, nunca teria domínio sobre aquela merda. Embora doloroso, cansativo e irritante, dominar a afluência das vozes e o nível de acesso que elas tinham a mim, era o meu principal objetivo. Antes de mais nada.

Obstáculo: Dómina.

Minha mente estava abarrotada, mas meus olhos eram dela. O cheiro dela estava ali, mais presente que alguns gritos. E os seus gemidos de dor, quando Kianna exagerava, não me faziam ter pena dela, me mostravam quantas brincadeiras ela poderia suportar, se tivéssemos tempo.

Talvez a minha ereção fosse puro fruto dos meus devaneios, sim. Mas a perda de controle e a excepcional disposição da minha parceira fazia isso parecer quase uma brincadeira, eu poderia comê-la em qualquer lugar, em qualquer momento. Ela não se oporia, e era a iminência da minha perda de controle galopante que fazia aquela situação ser engraçada.

O mestre dominador, rodeando sua dona como se tivesse sido capturado pelo seu centro gravitacional.

Qualquer conversa que escutava que a envolvesse era seguida atentamente, rostos marcados, vozes catalogadas, a mesquinhez com que a mencionavam me fazia cada vez mais desejoso de a proteger de toda aquela podridão.

A cada menção a ela, como qualquer coisa inferior, sentia vontade de possuí-la e marcá-la mais uma vez como minha. Talvez, num momento de loucura, a possuísse numa Arena, para toda a ilha entender porque nunca haveria outra rainha, enquanto ela vivesse e quão fadados ao fracasso eram quaisquer planos contrários.

— Você sequer viu isso, Kassius? — O rosto de Dómina a menos de um centímetro do meu.

— Claro que vi — menti sorrindo. Não fazia ideia a que se referia, afinal estavam treinando a mesma coisa há horas. E todos seus ataques foram perfeitos desde a quarta tentativa, mas ela continuava encontrando defeitos em tudo que fazia.

— A cara deslavada com que mente para mim é ... — calei suas reclamações com o beijo que eu estava contendo. Duro e molhado me espalhei na boca macia e com o gosto salgado de suor, exatamente como antecipei.

— Argh, arrumem um quarto — Kianna reclamou, vendo que eu não pretendia desgrudar dela. Já pegando suas coisas e avisando Killian que o treino tinha terminado.

Ele sequer olhou para trás para conferir.

— Todos os quartos daqui são meus. Se eu quiser foder no seu, eu fodo.

— Pois eu gostaria de te ver tentar — minha irmã me desafiou.

Peguei Dómina no colo e comecei a andar com ela, passando na frente deles, enquanto Kianna revirava os olhos me julgando.

— Dómina não permitiria que você invadisse meu quarto. — Eu ri.

— É nela que você deposita sua confiança? Dómina é ainda mais depravada que eu. — Killian olhou para ela, esperando uma resposta. Ela deu de ombros e apenas disse:

— Contra fatos não há argumentos. — E rimos os três.

— Talvez não seja uma loucura esperar por um herdeiro em breve — Killian ponderou.

— Dómina nunca teve um cio, então, não tão breve.

— Talvez devêssemos nos preparar para o seu primeiro, então.

— Nos preparar? Está pensando em servir a minha fêmea Killian? — perguntei só para o ver desconcertado e ofendido, exatamente do jeito que estava. Sequer se dignou a responder, pois aquela provocação não era digna de resposta.

— Bom — Kianna começou venenosa —, tendo em conta que Kori e Kion já passearam por aí — apontou o corpo de Dómina de pé ao meu lado. — Talvez seja o caso de se tornar uma tradição de família.

Rosnei com as presas de fora e Kianna riu agradada.

O mais recente passatempo de Kori e Kion era me surpreender com imagens deles fodendo Dómina em lugares reais, no passado que ela recuperava aos poucos. Me torturando com aquelas imagens absurdas, e para mal dos meus pecados, não totalmente impossíveis.

Eu sabia que ela nunca tinha partilhado a cama de nenhum dos dois, mas ainda assim, a propensão que eles tinham de me irritar só

aumentava quando reproduziam gemidos entrecortados na minha mente, com seus corpos entrelaçados na minha mulher.

Foi assim que conseguiram me afastar dos treinos psicológicos de Dómina. Agora só supervisionava os físicos para me ver livre daqueles dois estafermos.

O fato de Dómina achar os dois atraentes e ver Kion como a própria encarnação do deus da beleza, só contribuía para me deixar à beira de fodê-la na frente deles para que soubessem como ela fodia de verdade. E verem que estava longe das imagens montadas que eles eram capazes de inventar.

Atravessamos o salão do trono e eu parei com Dómina no balcão de uma das varandas. Killian e Kianna pararam juntos, apenas para me ver tentando despír sua roupa no meio do salão, antes de sair reclamando que eu era um cretino que não respeitava minha parceira.

— Kassius — Dómina ameaçou apenas com o tom de voz. As janelas completamente abertas, para quem quisesse olhar.

— Dómina — desafiei, sem lhe dar tempo para fugir, cheirando seu pescoço ao tirar suas mãos do meu caminho e as prender uma de cada lado da cabeça usando a presilha dos cortinados como auxílio.

Colei meu corpo ao dela, fazendo peso, sem pressa e me esfreguei devagar na sua pele quente.

Não deixei que se libertasse, mas liberei suas mãos da presilha, pensando noutra coisa. Ela usou o meu cabelo para puxar a minha cabeça para o lado e morder meu pescoço com força e profundidade. Dómina bebeu meu sangue num sinal claro de dominação.

O que ela tendia a esquecer é que sexo e sangue não eram formas de obter controle sobre mim, e sim de perder o controle comigo. Sorri cinicamente quando ela tirou os dentes das minhas veias e lambeu minha pele com um beijo espalhado.

— Satisfeita? — Encarei suas pupilas dilatadas enquanto levantava o top de treino branco, sem nenhuma gota do meu sangue o manchando. — Você é uma artista comendo — declarei, lambendo o resto de mim no canto dos seus lábios.

— E sendo comida também — ela respondeu. As calças apertadas foram puxadas pelas pernas marcadas por Kianna em seus ataques ferozes.

— Talvez você devesse refrescar a minha memória, já faz algum tempo... — pedi. O tom da minha voz não combinava com a intenção divertida da minha frase, mas estava perdido em suas pernas e na pele suave sob as minhas mãos. Ela sabia que me enlouquecia sem nem se esforçar e tirava toda a vantagem possível disso.

O sutiã e a calcinha foram jogados no chão, sem cerimônias.

— Janela ou trono? — perguntei, dando um largo passo para trás, me dando um minuto para admirar a beleza estupidamente perfeita da minha parceira.

A primeira vez que a possuí em meu trono, ela estava ainda vestida, um tecido transparente o suficiente para que eu não desviasse os olhos dela a noite inteira, e me ressentisse das pessoas que não iam embora nunca.

Quando pedi a Lilith que fizesse com que as pessoas desaparecessem e voltei para o salão, ela estava se masturbando no meu trono, com a minha coroa. A dela esquecida, delicadamente arrumada no trono designado a ela, que raramente usava.

Dómina sempre se sentava em mim. Apenas em eventos oficiais, onde tinha que ajudar meus irmãos a controlar minhas vozes, que ela usava de fato o pedaço de madeira ostensivo que tinha agora seu nome cravado e a eterna coroa que ela ignorava, pousada em seu assento.

— Você sabe que eu sempre prefiro sentar em você. — Sim, eu sabia. Está para nascer alguém que goste tanto de montar quanto ela.

— Não sei se vou deixar que o faça hoje, você está ficando uma demônia muito arrogante.

Ela riu da minha cara.

— Eu amo que você ache que tenha que me dar autorização para fazer uso daquilo que me pertence, Kassius. — Sua mão apalpou meu pau ainda dentro das calças, que demonstrava firmemente que ela tinha razão.

Minhas mãos se cruzaram nas suas costas, ela pulou no meu colo, e eu nos carreguei até meu trono, sentando-a sobre sobre mim. Ela se apoiava confortavelmente nas próprias panturrilhas, os joelhos apertavam o meu quadril e as pontas dos pés tocavam meus joelhos, os forçando para fora, deixando exposta numa abertura que lhe deu equilíbrio suficiente para rasgar a minha roupa.

Deixei que me despisse à força, antes de retomar as rédeas daquela foda novamente.

Ela relutou, querendo ficar por cima apenas para provar seu ponto. Segurei seu calcanhar e sua cintura, virando-a de costas à força contra a almofada do trono onde antes me sentava.

Ela rosnou baixinho, me ameaçando quando abri um de seus joelhos para o lado com a palma da minha mão e deixei que a sua perna caísse por cima do apoio de braço, enquanto seu pé pendia a um palmo do chão, com expectativa, completamente aberta para mim.

Senti sua estratégia mudar quando não tentou sair da posição em que a deixei. Dómina me deixaria fazer o que quisesse com ela para depois me finalizar como queria, quando eu não tivesse mais forças para lutar por dominação.

Cretina.

Eu amava.

— Se você se comportar, eu te deixo gozar algumas vezes antes de mim. Se continuar me desafiando, vou fazer com que você implore, Donna — declarei sob seu olhar que acompanhava cada um de meus movimentos.

— Você fala demais, quase tanto quanto as vozes na sua cabeça. — Ela abriu e fechou as mãos, murmurando um blá blá blá que provocou uma vontade absurda de açoitá-la.

A minha gargalhada prometia violência, mas ela estava preparada e levou a perna livre ao meu ombro. Rodeei sua coxa com um braço e a impedi de se fechar com o outro, quando sentisse meu toque.

Meu corpo tremia de antecipação. Eu estava me transformando num lunático.

Mordi o triângulo de carne macia sobre a sua boceta, deixando o sangue subir à sua pele e a excitação escorrer. Essa estava se tornando uma das minhas assinaturas, sempre repetia aquilo com ela. Dómina ensaiou uma reclamação, mas eu fui mais rápido, lambendo sua excitação e seu sangue num só movimento profundo e longo que a fez engolir o ar e se contorcer levemente em meus braços.

Ri cinicamente antes de continuar chupando até que seu tesão ganhasse vida própria e deixasse seu corpo para escoar pelas paredes em gemidos e suspiros que ela não tentava conter.

Seu corpo se alongava na minha boca e o suor denunciava a subida drástica de temperatura. O desejo se acumulava na pele manchada de sangue. Eu podia sentir a pulsação diretamente na minha língua, que tocava a sua carne palpitante, pulsando ao ritmo das batidas do seu coração.

Os primeiros espasmos começaram quando enfiei meus dedos nela, chupando seu clitóris com mais força, fodendo-a com concentração enquanto minha outra mão fazia pressão no seu baixo ventre, forçando seus músculos já excitados que procuravam libertação. O orgasmo explodiu acompanhado de um tremor que a consumiu completamente, e eu castiguei seu sexo sensível com uma lambida especialmente longa. Terminei com um beijo casto na sua virilha, ainda marcada dos meus dentes.

O desejo em seu olhar era uma ordem clara: mais.

Todo o salão era decorado para impressionar os gostos mais refinados, mas a visão dela acomodada preguiçosamente para meu prazer, ainda era a coisa mais preciosa que eu encontrava em todo o palácio.

— Eu estou com saudades de você — declarei, subindo em seu corpo com o meu lentamente, parando para deixar uma trilha de beijos e saliva no meu caminho até sua boca.

— Não me admira, agora tenho que dividir sua atenção com todo um reino — declarou dramática, gesticulando divertida. — Pensei que teria que pedir a Sebastian que marcasse uma hora na sua agenda para mim.

— Eu ouvi dizer que você recebeu um harém de presente, além de mim, você tem oito beldades esperando uma única ordem sua para te satisfazer.

— Não é tão legal quando você não está. Eu gosto de foder para você ver. Eu gosto de me exhibir para o seu olhar. Eu gosto de gozar gritando seu nome e tendo a certeza de que você está ouvindo.

— Eu estou sempre ouvindo — lembrei, lacônico, me ajoelhando diante dela e beijando sua perna. De todas as vozes, a dos pensamentos de Dómina era a única que eu fazia questão de seguir em tempo integral. Às vezes me perdia entre o que pensava e o que dizia, mas sempre estava lá, e ela sabia, a minha presença constante não era apenas uma exigência minha. Ela se acostumou a ter minha presença constante junto dela. Quando não me percebia, reclamava. — Eu acho que eu mereço um beijo — pedi gentilmente, como se ela fosse capaz de o negar.

— Talvez você mereça dois — ela garantiu, me trazendo para junto da sua boca e mordendo meus lábios com suavidade. O belo par de pernas me puxou para mais perto, me apertando entre as coxas. Ela beijou a minha boca, como antes eu a tinha beijado na boceta. Primeiro, castamente, testando meu gosto, depois, de forma possessiva e gulosa imitando os movimentos que fazia com o quadril no meu pau, tentando me engolir de várias formas.

Estapeei a bunda dela com força tirando sua concentração, segurei sua cintura e a movi para que se segurasse ao trono, de costas para mim. Dei mais um tapa nela, sua pele estalando sob a minha, se avermelhando e voltando ao normal quase instantaneamente, me tentando a bater mais. Mas suas mãos subiram em minhas coxas enquanto suas costas se colavam ao meu peito, me distraindo do meu ataque.

Ela me ofereceu o pescoço, mas não mordi. Permitir-me que a mordesse era a sua forma de me dominar sendo dominada. Segurei seu peso com os braços, a bunda empinada e suas costas arqueadas esperando que me enterrasse nela. Suas mãos se apoiaram espalmadas

nas costas no trono, se agarrando com força nas suas bordas, tentando se arquear mais para mim. Apoiei meu joelho na base do trono, puxei seu cabelo para trás e sua bunda para baixo, metendo meu pau tão fundo quando os limites do seu corpo me consentiram. Ouvi-a gemer e segurar um grito entre seus dentes, quando tirei só o suficiente para meter de novo, mais forte, mais fundo, e mais grosso. Meu pau latejava nas paredes internas da sua boceta, conduzindo a nossa lubrificação para todos os locais certos. Os gemidos afogados e o apertar do seu interior em volta de mim me fizeram vacilar, mas me recusei a gozar antes dela. Eu disse que ela ia implorar, e ela iria, depois de gozar várias vezes e ainda assim não ser suficiente.

Colei minha boca nas suas costas, beijando, lambendo e mordendo enquanto estimulava seu clitóris sensibilizado com a mão e apertava seu seio com a outra. O vai e vem da minha ereção se sincronizava com a respiração entrecortada, dura e alta dela, e Dómina gozou pela segunda vez, rebolando no meu pau, gritando meu nome como se precisasse de ajuda.

Me retirei ainda latejante de dentro dela, me dando um momento de foco, quase conversando com meu pau e o proibindo de gozar sem a minha autorização.

Dómina estava mole, com o rosto caído para o lado, apoiada desconfortavelmente naquele pedaço de madeira, piscando olhos para mim, porque essa era a única coisa que ela conseguia fazer imediatamente depois de gozar.

— Você está resistindo — ela declarou num fio de voz, tomando folego e se levantando decidida, caminhando até mim. — Mas agora acabou. — Ela me derrubou no chão e montou em mim.

— Ah, é? E por quê? — perguntei, confiando no meu controle mais do que devia.

— Porque até agora, Kassius, eu não estava me esforçando. — Ela lambeu minha boca antes de continuar falando. — E quando eu começar a me esforçar, você estará perdido.

Nem me dei ao trabalho de desafiá-la, já que meu pau era um traidor e logo se aliou a ela, me abandonando sozinho no meu desejo de controle, apontando para ela como tivesse estado longe de casa e agora a porta estivesse completamente aberta.

Traidor.

Ela desceu da minha boca pelo meu queixo, passou pelo pescoço e parou um pouco no meu abdômen apenas para me mordiscar e descer abocanhando meu pau inteiro. Eu soube que aquele era o fim da linha *pra*

mim. Fechei os olhos, porque olhar nos olhos dela só me faria ceder mais rápido. O movimento da sua boca na minha ereção não combinava em nada com o riso de escárnio que escutei a seguir, me tirando do transe gostoso em que me encontrava.

As vozes se tornaram mais altas e exigentes, e Dómina reparou na minha luta interna. Ela tentou bloqueá-las, mas eu a impedi, ganhando sua atenção imediata.

— Eles querem usar o ritual de consagração para te expor como um demônio em frente a todos e usar esse pretexto para te expulsar da ilha — disse entredentes, para ela saber o que eu ouvia.

Ainda que tivesse acesso a minha mente, ela nunca encontraria aquela conversa específica lá.

— Quando os seus antepassados falharem em te transferir poder, eles terão provado que você não pertence a Altera. — Meus músculos retesaram reagindo ao que eu escutava.

Uns flashes de Celeste brindando me fizeram querer arrancar sua cabeça com meus próprios dentes, mas Dómina permanecia tranquila à minha frente, enquanto eu fervia.

— Eu ainda sou uma vampira. — Ela lambeu do meio das minhas bolas até a cabeça do meu pau, chupando como se eu não tivesse acabado de dizer que estavam tramando contra ela.

— Talvez não seja o suficiente — consegui dizer, enrolando seu cabelo em meu punho, forçando-a a me olhar de volta.

— Terá que ser. — Ela decidiu. Beijou o punho que a segurava, me forçando a afrouxar o aperto para que continuasse o que estava fazendo, sem interferências.

— E se não funcionar? — Enterrei minhas mãos em seus cabelos, buscando sua atenção. — Eu não quero te colocar numa posição em que você seja rechaçada por essa cambada de infelizes.

Um sorriso selvagem brotou no seu rosto, e seu olhar se tornou incandescente diante de mim, um brilho demoníaco de uma intensidade voraz se instalava em suas irises.

— Deixe-os vir. Que façam o seu melhor. — Sua fala tinha gosto de promessa. Se ela queria deixar que eles colocassem seu plano escuso em ação, me restava apenas estar a seu lado para a observar destruir quem ficasse em seu caminho.

A terra tremeu com força sob os nossos pés, fazendo várias coisas caírem ao nosso redor.

— Não sei se é uma benção ou uma reclamação, mas Altera parece ter se manifestado para você — brinquei.

— Talvez Altera queira que o reizinho dela se afaste da demônia. — Ela piscou o olho para mim, atrevida. — Ou talvez, não. — Deu de ombros, pouco se importando com o que Altera tinha a dizer naquele momento, levando sua boca novamente para meu pau, enfiando-o profundamente no seu interior.

— Essa ilha pode tremer até explodir, ainda assim não vai me tirar de dentro de você até que eu esteja pronto para sair.

CAPÍTULO 27

DÓMINA

Todos os reflexos de Kianna gritavam. A ventania que ela incitou na sala do conselho de regentes tirou tudo dos seus lugares. Lilith tinha as mãos tapando a boca, encostada num canto, enquanto Kion ria sentado ao seu lado, imperturbável.

Drazhan conteve sua forma de dragão de se revelar e Darya estava pronta para se meter. A líder das sereias abriu a boca sem que nenhum som fosse ouvido, confundindo quem esperava um ataque violento da sua parte.

Parte de seu poder era seu canto, sua voz, que vibrava em uma frequência completamente inaudível, afetando diretamente o cérebro de suas vítimas e transformando-as num grande corpo de gelatina a ser moldado. Ela contava com o elemento surpresa para arrebatá-la com seu poder. *Grande erro — pensei.*

Darya continuou muda, tentando enfeitiçá-la para que se controlasse, Kianna simplesmente pegou uma das adagas que Dómina mantinha segura entre as pernas e atirou nela, certa, trespassando seu corpo como uma folha de papel.

Drazhan gritou com o sangue jorrando ao seu lado.

— Controle sua besta, Kassius. — Martell gritou também, gesticulando em nossa direção.

Kianna exibiu suas presas para ele, dando um passo em frente, afrontando o líder das bruxas que sequer ousou atacá-la. Um perfeito covarde, com pose de durão.

Martell queria aquela confusão. Foi ele quem a provocou. Pretendia mostrar a todos que éramos um bando de desequilibrados prontos para atear fogo em Altera ao mínimo desagrado. Mas a cada

dia lhe dávamos menos razões para isso e seu repertório estava ficando escasso, o fazendo se desesperar.

Darya se manteve em silêncio, embora claramente estivesse em agonia. O olhar de Kianna já era de arrependimento, mas, orgulhosa, não se moveu para ajudá-la. Martell seguiu até à sereia, a tirando dos braços de Drahzan que a segurava, e fechou sua ferida exposta em poucos segundos com feitiço simples.

A cura por magia recompunha os tecidos, mas a dor ficava lá como um fantasma te atormentando e recordando de que algo estava errado. Darya se levantou, claramente incomodada.

Kianna virou o rosto de lado. Talvez eu tenha notado uma pitada fugaz de vergonha em seus olhos. A sereia exibia uma expressão profundamente ofendida. Estava apenas tentando ajudar Kianna, não era um ataque. Ela só queria controlar os ânimos da híbrida.

Darya gostava de Kianna. Não era comum que os irmãos de Kassius participassem das reuniões dos regentes, até que começaram a ser constantemente mencionados por algo reprovável que teriam feito. Entediado, Kassius resolveu que estariam lá para se defender das próximas vezes. Um péssimo movimento, mas que tornava aquelas reuniões enfadonhas, divertidas e perigosas.

Era a maior concentração de poder por metro quadrado que eu já tinha visto. E a vibração constante sobre nossos pés, não era Altera se manifestando, eram apenas nossas defesas naturais se montando e desmontando ao menor sinal de perigo, o que fazia a terra reagir com um certo nível de animosidade.

— O que vocês têm a propor então? — Kassius se dirigiu a todos, querendo acabar com aquela discussão infrutífera.

— Eu acredito que seria sensato mover as restantes lutas das Arenas para Altera. As finais podem ser realizadas aqui. Teremos a oportunidade de investigar as acusações de Kianna sobre os gladiadores e resolveremos as turbulências que os embates estão gerando na Terra.

Titânia sugeria algo sensato, mas Kianna apenas bufou. Todos achavam que suas acusações em relação à corrupção envolvida na competição se deviam a puro despeito por ter perdido. Mas Kianna

jurava que os tremores de terra que estávamos sentindo cada vez mais fortes e inoportunamente se deviam à ilha reagindo ao poder sendo roubado de seu território à rebelia.

O conselho não sabia dos reflexos, na verdade nem nós sabíamos que mesmo depois de perder, apesar do estado lastimável em que se encontrava, Kianna manteve um reflexo lá durante todo este tempo, espiando entre as sombras, tentando entender como foi que conseguiram tombá-la.

Ela tinha imensas suspeitas, mas queria provas e sacrificou sua recuperação para isso. Agora entendia a demora em se curar, seu humor cada vez mais seco e ácido, sua paciência beirando o zero. Ela estava frustrada com o que se passava lá, não aqui. Além de sensibilizada, seus reflexos não eram o tipo de força que podia ser usada de forma recorrente sem cobrar seu preço.

A prova disso era o quanto ela andava esgotada. Eu achava ser culpa minha, por força-la a treinar comigo quando não tinha se recuperado completamente. Mas não, a verdade veio no dia da morte de um gladiador.

Kianna acompanhou sua energia sendo direcionada diretamente para um dos gladiadores da Vale nunca sendo devolvida à terra. Nunca voltando para a linhagem a que pertencia. Era a marca de Celeste, mas aprimorada com maestria, e não podíamos culpá-la por isso, afinal ela esteve em Altera todo este tempo.

Inclusive ela estava catatônica há dias, depois de ter recebido Kion em sua casa.

— Mais alguma coisa? — Kassius perguntou. Sua paciência esgotando, embora estivesse se esforçando, tinha que reconhecer.

— Eu sugiro que, uma vez que retomaremos a tradição, o Sephtisson siga *a regra do vencedor*. Uma vez que o prêmio de entrar em Altera perca totalmente o efeito, já que competirão aqui, que seja dada ao finalista também a oportunidade de desafiar o Rei por seus territórios.

Me impressionou que essa sugestão viesse de Yeona, esperaria algo assim de Martell, obviamente, mas a líder dos vampiros parecia querer que todos nos entendêssemos bem, até agora.

— A ilha aguarda um torneio entre os regentes que governaram todos esses anos, o povo espera que uma nova hierarquia se estabeleça. Eles não sabem a quem obedecer, que regras seguir. De nada adianta que nos reunamos se o povo não sente segurança em seus governantes.

Fazia sentido se víssemos as coisas da posição dela. Ela queria um tratado, escrito em pedra e lavrado em sangue, para que tivéssemos que reduzir nossos encontros ao mínimo.

Não tinha me enganado sobre ela, afinal, embora sua proposta fosse inocente, a intenção era honesta. Tudo que ela queria era que novas regras fossem traçadas, assinadas e seguidas. Eu podia entender isso. Ordem, era tudo o que pedia. Respeitável, para dizer o mínimo.

— As Arenas terão que ser montadas em Dhara. O evento final adiado ainda mais. O ritual de consagração do gladiador será feito demasiado tarde. Isso vai atrasar todo o cronograma da ilha e desequilibrar o fluxo de magia ainda mais. Estamos perdendo completamente o controle das tradições e Altera está se manifestando cada vez mais frequentemente — Drazhan lamentou, pontuando seus pensamentos um a um como uma máquina.

Para quem tinha resistido a fazer parte do conselho, Drazhan tinha sempre muito a dizer. E inflexões pertinentes na maior parte das vezes. Ele se considerava parte do povo e não o líder, e, embora fosse “apenas uma criatura” como já o tinham chamado, ele se importava mais com os habitantes de Altera do que todos os outros representantes.

O líder dos dragões repudiava nossa presença tanto quanto os outros, mas era o que mais defendia o que era justo nas reuniões. Sua personalidade tinha sido forjada em moldes tradicionais e sua conduta provava isso a cada passo que dava.

— O que faremos com os gladiadores se Kianna estiver certa em suas acusações? Premiá-los? Honrá-los com um desafio ao Rei? O que faremos se abrirmos nossas portas a esse tipo de traição? Todos os nossos passos serão observados a partir do momento que eles cruzarem os mares — Titânia parecia consternada com a possibilidade dos gladiadores não serem os heróis habituais. Por uma vez em séculos, talvez eles fossem os vilões da sua história e ela não

conseguia lidar com a possibilidade deles serem corrompidos pela sede de poder.

— Uma vala comum me parece o suficiente, talvez duas ou três, dependendo de quantos chegarem até aqui — Kori respondeu com simplicidade, falando pela primeira vez aquele dia e surpreendendo apenas aos que não a conheciam com sua sugestão genocida.

— Eu acredito que possamos encerrar esta reunião. Se ninguém tem mais nada a dizer, os convido a se retirar — Kassius estava cansado. Ele sempre ficava cansado. Mas na última semana havia recusado ajuda com as vozes, se forçando a suportá-las sozinho. Estava conseguindo, mas isso não fazia nada bem ao seu humor.

— Se me permite — Killian interrompeu com a voz grave e vibrante, se fazendo ouvir pela primeira vez desde sempre em qualquer uma daquelas reuniões.

Podia apostar, pelas caras de choque, que os regentes achavam, no mínimo, que ele se dedicava a algum tipo de voto de silêncio.

— Eu proponho que, como Yeona disse e muito bem, as lutas das Arenas estabeleçam uma nova hierarquia.

— Eu já concordei com isso, Killian. Não me oponho a ser desafiado.

— Claro que não se opõe, Kassius, você não é um covarde. Mas não me interrompa, eu não terminei.

Kassius lhe concedeu a palavra, sem entender.

— Eu proponho que a nova hierarquia se estenda a todos os domínios. Os regentes terão que provar também que são dignos de seus lugares. — As respirações se suspenderam. Algumas de medo, outras de raiva, várias de surpresa, mas ninguém passou despercebido àquele ataque letal e silencioso de Killian. — Afinal, um posto conseguido de qualquer outra forma, não tem qualquer valor para o povo. Ou pelo menos foi assim que entendi observando os argumentos de vocês.

A tacada final. Caso se recusassem seriam considerados uns merdas. Se apoiassem se rebaixariam às ideias de um temerário.

Alguns segundos se passaram até que Titânia se pronunciou.

— Não me parece uma sugestão absurda. Não tenho reservas quanto a provar que sou digna do lugar que ocupo. — E ali estava a razão pela qual Martell sairia daquela reunião um perdedor.

Ele entrou ali, após dias de manipulação, tentando levar todos os regentes a acreditar que de fato o povo questionava a autoridade de Kassius, e por consequência a de todos eles, sem imaginar que Kassius o acompanhava em cada um de seus movimentos, como num jogo de xadrez. Ele não podia prever que o tiro sairia pela culatra e acabariam com sua dignidade ameaçada, independente da sua resposta.

Nós também não previmos, já que Killian não sabia de nada daquilo e entrou naquela reunião despreparado para as artimanhas de Martell. Kassius não se preocupava em contar aos irmãos o que quer que fosse sobre Martell, apenas esperando que se enforcasse sozinho, o que seria inevitável.

— Eu concordo — Foi tudo que Yeona disse.

Drahzan e Darya sequer se pronunciaram, apenas acenaram com a cabeça como se não houvesse a menor dúvida de que os protetores da ilha estivessem sempre dispostos a lutar por qualquer razão que fosse.

Martell estava encurralado.

— Isto é um despropósito. Um descalabro. Ele chega e muda tudo na ilha em poucas semanas. Ele destrói a nossa hierarquia, a nossa paz, as nossas tradições, mancha a reputação de um evento mais velho que a nossa história, desrespeita nossos acordos e ainda recebe o prêmio de poder perverter o nosso estatuto.

— Contenha-se Martell, não é o fim do mundo. Não podemos exigir dele algo que também não estejamos dispostos a dar — concluiu Yeona calando-o.

— É um descalabro. Não é possível que eu seja o único a ver o que ele está fazendo aqui! — Martell bufou, suas mãos não conseguindo conter seus poderes se expondo em seu rompante descontrolado.

Kianna deu um passo em frente, pronta para engoli-lo se tivesse oportunidade. Ela não precisava de razão alguma para destruí-lo, mas a chance de ter uma parecia agradá-la.

Eu me levantei ameaçando deixar a sala, o que Martell julgou ser um profundo desrespeito inchando de ódio mal contido.

— Perdão, — me virei, com falsidade — julguei que tínhamos terminado. Acredito que, mesmo se nos considerássemos uma república, o que não é o caso dado a abundância de títulos de nobreza distribuídos, ainda que levássemos esta questão a votos, sua opinião sobre o assunto seria irrelevante, Martell. A maioria se pronunciou, não importa se discorda ou não.

— Isso não vai ficar assim! — Ele me ameaçou.

— Claro que não, Martell. Fica pior. Tudo. Sempre. Pode. Ficar. Pior. — recitei pausadamente. — Lembre-se disso.

Me dirigi ao resto da audiência:

— Senhores, gostaria que deixassem a minha casa imediatamente. Creio que todos temos assuntos para tratar.

Começaram a sair incomodados, ainda tinham problemas em serem mandados por mim. Sem exceção. Era bom que comesçassem a se acostumar.

Quando não identifiquei mais rastro da presença de ninguém além da família, me virei para Kianna dizendo:

— Você não é um cão de guarda Kianna, por favor pare de se comportar como um. Se dê ao respeito. Discutir com aquele pedaço de esterco é se rebaixar a um nível que eu preferia não presenciar. Se sentir necessidade de provar qualquer coisa para ele, por favor, faça-o na minha ausência. Não quero ver mais esse tipo de coisa.

— Se eu sentir necessidade de provar o quer que seja na presença dele mais uma vez, será apenas o sangue dele, Dómina. Talvez ele seja o primeiro a inaugurar a vala comum de Kori.

— Pois que seja. Mate-o, ou não. Lidaremos com as consequências depois. Mas não se comporte como se a opinião dele tivesse qualquer relevância. Isso é uma ordem.

— Me parece que talvez eu realmente devesse me preocupar. Alguém pode roubar meu título e me fazer descer na hierarquia. —

Kassius falou, sério. — Você vai competir comigo pela coroa também, Dómina? — perguntou divertido, querendo quebrar o clima chato entre nós.

— Engraçado, eu achava que a coroa já me pertencia. Você realmente acredita que manda mais do que eu? — provoquei, sonsa.

— Não — Kion se meteu, respondendo rápido.

— Definitivamente não — Kori aproveitou para reforçar.

Killian negou com a cabeça.

— Se essa coleira falasse, ela diria: Eu sou uma piada para vocês? — e assim Kianna garantiu as risadas pelo resto do dia.

CAPÍTULO 28

KASSIUS

A música alta eclodia da cidade. Da sacada do palácio podia-se ver as hordas de cores berrantes e fantasias saltitantes que marchavam pelas ruas de Dhara. Dançavam ao som de cordas, trompetes e saxofones, uma combinação alegre de ritmos harmônicos e tonalidades melódicas se misturava com gritos de alegria e excitação por pisar pela primeira vez nos domínios do rei.

Alterra estava serena, nenhum tremor de terra hoje, nenhuma ventania ou chuva como indício de desagrado. Pelo contrário, flores únicas decoravam as ruas, entrelaçadas formando ladeiras e janelas primaveris que não estavam lá da última vez que tinha olhado.

Alterra se enfeitou para receber seu povo como uma amante para receber seu par.

Não me passou despercebido o aroma forte de frutas cítricas no ar, o perfume da personalidade agridoce da ilha. A festa, para os nossos sentidos, era a manifestação do seu estado de espírito.

Canções tradicionais eram entoadas por grupos de domínios diferentes. Em sua grande maioria, aquele povo não tinha por hábito se misturar. Poucos eram os que visitavam outros domínios. Aquela era uma primeira vez que partilhávamos.

Drahzan cuidou do transporte de todos os habitantes para Dhara, organizando embarcações movidas pelos dragões e magia atravessou pelos mares todos que se apresentaram nos cais. Darya organizou as pessoas por dias, para garantir que chegada à data

não haveria confusão no transporte. Seu canto mudo foi usado sem reservas para garantir a ordem nos barcos.

Juntos, os líderes de Lakra, eram capazes de mover montanhas, comandavam as águas e os céus de Altera. Eu percebi que aquele talvez fosse o domínio mais forte, embora passasse despercebido na maioria das vezes por serem desconsiderados. Me questionava o que escondiam lá, já que parte do seu antigo acordo era que não fossem perturbados.

Nenhum dos outros regentes havia pisado em suas terras, o que me fazia colocar isso no topo da minha lista de curiosidades.

Os dragões não se escondiam, exibindo sua forma animalesca e exuberante com orgulho pelos ares. As asas cortavam o ar como fogos de artifício prestes a explodir. Eram seguidos por diversas cabeças que não conseguiam se desencantar pelo voo nobre e articulado que ostentavam num show particular e apaixonante.

As Arenas foram montadas imediatamente em frente ao palácio, os gladiadores seriam recebidos com toda a pompa e circunstância. E a ansiedade já começava a se acumular nos que aguardavam.

As canções tradicionais de um ritmo folclórico, contavam a história da ilha, se transformando, na boca do povo, num choro de alegria envolvente que me fazia parar para escutar.

Seu canto não era para me receber, para mim, tinham apenas um respeito minado de medo. Mas os gladiadores, os verdadeiros venenos para a terra, eram recebidos em festa e celebração.

Eu sabia que aquele dia ia dar muito errado, mas naquele momento ainda não imaginava que fosse tanto. Não imaginava que no fim do dia as ruas estariam manchadas de uma só cor e sua alegria soterrada.

— Kassius, aqui! — Dómina chamou, retendo minha atenção, ela sorria dançando com Dante, que a segurava pelas

mãos também com uma expressão de puro deleite, no meio do povo.

Dómina trazia os lábios pintados com as cores da coroa e o cabelo loiro, extremamente claro, trançado de uma forma trabalhosamente delicada. Um vestido leve e apenas umas simples sandálias nos pés lhe davam o aspecto de fazer parte daquele grupo.

Cantava com eles sem saber as letras, gritava por deuses nos quais não acreditava e sorria com pessoas que não conhecia.

Tinha que me lembrar de levá-la a mais festas, nunca a tinha visto tão empolgada.

— Eu não acho seguro ela andando no meio de todo mundo. — Killian avisou sentando ao meu lado.

— Diga isso a ela. Mande-a ficar sentadinha aqui aguardando a abertura das arenas. Tenho certeza que ela vai te obedecer. — A sua expressão frustrada dizia que provavelmente tinha tentado.

Killian não confiava em ninguém e havia acordado especialmente desconfiado. Estava mais arredio do que todos os outros dias e falante demais, o que mostrava que estava nervoso.

— Nós não sabemos qual dos gladiadores é a erva venenosa, eu preferia que elas não se comportassem como se isso não fosse um problema — reclamou se referindo a Dómina e Kianna que falavam do evento como se nada de ruim pudesse acontecer. Como se de fato fosse uma oportunidade de celebração para todos nós. — Como se não fosse uma ameaça — completou meu irmão, se remexendo na cadeira onde estava sentado.

— Vocês viram a Kori por aí? — Kion perguntou subindo as escadas e se sentando conosco. Se virou para a multidão e mandou beijos para suas admiradoras.

Uma legião de fêmeas sucumbia aos seus encantos. Ele sempre foi o mais bonito de nós todos, mas era estarrecedor vê-las se comportando como se estivessem na presença de uma criação superior quando olhavam para ele.

— Ela saiu com Sebastian antes de irmos para cá.

— Com Sebastian. Sei — Kion, repetiu querendo contar alguma fofoca, mas esperando que lhe perguntássemos.

Killian nem lhe deu atenção, mas eu não resisti.

— O que foi? Conta logo! — Killian olhava para nós nos julgando, fingindo não querer saber.

— Então, vejam bem, talvez, e foquem no talvez, eu tenha visto a nossa queridíssima irmã caçula se pegando com Sebastian a semana passada. Ela me prometeu uma eternidade de sofrimento se eu contasse a vocês! — declarou entusiasmado.

— E, no entanto, aqui está você testando a sua sorte — Killian acusou.

— Eu tenho a certeza que Kassius já sabia. Vai dizer que não ouviu nada nesse cabeção ultimamente? — perguntou provocando.

— Para ser honesto, pensava que Kori tinha desistido da companhia de machos há mais de um milênio — comentei levemente chocado.

— Ela prefere fêmeas, definitivamente — Killian se meteu, parecendo lembrar de algo em meio ao que dizia. — No outro dia a vi olhando para Darya.

— A sereia?

— Você por acaso conhece outra? — Kion chamou a minha atenção. — Claro! Mas não, Darya é o alvo de Kianna, tenho a certeza que Kori estava apenas julgando nossa irmã por isso.

— Kianna e a Sereia? — perguntei, agora sim, alarmado.

— Eu notei uma tensão suspeita naquela reunião do conselho. Bom, se ela queria alguma coisa com Darya talvez não devesse ter enfiado uma adaga no corpo dela — Killian decidiu.

— Você sabe que ela é impulsiva — defendi.

— Completamente insana — anuiu.

— Onde ela está? — perguntei, notando sua ausência. Para quem queria tanto a festa, não tinha sequer se dignado a aparecer ainda.

— É isso que me traz aqui. Talvez ela tenha ido espiar Lakra aproveitando que todos estariam em Dhara e não tenha voltado. Como não consigo encontrar Kori e Sebastian, parti do princípio que poderiam estar juntos. Então, vim aqui ver se você consegue ouvir onde eles estão.

A propensão de Kion por querer saber de tudo que o rodeava era sempre hilariante. Eu sempre fui o fofoqueiro da família, mas a verdade é que ele sempre bebeu da mesma fonte de curiosidade eterna que eu.

— Ainda não consigo imaginar Kori com Sebastian — declarei travando as imagens que desenrolavam na minha cabeça.

— Sim. Por que ela se apaixonaria pelo homem cuja mente ela mesma montou baseado em tudo que achava adequado, não é mesmo? — Kion partilhou mais um pouco de sua teoria engajado em nos convencer.

— É um bom ponto. Mas ainda estamos falando de Kori. Ela não gosta de ninguém. Se estivéssemos falando de Kianna, eu não duvidaria por um segundo sequer. Mas Kori? É difícil de acreditar. Especialmente se tratando de um macho.

— Está na hora — Lilith anunciou, nos interrompendo.

Os dragões sobrevoaram baixo abrindo as portas da Arena ao passar, pousando elegantemente no meio dela.



A multidão finalmente se encontrava perfeitamente organizada em infinitas fileiras circulares da Arena, que nada mais

era que um grande anel de aço com vários desdobramentos para acolher a todos.

— Os Gladiadores deste ano, sejam bem vindos a Altera!
— Yeona anunciou. Algo estava errado com sua voz. Olhando de longe ela tremia de um jeito nervoso, chamando um dos competidores ao palco, sem saber o que fazer com as mãos.

“Donna, preciso que venha aqui agora” — ordenei em sua mente.

“Algo errado?” — ela respondeu se levantando, Dante junto a ela, sério. Ele também tinha notado. Estavam longe demais porque decidiram ver a entrada dos gladiadores de perto, ficando na primeira fileira para os ver passar.

“Apenas venha, por favor.” — respondi percorrendo a arena com o olhar, em busca de Titânia, que conversava com Martell.

Um dos gladiadores tomou a palavra de Yeona e falou:

— Hoje, estamos aqui apenas com um objetivo: limpar Altera de tudo que a ameaça.

Dómina seguia caminhando, sendo atrasada pelas fileiras abarrotadas.

Comecei a andar em direção a ela também querendo diminuir aquela distância incomodativa.

Um a um eles se enfileiravam, onze gladiadores finalistas, onze guerreiros representantes de seus elementos, onze vencedores. Lutaram por semanas, isolados num ambiente de guerra e competição para estar até ali e, no entanto, não passavam de onze corpos enfeitados, manipulados e pervertidos para procurar apenas uma coisa quando pisassem Altera: a morte.

O mundo girou em câmera lenta quando percebi uma luz intensa rodeando Dómina, quando vi os gladiadores se movimentando rápido como sombras e a transportando para longe de mim.

Num segundo pisquei e ela não estava mais lá. E eu não podia ouvir sua voz.

O caos explodiu e assim como as sombras dos gladiadores, eu transportei os regentes um a um para o palácio, atirando-os ao chão como autênticos sacos de lixo.

— Algum dos senhores se importa de me explicar o que acaba de acontecer? — rosnei imperativo andando de um lado para o outro.

— Ela é um demônio. Não podemos simplesmente ignorar isso, — Drazhan assumiu preocupado.

— Ela trará desgraça para Altera. Ela precisa ser banida. Nós não nos misturamos com magia negra. Ela não pode ficar. O ritual acontecerá quer você queira quer não, Altera decidirá o que fazer com ela quando provarmos a todos que ela é um demônio que temos abrigado em nossa casa.

— Minha casa! — gritei furioso.

Imagens de Celeste conversando com Sebastian, ignorando o fator Kori na vida do feiticeiro e o colocando a par do plano dos regentes.

Recolhi os pensamentos esvaziando suas mentes ao mesmo tempo em que falavam sem que eu sequer notasse o que diziam.

Tive a oportunidade de ver suas teias se formando de camarote, enquanto eles se movimentavam pelos bastidores das celebrações da ilha pelas minhas costas.

Havia apenas um obstáculo na ideia inicial da Vale de abrir as portas de Altera para todas as criaturas e transformar a ilha num campo de concentração de magia, um poço de energia pronto para ser drenado.

Eu.

E ao me considerarem invulnerável, Celeste optou por manipular o apoio dos regentes, os convencendo de que Dómina era a raiz de todo o mal que poderia chegar. Juntos, optaram por atacar meu ponto fraco, alguns acreditando genuinamente que Dómina teria usado de uma possessão demoníaca para me controlar.

Celeste era uma cobra morta.

E se aliar a ela contra Dómina foi um erro que custaria centenas de vidas.

— Eu sugiro que você se livre dela, Kassius, e faça o que Altera espera de você. Isso ainda pode ser consertado — Yeona pediu, eu via em seus olhos que só queria evitar uma desgraça.

— A consagração de casamento entre você e Titânia restabeleceria a ligação entre as gerações e fortaleceria o fluxo de magia que alimenta a ilha unindo novamente o que nunca devia ter sido separado — Pela cara de Titânia ela não havia sido informada desta parte.

Eu escutava os absurdos que diziam procurando a voz de Dómina na minha mente. E a cada minuto que não encontrava, a situação ficava pior. Para eles.

— Altera nunca deveria ter permitido que seus pais fossem afastados, mas você e Titânia estão aqui, o primeiro e a última descendente das linhagens originais. A união entre vocês estabeleceria um laço sagrado e renovaria o equilíbrio perdido pela perda de seus pais. Honre-os e se submeta ao seu destino. Seja o rei da ilha. E ame-a acima de todas as coisas— Me perguntei se Martell estava atuando ou apenas desvairado. O discurso lunático era demais até para ele.

— Trair Dómina pelo trono. É isso que está me propondo? — questionei com um sorriso psicopata.

— Me parece uma barganha fácil de aceitar. Estamos falando de um demônio.

Altera tinha permitido que eles tramassem aquele golpe e sofreria as mesmas retaliações .

O chão tremeu sob nossos pés como já não acontecia há dias. E eu fiz com que cada tremor se transformasse num estouro, abrindo fendas em todas as partes, a terra estalando como pedaços frágeis de madeira. Eu queria que Altera sangrasse.

Martell foi o meu primeiro alvo.

— Eu vou permitir que você grite até que sinta o gosto de sangue, depois vou silenciá-lo para sempre pela audácia da sugestão. Quanto ao resto de vocês, espero que entendam de uma vez por todas que a Dómina é a minha coroa — Me virei, segurando Martell pelo pescoço e levantando como um troféu enquanto falava. — Ela é o trono — os olhos dele abriram até explodir em sangue — Se eu tiver que explicar isso mais uma vez, terão que reencarnar para me escutar — ameacei os restantes, ainda intocados.

O som metálico rangendo ao redor era de seus ossos se retorcendo em cada um dos insignificantes corpos.

Só parei quando deixei de ouvir seus gritos de agonia, não podendo suportar mais um segundo sequer, já além do limite da dor.

— Eu fui claro?

O silêncio sepulcral foi minha resposta.

— Vou interpretar o silêncio como nada a acrescentar. — Desci as escadas sem olhar para trás. — Obrigada pela atenção senhoras e senhores, vocês foram uma audiência impecável. Vocês tem uma hora para trazer Dómina de volta. Estarei no trono, aguardando.

Saí da sala e meus irmãos aguardavam do lado de fora, sérios e tenebrosos.

Sebastian, Dante e Lilith ao fundo, prontos para ajudar. Os pensamentos de Sebastian eram todos de desculpa por algum dia ter começado tudo aquilo. Por não ter conseguido avisar Kori rápido o suficiente. Por terem demorado a chegar.

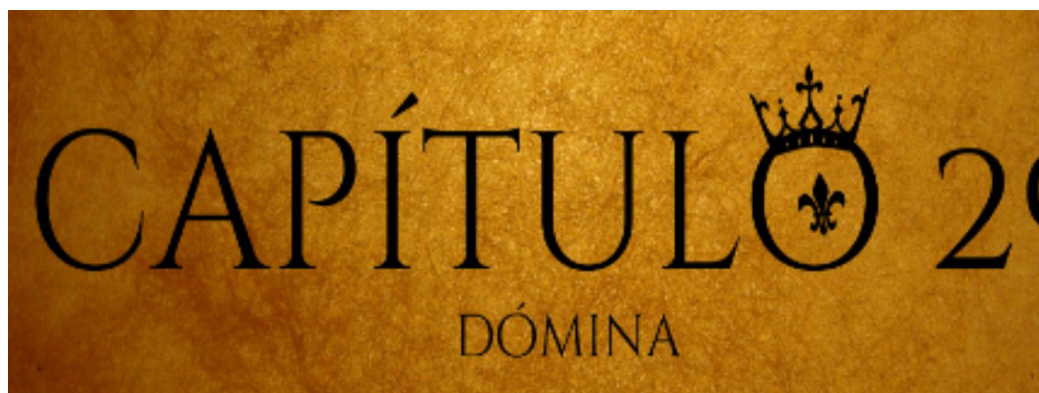
Junto com Kianna, os três tinham ido investigar Celeste depois de Sebastian descobrir o que planejavam. Ficaram presos em Krullis e quando conseguiram se libertar, já era tarde demais. Dómina já havia sido levada e a Arena tinha se convertido numa amostra colossais de desespero ambulante.

— Para homenagear nossa rainha, vamos resgatar uma memória da nossa infância — sugeri, calmo como a morte.

Os olhares me seguiram, indicando que consideravam se não tinha enlouquecido.

— Vocês serão os cavaleiros do apocalipse, e nós vamos brincar de *o rei mandou*. Eles acham que Dómina não é digna da ilha. Vamos lembrar à ilha que Dómina é a única de nós que de fato se importa com ela.

Eles se curvaram solenemente antes de sair, levando consigo uma promessa de destruição inquestionável.

The image shows a title page with a textured, aged, light brown background. The word 'CAPÍTULO' is written in a large, black, serif font. The letter 'O' in 'CAPÍTULO' is replaced by a black crown icon with a fleur-de-lis in the center. To the right of the crown is the number '20'. Below 'CAPÍTULO' is the word 'DÓMINA' in a smaller, black, serif font.

CAPÍTULO 20

DÓMINA

Tontura.

Fraqueza.

Dor.

Uma e outra vez tentei me forçar a abrir os olhos e em todas elas me senti presa. Perdida num vórtex que socava meu estômago com uma pressão gravitacional que me deixava enjoada. E quando os fechava com força para evitar a ânsia de vômito e voltava a abrir, o ciclo apenas se repetia.

Entre as intermitências dos transportes, pisávamos em solo firme e conseguia me forçar a identificar os rostos dos gladiadores. Não sabia exatamente o que fazíamos pulando entre barreiras do espaço, provavelmente procuravam um lugar onde Kassius não pudesse me alcançar, por isso trocavam entre eles quem me carregava. Não queriam deixar rastros.

Deixei que me levassem em paz, procurando a consciência de Kassius, precisava lhe dizer que estava bem, que não se preocupasse. Imaginei que ele poderia estar possesso de preocupação.

Meu corpo era trocado entre mãos enquanto, vez por outra, escutava algo do que diziam. Não que fizesse muito sentido. Não que me importasse saber. Eram onze criaturas condenadas a morrer desde o momento que cruzaram meu caminho.

— Aí está ela, já não era sem tempo. Vamos! Rápido. — A voz de Celeste soou crua em meus ouvidos, me despertando do torpor.

Devia ter perdido a consciência em algum momento, estava cega, no chão, acorrentada como um animal selvagem.

Forcei o aço que me prendia, chamando a atenção deles. Embora abertos, meus olhos ainda não conseguiam ver. Provavelmente um feitiço para que não pudesse guiar ninguém até mim.

As correntes tilintaram, os elos se chocavam ao serem forçados. Concentrada, entendi que me olhavam de perto. Suas presenças apenas vultos desfigurados ao meu redor.

— O ritual pode começar. — A voz desconhecida parecia recém-chegada. Trouxe consigo mais do que uma dose extra de dor. Trouxe medo. Há muito tempo não o sentia.

A mão que desenhava algo na minha testa era perigosa. As cicatrizes profundas se faziam sentir sob seu toque na minha pele.

— Colabore criança, a morte não precisa ser dolorosa — falou afagando meu rosto, me devolvendo a visão e se dirigindo a Celeste que lhe deu algumas ordens, evitando me olhar diretamente.

Estava escuro ali, o breu nos abraçava na noite alta, nenhum sinal da lua gigante que sempre desenhava os céus de Altera, nenhum sinal das estrelas brilhantes que nunca falhavam noite após noite, e no entanto, os sons da floresta e a sensação de frescor indicavam que estávamos a céu aberto. Talvez apenas só profundamente embrenhados na mata.

Overta era possivelmente o domínio em que nos encontrávamos.

— Venham. Está na hora. — Os gladiadores se posicionaram em silêncio sem sentido ao meu redor.

E as estrelas que me faltavam, começaram a cair sobre nossas cabeças, rasgando os céus e explodindo como granadas.

Com a luz da manifestação da natureza consegui analisar melhor o ambiente em que me encontrava.

A floresta era colossal, densa e primitiva, totalmente governada por trançados de espinheiro, que permitiam que amplas luzes cintilantes descessem para que arbustos dispersos explodissem do terreno coberto de pedregulhos abaixo.

Uma variação de sons, predominantemente de pássaros, reverberou pelo ar e abafou o som do vento soprando pela floresta.

Galhos enrolados abraçavam uma árvore ocasional e um conjunto de flores, que tentava desesperadamente evitar as sombras,

adornava o cenário.

— Se Altera não a consagrar como filha, criança, você será sacrificada. Não podemos permitir demônios pervertendo a cabeça de nossos reis. Se a ilha a aceitar, será libertada.

Eu ri.

— Eu nunca me opus a passar pela consagração. Não havia necessidade dos enfeites — indiquei mexendo as correntes. — Poderia apenas ter pedido e eu viria. Altera já me aceitou, permitiu que eu entrasse, eu não cheguei na ilha ontem, caso não tenha reparado, eu estive aqui o tempo inteiro, debaixo do mesmo céu que você, pisando o mesmo chão. Se Altera me quisesse fora, já estaria longe. Ou talvez, nunca tivesse entrado.

— Veremos.

— E eu não perverti rei nenhum. Que delírio é esse que vocês pregam? — perguntei a ela, mas meu olhar encontrou o de Celeste.

— Você é um demônio. Ele a trata como prioridade ao invés do reino. Claramente não se conectou ao próprio lar corretamente porque você estava lá, manipulando suas vontades. Eu conheço a possessão demoníaca, menina, você não é o primeiro demônio que eu enfrento.

Eu ri mais uma vez.

— Você está louca — acusei apenas. — Talvez essa seja a primeira vez na vida, em que não sou culpada de algo que me acusam — refutei disposta a contrariá-la, mas as palavras desapareceram da minha mente, porque um dos gladiadores me atacava.

Persuasor.

Ele moldava meu humor, foi ele que me manteve entorpecida durante o transporte, entendi finalmente. A sensação era diferente da que me acostumei a sentir com Killian, diferente de um jeito intrigante, mas não doloroso.

Mestre de uma expressão sobrenatural do carisma, o olhar do persuasor orgulhoso me fazia sentir bem. Confiante. Minha cabeça sabia que eu estava em perigo, mas ele fazia parecer que não importava.

Um segundo se juntou a ele e me senti levantar do chão, minhas costas se curvando para suportar o peso de lutar contra a gravidade.

Os cabelos esvoaçaram e minhas pernas e braços eram a única coisa que me mantinham presa e me impediam de levar mais alto ao sabor dos poderes a que me submetiam.

A terceira gladiadora deu um salto no alto e quando desceu, rápida como uma rajada de vento, enfiou uma adaga de fogo na minha barriga e eu senti o sangue jorrar. Quente e livre, escorrendo até pingar no chão.

— Começou. — A voz sem nome ousou dizer quando eu já agonizava. E nem podia gritar, com as amarras do persuasor que me silenciava as emoções e as sensações.

Eu tinha a certeza que não era dessa forma que se procedia em rituais normais de consagração. E se ela estava tentando me exaurir e debilitar, devia ser porque tinha medo que eu de fato recebesse os poderes da minha linhagem.

Continuava calma, abraçando a dor como se sempre estivesse estado ali comigo. Uma segunda pele confortável. Eu era paciente. Eles não imaginavam o quanto. Esperaria o momento certo para revidar.

Cinco dos gladiadores restantes tinham um poder semelhante ao meu, enquanto demônia. Juntos, alimentavam o fluxo de energia de uma barreira que me impedia de acessar meu poder., que me drenava e me fazia fraca para reagir aos seus ataques letalmente pacíficos.

Eles não queriam me perturbar, torturar ou coisa que o valha. Queriam apenas provar a si mesmos que eu era digna da sentença que me deram: a morte.

Folhas esvoaçantes estalaram no ar junto aos galhos das árvores se quebrando em pedaços.

Eu senti o primeiro nível de energia me atravessando.

Avassalador.

Quente.

Conectada.

O ritual me fazia sentir como se religasse cada pedaço de mim à origem da magia. Ao rebentar da criação.

Uma lágrima solitária percorreu minha bochecha transbordando da emoção quente e aprisionada em mim. Meu corpo queria explodir naquelas sensações, mas era impedido a cada vez que, como um

coração, eu pulsava ao ritmo das energias mágicas do mundo ao meu redor. Apenas para ser espremida e pressionada de volta. Calada.

Sentia em mim que a magia se manifestava de forma diferente, se misturando com a energia de cada um dos gladiadores que me assolavam num ataque conjunto, constante.

— As energias mágicas irradiam por todo o mundo, mas apenas alguns poucos são capazes de acessá-las. — Ali estava a voz, de volta, finalmente, voltava a falar. Era a única coisa que me fazia ter certeza de que ainda estava acordada. — Alguns de nós estão procurando maneiras de expandir o potencial mágico dentro de cada ser, várias criaturas terão que se sacrificar para fazer história. Isto não é uma disputa pessoal – ela tentou de alguma forma se desculpar pelo mal que me provocava.

Mas era. Era pessoal e ali estava o discurso da Vale.

Lazarus morreu deixando seu legado e, de alguma forma, conseguiu de fato chegar a Altera. Nunca duvidei que conseguiria, tinha dedicado sua vida a isso. Muitas pessoas o seguiam sem sequer saber para onde.

Não me admirava que sua ganância por Altera tivesse me perseguido até aqui.

Ele acreditava no sistema mágico e sabia como manipulá-lo. Por incontáveis vezes, me explicou que a magia que vem dos poderes dos ancestrais é infinita. Todo o poder e conhecimento que uma pessoa ganha na vida, é passado para uma nova vida por meio da consagração, de modo que aqueles com grandes poderes no presente saibam que seus poderes continuam em uma geração diferente, para o bem ou para o mal.

— Ele sabia que você chegaria à ilha, menina, mas nunca imaginou que se tratava de um demônio, ou tê-la-ia-a conduzido até aqui, de uma forma diferente. Nosso mestre estava disposto a sacrificar quem quer que fosse pelo bem maior, mas sabia reconhecer o potencial de uma criatura e, também, a falta dele.

O meu corpo sacolejou no ar, tremendo violentamente, se contraindo como se buscasse abrigo, como se se protegesse de algo que tentavam me tirar.

— Estranhamente, algumas almas poderosas muitas vezes parecem reencarnar naqueles que são inerentemente mais fracos, talvez como algum tipo de força de equilíbrio no universo. Em todo o mundo,

sociedades secretas surgiram para proteger seus caminhos mais sombrios. Aqueles que herdaram seus segredos são procurados e absorvidos em suas fileiras. Você não deveria ter se virado contra aqueles que te deram a mão.

O retalhar do meu espírito foi concluído em forma de um uivo de agonia que não reconheci como meu até que me calassem de novo. Meu grito saindo da linha de controle do gladiador por um breve momento.

O entendimento me atravessou como um raio. Não havia nada. Eles tinham razão, Altera não tinha nada para me dar. Quem quer que fosse o meu criador, era apenas um condutor do vazio demoníaco que habitava em mim. Talvez por isso tivesse me abandonado. Não tinha apenas me deixado, tinha fugido de mim, talvez tentando se proteger do que percebeu que eu era.

A minha natureza nunca foi como vampira, mas ainda assim ali estava. Firme, forte e vibrante. Os poderes da parceria de sangue voltando timidamente ao meu controle enquanto os dos gladiadores se esvaíam sem que notassem.

Comecei a rir de verdade, gargalhar ao aceitar. Altera não tinha nada para me dar. Mas isso era apenas porque Kassius já tinha me oferecido tudo.

Estava tudo ali, dentro de mim, tudo que eu precisava era erguer a minha mão para alcançar.

E foi exatamente o que fiz, revivendo as memórias que tinha dos meus poderes enquanto regressava senhora deles novamente.

Venerando cada feixe de energia que me percorria, adorando cada gota de suor que escorria e se acumulava em meu rosto com o esforço de se abrir para comportar todo poder prestes a se manifestar.

Prata parecia ser a cor que tingia minha alma e refletia ao meu redor. Preto e prata. As cores do manto de bênçãos que Altera permitiu que caísse sobre mim ao restabelecer a minha conexão quebrada.

Os gladiadores me tombaram ferozmente no chão, prontos para acabar de uma vez comigo, mas os recebi com um sorriso maquiavélico, sabendo que chegava o momento de suas vidas serem ceifadas.

Os ataques vieram com uma rapidez alucinante, arrebentei as correntes e me obriguei a correr enquanto tirava a maldita adaga ainda cravada profundamente em mim.

Foi com ela, banhada do meu próprio sangue que decepei a voz sem nome. Apagando a sua existência da história para sempre.

Correndo na nossa direção, chegou Titânia, em sua forma de loba, mas sua pelagem era inconfundível. Já havia me mostrado.

Senti o alívio me encontrar ao reconhecer sua presença.

As raízes negras cobriram meu peito antes de mais nada, devolvendo a integridade aos meus tecidos, antes de se espalhar pelo meu corpo. Senti suas pontas chegarem rapidamente aos meus olhos, e era isso.

Eu era um demônio, e também uma vampira, me exibindo perante Titânia na minha verdadeira forma. Mas, além disso, eu era a rainha de Altera, coroada pelo rei e ninguém, nem mesmo a ilha, poderia me convencer do contrário se tentasse. Apesar do choque, a loba se curvou diante de mim, escolhendo ficar. Escolhendo lutar.

O paredão de gladiadores alucinados nos cercou. Titânia se colocou ao meu lado enquanto eu os contive, absorvendo seus poderes imediatamente. Os ataques se tornavam obsoletos para mim, depois de ter passado horas estudando suas mentes e os elementos que usavam.

Titânia rasgou o pescoço do que estava mais próximo, abrindo espaço para que eu me concentrasse à onda gigantesca que criei do seu próprio veneno, na direção deles, catapultando-os para longe, todos de uma única vez.

Me virei para ela que se transfigurava em sua forma humana avançando para me abraçar. Seus olhos tranquilos apesar do caos de chamas que explodia ao nosso redor, mudou num segundo suspenso em que tudo aconteceu.

— Dómina — Ela e Kion gritaram ao mesmo tempo.

Não o tinha visto ainda, mas percebi tarde demais que os gladiadores, entendendo sua derrota iminente, haviam colocado sua força num só deles e ela havia se erguido contra mim com força renovada. E quando a gladiadora escolhida atravessou minhas costas com a mão e segurou meu coração, arfei. Sabendo que existia um fim e, talvez, o meu tivesse chegado.

Não tive muito tempo para romantizar a ideia de uma morte poética porque a mão de Kion atravessava meu peito ao mesmo tempo, segurando a mão da gladiadora que me ameaçava.

Titânia aproveitou a oportunidade e destruiu os outros em minutos, restando deles só pedaços.

Meus gritos ecoaram livres propagando um clarão por toda a Altera. Eu nunca senti tanta dor como a que irradiava da competição entre Kion e a gladiadora. Sentia um puxão nas correntes de poder que ligavam as células do meu corpo.

Minha respiração audível e irregular enquanto meu corpo estremecia.

Titânia nos rodeou, alerta como um cão de caça, esperando o momento certo de atacar sem o risco de forçar a gladiadora a arrancar meu coração no processo.

Não era covarde. Não tinha medo. E também confiava que Kion não abandonaria a tarefa a que se dedicava.

Uma risada cruel e escarnecedora soou nas minhas costas. Todos a postos, com medo de se mexer e provocar uma desgraça. A mão da gladiadora em mim, forçando as barreiras e os limites da tragédia que planejava.

— Você nunca vai estar sozinha — Kion repetiu uma promessa feita ao que parecia ter sido tempo demais. — Não enquanto eu viver — completou fechando os olhos. E quando os abriu, uma expressão que nunca tinha visto tomou lugar. Os olhos verdes quase cintilantes refletiam uma escuridão que combinava com a minha. E a energia que explodiu dele, transformou tudo ao nosso redor em cinzas, centímetro por centímetro vi a vida padecer aos seus desígnios.

A escuridão da morte, lambendo o chão de Altera e a tingindo de luto até onde a vista podia alcançar.

Não era só Kion ali, ainda segurando meu coração, embora mais nenhuma mão competisse com ele pela sua posse. Eu sentia a energia de todos eles, conectados ao irmão e a mim por via dele.

No coração que ele ainda protegia com cuidado, pulsava o amor e proteção de toda a minha família.

Era a eles que eu pertencia.

Agora e sempre.

Ele retirou a mão devagar permitindo que minhas raízes cobrissem meu peito e me curassem com rapidez. Me atirei em seus braços e me perdi no seu abraço.

— Onde está Kassius? — Perguntei, estranhando sua ausência, totalmente desperta.

— Mantendo todos os vórtex de transporte bloqueados. Quando percebemos que eles estavam se movendo através deles, bom, Kassius resolveu destruí-los um a um.

A expressão de Titânia era de medo perante suas palavras. Evitou se aproximar de nós dois, não entendendo a força que o tinha tomado, conferindo a imagem aterradora à nossa volta, testando seus contornos para garantir aos seus olhos que não tinha sido afetada pela tormenta obscura de Kion.

— Você não está me dizendo tudo. Vamos Kion, fala logo. Por que só você está aqui?

— Assim você me ofende. Fui o único que te achei, oras. Na verdade, Titânia te encontrou, eu só fui mais rápido que ela a correr até aqui. Nos dividimos para te procurar. — Os braços cruzados e a cara de culpado disfarçavam sua prepotência.

— E Kassius, não se transportou até agora por quê?

— Talvez Altera tenha tentado impedir que ele interferisse nesse circo armado. E, bem, você sabe como ele reage quando é contrariado. Existe apenas uma coleira no pescoço do meu irmão, e ela pertence a você.

— Ele está destruindo a ilha — concluí.

— Algo dentro disso — concordou de um jeito reticente que indicava que havia mais.

— E seus irmãos foram tentar impedi-lo — pressupus, me colocando em andamento, Titânia nos seguia a uma distância segura.

— Impedi-lo? — Kion riu da minha confusão. — Minha querida, se a ilha tira algo de nós, nós tiramos algo da ilha. Eles foram lá para ajudá-lo.

Uma tempestade grossa, bruta e pesada começou ao longe, os barulhos inconfundíveis chegaram até nós. Luz trovejante permeando os céus.

— Me parece que eles já começaram a quebrá-la — anunciou com um sorriso satisfeito.

Eu olhei para a direção em que me apontava, e vi que o líquido descendo dos céus não era água. Era sangue. E entendi, que por mim, Altera sangrava.

CAPÍTULO 30

KASSIUS

Enquanto eu continuasse vendo Dómina sendo forçada ao ritual de consagração na minha mente, Altera sangraria.

Não me importava que se tivessem passado semanas.

Não me importava que ela estivesse bem.

Não me importava que os culpados já tivessem sido castigados.

Eu queria que todos se lembrassem para todo o sempre o que acontecia quando ameaçavam a minha rainha.

Eu queria que não houvesse uma única voz nessa ilha maldita que não clamasse por misericórdia.

Eu queria que eles entendessem que, se houvesse uma próxima vez, ao invés de fugir e de se esconderem como covardes, deveriam protegê-la, porque se acontecesse alguma coisa com ela em qualquer tempo da história, eu ficaria sozinho. E quando eu ficava sozinho, não existiam culpados ou inocentes. Existiam apenas obstáculos. Todos eles. Sem exceção.

Quando Dómina regressou ao palácio, sã e salva, alguns grupos, de todos os domínios, ainda procuravam por ela, envenenados pela ideia de que ela poderia estar me possuindo e desviando minha atenção por razões egoístas tinha.

Esse delírio coletivo tinha caído nas boas graças de vários seguidores de Martell, que foi o primeiro a morrer, trazendo um motim que pretendia vingar a sua morte, querendo culpar Dómina pela desgraça.

“Mate-os, todos”

“Quebre suas ligações”

“Eu quero que eles sintam o que é ser abraçado pelo vazio e escuridão”

“Eu quero que eles sintam o que é ser menos que nada”

As ordens dadas aos meus irmãos se repetiam na minha memória. Uma e outra vez.

A ilha, estranhamente havia se calado, como se desistisse de lutar desde que o fluxo de magia tinha entrado em desequilíbrio. Era como se não tivesse mais forças. Mas eu não tinha parado. Nem ia parar. O ódio que cultivava não escoaria tão cedo, e enquanto eu me lembrasse, eles continuariam pagando o preço.

Olhando do alto do telhado, a vista dos domínios era pura névoa.

Dómina se aproximou subindo as escadas até lá.

As bordas de seu vestido elegante encharcado de sangue deixando um rastro atrás dela. A promessa de um sorriso dançava em meus lábios.

Ela se aproximou de mim, levantando o meu queixo e disse:

— Chega. — Antes de me beijar. Seus cabelos dançavam conforme o vento brincava com suas mechas. Respirei fundo permitindo que um sorriso cruzasse meu rosto. O sol começava a nascer atrás de nós, fazendo nossas sombras se encontrarem.

— Eu não pedirei de novo Kassius. Eu entendo que esteja desagradado, mas nada justifica o que está fazendo agora. Não é culpa deles — tentou me convencer pela primeira vez naquele dia, mas um discurso que eu já tinha decorado.

— Eles te condenaram por algo que não fez, por que eu não posso fazer pior?

— Você fez! É suficiente.

— Eles te caçaram — recordei, já com raiva novamente.

— E eu estou aqui, viva, bem e feliz. Por favor, você está se comportando como um lunático. Não me obrigue a pedir de novo,

Kassius. Eu esperei o seu tempo, mas se você continuar com essa vingança despropositada, ficará sozinho. — Havia honestidade e calma em seu olhar. Não acreditei imediatamente que me deixaria, mas mesmo assim meu coração se encolheu com a ameaça.

Ela não entendia. Nunca entenderia que era mais forte do que eu, odiar aqueles que machucavam os que eu amava.

As portas se fecharam atrás dela quando saiu. Cada passo um eco alto nas escadas vazias. Sua respiração pesada, sua mente correndo com pensamentos e seu punho cerrado ao lado do corpo.

— Vocês não podem fazer com que ele pare? — gritou para Kion, no andar de baixo. Acompanhava sua mente para todos os lados desde que tinha voltado. Antes já o fazia, mas agora era incessante. Nunca a deixava sozinha um segundo sequer. E nem podia dizer ser por ela. Era por mim. Qualquer segundo sem sua voz era o suficiente para me desesperar.

— Claro que podemos — Meu irmão respondeu, demasiado rápido, se arrependendo logo, pois não o faria.

— Então o que te impede? — Dómina desafiou Kion, pressionando-o.

Ele encostou a cabeça na janela, os rasgos de nitidez no vidro mostravam uma visão parcial de Dhara.

— Eu não quero. Eu gosto do vermelho. É como se estivesse nevando no inferno. Lindo, não acha?

— Não adianta fazer nada, Kassius não consegue pensar quando está possuído por ódio — Kori acrescentou com um livro se fechando em suas mãos.

— Isso já ultrapassou todos os limites. Alguém tem que fazer alguma coisa. Os domínios estão morrendo. Todos estão padecendo pelos erros de alguns. Altera começou a consumir seus habitantes. Algo precisa ser feito antes que a ilha entre em colapso.

— Por que se importa? Podemos viver em qualquer lugar.

— Kassius é a ilha. Eles estão ligados. Esse descontrole vai acabar com ele. Quando a ilha acabar, eu não tenho a certeza se ele sobreviverá — profetizou. — Eles estão profundamente conectados ou Altera estaria tentando nos cuspir daqui para fora como insetos

indesejados. Vocês não podem apenas ficar aí e deixar que ele se destrua completamente. — Dómina urgia por uma reação que ele não podia dar.

— Desculpe Dómina, você não sabe o que ele passou quando perdeu você.

— E você não quer ver o que acontecerá se eu perder ele Killian. Isso acaba hoje! — O olhar sinistro que lançou aos meus irmãos não os afetou. Ela caminhou para fora com confiança, devagar e com firmeza. Fiz com que a chuva de sangue parasse quando a acompanhei sair.

Uma embarcação, desprovida de um dragão a aguardava no cais. Dómina seguiu para Overta e eu soube que procuraria Titânia, uma vez mais.



Corpos ... tantos corpos ensanguentados com membros dilacerados lado a lado. Deitados, com os olhos sem vida, que haviam morrido em vão. Não tinha sido eu, poupei os domínios de Titânia por ter ajudado a resgatar Dómina. Prometi a Dómina que não tocaria em Overta. E tinha cumprido. Aquelas mortes não estavam na minha conta, mas percebi que ela me culpava a cada passo que dava.

— Se ele não parar, matará a todos. — Titânia sinalizou, caminhando para Dómina.

Quando ela se virou, a imagem que encontrou não foi a da regente que costumávamos conhecer. Titânia parecia doente, envelhecida e tinha um aspecto débil e fraco.

— O que está acontecendo?

— Altera está nos consumindo, revogando nossa magia, revogando a benção de nossos ancestrais. A ilha está retaliando aos ataques de Kassius, lhe dando o que ele quer, nos aniquilando para

que no fim não haja mais nada nem ninguém de quem ele possa se vingar. Quando ele parar, será tarde demais. — A dificuldade respiratória revelava seu estado decrépito.

- Nós ajudamos. Nós lutamos por você. Nós apenas tivemos um segundo de dúvida, se Kassius não consegue relevar isso... Talvez Altera tenha razão. Talvez ele deva ser abandonado sozinho quando todos nós formos. Mas ele tem que saber, ela não virá apenas por nós. Ela virá por você também.

— Ele vai ajudar. Ele vai ajudar — Dómina repetiu, segurando as mãos dela.

— Você falou com ele?

— Sim.

“Mentirosa” soprei na sua mente.

— Ele vai concretizar o ritual de união e revitalização.

“Não vou não, me recusei.”

— Você entende que num ritual desse tipo, Kassius e eu teríamos que partilhar sangue ou sexo, que não há outra maneira de selar essa energia?

— Eu sei.

“Eu nunca partilharia sangue com ninguém além de você. Você sabe disso. E eu não quero partilhar minha carne com Titânia tampouco”

“Seu reino moribundo não vai resistir ... então me diga, meu rei, por quanto tempo mais você acha que eles resistirão quando descobrirem que quem nos foi leal está sendo igualmente castigado, e que todo o sangue e lágrimas foram derramados por nada?” — Dómina atirou à minha cara.

“Nós podemos ir para onde você quiser quando a ilha acabar.”

“Se você não fizer, faço eu mesma. Tenho os mesmos poderes que você.”

“Acha que Altera te aceitaria? Talvez ela os tire de você. E te deixe sem nada” — cantarolei maldoso.

“Você pode falhar em ver, mas Altera não tirou nada de mim, nem quando teve oportunidade. Sabe o que Altera me deu no ritual?”

“Nada — gritei, farto que defendesse o indefensável. — Te deixou fraca contra seus inimigos. Deixou que pensassem que era apenas um demônio em busca de dominação.”

“Me deu tudo, me deu tudo, Kassius. Se você não tivesse tão ocupado destruindo tudo e parasse um segundo para me escutar na sua cruzada contra um inimigo que não existe, você saberia que Altera...”

A voz dela falhou...

“Altera me deu...” — a sua dificuldade me machucava. Não tive intenção de provocar aquele estopim de emoções. Me arrependi imediatamente.

De novo, ela engoliu em seco, apertou os punhos reunindo coragem.

“Altera me garantiu, não só que permanecesse com todos os poderes que seu sangue me deu, como também a capacidade de começar a minha própria linhagem.”

As palavras ecoaram até embater nas paredes do meu mundo interior que começaram a ruir ao entender.

“Você está?”

“Sim.”

“Não” — me recusei a acreditar por um segundo de medo do que representava.

“Estou Kassius. Nosso filho já existe, e eu quero que ele tenha uma casa e paz quando nascer. Eu estava esperando para te contar, queria pelo menos poder sair na rua sem voltar coberta de sangue, mas já que você não se digna a ser rei, então seja digno de ser pai.”

Prostrado a seus pés. Era o que eu estava. Quando conversamos sobre seus cios e a ausência deles na idade de Dómina, lhe expliquei que talvez por ser uma demônia eles nunca viessem e ela nunca pudesse procriar. Sabendo que ela sempre quis fazer parte de algo e ter uma família - embora tivesse de bom grado lhe dado a

minha - tinha receio do que o fato de saber que isso era tudo que teria faria com ela. E ali estava ela. Carregando um filho meu, filho de Altera.

Estava claro que a ilha sabia jogar e ela tinha me vencido no meu próprio jogo. Tinha me dado uma razão pela qual mantê-la viva e transbordante de poder. Uma razão que eu não poderia ignorar.

Silenciei minha mente completamente deixando apenas a voz dela me guiando. Cessei meu ataque ferrenho à ilha e apenas caminhei até Overta para encontrá-la.

Não usei um dragão nem barco, precisava do caminho até lá para voltar a ser a pessoa que ela esperava receber. E usaria cada metro de distância entre nós, para não a decepcionar.

O chão sob os meus pés mudava passo a passo. Já tinha parado a chuva, mas comecei a remontar o que havia quebrado.

Meus irmãos me seguiram incertos do que se passava, não partilhei a novidade, precisava dela apenas para mim por um momento.

Eles me seguiram de longe, mas não muito, supervisionando cada passo. Não se viraram contra mim nem a pedido de Dómina, por mais que lhes custasse, mas também não concordavam com o que eu fazia.

Não pela ilha - também queriam que se explodisse - mas por ela. Lealdade e comprometimento eram levados ao máximo com os Tormenti e eles não aprovavam que eu ignorasse as vontades da minha rainha.

Nunca mais os colocaria na posição de se sentirem obrigados a lhe dizer que não por mim.

Nunca mais me colocaria na posição de dizer não a ela.

Falhei na promessa de lhe dizer apenas sim a tudo que almejasse.

Seria a primeira e última vez que algo lhe era negado pela minha boca.

Cada passo em sua direção era um passo na direção contrária da pessoa que eu tinha sido nas últimas semanas.

Pensar que ela já sabia e esperava que eu sáísse do modo psicótico lunático com paciência, me doía. De todas as pessoas, ela era a única que eu nunca deveria ter feito esperar. Por absolutamente nada.



Overta estava o vivo cenário de caos e destruição.

Não podia fingir que me importava. Mas consertaria tudo. Quando meu filho nascesse, a ilha estaria enfeitada de novo para o receber.

Tinha visto Dómina há algumas poucas horas, mas me bateu uma saudade sufocante ao encontrá-la de novo. A vulnerabilidade do momento pedia que eu me contivesse. Não a beijei, mas tentei lhe mostrar o mundo todo que estava planejando quando a apertei no meu abraço.

— Nós vamos fazê-lo juntos — ela prometeu baixinho, me perdoando sem que eu pedisse. — Começando aqui — indicou.

Meus irmãos rapidamente começaram a traçar os desenhos do ritual, sem questionar, ansiosos por lhe garantir seus desejos negados. Kianna avisou aos outros regentes que queriam mostrar suas intenções de paz, que viessem nos ajudar.

Um a um foram chegando. E não vieram sós, trouxeram consigo seus soldados, familiares e os consultores mais próximos, mais prósperos, mais fortes.

Usei da ligação que tinha, e que até então eles não sabiam, para mostrar a todos ao mesmo tempo o que aconteceria, e tudo procedeu no mais profundo silêncio.

Titânia foi preparada.

Eu também.

O sexo entre nós observado por aquelas dezenas de criaturas que nos alimentavam de sua concentração, que nos ligavam aos elementos que dominavam, que nos mostravam para Altera como um só.

Dómina foi a última a se ligar, suas sombras demoníacas fazendo uma redoma, uma barreira, encapsulando tudo de bom que oferecíamos à Terra. Concentrando e multiplicando. Seu poder fluíu dentro de mim e passou para Titânia quando a possuí.

Não havia pitada de desejo naquilo, era apenas carne contra carne, energia partilhada para se multiplicar através da ligação ancestral que só poderia ser alcançada através de nós dois.

O primeiro e o último herdeiro de nossas linhagens, as fundadoras da ilha. As que criaram este poder que ia além do chão que pisávamos, além do ar que respirávamos, além de tudo que achávamos entender. Quando nos misturamos dentro dela, as luzes começaram a dançar.

Uma aurora boreal surgiu de entre os nossos corpos e pairou sobre nossas cabeças indicando que tinha funcionado.

Levamos, completamente nus e sob a supervisão de todos, as mãos ao chão ligando nossos poderes à Terra permitindo que tudo fluísse livremente através de nossas mãos.

Nos tornamos juntos, um veículo de magia, de poder.

Todos os presentes nos imitaram, criando uma corrente que se alastrou, por Overta, Nelor, Krullis e Lakra.

Minha consciência os comandava e juntos devolvíamos a vida aos domínios, o processo de recuperação se iniciando em Dhara.

Pelos olhares de cada um, espalhados por toda Altera, pude ver a natureza aceitando nossa oferenda, pude ver Altera bebendo de nós, a energia voltando a pulsar através dela.

As árvores receberam cor e vida, o sangue que fiz chover foi absorvido e apagado na terra, limpo e purificado. Assim como cada passo que dei aqui me trouxe a esse momento etéreo em que me senti um deus, cada respiração agora devolvia à ilha algo que eu lhe tinha tirado.

Eu vi Altera renascer sobre minhas mãos e memorizei cada passo. Um dia mostraria aos meus filhos - não só ao primeiro mas a todos os outros - que antes de nascer eles já faziam parte da criação dos braços que os acolheram.

Os poderes de Dómina se entrelaçavam aos nossos, espalhando raios prateados nos feixes de luz que se espalhavam.

Era Altera me mostrando que ela sempre seria bem-vinda no seu seio, no seu meio. A aceitando como parte daquilo que ela sempre quis. Sua família.

O acordo silencioso entre ela e a ilha talvez fosse mais forte do que o meu, e por isso entendia porque Altera a tornou fértil.

Só Dómina poderia me converter a um verdadeiro filho de Altera, recuperando algo que foi quebrado há mais de dois mil anos, mais ninguém.

Altera acreditou nela. Na demônia que todos foram rápidos em rechaçar. Altera se uniu a Dómina para derrubar minha arrogância e prepotência.

E eu só podia agradecer.

O sol se pôs e a lua se tornou testemunha do que fizemos, do que plantamos, do que reviramos dentro de nós para alimentar a ilha, que respondeu nos presenteando com um dia completamente diferente dos demais.

No dia seguinte, Altera não estava em festa, isso iria demorar, mas a esperança estava restabelecida e todos nós conectados como um só organismo.

Como nunca deveria ter deixado de ser.

Eu me senti parte da ilha, como se tivesse nascido lá.

Meu filho teria tudo que eu não tive.

E um trono era a coisa menos importante que eu tinha para lhe dar.

CAPÍTULO 31

DÓMINA

— **P**ara mim parece um lar, o que você acha? — Kassius me devolveu a visão que tinha tirado quando saímos do palácio. Seu rosto rasgado de orgulho e alegria em frente a mim.

Sorri, me virando e o que vi roubou meu fôlego e fez meu coração se retesar dentro do peito. Meu filho se remexeu agitado dentro da barriga e contive um esgar de dor.

Nas últimas semanas, Kassius andava muito sensível em relação à ideia do parto.

Como se a dor de trazer o meu filho ao mundo significasse algo além de alegria para mim, como se pudesse se comparar com tudo que eu já tinha suportado.

Kassius, no entanto, não estava certo de que essa seria a única dor que eu ia sentir e olhava desconfiado cada vez que a criança se alvoroçava, como naquele momento.

“Não existe a possibilidade de um parto normal de um filho nosso, Dómina” -repetia sempre que eu dizia que ele era um tolo por se preocupar tanto.

“Você está muito confiante, sabe tudo. Qual foi o último parto de um demônio que você participou? Por favor, me ilumine” — me desafiava preocupado.”

“Espero que Altera se comporte quando a criança chegar.”

Suas falas se repetiram ao longo dos meses. Ele estava definitivamente mais nervoso do que eu jamais estaria. Talvez eu tenha falhado em lhe dizer que hoje cedo tinha entrado em trabalho de parto. Eu sabia que o surto viria e ainda teríamos muitas horas pela frente até precisar alarmá-lo.

A recuperação completa da ilha demorou mais do que antecipamos. Os meses se passaram e sempre havia algo que podíamos melhorar. Kassius passou a se dedicar a Altera como se de fato fosse sua casa e a arrumasse para receber a melhor visita de todas.

Prova disso era a ponte onde pisávamos, de onde se via dezenas de outras, de todas as formas, em todas as direções, cruzando os mares que separavam os domínios.

Nosso povo olhando de volta, agora ligados uns aos outros, não mais dependentes de embarcações ou dos dragões para atravessarem.

Os cinco domínios estavam conectados por elas, apenas Kader continuava como antes, isolado.

Largas, longas, lindas as pontes desenhavam os braços que Altera abria para onde quer que eu olhasse.

Acenei para os que aguardavam e os gritos de “bem haja” ecoaram até nós. Olhei para o céu e pedi a Altera em silêncio que recebesse meu filho com gentileza.

No meu coração sabia que não teria me feito fértil se não aprovasse, mas depois da notícia da gravidez de Titânia, uma legítima filha de Altera, esperando uma criança do rei, as dúvidas arranhavam minha consciência cogitando a possibilidade da ilha olhar para eles de modo diferente.

Não perdia muito tempo pensando nisso, até porque em Titânia ganhei uma amiga e uma parceira, não só de vida, como da experiência de gerar uma vida ao mesmo tempo.

Permanecemos naquela ponte por longos momentos vendo as pessoas indo e vindo de um lado para o outro.

Quando uma dor mais pungente atravessou o meu corpo e um raio cruzou o céu em pleno dia ensolarado, decidi que era hora de voltar ao palácio.

— Vamos Kassius, nosso filho quer nascer — anunciei sorrindo.

E quando eu fiquei nervosa, ele ficou calmo.

E quando sombras começaram a se condensar no céu, cobrindo o sol completamente, transformando o dia em noite e eu quis me desesperar, ele me deu forças.

E quando eu gritei, ele calou para escutar.

Quando produzi energia suficiente para fazer com que todo o palácio ruísse, ele e os irmãos contiveram minha explosão.

E quando nosso filho gritou em meus braços, todas as minhas preocupações se dissiparam. E Kassius estava ao meu lado, apenas nos contemplando, como se não precisasse de mais nada.

Altera tinha se feito noite para receber meu filho.

Ele era sem dúvidas um demônio, como eu, um híbrido de algo que ainda não entendíamos, como Kassius. As sombras o acolhiam ainda em meus braços, dançando ao redor do seu corpo frágil.

Kassius anunciou pela ligação, a todos em Altera, que o seu herdeiro tinha nascido e eu não vi as comemorações, mas a noite cerrada em plena tarde não os impediu de celebrar.

As trevas que dominaram os céus não conseguiram os assustar, o entrelaçado de sombras que envolvia cada uma das pontes não os afastou.

Durante longas horas, os ouvi celebrar na escuridão a chegada de Thesan.

E quando caiu a noite, quando a Lua cortou através das sombras para nos iluminar, maior e mais brilhante do que jamais tinha visto, Altera estremeceu devagarinho como se também celebrasse.

Naquele momento, Titânia também paria, em Overta, e Kassius se transportou para ver Althea chegar.

E ela chegou trazendo de volta a luz. Dando força ao luar que vencia a escuridão.

Ela chegou dissipando as sombras das pontes e devolvendo o brilho das estrelas ao céu iluminado. Parecia que o nascer do dia se aproximava, embora estivéssemos ainda próximos da meia noite.

Semanas separavam Thesan e Titânia, mas algo os unia e eles se completavam. Um não quis esperar pelo outro e Altera fez sua

vontade.

Titânia foi trazida para o palácio e, naquela noite, Thesan e Althea dormiram juntos, protegidos pelo mesmo teto, protegidos pela certeza de que nunca teriam que se preocupar com medo de serem caçados pelas criaturas mais vis e poderosas da terra. Afinal, todas elas faziam parte da sua família, da sua casa, do seu lar. E estavam ansiosas por lhes ensinar o quanto eram capazes de amar.

Talvez mais feroz que intensamente do que qualquer outra criatura.

Comprometidos apenas com suas verdades.

A nossa, atendia pelo nome de Thesan e Althea.

Filhos da luz e da escuridão.

Filhos de Altera.

Filhos da eternidade.

CAPÍTULO 32

ALTERA

Uma a uma desenhei as estrelas de uma nova constelação no céu para marcar no firmamento o início de uma nova era.

Thesan e Althea cresceriam no seio da minha terra como tinha esperado desde que tracei o destino da primeira criatura que pisou nesta terra.

Eles eram minha última parada.

Tudo ocorreu como planejado, as peças caindo em seus devidos lugares.

Luz e Sombras respiravam despertos lá em baixo.

E era chegada a hora de anunciar o meu retorno, a minha chegada.

Minha voz nunca mais silenciada.

Kassius, meu veículo, o primeiro a me receber.

Gritei para ser ouvida, a voz da ilha esquecida.

Mas não mais.

Por anos vivendo numa falsa paz, esperando a glória de ser disputada.

Era chegada a minha hora de ascender.

Quando o dia e noite voltassem a combater, seria por mim, para mim.

Para sempre conquistada.

E que os jogos comessem.

CAPÍTULO 33

KASSIUS

De depois de deixar Thesan dormindo aos cuidados de Kori, Dómina me pediu que a acompanhasse pela noite silenciosa e agradável.

Nos transporte até a última ponte antes de Kader, sem questionar quando me pediu que estivéssemos longe de tudo e de todos. Tinha um segredo para me revelar.

Ela pegou minhas mãos e segurei seus pulsos com carinho, sentindo seu toque gelado.

“Estamos juntos. O que quer que seja, estarei bem aqui do seu lado.”

Uma lágrima solitária marcou sua bochecha, e eu a abracei forte, querendo levá-la imediatamente para casa.

Ela abriu a mente para mim e me guiou pela memória que guardava a sete chaves desde o dia do parto e, que dia após dia, a corroía.

O nascimento de Thesan tinha rasgado o último nó. O último que guardava. O único que faltava. O que significava mais do que todos os outros. A verdadeira razão pela qual foram costurados, agora revelada.

Dómina me levou pela mão para o labirinto agora organizado da sua mente e abriu uma porta diferente das que eu costumava entrar.

“Inferno. De onde fui feita.” — indicou, e eu aceitei. Era um demônio, afinal, nenhuma novidade.

“Kassius, preciso que conheça o meu criador.” — então era isso, agora saberia que tipo de demônio a tinha criado.

Quando olhei na direção que me apontava, tudo que encontrei foi um grande espelho, e quando olhei através dele, duas fêmeas conversavam.

“Nephthys, não pode voltar para a Terra! Pertencemos aqui em baixo.” — a voz de Dómina soou divertida, sem ter seu rosto revelado.

“Kion é o mais belos de todos os machos que já conheci em Eras, a nossa história ainda não terminou.” — outra voz, também sem rosto, falava.

As imagens se dissolviam numa névoa líquida e rápida.

“Ali está a nossa porta de entrada.” — uma imagem do meu pai me contando sobre a chegada de Dómina, apareceu. Olhei para ela com ternura como sempre que a recordava.

“As almas precisam parar de ser roubadas, drenadas. Os vampiros estão acabando com a nossa casa.”

“E por que eu, Nephthys?”

“Você dará à luz ao herdeiro da corte das sombras e o trará para casa. Eu vi, acredite. Veja”

Nephthys mostrou meu pai me dizendo que Dómina chegaria para mim, me dizendo para esperar pela minha parceira.

“Ele será a sua porta de entrada.”

Quando se viraram de frente para o espelho, então pude ver a sua cara. E era a mesma. Dómina e Nephthys, idênticas de um modo assustador, conversando sobre um futuro que só se desenrolaria daqui a quase mil anos.

Saí da mente dela querendo olhar em seus olhos, os verdadeiros.

— Eu planejei tudo isso, Kassius. Eu e minha irmã. Cada passo que me trouxe até aqui. — ela se abraçou com abandono, deixando rolar as lágrimas que mantinha guardadas. — A minha

encarnação, nosso encontro, nosso filho. — Engoliu em seco ao se referir a Thesan. — Tudo planejado.

Ela deu dois passos para trás se afastando de mim.

— Minha irmã, Nephthys, é a demônia por quem Kion foi apaixonado. Era ela, Kassius. Por isso ele não gostava de mim, via em mim todos os dias a cara de um amor perdido. Via em mim um rosto que não voltaria. Via em mim um reflexo dela. Mas guardou segredo porque de alguma forma, eu era a única forma que tinha de ter uma parte dela por perto.

Invadi sua mente sem aviso para ver o que restava. Para comprovar o que falava.

O nascimento de Thesan fora meticulosamente calculado para que Altera fosse obrigada a abrigar o herdeiro da corte das sombras como seu.

Para cada vampiro criado e tornado imortal, uma alma deixava de entrar no inferno. Uma alma deixava de alimentar o inferno.

Nephthys havia sido a primeira de sua casa mandada para ceifar as almas que ano após ano lhes eram roubadas, soterrando-os na escuridão do umbral, privando-os da energia vital que os sustentava.

Se Nephthys não tivesse se encantado por Kion, nossos destinos não teriam se entrelaçado. Teria passado pela Terra e devastado os vampiros sem sequer ser notada.

A memória de Dómina era um prelúdio do que viria, um aviso, na verdade. De que Nephthys tinha planos para Thesan, para o que ele representava. Ela voltaria para buscá-lo.

Ou pelo menos era nisso que Dómina acreditava.

Virada de lado para mim, ela chorava, pela menina que fora, mulher que se tornara, vampira que aprendera a ser e ameaça que se convertera para seu próprio filho, seu próprio sangue.

Tinha escondido aquilo de mim porque não sabia o que fazer e não confiava que não a afastaria de Thesan depois de

descobrir. Agora se revelava pela mesma razão, para que caso se fizesse necessário e se tornasse de fato uma ameaça. Alguém precisava para-la. Eu precisava detê-la. Tinha medo de se converter num inimigo para Thesan.

Não se via sendo diferente do que era, do que aprendera a ser, não se via longe do amor que sentia por nós, traíndo sua família. Mas era um demônio. Se uma força mais forte do que ela a tomasse, eu precisava estar preparado.

A abracei com tanta força que seus ossos reclamaram em meus braços. Ambos tremendo com as implicações daquele segredo.

Beijei sua boca com ternura e apenas respondi à pergunta que não me fez.

— Para sempre, Dómina. Eu e você contra tudo. E se você se tornar um perigo para Thesan, nos encontraremos no inferno, mas voltaremos a nos encontrar. Espere por mim. — Uma promessa de vida, morte e amor eterno.

— Vou esperar — garantiu, aceitando minhas palavras. Selando mais um acordo dos muitos que faríamos ainda.

Nossos corações bateram em uníssono, os únicos sons que ouvíamos, além do vento e da água batendo na ponte aonde passamos horas abraçados.

Fomos interrompidos por uma voz que nos falava.

Nunca a tinha ouvido, mas reconheci ao escutar Altera se manifestar, pronta para defender o seu legado, primeiro um grito, depois um sussurro em meu ouvido:

“No que depender de mim, essa história nunca será contada.”

FIM.

Todo mundo vivo por aí?

Se você não está respirando com a ajuda de aparelhos, e gostaria de ler a cena estendida do primeiro encontro de Dómina e Kassius,

[CLIQUE AQUI](#)

Seu Domínio está também disponível na Amazon e kindle unlimited.

Um conto exclusivo do primeiro encontro do casal.

Para +18.



**APRESENTAÇÃO DOS BASTIDORES
DESTE CABARÉ:**

EQUIPE DE APOIO

- Hayesha Di Maffei
- Fernanda Schein
- Lolla Belluci
- Caroline Azevedo
- Drika Lândim
- Rayssa S.
- Deusas do Olimpo

TORCIDA ORGANIZADA

- Daniela Fógos
- Catharina Fógos
- Minha Avó
- Paulo Cardoso

CONVIDADOS ESPECIAIS

- Deus
- Fogo no rabo

**A todos os envolvidos:
Muito Obrigada**

A Autora: Jenniffer F. Fógos

**Biografia :**

Nascida no Brasil e amadurecida no mundo, creio que ler é meu vício e escrever a expressão da minha loucura. Sou feita de todas as vozes dentro da minha cabeça e quero mostrar ao mundo cada uma delas, se me permitirem.

Viajo colecionando memórias para as minhas histórias.

A minha, que não sei se será a última ou a primeira, talvez um dia eu me sente, me escreva, e me apresente propriamente.

Informações adicionais:

Me encontre no meu perfil de autora no instagram :

<https://www.instagram.com/jenniffer.ffogos.autora/>

Eu amo receber feedbacks, então se você gostou desse livro, quer saber informações sobre a continuação ou quer apenas comentar sua opinião sobre ele, me procure nas redes sociais.

Se você avaliar o livro aqui na Amazon tire um print e me envie para receber um mimo digital ;)